

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPHR**

TESE

**DOS FILHOS DE JOÃO E TEODORA AOS FILHOS DE IGUAÇU:
Família, trajetórias, futebol e associativismo negro na Baixada Fluminense (1854-1950)**

MAX FABIANO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Seropédica

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPHR**

**DOS FILHOS DE JOÃO E TEODORA AOS FILHOS DE IGUAÇU:
Família, trajetórias, futebol e associativismo negro na Baixada Fluminense (1854-1950)**

MAX FABIANO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Sob a orientação do professor
Dr. Álvaro Pereira Nascimento

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutor em História**, ao programa de Pós-Graduação em História, área de concentração: Relações de Poder e Cultura.

Seropédica, RJ.
Abril de 2021.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48 f Oliveira, Max Fabiano Rodrigues de, 1981-
DOS FILHOS DE JOÃO E TEODORA AOS FILHOS DE IGUAÇU:
Família, trajetórias, futebol e associativismo negro na
Baixada Fluminense (1854-1950) / Max Fabiano
Rodrigues de Oliveira. - Seropédica, 2021.
174 f.

Orientadora: Álvaro Pereira do Nascimento.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

1. Pós-Abolição. 2. Baixada Fluminense. 3. Trajetória
familiar. 4. Futebol. 5. Associativismo negro. I.
Nascimento, Álvaro Pereira do, 1964-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em História III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 414 / 2021 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.027793/2021-70

Seropédica-RJ, 28 de abril de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

ANEXO À DELIBERAÇÃO Nº 001, DE 30 DE JUNHO DE 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MAX FABIANO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor, no Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA, Área de Concentração em RELAÇÕES DE PODER E CULTURA

TESE APROVADA EM 23 de abril de 2020

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Professor Doutor Álvaro Pereira do Nascimento - orientador - UFRRJ
Professor Doutor Carlos Eduardo Coutinho da Costa - UFRRJ
Professora Doutora Brodwyn Fischer - UChicago
Professora Doutora Alessandra Tavares de Souza Pessanha Barbosa
Professora Doutora Iamara da Silva Viana - PUC RJ

(Assinado digitalmente em 28/04/2021 14:57)
ALVARO PEREIRA DO NASCIMENTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Depth/IM (12.28.01.00.00.88)
Matrícula: 1542358

(Assinado digitalmente em 28/04/2021 15:31)
CARLOS EDUARDO COUTINHO DA COSTA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Depth/RI (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 2649875

(Assinado digitalmente em 18/05/2021 16:26)
IAMARA DA SILVA VIANA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 037.409.057-27

(Assinado digitalmente em 29/04/2021 11:00)
ALESSANDRA TAVARES DE SOUZA PESSANHA
BARBOSA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 042.619.607-45

(Assinado digitalmente em 29/04/2021 12:17)
BRODWYN FISCHER
ASSINANTE EXTERNO
Passaporte: 65179770

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **414**, ano:
2021, tipo: **TERMO**, data de emissão: **28/04/2021** e o código de verificação: **7eb166c483**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, aos meus irmãos, à minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço acima de tudo a minha família que sempre esteve ao meu lado com muito amor e carinho. Sem o suporte que recebi e recebo deles diariamente, nada disso aqui teria sido possível. Saber que você sempre tem para onde voltar é reconfortante. E, mesmo com todas as dificuldades impostas por uma sociedade tão desigual, foram e são tudo aquilo que puderam ser, da forma mais digna possível e eu os amo por isso.

Aos meus pais, especialmente, por tudo o que representam pra mim. A minha mãe, mulher negra, me relatava situações racistas, sem saber nomear aquilo que para ela era naturalizado. Minha querida irmã, amiga de muitas horas.

A quem está do meu lado desde antes do mestrado, a quem acompanha de perto os meus mais profundos desejos, as minhas mais sinceras lágrimas, os meus mais felizes momentos e os mais tristes também. Quem, na imperfeição de ser humano, esteve me dando um suporte fundamental para que hoje eu pudesse estar aqui escrevendo também em sua homenagem, por todos os anos que a vida nos deu, que nós nos demos, juntos. Porque a maior parte disso tudo é escolha e não acaso. Obrigado, Diego Cerqueira.

Agradeço ao meu orientador Álvaro, companheiro, amigo que no início do doutorado me disse que orientador bom é aquele que não atrapalha. Ele me deixou livre para ir no caminho que eu quisesse e, principalmente, aonde eu poderia chegar, no meio do caos que a vida naturalmente nos impõe. Álvaro foi um parceiro que me ajudou a crescer como historiador, como pesquisador, como ser humano. Agradeço por fazer parte da minha jornada, por todo o aprendizado que tive com ele até aqui e espero que possamos seguir em outras jornadas.

Agradeço a professora Brodwyn Fischer que me recebeu carinhosamente na Universidade de Chicago, muito atenciosa durante o doutorado sanduíche, me orientando com uma bibliografia que teria muita dificuldade de acessar aqui do Brasil, me ajudando a compreender melhor a trajetória de famílias negras nos EUA. Estar em Chicago e ser tão bem acolhido foi fundamental.

Agradeço aos membros da banca por terem aceitado participar deste momento tão importante. Alessandra, Brodwyn, Carlos e Iamara, suas pesquisas são referências, é uma grande

honra tê-los nesta banca, uma grande oportunidade incrível poder ouvi-los, serão ricas contribuições para que esta pesquisa possa avançar.

Agradeço ao CLAS – *Center for Latin American Studies* da Universidade de Chicago que financiou parte dos meus estudos em Chicago, arcando com as taxas estudantis não cobertas pelo edital da CAPES, que de outra maneira, impossibilitaria a minha ida para Chicago. Agradeço todo o carinho e atenção de Jamie Gentry e Natalie Arsenault que me deram todo o suporte necessário, sempre muito disponíveis em ajudar.

Aos amigos que fiz em minha aventura no sul de Chicago e no belo e agradável Hyde Park. Ana, Amanda e Marina, três doutorandas que compartilharam comigo tantas experiências. Cassie, a melhor *roommate* que a vida poderia me dar. Guardo com muito carinho nossas longas conversas na cozinha, sobre a vida, amores, sobre o quanto, no fundo, somos tão parecidos.

Agradeço à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ao Programa de Pós-Graduação em História da Rural, ao Paulo Longarini, secretário da pós, sempre muito atencioso, aos colegas do grupo de pesquisa em pós-abolição e mundos do trabalho, liderado pelo professor Álvaro, do qual também faço parte, pelas contribuições em minha pesquisa.

Agradeço a CAPES que durante seis meses financiou essa pesquisa com uma bolsa que todos os doutorandos deveriam receber durante todo o curso e, agradeço, principalmente pela bolsa que me permitiu ir para os EUA como um estudante visitante na Universidade de Chicago.

*O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001*

*This study was financed in part by the Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil –
(CAPES) – Finance Code 001*

RESUMO

Este estudo analisa a trajetória da família Pereira Belém, tendo como fio condutor a figura de Enéas Pereira Belém, homem negro, que viveu na cidade de Nova Iguaçu, no início do século XX. A pesquisa faz um périplo ao contrário e chega ao início da segunda metade do século XIX, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, em Itaguaí, quando João Pereira Belém, pai de Enéas, dá início a este ramo da família. A história desta família é também a história de outras tantas famílias negras que migraram para Nova Iguaçu no final do século XIX. Se muitas famílias fizeram sua jornada a partir do Vale do Paraíba, aqui temos um processo de migração interna, ou seja, dentro da própria Baixada Fluminense, entre Itaguaí e Nova Iguaçu. Essas famílias se fixaram no centro da cidade e encontraram no funcionalismo público uma possibilidade de estabilização, já que não possuíam terras. A fixação no centro da cidade de Nova Iguaçu permitiu que tivessem acesso a diversos recursos como educação, saúde, comércio e tudo que a vida no centro de uma cidade em franca expansão poderia proporcionar. Nesta estabilização, criaram redes sociais que avançaram não somente para os Mundos do Trabalho ligados à administração pública, mas também se fizeram presentes nos espaços de lazer, nos clubes desportivos, como o Filhos de Iguaçu, nos torneios de futebol, nas corridas de bicicleta, nos bailes dançantes, nas domingueiras, matinês, bailes de carnaval, entre muitas outras atividades realizadas nesses clubes. Estes espaços de lazer, de congregação, se tornaram também o principal espaço de atuação de Enéas Pereira Belém, que em grande parte de sua vida, dedicou tempo e paixão por aquilo que mais amava, o clube Filhos de Iguaçu. Surgido como uma dissidência do clube Iguaçu, o Filhos de Iguaçu foi, possivelmente, um espaço de associativismo negro nas primeiras décadas do século XX, clube este que apagou a história dos seus fundadores. Provavelmente, Enéas tenha sido um desses fundadores, mas não foram encontrados documentos que revelassem suas identidades e a razão desta cisão entre os clubes. A família Pereira Belém também se insere no universo do Filhos de Iguaçu, na medida em que é possível observar na publicação das atas de reunião a citação de outros membros da família participando das atividades do clube. Contar a história da família Pereira Belém é contar a história de muitas outras famílias, histórias apagadas, perdidas, algumas ainda para serem achadas, de um pós-abolição vivido na Baixada Fluminense.

Palavras-chave: Família, trajetória, pós-abolição, Nova Iguaçu, associativismo negro e futebol.

ABSTRACT

This study analyzes the trajectory of the Pereira Belém family, having as its guiding thread the figure of Enéas Pereira Belém, a black man, who lived in the city of Nova Iguaçu, at the beginning of the 20th century. The research makes a reverse trip and reaches the beginning of the second half of the 19th century, in the parish of Nossa Senhora da Conceição do Bananal, in Itaguaí, when João Pereira Belém, Enéas' father, starts this branch of the family. The history of this family is also the history of so many other black families who migrated to Nova Iguaçu at the end of the 19th century. If many families made their journey from Vale do Paraíba, here we have a process of internal migration, that is, within the Baixada Fluminense itself, between Itaguaí and Nova Iguaçu. These families settled in downtown and found in the civil service a possibility for establish themselves, inasmuch as they did not have land. The establishment in Nova Iguaçu downtown allowed them to have access to various resources such as education, health, commerce and everything that life in downtown of a rapidly expanding city could provide. In this stabilization, they created social networks that advanced not only to the Worlds of Labor linked to the public administration, but were also present in leisure spaces, in sports clubs, such as the Filhos de Iguaçu, in football tournaments, in bicycle races, at dancing balls, Sunday activity, matinees, carnival balls, among many other activities held in these clubs. These places of leisure, of congregation, also became Enéas' main area of activity, that in much of his life, dedicated time and passion for what he loved most, the Filhos de Iguaçu club. Born as a dissident of the Iguaçu club, Filhos de Iguaçu was possibly a space for black associations in the first decades of the 20th century, a club that erased the history of its founders. Probably, Enéas was one of those founders, but no documents were found to reveal them identities and the reason for this scission between the clubs. The Pereira Belém family is also part of the Filhos de Iguaçu universe, insofar as it is possible to observe in the publication of the meeting minutes the mention of other members of the family participating in the club's activities. To tell the history of the Pereira Belém family is to tell the history of many other families, erased histories, lost histories, some yet to be found, of a post-abolition lived in the Baixada Fluminense.

Keywords: Family, trajectory, post-abolition, Nova Iguaçu, black associations and football.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Felisbino Alfredo Guimarães.....	26
Figura 2 - Decreto n.9.343.....	26
Figura 3 - Manoel Pereira Belém	32
Figura 4 - Trajeto migratório.....	35
Figura 5 - Terras alagadas	36
Figura 6 - Árvore da Família Pereira Belém	54
Figura 7 - Família de Manoel Pereira Belém	68
Figura 8 - Djalma e Rubens Pereira Belém	87
Figura 9 - As irmãs Ruth, Lourdes e Neuza Pereira Belém	93
Figura 10 - As irmãs Genny, Zilah e Aydée Pereira Belém	94
Figura 11 - Enéas Pereira Belém	96
Figura 12 - Baile de carnaval no Filhos de Iguaçu.....	97
Figura 13 - Zilah, Filha de Enéas Pereira Belém.....	97
Figura 14 - Filhos de Iguaçu, 1933.....	111
Figura 15 - Concurso rainha da primavera Filhos de Iguaçu, 1934	111
Figura 16 - Filhos de Iguaçu em Paquetá	118
Figura 17 - Time do Filhos de Iguaçu em 1935	119
Figura 18 - Corrida da Primavera, 1943	125
Figura 19 - Aniversário de Silvino de Azeredo,1926.....	130
Figura 20 - Entrevista do Prefeito Bento Santos de Almeida ao jornal Correio da Lavoura	132
Figura 21 - 13 de maio no Correio da Lavoura	134
Figura 22 - Filhos de Iguaçu em sessão solene	143
Figura 23 - Local onde ficava a casa da família Pereira Belém	148
Figura 24 - Local onde ficava a casa da família Pereira Belém 2	149
Figura 25 - Local onde ficava a casa da família Pereira Belém, vista de cima	149
Figura 26 - Local onde ficava a casa da família Pereira Belém, fundos	150
Figura 27 - Distância entre a casa de Enéas e a sede social do Filhos de Iguaçu.....	151
Figura 28 - Local em que ficava a sede social do Filhos de Iguaçu.....	152
Figura 29 - Google Street View do local em que ficava a sede social do Filhos de Iguaçu.....	152

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distritos de Nova Iguaçu, 1933	49
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RPT	Registro Paroquial de Terras
FI	Filhos de Iguaçu
CEDIM	Centro de Documentação e Imagem
CL	Correio da Lavoura
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
DF	Departamento Feminino
FC	Futebol Clube
DF	Departamento Feminino
LID	Liga Independente de Desportos
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
SEGAP	Serviço de Gestão de Acervos Arquivísticos Permanentes
MTJRJ	Museu do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro
BNDigital	Biblioteca Nacional Digital

SUMÁRIO

1	PRÓLOGO	1
1.1	Todo fim tem seu encanto.	1
1.2	Antiperipléia.	3
1.3	Convite <i>de boca</i> .	6
2	CAPÍTULO I	9
2.1	Quando nasceu meu pai.	9
2.2	Sobre a minha mãe, Teodora.	11
2.3	Testes genéticos como ferramenta de análise.	12
2.4	Pedro Cypriano Pereira Belém	13
2.5	Nas terras das freguesias de São Francisco Xavier de Itaguaí - Aspectos geográficos. 16	
2.6	O café, a cana e a policultura: mudanças no perfil produtivo da região.	18
2.7	A estrada de ferro, a abolição da escravidão, as enchentes e as epidemias: aspectos da crise.	19
2.8	A Fazenda Santa Cruz	22
2.9	O Conde de Itaguaí	24
2.10	Felisbino Alfredo Guimarães	25
2.11	Manoel Pereira Belém, filho de Pedro Cypriano Pereira Belém	27
2.12	Os últimos anos em Itaguaí de João Pereira Belém	33
2.13	Conclusão.	36
3	CAPÍTULO II – Família e migração no pós-abolição da Baixada Fluminense.	38
3.1	Trajetórias de famílias negras.	38
3.2	De estação a estação.	42
3.3	A Vila de Iguassú ou Iguazu Velho.	46
3.4	Nova Iguazu no final do século XIX - Outros aspectos.	50
3.5	A cor dos Pereira Belém.	53
3.6	Fragmentos de uma família negra.	54
3.7	Liberdade em tempos de escravidão	55
3.8	A população de Itaguaí na segunda metade do século XIX	56
3.9	Migrações sazonais e campesinato negro.	59

3.10	A Vida em Nova Iguaçu.	63
3.11	Meu irmão Manoel e a sua família.	65
3.12	O sobrenome Pereira Belém.	67
3.13	Conclusão	68
4	<i>CAPÍTULO III - Trabalho e estabilização em Nova Iguaçu nos pós Abolição.</i>	70
4.1	Introdução	70
4.2	A Baixada Fluminense e suas territorialidades	72
4.3	Rua Roberto Silveira, nº483: O Inventário de Durvalina e Enéas	75
4.4	Filho de peixe, peixinho é? Os espaços de trabalho em três gerações.	80
4.5	Um homem da sociedade - Enéas Pereira Belém e sua ascensão em Nova Iguaçu.	95
4.6	Vô Toné	100
4.7	Conclusão	102
5	<i>CAPÍTULO IV - Os Filhos de Iguaçu: Entre o futebol, os bailes, as domingueiras e a sociedade Iguaçuana.</i>	104
5.1	A representatividade de Enéas Pereira Belém.	104
5.2	A história do Filhos de Iguaçu através dos jornais (1930-1940).	109
5.3	A história do Correio da Lavoura e o seu engajamento nas questões raciais.	127
5.4	Filhos de Iguaçu nas páginas do Correio da Lavoura e outros jornais (1940-50).	135
5.5	Bailes dançantes, domingueiras e o carnaval: Os festejos do Filhos de Iguaçu.	153
5.6	As filhas de Iguaçu: a presença do Departamento Feminino.	155
5.7	Conclusão	163
6	<i>Epílogo.</i>	165
7	<i>Bibliografia.</i>	167

1 PRÓLOGO

1.1 Todo fim tem seu encanto.

*Noites frias,
tão frias de Junho,
Os balões para o céu vão subindo,
Entre as nuvens aos poucos sumindo,
Envoltos num tênue véu!
Os balões devem ser com certeza,
As estrelas aqui desse mundo,
As estrelas do espaço profundo,
São os balões lá do céu!¹*

Era dia de São João e todos estavam animados para os festejos em comemoração a data vinculada ao calendário católico cristão. Uma bela lua cheia, ansiosa por iluminar a todos e completar a festa. Nos idos de 1970, as festas juninas eram muito populares no estado do Rio de Janeiro e nas cidades da região metropolitana, assim como em Nova Iguaçu. Os balões, hoje vistos como uma ameaça, antes encontravam espaço para a poesia, para a sua beleza efêmera, como um astro que brilha no céu escuro ao ser aceso, como um ponto de luz, encantando os olhares. Eu, quando criança, ainda tive a oportunidade de viver o que foi o fim de uma era. Quando as crianças

¹ NOITES de Junho. Intérprete: Herivelto Martins, Dalva de Oliveira e Diversos. Compositor: João de Barro/Alberto Ribeiro. In. 78 RPM, 1939, faixa 2 (2:49). Para ouvir a música, acesse o link: (https://www.youtube.com/watch?v=JaENCIO1WIs&ab_channel=Cinegrar).

ficavam acordadas até tarde para ver os balões. Quando se dormia ao som daquelas músicas típicas das festas juninas.

Eu era apenas um garoto e ainda não podia sair, mas aquelas notas musicais ao longe, nunca saíram da minha cabeça. Eu me sentava no muro baixo, largo da minha casa, feito de forma improvisada pelo meu pai e, de lá, eu contava todos os balões que eu conseguia ver e, já cansado, dormia, imaginando como eram aquelas festas tão animadas e, ao mesmo tempo, tão melancólicas. Algo em mim, dizia que era o som de algo já quase perdido. As mudanças culturais, o crescimento das cidades apagaria as luzes daquelas festas, deixando para trás as noites de São João.

As lembranças das fogueiras, o cheiro da madeira queimando e aquecendo as noites frias de junho, as batatas-doces feitas nas brasas incandescentes, as quadrilhas, as bandeirinhas, e tudo mais que a memória pode alcançar, tornaram-se as últimas lembranças de Enéas Pereira Belém. Visto que foi numa tarde fria, de uma quarta feira, 24 de junho de 1970, às 14h, em seu próprio domicílio, na cidade de Nova Iguaçu, que Enéas realizava o seu último e derradeiro ato: a morte. ²

Se despedia, assim, dos seus onze filhos e netos, aos 81 anos de idade. Exatamente três dias após a final da Copa do Mundo de 1970, realizada no México, outra referência importante para pensarmos a sua trajetória de vida. Pois, Enéas que em sua juventude foi um amante dos esportes, fundou em 1932 a Associação Iguassuana de Esportes e teve como uma de suas últimas memórias, a conquista do tricampeonato da seleção brasileira, considerada a maior de todas as seleções do mundo. ³ Não podemos afirmar se Enéas viu aquela que foi a primeira transmissão em cores de uma final de copa do mundo, se foi em preto e branco, ou se apenas ouviu, por um radinho, os quatro a um contra a Itália, sendo Pelé, aos dezoito minutos do primeiro tempo, quem abriu o placar que consagraria aquela seleção para sempre.

Eu nunca fui ligado ao mundo futebolístico, minhas primeiras memórias sobre uma copa do mundo, foram as de 1990. Lembro as ruas desertas, as pessoas gritando e eu sozinho, na rua, olhando novamente os balões, as bandeirinhas em verde e amarelo, o silêncio rompido com os

² MTJRJ – Inventário *post mortem*. Certidão de óbito de Enéas Pereira Belém, Comarca de Nova Iguaçu, 1970.

³ BNDigital. Jornal *Diário da Noite* (RJ), ano 1932, edição 00760.

gritos de gol. Não é preciso grande esforço intelectual para imaginar o que deve ter significado para Enéas ter em suas últimas memórias o tricampeonato da seleção canarinho.

Politicamente o Brasil vivia sob o regime da Ditadura Militar desde 1964, Nova Iguaçu possuía mais de um milhão de habitantes e já não era mais a capital nacional da citricultura.⁴ Foi desse Brasil que se despedia Enéas Pereira Belém naquela tarde de junho. Um país muito diferente de quando seus pais deixaram, ainda no final do século XIX, a freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal de Itaguaí e partiram em direção a região de Queimados e, posteriormente, para a cidade de Nova Iguaçu, destino final da família.

1.2 Antiperipléia.⁵

Enéas acordou cedo, estava animado, o ano era 1932 e “após longos e intermináveis preparativos, foi finalmente fundada, em Nova Iguaçu, a Associação Iguassuana de Esportes” que⁶ já contava com 5 clubes filiados e as perspectivas eram as melhores.⁷ Acordou, tomou café com sua família, despediu-se da sua esposa, que o olhou com orgulho e foi trabalhar no que ele mais gostava. Assim, caminhou pelas ruas do centro da cidade em direção ao Clube Esportivo Filhos de Iguaçu.⁸

Atuava como treinador do Filhos de Iguaçu e dava preferência para os jogadores da região, apesar do clube não fazer discriminação, segundo um dos seus netos. Filhos de Iguaçu, era um clube de pessoas mais humildes e se tornava um clube carnavalesco durante os festejos de momo, com bailes sempre muito animados. Wilsomar afirmou ser um processo natural os clubes de futebol, durante o carnaval, servirem de espaços para os bailes. Podemos concluir que isso

⁴ Arquivo Nacional - Vídeo de 1975 sobre a cidade de Nova Iguaçu.

(https://www.youtube.com/watch?v=kINAhdyXGMo&ab_channel=ArquivoNacional) Acessado em 09.03.2020.

⁵ Neologismo criado por João Guimarães Rosa em seu último livro em vida, Tutaméia, do qual faz parte o conto Antiperipléia, em que o narrador, conta a história de trás para frente, fazendo uma viagem ao contrário. Lembro ao leitor que périplo significa fazer uma viagem em torno de uma região, localidade, o termo era muito utilizado em referência às viagens de barco.

⁶ BNDigital - Jornal *Diário da Noite* (RJ), 19.07.1932, acessado em 21.01.2020.

⁷ Idem.

⁸ Entrevista com Wilsomar Pereira Belém - Neto de Enéas Pereira Belém, filho de Djalma Pereira Belém. Data: 19.12.2019. Em seu relato, o orgulho do avô, da sua figura pessoal e também pública, foi uma constante em sua fala.

demonstra uma segregação nos espaços de lazer da cidade. Pois, quem frequentava os bailes de carnaval no Filhos de Iguazu eram as mesmas pessoas que frequentavam o clube de futebol. E, como frisou Wilsomar, um clube composto por pessoas pobres.

O termo “pobre” que será usado em diversos momentos neste trabalho, precisa de alguma explicação. Quando me refiro que tanto a família Pereira Belém, quanto os frequentadores do clube Filhos de Iguazu eram pessoas pobres, é importante observar que este termo não dá conta de explicar as diferenças, as gradações dentro deste mesmo grupo. Desta forma, para frequentar um clube naquele período, o sujeito precisava de alguns requisitos que possibilitasse o seu acesso, mesmo eu os incluindo dentro do termo genérico “pobre” usado muito mais para pô-los em contraste com outros clubes chamados por eles mesmos como clubes da elite.

Assim, poder pagar qualquer tipo de taxa, eventualmente cobrada pelo clube, necessitava que o sócio tivesse o mínimo de recursos financeiros. Ou seja, temos aquelas pessoas que sequer conseguiam frequentar esses clubes, mesmo eles sendo frequentados por outras pessoas pobres. Agora, mais especificamente, sobre a família Pereira Belém, os membros que se tornaram funcionários públicos, gozavam de um status social diferente de outras pessoas pobres que não acessaram este patamar social. E mesmo dentro deste grupo, é possível que em contraste entre eles mesmo, muitos não se considerassem pobres. Feito a explicação, que merece futuramente um espaço maior, sigamos com este trabalho.

Portanto, o clube de futebol Filhos de Iguazu servia como um espaço de congregação esportiva e também como um local para a sociabilidade daquela população pobre que vivia em Nova Iguazu na primeira metade do século XX, período conhecido na historiografia como pós-abolição.⁹ Enéas era um homem negro, como podemos verificar em fotos cedidas por sua família, apesar de em sua certidão de óbito constar como “pardo”.¹⁰ Podemos, em outro momento, discutir como a mudança da cor nos documentos estava associada ao status social que o indivíduo assumia ao longo de sua vida, sinônimo de ascensão social.

⁹ Rios, Ana Maria, e Hebe Maria Mattos. "O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas." *Topoi* (Rio de Janeiro) 5.8 (2004): 170-198.

¹⁰ SEGAP - Serviço de Gestão de Acervos Arquivísticos Permanentes do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro - Certidão de óbito, Enéas Pereira Belém, 1970, anexada em seu inventário *post-mortem*.

Quem foi Enéas Pereira Belém e por que contar a sua história é importante? É fundamental o leitor ter em mente que nosso objetivo é pensar o que significava para um homem negro na primeira metade do século XX, ter uma posição de destaque no cenário social de Nova Iguaçu, uma cidade na região metropolitana do Rio de Janeiro, a Baixada Fluminense.¹¹ Que outras famílias negras ocupavam espaços parecidos com os ocupados por Enéas e sua família?

Quando se pensa na cidade de Nova Iguaçu no início do século XX, a laranja é a maior referência. Mas, não é possível reduzir a cidade apenas ao cultivo desta fruta que, inegavelmente, projetou a cidade internacionalmente e movimentou fortemente a sua economia.¹² A família Pereira Belém é uma boa oportunidade para olharmos aquele município por outras lentes que não a da agricultura de exportação.

Enéas Pereira Belém, no momento do seu falecimento, deixava em vida, onze filhos e filhas e nenhum deles está, ao que tudo indica e também segundo o que consta no inventário aberto em 1971, ligados à cultura da laranja que tanto é associada àquele município. Mas, eles são descritos como funcionários públicos ou como “prendas domésticas”, no caso das mulheres. Podemos observar que o auge da laranja foi nos anos de 1930, portanto, no momento do seu falecimento, já não era mais a principal atividade econômica da cidade. Mas, em nenhum momento da vida familiar dos Pereira Belém, aparece qualquer referência ao trabalho no cultivo de laranjas.¹³

Enéas não será analisado como uma figura isolada, mas como parte de uma na estrutura familiar a qual fazia parte. Qual a importância da família para ele, um espaço de ajuda mútua, como era percebido o núcleo de sua família? Compreender a trajetória de famílias negras no pós-abolição na Baixada Fluminense é um dos recortes em que Enéas se insere como fio condutor. Portanto, não estamos aqui pensando em uma história que se faz biográfica. A figura de Enéas servirá como fio condutor de uma história familiar que vem de meados do século XIX na cidade de Itaguaí, freguesia do Bananal, até chegarmos em Nova Iguaçu no século XX em um processo de migração familiar.

¹¹ Quando se pensa em Nova Iguaçu, naturalmente associamos à laranja que no início do século XX fez da cidade um importante polo de exportação. Mas, a história de Nova Iguaçu vai além da laranja e a família Pereira Belém pode nos apresentar uma outra narrativa a respeito.

¹² PEREIRA, Waldick. **Cana, café & laranja: história econômica de Nova Iguaçu**. Fundação Getúlio Vargas/SEEC, 1977.

¹³ MTJRJ - SEGAP - Inventário de Durvalina e Enéas Pereira Belém, 1971.

Partindo deste ponto, nosso objetivo é fazer conexões com sua família e os espaços de sociabilidade criados e vividos por seus membros.¹⁴

Ainda assim, como analisar a trajetória de uma família negra no pós-abolição na Baixada Fluminense, articulada, com outras trajetórias de famílias negras na mesma localidade? Neste sentido, usaremos como referência a família Azeredo Coutinho que também tinha um espaço de destaque social em Nova Iguaçu, proprietária do Jornal Correio da Lavoura. Durante a pesquisa já foi verificado a ligação de amizade entre elas.

E, por último, vamos analisar como o futebol, o clube esportivo servia como um espaço de sociabilidade para uma população pobre e negra que via no futebol uma oportunidade de experimentar momentos de lazer e, talvez, uma oportunidade de ascensão social. É importante também pensar na relação dos clubes de futebol com o carnaval, os bailes que aconteciam em suas sedes e também que tipo de estratificação social poderia haver entre os frequentadores de cada clube esportivo.

Para isso, é fundamental que voltemos no tempo e façamos o caminho ao contrário. É fundamental entender as origens familiares de Enéas e perceber a sua ligação com tempo da escravidão.¹⁵ Para que o leitor possa compreender que a trajetória da família de Enéas, uma família negra, na primeira metade do século XX, em Nova Iguaçu, estava diretamente ligada ao tempo do cativo e processos migratórios internos dos quais sua família fez parte.

1.3 Convite de boca.

Convido o leitor a acompanhar histórias de pessoas comuns, de cidades e lugares comuns, contadas no processo histórico, que revelam os problemas enfrentados e soluções encontradas para o puro exercício da vida, da sobrevivência, do trabalho e do lazer.¹⁶ Uma história contada pelos

¹⁴ GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

¹⁵ RIOS, Ana Lugão, CASTRO, Hebe Maria Mattos de. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Editora Record, 2005.

¹⁶ O uso do termo “pessoas comuns” é usado na historiografia para nos referirmos às pessoas que ficaram durante muito tempo esquecidas pela chamada História Tradicional, como as mulheres, LGBTQIAP+, pobres, etc. Mas, as trajetórias aqui analisadas, estão longe, infelizmente, de representarem histórias comuns de ascensão social de pessoas negras.

mais pobres, não sobre a pobreza, mas das soluções encontradas para continuarem andando. Convido ao leitor também a pensar nesta tese articulada como um jogo de escalas, pois ao mesmo tempo que olharemos para Enéas e outros indivíduos de sua família, aparentemente, de forma individual, em uma análise microscópica, serão feitas contextualizações macroscópicas que situarão os indivíduos em relação ao que está ao seu redor, numa ambientação que buscará a contextualização.¹⁷

Por isso, se o leitor, em algum momento, pensou porque cargas d'água estamos acompanhando a trajetória de um homem que viveu em Nova Iguaçu, partindo do dia de sua morte, compreenda que começar pelo fim se torna um recurso estilístico que deseja envolver e despertar a curiosidade para o que dará continuidade a sua história. Neste caso, uma continuidade ao contrário, pois faremos uma jornada para os anos de 1850 e, também, para algumas observações sobre a África Central, origem, segundo um documento, da ascendência de Enéas.

Finalizando, com a seguinte reflexão: uma vida, por mais isolada que ela possa parecer, ou deslocada do seu tempo, ela está conectada a uma rede maior de acontecimentos direta ou indiretamente. E, isso, provoca uma reflexão que alcança a vida do próprio leitor. Não que este possa ter alguma semelhança com os fatos que envolveram a vida de Enéas, mas no sentido de que todos nós somos partes de um todo que nos atravessa cotidianamente, sem nos darmos conta e que conduz nossas vidas aparentemente livres de condições arbitrárias.

Mas, não. Somos frutos de tudo aquilo que um dia nos precedeu e navegamos na ilusão de que podemos escolher nossos destinos como quem escolhe uma camisa na prateleira de uma loja. Mas, não outra vez. Nossas escolhas estão limitadas por nossas heranças, por nosso passado, por nossas origens. No fim, muitas vezes, vivemos sem perceber, a vida que foi possível viver dentro da nossa cartela de opções. O resto é exceção à regra.

Qual vida foi possível de ser vivida por Enéas e, como, em alguma medida, ele conseguiu socialmente ascender a patamares que outros homens negros não puderam alcançar. Qual a diferença entre os mais de um milhão de africanos escravizados que desembarcaram no Cais do

¹⁷ REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Valongo e o primeiro engenheiro negro, André Rebouças, que construiu a Docas D. Pedro II em frente ao mesmo cais, na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro?

2 CAPÍTULO I

2.1 Quando nasceu meu pai.¹⁸

Aos vinte dias do mês de outubro de mil oitocentos e cinquenta e quatro, na igreja de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, recebeu os santos óleos o inocente João, nascido em dezesseis de maio do mesmo ano, filho legítimo de Pedro Gomes de Moraes e Joaquina Gomes de Moraes, como está descrito no assento de batismo de João Pereira Belém, pai de Enéas Pereira Belém.¹⁹

“Aos vinte dias do mês de outubro de mil oitocentos e cinquenta e quatro, nesta igreja de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, batizei e pus os santos óleos ao inocente João, nascido a dezesseis de maio do corrente ano, filho legítimo de Pedro Gomes de Moraes, natural e batizado na freguesia de Marapicu, e de Maria Pereira Ramos, natural e batizada nesta freguesia, neto paterno de Francisco do Rego, já falecido, e de Maria Thereza da Paz, e materno de Mariano Pereira Ramos, já falecido e Joana Maria de Jesus. Foram padrinhos Manoel Inácio Barbosa e d. Francisca Rosa Belém, sua mulher. Do que para constar fiz este assento.”²⁰

A freguesia em questão pertencia à cidade de São Francisco Xavier de Itaguaí, hoje a região, já desmembrada, é o município de Seropédica. Neste documento, conseguimos ter os nomes não só dos pais de Enéas, mas também dos seus avós paternos e maternos. O assento informa que o seu avô paterno, Pedro Gomes de Moraes, era natural e batizado na freguesia de Marapicu, que na época pertencia ao município de “Iguassu”²¹ e fazia divisa com a freguesia do Bananal. Já a sua avó paterna, Joaquina Gomes de Moraes, era natural e batizada em Bananal. E, foram padrinhos Manoel Inácio Barbosa e sua esposa, d. Francisca Rosa Belém.²²

Francisca Rosa Belém é uma personagem importante desta rede, pois ela é a primeira ligação que temos entre a família de João com a família Pereira Belém. Falarei sobre os padrinhos

¹⁸ Tendo Enéas como fio condutor e elemento central desta rede familiar, o título faz, portanto, uma referência ao nascimento do pai dele.

¹⁹ *Family Search* - Registro de Batismo de João Pereira Belém, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, Itaguaí, Rio de Janeiro, 1854.

²⁰ *Family Search* - Registro de Batismo, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, Itaguaí, Rio de Janeiro.

²¹ Grafia utilizada no período.

²² *Family Search* - Registro de Batismo de João Pereira Belém, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, Itaguaí, Rio de Janeiro, 1854.

em breve, mas antes é preciso fazer algumas considerações. Notem que o pai de João Pereira Belém não possuía o Pereira Belém como sobrenome. Sua mãe possuía o Pereira como nome de solteira, mas o Belém não. Portanto, João recebe o sobrenome Belém de sua madrinha, d. Francisca Rosa Belém. Esta foi uma questão que acompanhou durante muito tempo esta tese.

Por que Pedro Gomes de Moraes abriu mão de colocar o seu sobrenome em seu filho João, para que o mesmo recebesse a junção dos sobrenomes Pereira e Belém? E, por que isso é importante para o argumento e construção deste trabalho? Primeiro preciso falar sobre um ponto fundamental: a cor. Qual era a cor de João Pereira Belém? Qual a cor do seu pai, Pedro Gomes de Moraes? E qual era a cor de sua mãe, Joaquina Gomes de Moraes?

Sabemos que Enéas era um homem negro. Nas palavras do seu neto em entrevista: “meu avô era tão preto que era azul”²³ Mas, como saber se os seus pais e avós também eram todos negros? Não temos documentos que possam nos dizer isso. Não encontrei a certidão de óbito de nenhum deles, portanto tudo é um enigma. Isso não atrapalha a análise de Enéas como um homem negro no início do século XX em Nova Iguaçu, mas ter um rastro possível da sua origem africana virou uma ideia fixa.

Era comum que um homem na segunda metade do século XIX abrisse mão de colocar o seu sobrenome em seu filho em prol de um sobrenome aparentemente mais importante na localidade em que viviam? Podemos supor que os pais de João Pereira Belém fossem um casal pobre, de poucos recursos e a escolha do sobrenome Pereira Belém, de uma família influente, pudesse, de alguma forma, conferir ao pequeno João uma vantagem, uma proteção social.

Não podemos descartar também uma possível ligação de parentesco, a mãe do João tinha o Pereira como um dos seus sobrenomes de solteira. Se a família Pereira Belém era importante na cidade, seria então o pai de João, Pedro Gomes de Moraes um homem pobre, talvez negro, casado com uma mulher branca, parente dos Pereira Belém? Também não se chegou a essa resposta. Mais uma hipótese: seria a mãe de João uma ex-escravizada da família Pereira Belém, casada com um

²³ Entrevista com Wilsomar Pereira Belém - Neto de Enéas Pereira Belém, filho de Djalma Pereira Belém. Data: 19.12.2019

homem de origem portuguesa? Esta última possibilidade se tornou mais plausível, o que veremos a seguir.

Uma pista para a origem africana de Enéas Pereira Belém veio através do resultado de dois testes genéticos realizados por iniciativa de José Araújo, neto de Enéas Pereira Belém, que se dedica a estudar a genealogia de sua família. O primeiro foi um teste genético realizado em Wilsomar Pereira Belém, o neto de Enéas Pereira Belém e indica como possibilidade João Pereira Belém ter sido filho ou neto de um português com uma mulher negra. Desta forma, João deve ter sido uma criança não branca, já que sua mãe ou avó era de origem africana.²⁴

2.2 Sobre a minha mãe, Teodora.

Antes de analisar o segundo teste genético realizado, é importante introduzir mais uma personagem nesta história, Teodora da Conceição. Nascida em 1859 na freguesia do Bananal de Itaguaí, seus pais são de origem da mesma localidade. Teodora em algum momento da sua vida se encontra com João Pereira Belém e os dois se casam. Quando isso acontece não é possível saber, pois os mesmos só oficializaram a sua união no início do século XX.

A oficialização desta união no período do pós-abolição nos faz pensar na pesquisa desenvolvida pelo historiador Carlos Eduardo C. da Costa. Em seu trabalho, ele verifica que há um aumento expressivo na busca dos registros civis pela população negra no imediato pós-abolição. Segundo o pesquisador, isso se dá por uma necessidade de reafirmar seus laços afetivos legalmente, denotando a importância da família e das redes sociais para os descendentes dos escravizados.²⁵

Se durante muito tempo a historiografia dedicada ao estudo da família, interpretava a família escrava como algo sem importância, colocando a população negra desumanizada e incapaz de estabelecer esses laços, devido a uma escravidão que os tirava a própria humanidade. Hoje, superado esta interpretação, o que as pesquisas mais recentes nos trazem é justamente o oposto.

²⁴ O resultado dos testes foi gentilmente cedido por José Araújo, neto de Enéas Pereira Belém.

²⁵ COSTA, Carlos Eduardo. **De pé calçado: família, trabalho e migração na Baixada Fluminense, RJ. (1888-1940)**. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2013.

Vemos a família, o seu núcleo e os laços que a rodeiam, como fundamental na construção de sociabilidades.²⁶

Portanto, a família com suas redes sociais, foi importante durante o período da escravidão e também no pós-abolição. E, o casal, João e Teodora, pais de Enéas Pereira Belém, muito provavelmente, compartilhavam dessa visão que colocava o núcleo familiar como algo relevante para as suas sobrevivências em uma sociedade racializada. Ter uma família era uma forma de demonstrar boa índole.²⁷

Mas, voltando especificamente ao nosso caso. Mesmo não sabendo quando a união entre João e Teodora se deu, podemos fazer um exercício de imaginação a partir do nascimento do primeiro filho do casal, Pedro Pereira Belém, em 1883. Quando Pedro nasceu João estava com 29 anos e Teodora com 24 anos. O tempo em que o casal esteve junto antes, não é possível saber ao certo, mas podemos supor que entre a união e o nascimento do primeiro filho poucos anos devem ter se passado.

Em nenhum documento que tive acesso, foi citado o termo “segundas núpcias”, o que explicaria um casamento anterior de João Pereira Belém. Já que a idade de 29 anos para o primeiro filho, parece estar acima do que se costuma observar em outros casais do período. Isso, se descartarmos a possibilidade de o casal ter tido filhos anteriores, falecidos durante a gestação, ao nascer ou nos primeiros anos de vida. Veremos a seguir, no segundo teste genético realizado, que a mãe de Enéas era filha ou neta de uma mulher negra de origem africana, mais precisamente, da África central. O seu nome de solteira era Teodora Maria da Conceição.

2.3 Testes genéticos como ferramenta de análise.

O segundo teste genético, realizado com outro membro descendente da família Pereira Belém, demonstrou que a mãe de Enéas era filha ou neta de uma mulher negra oriunda da África

²⁶ SLENES, R.W. **Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava-Brasil, sudeste, século XIX.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

²⁷ Até os dias de hoje a família ainda é usada como exemplo de boa índole, de caráter, de moralidade.

Central.²⁸ Portanto, através desses dois testes genéticos, podemos afirmar que João Pereira Belém tinha uma possível ascendência africana vinda do ramo materno e, ao se casar, se une a uma mulher também com ascendência africana. A união desses dois, gerou filhos negros, como podemos observar nas fotos que temos de vários dos filhos e netos do casal e que serão apresentadas no decorrer deste trabalho.

Concluindo esta questão: volto a afirmar que até o momento, não foram encontrados documentos que comprovem a cor de João Pereira Belém e Teodora Maria da Conceição, os pais de Enéas Pereira Belém. Lembrando que a dúvida inicial consistia em saber se um dos dois seria de origem africana, ou os dois. Os testes genéticos não são capazes de nos falar exatamente a cor do casal, mas nos afirma uma ascendência africana de ambos. Ascendência está, muito provavelmente, vindo do lado materno de João e do lado materno de Teodora.

Analisando os inventários que tive acesso dos Pereira Belém, não foi possível verificar se a mãe ou avó de João Pereira Belém fizeram parte do plantel de negros escravizados pertencentes à família Pereira Belém, o que poderia justificar João ter recebido o sobrenome da família.²⁹ Mas, quem eram os Pereira Belém que viviam em Itaguaí e deram ao pequeno João seu sobrenome?

Seus padrinhos foram Manoel Ignácio Barbosa e Francisca Rosa Belém. Ela, filha de Pedro Cypriano Pereira Belém, uma figura importante da região. Ele, como “cabeça de sua esposa”³⁰, a representou durante o processo de inventário do seu sogro. Falar de Pedro Cypriano Pereira Belém, o mais importante membro dessa família será um bom ponto de partida para compreender a importância local desta família.

2.4 Pedro Cypriano Pereira Belém

²⁸ Ainda não tenho autorização para divulgar a identidade do segundo membro que cedeu seu material genético para os testes. Posso afirmar apenas que se trata de uma mulher, pois o gênero define se o material genético passado terá ligação com o ramo paterno ou materno. E, neste caso, o material genético nos levou para o ramo materno de Enéas Pereira Belém.

²⁹ Os inventários da família estão depositados no arquivo do Museu do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro - MTJR.

³⁰ O termo é usado nos casos em que o homem representa a sua esposa em processos como em um inventário post mortem.

A primeira vez que encontrei alguma referência sobre a Família Pereira Belém na Hemeroteca da Biblioteca Nacional foi no ano de 1829, nas páginas do *Almanak Imperial e do Comércio*.³¹ Fortunato Pereira Bellem (sic) é citado como um dos alferes do 8º Batalhão de Caçadores da 2ª Linha (Pilar), na localidade de Lagoa Grande. O sobrenome Belém aparece escrito com dois éles (ll) o que se modificará ao longo do tempo, sendo escrito apenas com uma letra éle.

Em 1837, encontramos Pedro Cypriano Pereira Belém, dessa vez o sobrenome Belém já aparece com a grafia utilizada até hoje, com apenas um éle. Pedro Cypriano Pereira Belém colocava à venda uma situação na localidade Mato do Rei, município de Itaguaí. O anúncio saiu no *Jornal do Comércio*.

(...) contendo um prazo de terras de superior qualidade, medidas e demarcadas; cafezais a dar para 600 arrobas, e novos que ainda não dão, para 200; e outras muitas plantações: bom pasto cercado de espinhos, grande casa de vivenda coberta de telhas, forrada e assoalhada, com paiões também assoalhados, engenho de socar café, com bestas e aparelhos para fazer farinha de mandioca, tem muito excelente agua de beber. O dono vende por preço cômodo, por ter outras situações, e por isso não duvida vender qualquer dellas, caso esta não agrade ao comprador. Quem a pretender dirija-se ao Mato do Rei, em casa de Pedro Cypriano Pereira Belém, para tratar.³²

No texto sobre a venda da situação pertencente aos Pereira Belém conseguimos observar vários elementos que nos ajudam a reconstruir a situação econômica e de posse que eles dispunham. No anúncio, Pedro Cypriano se coloca como dono de várias situações, o que lhe permitia vender a situação anunciada por um preço "cômodo". Complementa ainda dizendo que se o futuro comprador não gostar da situação, ele pode vender outra no lugar daquela.

Portanto, não estamos falando de uma família sem posses ou em dificuldades financeiras. Os Pereira Belém em Itaguaí, possuíam sua importância e influência na sociedade local com suas posses, talvez isso justifique, como analisado anteriormente durante o mestrado,³³ suas estreitas relações com outra família, os Soares da Silva, que apesar de ter uma avaliação econômica de bens superior na abertura dos seus inventários *post mortem*, muito pouco aparecem envolvidos em questões ligadas à administração pública, diferente da participação intensa na política que estava inserida na família Pereira Belém.

³¹ BNDigital. *Almanak dos Negociantes do Império do Brasil (RJ) – (1827 a 1832)*, ano 1829, edição 00002 (1).

³² BNDigital. *Jornal do Comércio*, ano 1837, edição 00214 (1).

³³ Ver OLIVEIRA, Op, Cit, 2015.

Pedro Cypriano Pereira Belém é o primeiro dos Pereira Belém que alcança destaque em Itaguaí. No ano de 1849 ele aparece pela primeira vez no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* como Juiz de Paz da Freguesia de São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages. Já em 1852 ele surge pela primeira vez na lista de fazendeiros de café da mesma freguesia, o que se repete nos anos seguintes.³⁴

Em 1857 pela primeira vez Pedro Cypriano Pereira Belém aparece como eleitor pela freguesia de São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages, que naquela época era considerada a terceira freguesia que compunha o território do município de Itaguaí. Das três freguesias, em 1857 a freguesia em que Pedro Cypriano Pereira Belém aparece citado como eleitor, possuía apenas 11 eleitores. Portanto, um grupo seletivo. As freguesias de Nossa Senhora da Conceição do Bananal e a freguesia da Vila de São Francisco Xavier possuíam 15 e 20 eleitores, respectivamente.³⁵ A condição de eleitor no século XIX exigia uma série de exigências para quem quisesse entrar para o clube dos que podiam participar da vida política do município. Condições essas cumpridas por Pedro Cypriano Pereira Belém, que continuou aparecendo como eleitor durante diversos anos até a sua morte em 1861.³⁶

O capitão Pedro Cypriano era natural da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicú e filho legítimo de Francisco Antonio Pereira Belém e de sua mulher, Joana Maria de Jesus. Em seu inventário foram descritos 17 negros escravizados. Foi possível verificar que ele, em seu testamento de 1859, um ano antes de sua morte, decide deixar forros e libertos alguns filhos de suas escravas “pelo amor da criação que lhes tenho”³⁷ Esse pode ser um indício da relação próxima que a família mantinha com os escravizados em suas terras.

Não é possível ainda, pois não encontramos documentos, registros paroquiais da época que possa nos informar qual era a cor dos Pereira Belém nesse período. Poderíamos supor que fossem brancos, apenas por ser mais provável que uma família branca e não uma família negra tivesse os privilégios sociais em que estavam inseridos, ainda na primeira metade do século XIX. A questão

³⁴ BNDigital. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, ano 1849 a 1861.

³⁵ *Idem*, 1857.

³⁶ MTJRJ – Comarca de Itaguaí. Inventário post mortem de Pedro Cypriano Pereira Belém. Inventário post mortem e notícia do jornal; Hemeroteca - Biblioteca Nacional.

³⁷ MTJRJ – Comarca de Itaguaí. Inventário post mortem de Pedro Cypriano Pereira Belém, 1860.

da cor aqui se torna importante, pois os Pereira Belém que seguiremos no final do século XIX e durante o século XX, são de uma família negra. Conseguimos identificar esta informação através de testes genéticos e também por fotos cedidas pelos seus descendentes.

Agora, vamos deixar um pouco esta análise micro e familiar dos Pereira Belém. É preciso compreender de forma macro o contexto local em que estava inserida esta família. É preciso analisar o que era o município de Itaguaí na segunda metade do século XIX e concluir qual cenário levou o ramo Pereira Belém, iniciado por João, a migrar em direção a cidade de Nova Iguaçu.

2.5 Nas terras das freguesias de São Francisco Xavier de Itaguaí - Aspectos geográficos.

Itaguaí surge a partir da fixação de uma aldeia de indígenas fundada por Mem de Sá inicialmente em uma localidade chamada Itinga, depois transferida para o sul do município, próximo ao mar, por orientação dos missionários da Companhia de Jesus, em meados do século XVII. Assim, tem início a história de Itaguaí. Posteriormente, os religiosos construíram, em 1729, a capela em devoção a São Francisco Xavier.³⁸

Elevada a freguesia em 15 de novembro de 1795 com o nome de São Francisco Xavier e depois sendo alçada ao patamar de vila através do alvará que criou o município de 5 de junho de 1818, sendo efetivado em 1820, Itaguaí “cujo o território e limites deverão compreender a Freguesia de Itaguahy do alto da serra para a vargem (sic), a Freguesia de Marapicu, do rio Guandú subindo até a parte esquerda, todo o Ribeirão das Lages e a freguesia de Mangaratiba.”³⁹

O território de Itaguaí dividia-se entre a planície típica da baixada fluminense, principalmente na região onde hoje se encontra o município de Seropédica. E, a Serra do Mar que em seu prolongamento, se estreita, afunilando as terras da cidade mais ao sul, onde hoje encontra-se a cidade de Itaguaí, limitando a Baixada Fluminense.⁴⁰ A Serra da Viúva, Araras, são nomes

³⁸ PALMIER, Luiz. **São Gonçalo Cinquentenário**. Rio de Janeiro, 1940. p. 17. Apud. LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O Homem e a Guanabara**. IBGE. 2º ed. 1964. p. 198.

³⁹ IBGE. Sinopse estatística do município de Itaguaí, Rio de Janeiro. 1948.

⁴⁰ ALONSO, Denilda. **Alguns aspectos geográficos do município de Itaguaí. 1960.** p. 388, 389 e 390.

diferentes para a Serra do Mar. Já as localidades de Catumbi e Leandro são contrafortes da Serra do Mar.

As inundações ocorrem devido a região ser uma planície, onde os rios divagam, ganham meandros, perdendo o aspecto caudaloso comum na Serra do Mar. O aumento da ocupação da região favorecia a perda de meandro, provocando alagamentos das regiões ribeirinhas. Com menos capacidade de escoamento, as margens se tornam volúveis, os alagamentos são constantes, formando brejos nos períodos de chuva. Propiciando assim, um ambiente insalubre, provocando epidemias de febre palustre, muito comuns na região ao longo da segunda metade do século XIX e início do século XX. O que motivou inúmeras investidas para a melhoria do saneamento na região. O Departamento de Obras e Saneamento construiu canais, diques para evitar a retenção das águas.⁴¹

Uma camada superficial de argila quaternária impermeável típica da região, também favorece as enchentes sazonais. Some-se a isso a alta pluviosidade que existe na serra, aumentando o fluxo de água dos rios quando passam pela baixada. E, os aterros para a passagem da linha de ferro, estradas de rodagem, contribuíram para a retenção das águas.⁴² O autor afirma que até o início do século XIX a povoação não evoluiu, o que só ocorre com a introdução do café.⁴³ Na segunda metade do século XIX o município de Itaguaí estava dividido em três freguesias: São Francisco Xavier, conhecida também como a freguesia da vila, Nossa Senhora da Conceição do Bananal e São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages. Hoje as duas últimas freguesias citadas deram origem às cidades de Seropédica e Paracambi, respectivamente.

É importante frisar que das três freguesias que compreendiam o município de Itaguaí durante o período, duas faziam parte das terras da Fazenda Imperial de Santa Cruz. Portanto, todos os fazendeiros e lavradores destas duas freguesias eram foreiros, pagando anualmente um foro cobrado pela administração da fazenda. Acreditamos que esta especificidade conduziu esta localidade a uma menor concentração fundiária, quando comparada a outras localidades da região

⁴¹ Idem, 394.

⁴² Idem. p. 395.

⁴³ Idem. p.399.

fluminense e, até mesmo, esta característica, pode ter limitado determinadas estratégias de manutenção daquelas propriedades, como o arrendamento de terras.⁴⁴

2.6 O café, a cana e a policultura: mudanças no perfil produtivo da região.

Ao longo da segunda metade do século XIX o perfil do que era plantado em Itaguaí, nas suas três freguesias, se altera consideravelmente. Durante minha pesquisa de mestrado, observei através da análise dos Registros Paroquiais de Terras, inventários *post-mortem* e o cruzamento com outras fontes, uma mudança no predomínio do plantio do café nos anos de 1850, passando pela cana, já nos anos de 1870 e terminando numa diversificação da produção, a policultura.⁴⁵

Itaguaí não possuía as melhores terras para o plantio do café, exceto, as terras da freguesia de São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages, hoje Paracambi, que se mostrava mais apropriadas para este tipo de cultura que melhor resultados encontra em terras mais altas, como as do Vale do Paraíba.⁴⁶ Mas, apesar disso nos anos de 1850, todas as propriedades analisadas tinham a cultura do café como sua principal produção. É importante observar que, nas freguesias em que as terras predominantemente eram mais baixas, como a Freguesia da Vila de São Francisco Xavier, sede do município e, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, hoje Seropédica. As descrições das plantações informavam que elas estavam em morros, ou seja, em terras que provavelmente não alagavam.⁴⁷

No final dos anos de 1860 e início dos 1870, começa uma mudança geral no perfil produtivo do município. Não foi uma mudança repentina, mas gradativamente as fazendas de café vão se convertendo para o plantio da cana de açúcar para a produção de aguardente. É importante frisar que anteriormente o plantio da cana de açúcar se deu na região da baixada fluminense, mas para a

⁴⁴ OLIVEIRA, Max Fabiano Rodrigues. **Do Café à Policultura. Fazendeiros, lavradores foreiros e as transformações na estrutura fundiária de São Francisco Xavier de Itaguaí. (1850-1900)**. Dissertação de Mestrado. UFRRJ/PPHR, 2015; ROSENTHAL, Paul-André. Construir o macro' pelo micro': Fredrik Barth e a microstoria'. Apud REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ FRAGOSO, João. **Barões do café e sistema agrário escravista: Paraíba do Sul**, Rio de Janeiro (1830-1888). Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

⁴⁷ OLIVEIRA, Max. Op, Cit. 2015.

produção de açúcar. Outras fazendas mantinham concomitantemente os dois tipos de plantação. Outro aspecto relevante que devo destacar é que estou falando aqui da principal produção dessas fazendas e sítios em Itaguaí. Mas a cultura dedicada a gêneros alimentícios para o consumo próprio ou venda no mercado local também coexistia nessas propriedades, mas em menor escala.⁴⁸

Já nos anos de 1880 a produção nessas propriedades, majoritariamente, se dedica a uma variedade de plantios como a mandioca, feijão, laranja, milho, etc. Ainda é possível verificar a presença do café e da cana, mas agora em uma escala muito menor. Algumas propriedades apareciam como improdutivos os pés de café. Esse perfil dedicado à policultura se mantém até o final do século. A segunda metade do século XIX em Itaguaí foi de constantes mudanças e veremos na próxima seção algumas características desse chamado período de crise na região e as suas razões.⁴⁹

2.7 A estrada de ferro, a abolição da escravidão, as enchentes e as epidemias: aspectos da crise.

No livro *A Baixada de Sepetiba*, o autor afirma que “com a abolição, abandonam-se, por falta de braços, os grandes rios que se obstruem.” Mais tarde, as estradas de ferro e rodagem, com seus bueiros e pontilhões insuficientes, impedindo o franco escoamento das águas, agravaram imensamente o mal, ampliando as áreas de inundação, multiplicando os alagadiços.⁵⁰ O medo da chegada da estrada de ferro aparece em documentos da Câmara Municipal de Itaguaí nos anos de 1850. Os vereadores diziam que com a mudança nas rotas comerciais a “cidade entrará em decadência econômica”. Em outros documentos da mesma Câmara Municipal de Itaguaí aparecem relatadas muitas epidemias de febre amarela ao longo da segunda metade do século XIX.⁵¹

É difícil avaliar em que medida as epidemias se intensificaram devido ao surgimento da estrada de ferro D. Pedro II. O que sabemos é que com a chegada da Estrada de Ferro, os rios da região, antes utilizados como rotas comerciais da produção local e, principalmente, do café

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ GÓES, Hildebrando de Araujo. **Baixada de Sepetiba**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

⁵¹ APERJ – Livro de Registro de Ofícios da Câmara Municipal de Itaguaí. Ano: 1854.

produzido no Vale do Paraíba, são abandonados. Portanto, o café que vinha em lombo de mulas pela serra até os portos da baixada e, assim, seguiam pelos rios até a Baía de Sepetiba e de lá para o porto do Rio de Janeiro, agora tinha uma nova forma de escoamento e, conseqüentemente, um novo trajeto.⁵²

Além do impacto econômico sobre cidades como Itaguaí e Iguaçu, houve um outro problema. Com o abandono dos rios, não demorou muito para que as enchentes aumentassem devido a obstrução dos rios, não mais utilizados, por galhos e outros detritos que ficavam retidos nas margens. O que levou a cidade de Itaguaí a enfrentar enchentes maiores e mais duradouras, tornando aquela localidade mais suscetível às epidemias de febre palustre.⁵³

Outro problema gerado pela passagem da estrada de ferro, foi a necessidade de construção de pontilhões e a realização de aterramentos para a instalação dos dormentes, o que contribuiu para a criação de represas, já que a água não conseguia transpor os trilhos. Se pensarmos por um viés ambiental, qual o real impacto das obras de saneamento para o meio ambiente da região? Qual impacto teve o dessecamento dos terrenos alagados da Baixada Fluminense e Baixada de Sepetiba para o ambiente, sua configuração e o clima da região? Sabemos que pântanos, alagadiços, os próprios mangues que existiam no entorno da Baía da Guanabara conservavam toda uma biodiversidade, um ecossistema, destruídos pela ocupação humana.

O discurso do período compreendido pelas obras de saneamento, afirmava com grande orgulho que, “vastas áreas empantanadas transmudam-se em ricas pastagens e campos lavrados. À falta de umidade, fenece a flórua característica dos brejais.” O autor completa: “A continuação sistemática do gigantesco plano de obras, que ora se realiza, trará em breve, com o esplêndido ressurgimento da terra, a redenção triunfal da campanha desolada dos mangues e brejais.” O autor considera a Baixada Fluminense regiões subdivididas em Baixada dos Goitacazes, de Araruama, de Guanabara e de Sepetiba, esta última constituída pelos vales dos rios Guandu Açu e Itaguaí e outros pequenos cursos d’água que desembocam na Baía de Sepetiba.⁵⁴ É importante lembrar que os Jesuítas no período em que estiveram à frente da Fazenda de Santa Cruz, fizeram várias obras hidráulicas para o dessecamento dos campos e também de irrigação. Chegaram a transpor parte das

⁵² GÓES, Op, Cit. 1942.

⁵³ GÓES, Op Cit, 1942.

⁵⁴ Idem. p. II, “Preâmbulo” e p. 9.

águas do rio Guandu para o rio Itaguaí. Portanto, a paisagem natural da região já vinha sendo alterada desde meados do século XVIII.

A estrada de ferro, na segunda metade do século XIX, vinha, desta forma, modificar, de súbito, a geografia humana da terra fluminense. Desaparecem os portos da Baixada, os pousos de tropas perdem sua finalidade, concentra-se a população em poucas estações ferroviárias. “A lei áurea, decreta de chofre, completa a grande transformação, desmantelando a organização agrícola e econômica da região da Baixada.”⁵⁵

Segundo o autor, com a falta de braços para o trabalho, não é mais possível cuidar dos rios, que se obstruem, nem das valetas de drenagem, que se entulham. “A baixada salpinta-se novamente de alagadiços incontáveis. Ampliaram-se as áreas de alagação. A decadência invadiu engenhos e fazendas. Vastas pastarias vicejantes converteram-se em charnecas.”⁵⁶ O autor continua o relato dramático dizendo que “por fim, despovoou-se a baixada. Ficaram apenas núcleos esparsos de recalcitrantes (...) Depois de um largo ciclo de esplendor, a região retornou a um primitivo estado de abandono e insalubridade.”⁵⁷

Acreditamos que na primeira metade do século XX criou-se um discurso que ampliava a dimensão da crise enfrentada pelas cidades da baixada fluminense. Atribuía-se a crise à falta de braços para a lavoura devido ao fim da escravidão e as epidemias de febre amarela. O abandono dos rios com a chegada das estradas de ferro ainda na segunda metade do século XIX, fez com que os centros comerciais mudassem de lugar. Se antes estes centros estavam ligados a entrepostos comerciais que utilizavam os rios da região como meio de transporte, com a chegada da estrada de ferro essas áreas foram praticamente abandonadas e outras surgiram justamente por onde a estrada de ferro D. Pedro II passava. Com isso, os rios da região abandonados e assoreados começaram a transbordar com mais facilidade, ampliando os locais de alagamento, cenário perfeito para a proliferação da febre amarela.⁵⁸

⁵⁵ Idem. p.16.

⁵⁶ Idem, p.25.

⁵⁷ Idem, p.25.

⁵⁸ OLIVEIRA, Max Fabiano Rodrigues de. Op, Cit. 2015.

Ao analisar as fontes como a ata da câmara municipal da cidade de Itaguaí do período, ao menos, o que sobreviveu até os dias de hoje. Percebemos uma rotina na cidade aparentemente normal, sem excluir, os registros que davam conta das epidemias constantes. A questão fundamental era que ao criar um discurso de uma região abandonada a sua própria sorte, precisando de ajuda do governo, fazia com que as comissões de obras de drenagem ganhassem uma relevância maior e a cidade ganhasse ajuda da capital. Não negamos que as obras de saneamento tivessem sua importância, mas ao criar discursos de uma região completamente devastada para o governo já disposto a salvar a região, forçava uma ajuda mais intensa por parte do poder público.

Outro discurso amplamente relatado é a saída maciça de escravos da região, como se após a abolição todos tivessem fugido daquela localidade. Mas, quando analisamos os registros civis de batizado, percebemos que cerca de metade das crianças batizadas eram descritas como “pretas” ou “pardas”. Isso pode nos indicar que a saída desses descendentes de escravos não foi na proporção que é afirmada até hoje.⁵⁹ A própria família Pereira Belém ao deixar Itaguaí, se direciona para o Município limítrofe de Nova Iguaçu.

2.8 A Fazenda Santa Cruz

Das três freguesias que compunham o território de Itaguaí no final do século XIX, duas tinham toda a sua extensão inserida dentro dos limites da Fazenda de Santa Cruz. Inicialmente administrada pelos Jesuítas, chegou a ter cerca de 13 mil cabeças de gado. O que justifica, a ida do Matadouro Municipal para Santa Cruz no fim ou início do século XIX. No período, Itaguaí com suas terras planas possuía uma grande quantidade de cabeças de gado, número próximo a que séculos antes possuía a fazenda de Santa Cruz. Açúcar, mandioca, feijão, milho, amendoim e anil também eram cultivados na fazenda. O gado foi uma opção diante das dificuldades com mão de obra. O que como vimos não significou um abandono completo da região.⁶⁰

Os jesuítas realizaram um rico trabalho de engenharia hidráulica para conseguir que a localidade insalubre se tornasse em uma gleba saudável e produtiva. Abriram inúmeras valas de drenagem e irrigação, desviaram parte das águas do rio Guandu para o rio Itaguaí, construíram

⁵⁹ Family Search - Registro civil de batismo, início do século XX.

⁶⁰ OLIVEIRA, Max Fabiano Rodrigues de. Op, Cit. 2015.

pontes e diques que contribuíram para o saneamento da região. Quando no fim do século XVIII iniciou-se a retomada da Fazenda Santa Cruz, sob a posse da Coroa Portuguesa, surgiram dois engenhos de açúcar. Um na Fazenda de Santa Cruz, o Piaí e outro no sítio do Falcão, mais conhecido como engenho de Itaguaí para a produção de açúcar de exportação, açúcar mascavo e aguardente. O açúcar mascavo era para consumo local e a aguardente, utilizada principalmente no tráfico de escravos.⁶¹ Esta produção era muito utilizada para a alimentação das tropas que passavam pelo local rumo a Minas Gerais e São Paulo. A mandioca para alimentação dos escravos, o milho para alimentação das tropas. O excesso dessa produção era enviado para o Rio de Janeiro. A produção cafeeira das áreas vizinhas era concentrada nesta vila e ali negociada pelos comerciantes e, depois, exportada por via marítima para o Rio de Janeiro.⁶²

“(...) esses produtos eram embarcados no Porto do Casado, naturalmente aparelhado com um trapiche, que deu origem ao canal do Trapiche, que é o antigo rio Aldeia. Também pelo atual canal de São Francisco desciam, antigamente, mercadorias do Morgado do Marapicu, indo desaguar no rio Itaguaí”⁶³

Com a expansão da marcha cafeeira para o planalto paulista e a construção do ramal de São Paulo, da Estrada de Ferro Central do Brasil, que atingiu a capital paulista em 1875, desviando dessa maneira a produção do Vale do Paraíba para aquela cidade, a Vila de Itaguaí sofreu grande abalo econômico. Assim, Itaguaí, que se mantivera como ponto de passagem dos viajantes e das tropas que do “Rio de Janeiro demandavam Minas e São Paulo e, se expandira sob a influência cafeeira, regride. *O mato invade suas ruas desertas e penetra pelas fendas das paredes e dos telhados das casas, - tudo é abandono e ruínas.*” (grifo meu).⁶⁴

Temos no último parágrafo o autor frisando uma situação de grande crise e abandono na região de Itaguaí. Mas, como já citado neste trabalho, algumas fontes que nos diziam o contrário do que chamamos aqui de uma memória da crise.⁶⁵ As Atas da Câmara Municipal e, principalmente, os Registros de Ofícios da Câmara Municipal mostraram uma Itaguaí que seguia

⁶¹ ALONSO, Denilda. **Alguns aspectos geográficos do município de Itaguaí. 1960.** p. 401.

⁶² Idem. p.402.

⁶³ Idem. p. 402, 404.

⁶⁴ Idem. 405.

⁶⁵ Relatos que encontramos no Almanak Laemmert e IBGE afirmam que Itaguaí passou por um esvaziamento populacional tão intenso que a cidade ficou praticamente abandonada, mas não é o que encontramos nas fontes históricas disponíveis para estudar o município.

sua rotina administrativa com questões cotidianas que em nada demonstravam uma cidade à beira de um completo estado de abandono.⁶⁶

Para conhecermos um pouco da composição dos escravizados em Itaguaí na segunda metade do século XIX, vou utilizar como fonte o inventário de Antônio dias Pavão, mais conhecido como o Conde de Itaguaí, que possuía em 1875, o ano do seu falecimento, o maior plantel de escravizados do município. Durante a pesquisa de mestrado, foi possível observar um conjunto grande de pequenos proprietários que possuíam poucos escravizados, sendo esta a composição predominante em Itaguaí. Portanto, ao analisar o perfil da escravidão no inventário do conde, quero poder dar um panorama do perfil desses indivíduos e aproveito também para destacar um personagem interessante para pensarmos mobilidade social e o que podia significar para um homem negro viver em liberdade em tempos de escravidão. Liberdade está também vivida por João Pereira Belém.

2.9 O Conde de Itaguaí

Em 14 de junho de 1875 faleceu Antônio Dias Pavão, o Conde de Itaguaí. Neste momento da pesquisa nos interessa analisar o plantel de escravizados inventariados no inventário *post mortem* de Antônio Dias Pavão. Para isso, foi construído um banco de dados com as informações presentes na lista de escravizados anexado ao seu inventário que ocupa várias páginas, chegando ao número de 254, uma quantidade muito grande para os padrões dos proprietários de terras de Itaguaí na segunda metade do século XIX.⁶⁷

Uma análise nos mostra que dos 254 escravos, 123 eram mulheres, destas 99 foram registradas como “preta” e 24 como “parda”. Ainda sobre as mulheres, 97 têm como origem o Rio de Janeiro, as demais são classificadas como africanas de diversas nações, entre elas, Benguela, Cabinda, Moçambique, etc. Em relação aos 130 homens, a configuração é bem parecida com a das mulheres. A maioria dos homens é listada como nascida no Rio de Janeiro e os demais, aparecem como vindos de Moçambique.

⁶⁶ Encontramos Ofícios da Câmara Municipal tratando de questões típicas de um município aparentemente sem os problemas de uma localidade à beira de uma crise geral, fato que provavelmente levaria os vereadores a pedir ajuda para o Presidente da Província através dos mesmos ofícios.

⁶⁷ MTJRJ - Inventário *post mortem* - Antônio Dias Pavão, 1875.

2.10 Felisbino Alfredo Guimarães

Em uma primeira análise um dos personagens que nos chama atenção é a figura de Felisbino Alfredo Guimarães. Descrito no inventário como filho de uma escrava. Ele aparece recebendo do Conde de Itaguaí o usufruto de doze apólices da dívida pública, de valor nominal de um conto de réis, devendo as mesmas apólices passar, segundo o inventário, por morte do legatário também aos mesmos referidos netos e bisnetos. O detalhe é que Felisbino é citado como sendo filho de Ludovina, uma ex-escravizada do Conde.⁶⁸

No ano de 1859 encontramos um Felisbino Alfredo Guimarães entre os aprovados para o primeiro ano do Colégio Pedro II. A nota diz que o mesmo fora aprovado em quatro matérias com distinção e plenamente em uma.⁶⁹ É difícil afirmar no momento se estamos falando do mesmo Felisbino que aparece dezesseis anos depois, em 1875, recebendo as apólices do Conde de Itaguaí. Por outro lado, no inventário do Conde de Itaguaí consta que o mesmo faleceu na Rua das Laranjeiras, Rio de Janeiro, onde vivia, provavelmente, Felisbino Alfredo Guimarães. Ainda não foi possível encontrar o registro de nascimento ou mesmo de casamento de Felisbino Alfredo Guimarães, o que poderia nos dar mais certeza sobre o seu paradeiro, mas o encontramos nas páginas do *Almanak Laemmert* como um dos seus assinantes no ano de 1869 na cidade de Itaguaí.

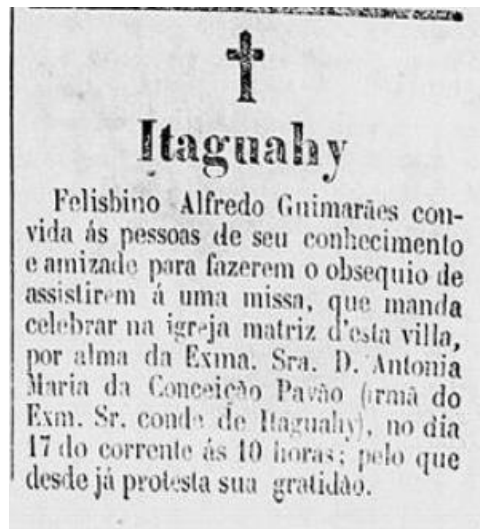
O mesmo Felisbino aparece citado no “Jornal A Reforma - Órgão Democrático” de 1871, quatro anos antes da morte do Conde de Itaguaí, convidando “às pessoas de seu conhecimento e amizade”⁷⁰ para uma missa que será realizada na igreja matriz de Itaguaí pela alma de Dona Antonia Maria da Conceição Pavão, irmã do Conde de Itaguaí. Portanto, apesar de ser filho de uma ex-escrava, Felisbino mantinha uma relação bastante próxima com a família Pavão, sendo alguém de confiança do Conde de Itaguaí.

⁶⁸ “Deixo a Felisbino Alfredo Guimarães, filho de Ludovina, que foi minha escrava, o usufruto de doze apólices da dívida pública, de valor nominal de um conto de réis, devendo as mesmas apólices passar, por morte do legatário também aos mesmos referidos netos e bisnetos.” Fonte. Museu do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Inventário *Post Mortem* de Antonio Dias Pavão, o Conde de Itaguaí.

⁶⁹ BNDigital. *Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal*, 1859.

⁷⁰ BNDigital. *Jornal A Reforma Orgão Democrático*, 1871.

Figura 1 - Felisbino Alfredo Guimarães



Fonte: Jornal A Reforma - Órgão Democrático. Hemeroteca - *Biblioteca Nacional*.

Não encontramos qualquer informação que nos leve a descobrir quem foi o seu pai , poderíamos supor que ele tivesse também o sangue Pavão, que o seu pai pudesse, até mesmo, ser o Conde de Itaguaí, mas seriam apenas especulações sem qualquer comprovação, por enquanto, é claro. Felisbino Alfredo Guimarães também aparece na Revista de Engenharia de 1884 pedindo a prorrogação de uma autorização para continuar explorando minério na freguesia de Conservatória, município de Valença.

Figura 2 - Decreto n.9.343

Por decreto n. 9.343, de 16 do corrente, foi prorogado por dous annos o prazo concedido a Felisbino Alfredo Guimarães e Antonio José de Oliveira Marques, por decreto n. 8.828 de 30 de Dezembro de 1882, para medir e demarcar as 50 datas mineraes, cada uma de 141.750 braças quadradas ou 686,070 metros quadrados, que lhes foram concedidas para lavra de ouro, prata e outros mineraes no terreno denominado Bom Retiro, de propriedade do 2º concessionario, na freguezia da Conservatoria, municipio de Valença, da provincia do Rio de Janeiro.

Fonte: Revista de Engenharia de 1884

Depois de entender melhor o contexto de São Francisco Xavier de Itaguaí na segunda metade do XIX e as mudanças econômicas e sociais que aquela localidade passou, as mudanças no perfil produtivo das fazendas, sítios da região e observar uma amostra de como era o perfil de escravizados do município através da análise do maior proprietário de escravos. Podemos agora retomar a história da Família Pereira Belém, seguindo a sua trajetória através da figura de Manoel Pereira Belém, filho de Pedro Cypriano Pereira Belém. Desta forma, articulando a perspectiva micro com a perspectiva macro e, vice versa, será possível perceber que a trajetória econômica dos Pereira Belém, não representou uma exceção, mas sim, ela seguiu uma tendência geral para o município, em que as mudanças no perfil do que era plantado, a diversificação da produção, a diminuição territorial das propriedades e a crise no final do século XIX com enchentes, epidemias e o fim da escravidão, foram acontecimentos que atingiu a grande parte de sua população.

2.11 Manoel Pereira Belém, filho de Pedro Cypriano Pereira Belém

Em 1856 mais um Pereira Belém, começa a aparecer listado entre os Fazendeiros de Café e Lavradores, também na freguesia de São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages, Manoel Pereira Belém aparece pela primeira vez em 1856, demonstrando que a família prosperava na região na metade do século XIX.⁷¹ O mesmo só apareceu como eleitor na freguesia de São Pedro e São Paulo em 1862, após a morte de Pedro Cypriano Pereira Belém.⁷²

Manoel Pereira Belém é um interessante exemplo para percebermos como a categoria de “Fazendeiro de Café e Lavradores” da qual faz parte, se altera ao longo do tempo, demonstrando mudanças significativas no perfil do que era cultivado nos sítios e fazendas da região. Portanto, em 1871 a categoria a qual está inserido muda o título para “Fazendeiros e Principaes (*sic*) Lavradores de Café e Mantimentos em Bananal”.⁷³

Repare que devido a necessidade de diversificar a produção, o termo genérico “mantimentos” foi inserido à categoria. Note também que Manoel Pereira Belém migra a sua

⁷¹ BNDigital. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, ano 1856. Seção Províncias, p.113

⁷² Idem, ano 1862. Seção Províncias, p.60.

⁷³ BNDigital. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, ano 1871. Seção Províncias, p.195.

atividade produtiva para a freguesia do Bananal. Abandonando o cultivo do café em São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages, ao pé da serra, que eram, portanto, terras consideradas mais propícias ao plantio do café do que as terras baixas e alagadiças da freguesia do Bananal.

Ele não abandona o plantio do café imediatamente, é possível perceber que é o início de uma transição. Ele começa a cultivar café em Bananal no ano de 1866, associado a outras formas de cultivo, os que a categoria intitula de “mantimentos” eram gêneros alimentícios produzidos para o mercado interno por pequenos lavradores. Realizo uma análise sobre as razões para as mudanças no perfil produtivo dos fazendeiros e lavradores em Itaguaí no século XIX em minha dissertação de mestrado.⁷⁴

Ele é citado em 1866 ainda na lista de fazendeiros de café na freguesia de São Pedro e São Paulo, mas sendo este o último ano em que é listado por aquela freguesia como um dos seus fazendeiros de café. Podemos afirmar que neste ano Manoel Pereira Belém⁷⁵ vai morar na freguesia do Bananal. Pois no ano seguinte, 1867 ele aparece como eleitor por esta freguesia e não mais pela freguesia de São Pedro e São Paulo.

Em 1875 Manoel Pereira Belém também engrossa a quantidade de fazendeiros e lavradores que tentam superar a crise do café na região através da construção de engenhos para fabricar aguardente. Portanto, suas estratégias para se adaptar às mudanças do período passam não só por deixar a freguesia de São Pedro e São Paulo e começar a plantar café e gêneros alimentícios na freguesia do Bananal. A produção de aguardente que naquele período começava a ganhar força também foi percebida por ele como uma oportunidade.⁷⁶

Mas, no fim daquele mesmo ano de 1875 Manoel Pereira Belém faleceu e nos anos seguintes seus herdeiros deram continuidade às mudanças iniciadas pelo mesmo. Em 1876 na lista de “Engenhos e engenhocas do município” está listado agora “Herdeiros de Manoel Pereira Belém”. E, ainda aparece em outra lista, a categoria de “Fazendeiros com engenhos de fabricar aguardente, “Manoel Pereira Belém, Machina a vapor, em Bananal.”⁷⁷

⁷⁴ OLIVEIRA, Max. Op. Cit. 2015.

⁷⁵ BNDigital. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, ano 1867.

⁷⁶ idem.

⁷⁷ BNDigital. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, ano 1876.

O que percebemos analisando as informações sobre Manoel Pereira Belém é a forma como foi se alterando o perfil produtivo das propriedades da família. Essa modificação na produção dos seus sítios não é diferente do que encontramos analisando o perfil produtivo da família Soares da Silva e nem de tantos outros fazendeiros e lavradores da região. Desta forma, podemos afirmar que esta prática se aproxima das analisadas por Hebe Mattos para a cidade de Capivari.⁷⁸

Em Itaguaí, na segunda metade do século XIX, analisando os inventários de diversos proprietários, foi possível verificar que durante as décadas de 1850 e 1860 o café era predominante na região, alcançando 100% das fazendas e sítios analisados, principalmente entre os maiores proprietários que dispunham de mais terras e que se dedicavam fortemente ao café, não exclusivamente, pois outros gêneros apareciam em uma escala que nos sugere ser apenas para o consumo próprio, local. Já nos anos 1880 percebemos que o café perde valor e conseqüentemente há uma diminuição no tamanho das plantações. Por outro lado, existe uma tentativa de investimento por alguns no cultivo da cana e também em diversos gêneros, principalmente a mandioca e o milho.

79

Entendemos que a diversificação da produção das unidades produtivas, o que podemos chamar de policultura,⁸⁰ está de acordo com a mudança nas nomenclaturas do *Almanak Laemmert* como vimos no caso de Manoel Pereira Belém. Quando é feita, por exemplo, a mudança no título das listagens de “Fazendeiros de Café” para “Fazendeiros de Café e Outros Mantimentos”, era uma tentativa de adequação à nova realidade trazida pela crise do café que podemos verificar com a diminuição do seu preço entre os anos de 1880 e 1900 na freguesia do Bananal em Itaguaí.⁸¹

Desta forma, foi possível perceber analisando os inventários das famílias Soares da Silva e dos Pereira Belém que ao longo da segunda metade do século XIX o município de Itaguaí, mais especificamente, a freguesia do Bananal, passou por profundas transformações que afetaram

⁷⁸ CASTRO, Hebe Maria de Matos de. **Ao Sul da História: lavradores pobres na crise do trabalho escravo**. 2 ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV; Faperj, 2009.

⁷⁹ Ver OLIVEIRA, Max Fabiano Rodrigues. Op. Cit. 2015.

⁸⁰ Termo utilizado por Manoela Pedroza em seu livro *Engenhocas da Moral*. Ver PEDROZA, Manoela. **Engenhocas da Moral: redes de parentela, transmissão de terras e direitos de propriedade na freguesia de Campo Grande (Rio de Janeiro/século XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

⁸¹ Sobre as mudanças nos títulos das listas do *Almanak Laemmert*, Rubens da Mota Machado analisa a questão em sua dissertação: MACHADO, Rubens da Mota. **A terra e seus muitos domínios: senhores, lavradores e escravos nas redes pelo usufruto da terra (Vila Iguaçú, 1840 – 1880)** – Rio de Janeiro: UFRJ/IH, 2013.

diretamente a estrutura das fazendas e sítios da região. Enquanto o café entrava em declínio, o plantio da cana para a produção de aguardente ganhava força, como também ganhava a policultura.

E isso talvez explique porque os Pereira Belém, tendo na figura de Enéas Pereira Belém um do seus principais membros, decide migrar, em algum momento, para a localidade de Queimados e posteriormente para o centro de Nova Iguaçu que estava se tornando a principal e próspera localidade no início do século XX, enquanto a localidade de Bananal, em Itaguaí, estava em decadência. Enéas Pereira Belém não migra sozinho, mas toda a sua família segue o mesmo trajeto, portanto entendemos que o núcleo familiar se mantém unido como uma das estratégias.⁸²

Infelizmente, para essa pesquisa não encontramos documentos que pudessem esclarecer exatamente em que momento os Pereira Belém migraram para Queimados. Muito provavelmente, isso ocorreu no final do XIX, pois os registros de nascimento dos filhos de Enéas Pereira Belém já indicam que as crianças não foram registradas no município de Itaguaí entre os anos de 1880 e 1900.⁸³ Se pensarmos que a década de 1880 é a última em que encontramos alguma informação sobre a freguesia do Bananal, em Itaguaí, podemos supor que a localidade entra em decadência ao ponto de não serem mais recolhidas informações sobre ela nos anos seguintes. Mas, isso não significa que as três freguesias de Itaguaí tenham seguido o mesmo caminho.

O último ano em que tivemos informações dos herdeiros de Manoel Pereira da Silva em Bananal foi em 1882, onde novamente seus nomes constam na lista de engenhos e engenhocas da freguesia. Já no ano de 1883 eles aparecem na lista de engenhos e engenhocas da freguesia da Vila de São Francisco Xavier, onde hoje está a cidade de Itaguaí.⁸⁴ Mais um detalhe que nos sugere no mínimo um esvaziamento da freguesia do Bananal. A família de Manoel Pereira Belém migra para a freguesia da Vila de São Francisco Xavier de Itaguaí. Enquanto Enéas Pereira Belém migra com sua família para Queimados.

Quando observamos os recenseamentos para verificarmos como se comportou o município, temos em 1872 sua população estimada em 13.875, já em 1890 sua população

⁸² Ver COSTA, Carlos Eduardo C. da. **Campesinato negro no Pós-Abolição: migração, estabilização e os registros civis de nascimento. Vale do Paraíba e Baixada Fluminense, RJ. (1888-1940)** Dissertação de Mestrado, Niterói. UFF. 2008.

⁸³ Pude encontrar parte dessas certidões de nascimento no Family Search e uma parte me foi apresentada pelo Genealogista José Araújo que se dedica a genealogia de sua família. A documentação está presente ao longo do texto.

⁸⁴ BNDigital. *Almanak Laemmert*, seção Províncias. 1882, 1883.

total era de 13.569. Portanto, em 18 anos houve praticamente uma estagnação demográfica em Itaguaí, justamente em um período onde o declínio do café, como vimos ao longo deste trabalho, foi bastante acentuado. No último censo, em 1900, há realmente um decréscimo populacional em 18%, passando para 11.170.⁸⁵

No mesmo ano, 1883, um outro Almanak, também da tipografia administrada pelos Irmãos Laemmert, o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*⁸⁶ faz uma nota informando que naquele ano eles não tiveram informações sobre a freguesia do Bananal. A nota não explica por que não há informações sobre aquela freguesia. No ano seguinte, 1884, a freguesia do Bananal sequer aparece como uma das freguesias que fazem parte do Município de Itaguaí.⁸⁷ Se pensarmos sobre a crise enfrentada pelo município nos anos finais da escravidão associado à crise do café e as constantes epidemias de malária, poderíamos pensar em um cenário dramático de amplo abandono da freguesia do Bananal. Mas, voltando a trajetória dos Pereira Belém, sobre a morte de Manoel Pereira Belém, o jornal *O Globo* de 1875⁸⁸ nos traz maiores detalhes sobre a vida do filho de Pedro Cypriano Pereira Belém e a continuação do legado dos Pereira Belém.⁸⁹

Falleceu (sic) na Rua Conde d'Eu n.208 Manoel Pereira Belém, nascido e baptisado (sic) na Villa de Itaguahy, filho de Pedro Cypriano Pereira Belém e Maria Tereza da Paz já fallecido, casado em 2º núpcias com D. Maria Carolina Dias Belém, de cujo consórcio existem dous (sic) filhos, de nome Otena e Eutrope.

Declarou que do primeiro consórcio existem três filhos de nomes Cornelia, Adelaide e Maria, estas ainda menores, e para as quaes nomeia por tutor a seu sogro, e das do segundo matrimônio, nomeia por tutora a sua mulher; que não é irmão de ordem alguma; que não liberta nenhum escravo; que tem uma sociedade agrícola com seu sogro Manoel Pereira Dias, na freguezia do Bananal em Itaguahy; que é um dos seus maiores desejos, que a referida sociedade continue a vigorar por espaço de quatro anno (sic), a fim de satisfazer todos os seus credores; que possui nove escravos de nome Fortunato, Gabriel, Graciano, Malaquias, Firmino, Romano, Manoel e Maria; que possui diversos bens na freguezia (sic) do Bananal em Itaguahy (sic), os quais constam de casas, terras e engenhos, estando todos sujeitos a hipotecas; que até o anno passado estava quite com o seu sócio, devendo ser atendida a escriptura que o mesmo apresentar no fim do corrente anno, com referênciã a referida sociedade, que deve continuar sobre a sua direcção; que todos os seus credores são conhecidos do seu sócio; que o contrato que tem em seu nome com o Barão de Itahy é pertencente ao seu sogro.

Nomeou testemunhas em 1º lugar seu sócio Manoel Pereira Dias, em 2º sua mulher, e em 3º a José Leocadio Pamplona Couto, a vontade dos quaes será feito o seu enterro, celebrando-se 5 missas por sua alma e 5 pela de seus pais.

⁸⁵ OLIVEIRA, Max. Op. Cit. 2015.

⁸⁶ BNDigital. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*.

⁸⁷ BNDigital. *Almanak Laemmert*, seção Províncias. 1884.

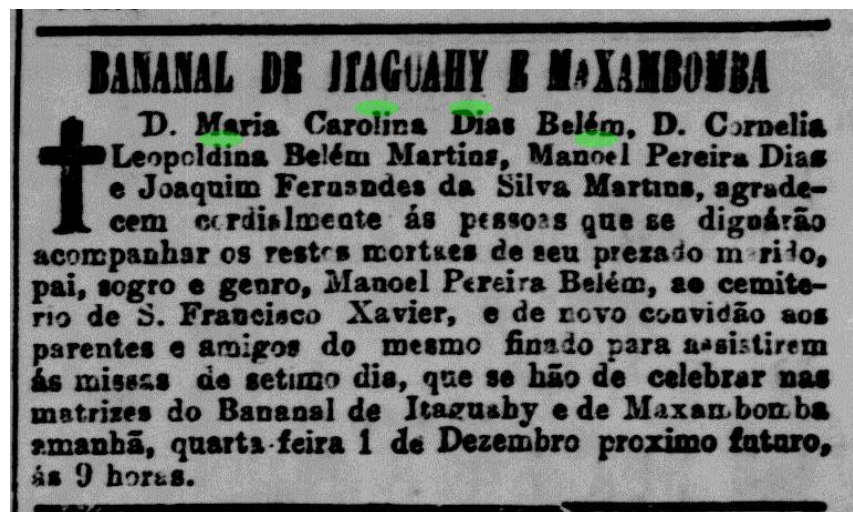
⁸⁸ Este jornal "O Globo: Órgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ)" circulou na cidade do Rio de Janeiro até o ano de 1890.

⁸⁹ BNDigital. *Jornal O Globo* (RJ), 1875, edição 0324(1).

Este testamento foi feito em 17 do corrente, apresentado por Joaquim Fernandes da Silva Martins, e aberto no dia 25 do corrente, às 6 ½ horas da tarde, pelo Dr. juiz da provedoria, em sua residência.⁹⁰

Além da transcrição do testamento de Manoel Pereira Belém, encontramos informações sobre a causa da sua morte no mesmo jornal *O Globo*, em outra edição, onde informa que Manoel Pereira Belém faleceu aos 47 anos de cancro no estômago.⁹¹ No dia 30 de novembro de 1875 sua família agradecia a presença dos amigos presentes em seu enterro e convidava para as missas de sétimo dia que ocorreriam na Matriz da Freguesia de Bananal e em Maxambomba, como podemos ver na imagem abaixo.

Figura 3 - Manoel Pereira Belém



Fonte: Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional. Jornal O Globo, 30 de novembro de 1875.

Seus bens foram colocados para a arrematação através de um edital de praça no ano de 1877, em publicação do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro de 04 de dezembro.⁹² Assim, tivemos acesso a informações referentes aos bens deixados por Manoel Soares da Silva. Segundo a Publicação, o edital de praça se destinaria a arrematação dos bens com o seguinte objetivo: “os bens abaixo declarados, para pagamento de legítimas de orphãos, dívidas e despesas atendidas no inventário dos bens do finado Manoel Pereira Belém.”⁹³ Entre os bens a serem arrematados

⁹⁰ BNDigital. Jornal *O Globo* (RJ) 1875, edição 0324(1)

⁹¹ BNDigital. Jornal *O Globo* (RJ) 1875, edição 0326(1)

⁹² BNDigital. *Jornal do Commercio* (RJ), ano 1877, edição 00336.

⁹³ BNDigital. *Jornal do Commercio* (RJ), ano 1877, edição 00336.

estavam desde cadeiras, mesas até alguns bens de raiz como uma casa que servia de engenho, um engenho a vapor e seis senzalas cobertas de sapé.⁹⁴

2.12 Os últimos anos em Itaguaí de João Pereira Belém

Os documentos não esclarecem alguns detalhes sobre a trajetória da família Pereira Belém, ao menos, o ramo que se inicia com o batismo de João Pereira Belém, pai de Enéas Pereira Belém. Por exemplo, não sabemos em que ano a família decide abandonar a freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, Itaguaí, em direção a Nova Iguaçu, nem tampouco as suas motivações. Depois de ter apresentado o contexto econômico da região, as crises relacionadas ao final da escravidão, as enchentes, as epidemias, é provável supor que viver ali não deve ter sido uma das tarefas mais fáceis.

O primeiro filho do casal, Pedro Pereira Belém, nasceu em 1883. Portanto, um período em que a freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal passava por grandes dificuldades e criar um filho poderia ser muito difícil. É importante observar que estamos falando de uma migração interna, na mesma região. Se houve uma grande migração de saída de Itaguaí no final do século XIX, ela não se deu exclusivamente em direção à capital, o Rio de Janeiro, ou em direção ao Vale do Paraíba. Mas, podemos supor que outras famílias como a de João Pereira Belém também optaram por uma migração interna e a localidade escolhida foi Nova Iguaçu.

É muito possível que o medo da febre amarela que assolava a região tenha tido um peso significativo nesta decisão, afinal de contas, os filhos precisavam ser protegidos. Sem saber o ano, se foi no verão ou no inverno que o casal deixou Bananal, podemos fazer um exercício imaginativo, dentro de determinados limites e inspirados no exercício de escrita realizado por Natalie Zemon Davis no livro *O Retorno de Martin Guerre*, ao refletir sobre as condições climáticas e sociais que a família descrita por ela encontrou em seu trajeto migratório.⁹⁵

João e Teodora não fizeram um caminho tão longo, quando o analisado por Natalie Zemon Davis, afinal, a freguesia do Bananal fazia limite com a freguesia de Nossa Senhora da Conceição

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ DAVIS, Natalie Zemon. *O Retorno de Martin Guerre*; trad." Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra (1987).

de Marapicu, Nova Iguaçu. Mas, a família escolheu um outro destino dentro do vasto limite de Nova Iguaçu, eles seguiram em direção a localidade de Queimados e, só depois, migraram para o que hoje conhecemos como o centro de Nova Iguaçu.

Sabemos que as enchentes sazonais mudavam radicalmente a relação que a população tinha com a região, portanto, se a família decidiu migrar durante o verão, período em que as enchentes sazonais aconteciam, devem ter enfrentado grandes dificuldade, já que as enchentes além de alagar a região que é bacia hidrográfica do rio Guandu, também destruía pontes e aterramentos em diversas áreas daquela localidade, tornando muito difícil o deslocamento na região.⁹⁶

Definitivamente, o melhor momento para a migração não era no “tempo das águas”, como se referiam na época. Portanto, o período de estiagem e também de diminuição das epidemias de febre amarela parece ser o melhor momento para realizar uma mudança com a família. Ainda sobre as razões deste deslocamento, Nova Iguaçu deveria, já naquele período, demonstrar elementos atraentes em relação a Itaguaí. É preciso lembrar que com a passagem da estrada de ferro, essas cidades terão sua vida econômica impactada com a mudança do núcleo econômico para perto de onde os trens passavam.

O centro, hoje, de Nova Iguaçu está junto à estrada de ferro, mas a sua fundação e desenvolvimento como vila, inicialmente, foi em outra área do município, conhecida como Iguaçu velho. Portanto, quando a família decide migrar, ela estava deixando uma Itaguaí em crise e se direcionando para uma Nova Iguaçu, pois a anterior, que dependia da passagem dos tropeiros, do comércio transportado pelos rios da região, tinha entrado em decadência.⁹⁷

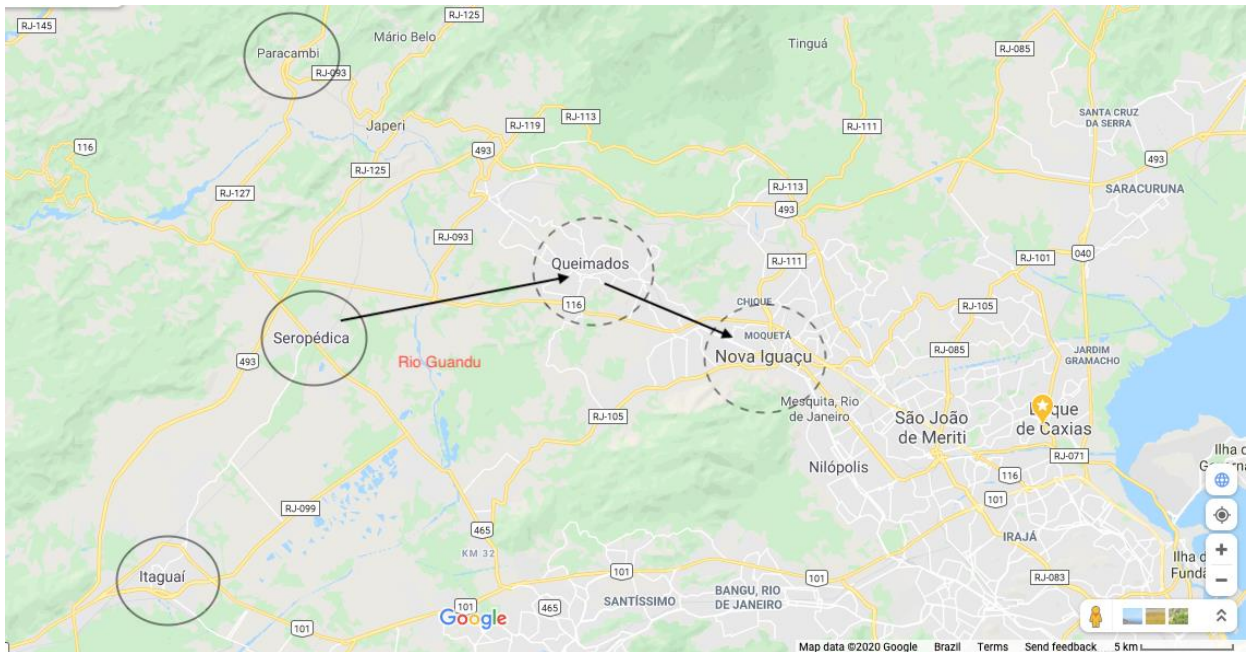
Ainda podemos supor haver laços com parentes próximos, amigos, uma rede de sociabilidade que influenciou na escolha da família. Por isso, pode-se dizer que uma junção de elementos levou a família Pereira Belém de João e Teodora a migrar para Queimados e posteriormente para Nova Iguaçu. A crise enfrentada por Itaguaí, as enchentes, as epidemias, uma

⁹⁶ Atas da Câmara Municipal de Itaguaí, jornais do período constantemente relatavam o problema, como vimos na seção deste capítulo “A crise, a estrada de ferro e as enchentes.”

⁹⁷ Rodrigues, Adrianno. **De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo**. Diss. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, 2006.

localidade próxima, Nova Iguaçu, mais promissora e a ligação com outros indivíduos que moravam na outra localidade.

Figura 4 - Trajeto migratório



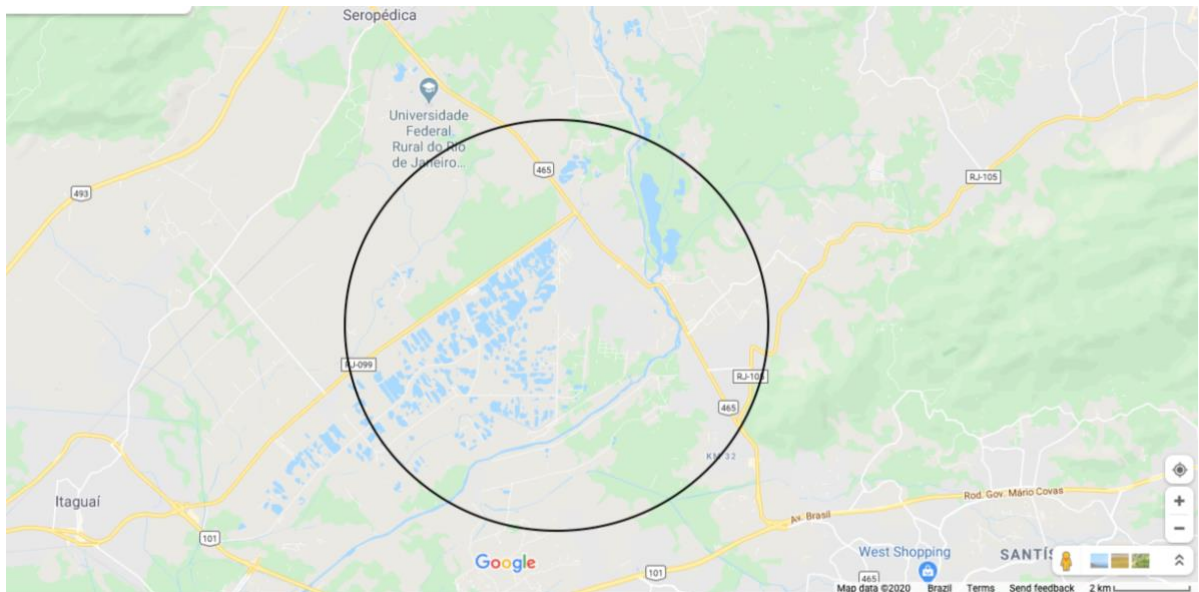
Fonte: Google Maps.

Para ilustrar, a imagem acima retirada do *Google Maps* atualmente (2020), ajuda a termos uma noção geográfica da localidade. É possível ver as três freguesias que pertenciam a Itaguaí no final do século XIX, estão dentro dos três círculos. A primeira, de baixo para cima, no canto esquerdo, hoje cidade de Itaguaí, era a Freguesia da Vila de São Francisco Xavier de Itaguaí, sede do município. A segunda freguesia, onde aparece a cidade de Seropédica, ficava a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, foi nesta freguesia que João Pereira Belém nasceu. E, por último, temos a terceira freguesia que pertencia a Itaguaí. Onde hoje se vê Paracambi, era a Freguesia de São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages.

Os círculos pontilhados mostram as duas localidades em que a família decidiu migrar e as duas setas indicam o ponto de partida e o ponto de chegada. Na época a localidade de Queimados pertencia a Nova Iguaçu. Portanto, eles saem inicialmente de Bananal e seguem em direção a

Queimados, depois seguem para Nova Iguaçu. Note que no caminho a família precisaria, independente da direção que escolhessem, atravessar o Rio Guandu. Portanto, no período das chuvas essa tarefa podia ter suas complicações pelo transbordamento do rio e pelas pontes que, em muitos casos, eram danificadas pelo volume das águas, como vimos anteriormente.

Figura 5 - Terras alagadas



Fonte: Google Mapas.

Nesta segunda imagem mais aproximada é possível perceber que ainda hoje uma grande área entre Seropédica e Itaguaí possui vários pequenos lagos próximos ao Rio Guandu. É importante lembrar que a região faz parte da bacia hidrográfica do mesmo rio. Uma região de terras baixas e que está sujeita a enchentes que acontecem anualmente no período das chuvas.

2.13 Conclusão.

Neste capítulo busquei apresentar a família Pereira Belém, o ramo negro desta família iniciado com o nascimento de João Pereira Belém e sua continuidade através do seu casamento com Teodora Pereira Belém. Apresentei também, a outra família Pereira Belém, composta por proprietários de terras na região e refleti sobre as razões do apadrinhamento, como possíveis

relações anteriores entre essas famílias, relações entre os Pereira Belém com os escravizados de suas propriedades.

Com a análise do contexto em que esta família estava inserida, através da análise econômica da cidade de Itaguaí, observamos que a segunda metade do século XIX foi um período de grandes transformações na região. Houve uma mudança clara do perfil produtivo dos sítios e fazendas em Itaguaí. Se no início dos anos de 1850 o café figurava em todas as propriedades analisadas como principal produção, nas décadas seguintes o seu plantio foi decaindo em detrimento da cana de açúcar na década de 1870 e mais uma vez o perfil muda já nos anos de 1890 para a policultura, a produção de diversos gêneros. Uma forma dinâmica encontrada por aqueles produtores para se adaptarem às mudanças econômicas e sociais do período.

A chegada da estrada de ferro, o abandono dos rios da região, o final da escravidão, as enchentes sazonais, as epidemias de febre amarela, que aconteciam constantemente, tornaram a vida em Itaguaí muito difícil e provavelmente foi determinante para que João e Teodora decidisse por abandonar aquela localidade. Uma migração acentuada ocorreu em Itaguaí e neste estudo de caso podemos observar que a escolha pela migração não se deu apenas para a capital, o Rio de Janeiro, ou para o Vale do Paraíba, mas sim, para o município que estava ao lado, Nova Iguaçu.

Portanto, tentei lançar um olhar sobre o começo da trajetória desta família utilizando uma visão micro-histórica, ao mesmo tempo em que os dados macroscópicos sobre a localidade em que estavam inseridos, nos permitiram compreender o universo que os rodeava e, que necessariamente, influenciou em suas decisões, como deixar a freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal em direção a localidade de Queimados.

No próximo capítulo vamos analisar o contexto das migrações da população negra no pós-abolição, articulando com a trajetória desta família. Outro ponto importante será conhecer Nova Iguaçu mais a fundo e compreender o contexto econômico e social em que a família Pereira Belém estava se inserindo, os motivos de atração para aquela cidade. Quais espaços de sociabilidade a família conseguiu construir na nova localidade?

3 CAPÍTULO II – Família e migração no pós-abolição da Baixada Fluminense.

3.1 Trajetórias de famílias negras.

O historiador Rodrigo Weimer enfoca a análise da memória da escravidão e do pós-abolição em uma escala microscópica, compreendendo que o acompanhamento mais detalhado de processos sociais pode ajudar a elucidar processos macrodimensionados.”⁹⁸ Em seu trabalho, Weimer reflete sobre o passado através das recordações acerca do mesmo. O autor trabalha com a memória, e ela guia seus passos, paralelo com a documentação histórica. Essa abordagem e o que vem à tona dos períodos históricos ganham relevância através dessas memórias.

Mas, muitas vezes, além de um silêncio nos arquivos, há também a impossibilidade de trabalhar com relatos orais, com outras fontes que permitam chegar a essas memórias. Então, como acessar esses sujeitos, quando os sujeitos não deixaram relatos, falas diretas sobre o que pensavam, o que queriam, seus anseios mais íntimos, permanentes ou provisórios? Como acessar esses lugares quando a própria entrevista não é possível a boa parte dos personagens aqui analisados?

Além de Davis, citada no capítulo anterior, ao trabalhar com o conceito de imaginação controlada.⁹⁹ É preciso refletir também sobre conceito desenvolvido por Saidiya Hartman quando a autora desenvolve a ideia de *critical fabulation*. Hartman também usa a imaginação para descrever aquilo que não conseguimos comprovar através dos documentos, mas tendo como referência a escritora Toni Morrison para analisar sujeitos historicamente excluídos. Hartman entende que para contar a história de grupos silenciados, é preciso usar a imaginação, não uma imaginação sem fundamentos, mas, uma que preencherá os silêncios através da compreensão

⁹⁸ WEIMER, R. de A. **A gente da Felisberta**. Niterói. 2013. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) UFF. p.5

⁹⁹ Ver capítulo anterior, p.33.

daquilo que pode ter acontecido, depois do cruzamento de fontes e tudo que o pesquisador já estudou sobre o assunto.¹⁰⁰

Assim, utilizo *critical fabulation* para abordar aspectos da vida desses sujeitos, que de outra forma, seria muito difícil de ser realizado. Mas, como dito antes, a imaginação preenche aquilo que o pesquisador compreende como o mais provável caminho, após a análise de diversos outros documentos. Aquilo que quase pode comprovar, depois do cruzamento de fontes, mas que só pode ser preenchido desta forma, fabulando criticamente, imaginando, ancorado em suas pesquisas.

Como o leitor deve ter observado, estamos pensando os sujeitos e não um objeto de pesquisa, como durante muito tempo e, ainda hoje, é a forma como nós historiadores nos referimos ao tema de uma pesquisa em História. E, quando possível, como deixar que os sujeitos falem através das fontes? Muitas dessas perguntas não possuem uma resposta única ou objetiva. Possivelmente será na prática que surgirão os métodos, conceitos, teorias, que permitirão tal objetivo.¹⁰¹

O papel da família se torna um elemento central nesta pesquisa, como também observou Weimer e outros autores que veremos a seguir. A família antes não percebida como um elemento balizador de estratégias durante o período da escravidão e do pós-abolição, agora ganha contornos de grande importância na dinâmica social e migratória dessas populações. Por isso, entender essas subjetividades, é importante para a compreensão das motivações, dos anseios desses sujeitos.

Carlos Eduardo C. Costa em artigo publicado na Revista Brasileira de História¹⁰² busca ampliar as pesquisas sobre as experiências coletivas de famílias negras no pós-abolição. O autor afirma que é possível entender que a falta de análise de famílias negras no pós-abolição é um

¹⁰⁰ Entre outros trabalhos, Saidiya Hartman, utiliza *critical fabulation* no livro *Wayward Lives, Beautiful Experiments: Intimate Histories of Social Upheaval*, 2019. A autora analisa uma revolução na intimidade sexual da população negra no início do século XX nos EUA, como a de jovens mulheres que buscavam fugir de roteiros que deveriam ser seguidos por elas em relação a sua vida íntima.

¹⁰¹ O diálogo será travado com autores como Grada Kilomba e Gayatri Chakravorty Spivak.

¹⁰² COSTA, C. E. Revisitando 'Família e Transição': família, terra e mobilidade social no pós-abolição: Rio de Janeiro (1888-1940). **Revista Brasileira de História**, v. 35, n. 69, p. 35-58, 2015.

problema que novas pesquisas devem resolver, completando o estudo da família negra já realizada durante o tempo do cativo, mas agora no pós-abolição.¹⁰³

A família é vista como elemento central de diversas estratégias durante o período do pós-abolição. Costa ressalta o aumento de membros dentro da mesma unidade familiar, como uma das estratégias utilizadas. A Família Pereira Belém abordada neste capítulo é uma família com seu núcleo familiar bastante extenso. João Pereira Belém, casado com Theodora Maria da Conceição, teve oito filhos.¹⁰⁴

Costa nos apresenta um diferencial em sua pesquisa, a utilização de dados retirados de registros civis de nascimento do município de Nova Iguaçu entre os anos de 1889 e 1940, com destaque para a presença da cor naqueles registros. O que segundo o autor permite uma análise que tenta suprir a ausência da cor no Censo do mesmo período. A cor, considerada um elemento fundamental para as pesquisas no pós-abolição, é ao mesmo tempo bastante ausente dos registros analisados pelos pesquisadores.¹⁰⁵

Nos registros civis de nascimento do Município de Itaguaí também encontramos a cor das crianças registradas durante o início do século XX. No mesmo período encontramos também um vasto conjunto de inventários, muitos deles de pequenas propriedades que podem ser de descendentes de escravos. Ainda sobre a pesquisa desenvolvida por Costa para Nova Iguaçu no início do século XX, o autor trabalha com três categorias de possíveis estruturas familiares.

A primeira estrutura familiar seria a nuclear, com pai, mãe e filhos no centro da estrutura. A segunda categoria trata de famílias estendidas que se configuram pela presença de outros parentes como tios, avós e netos. E, no último caso, o autor define família complexa como aquela que além de conter os parentes, aparecem também elementos agregados que não possuem uma relação consanguínea. Tanto Weimer como Costa compreendem a família como elemento que possibilitava mobilidade social.¹⁰⁶

¹⁰³ Ver, FLORENTINO, Manolo. **A paz das senzalas**. SciELO-Editora UNESP, 2017.

¹⁰⁴ COSTA, C. E. Revisitando Família e Transição: família, terra e mobilidade social no pós-abolição: Rio de Janeiro (1888-1940). **Revista Brasileira de História**, v. 35, n. 69, p. 35-58, 2015.

¹⁰⁵ CASTRO, Hebe Maria Mattos de. Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista—Brasil século XIX. **Rio de Janeiro: Arquivo Nacional**, 1995.

¹⁰⁶ COSTA, C. E. Op, Cit, 2015, p.8

Um dos trabalhos pioneiros sobre família no pós-abolição foi o livro *Ao Sul da História* de Hebe Mattos, que analisou pequenas propriedades em Capivari.¹⁰⁷ Ainda podemos citar Ana Rios que ressaltou a importância da família e do acesso à terra como condições de sobrevivência e ideais de trabalho almejados, além de Maria Helena Machado que destacou a formação de uma economia camponesa à margem das grandes propriedades cafeicultoras.¹⁰⁸ Desta forma os “estudos recentes a respeito do pós-abolição tendem a ressaltar a diversidade regional e as diferentes situações vividas pelos libertos, em lugar de propor uma leitura generalizante e unívoca.”¹⁰⁹

Segundo as autoras Hebe Mattos e Ana Rios, foram três os caminhos trilhados pelos libertos e seus descendentes no pós-abolição. Um grupo, mais próximo dos fazendeiros, com famílias mais estáveis, ficaram nas propriedades. O segundo grupo decidiu migrar para outras localidades. Note que decidir migrar, muitas vezes, não era simplesmente uma escolha, mas uma decisão sem melhores alternativas para os libertos sem família, sem vínculos profundos com seus antigos senhores.¹¹⁰

Um terceiro grupo foi para os antigos quilombos que antes abrigavam os negros fugidos e que no pós-abolição se tornaram comunidades isoladas. Ir para os quilombos era a possibilidade de viver sem precisar vagar de cidade em cidade em busca de empregos precários e sofrer cotidianamente o preço por trazer na pele as marcas da escravidão. Por outro lado, pagava-se o preço do isolamento e falta de acesso a recursos que a inserção na sociedade poderia trazer.¹¹¹

Os que se estabilizaram nas chamadas “terras de pretos” conseguiram fugir das estruturas capitalistas que jogaram todos em um universo de instabilidade e busca constante por trabalhos de toda ordem. Em sua grande maioria, esses trabalhos reproduziam relações bem próximas das vividas durante o tempo do cativo. Portanto, as autoras acreditam que a migração para os

¹⁰⁷ MATTOS, Op, Cit., 2009.

¹⁰⁸ MATTOS, Op, Cit., 2009; RIOS, Ana Maria Lugão. **Família e transição: famílias negras em Paraíba do Sul, 1870-1920.** Dissertação de mestrado. História. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1990; MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição.** Editora Ufrj, 1994.

¹⁰⁹ Weimer, Op. Cit. 2013. p,22

¹¹⁰ RIOS, Ana Lugão; DE CASTRO, Hebe Maria Mattos. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição.** Editora Record, 2005.

¹¹¹ RIOS, Ana Lugão; DE CASTRO, Hebe Maria Mattos. Op, Cit, 2005.

quilombos foi menos traumática, pois isolados da sociedade e sua engrenagem, os libertos conseguiram viver em comunidades independentes que tinham sua estrutura autossuficiente.¹¹²

As autoras acreditam, a partir das entrevistas coletadas, relatos dos entrevistados descendentes de escravos, que os negros que migraram para outras localidades em busca de oportunidades, foram os que mais sofreram, os que mais viveram uma realidade de profunda instabilidade e amargaram trabalhos da pior ordem, quando os tinham, e sofreram ainda mais o preconceito do que os libertos que seguiram outros caminhos.¹¹³

3.2 De estação a estação.

Trem de Ferro

Café com pão
Café com pão
Café com pão
Virge Maria o que foi isto maquinista?

(...)

Aô ...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De inagaseira
Debruçada
No riacho
Que vontade de cantar

(Manuel Bandeira)¹¹⁴

Quando deixou a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, a família Pereira Belém seguiu em direção a Queimados, na época parte do município de Nova Iguaçu. É válido

¹¹² Idem.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ Bandeira, Manuel. “Trem de Ferro”, in *Estrela da manhã. Antologia Poética 7* (2012)

tentar compreender as razões que levaram João e sua família a se deslocarem da freguesia do Bananal em direção àquela localidade do município vizinho. Desta forma, pensar no significado que tinha a estrada de ferro que cortava a região desde meados do século XIX, pode ser bastante esclarecedor para esta questão.

A inauguração da primeira via férrea do Brasil aconteceu no dia 30 de abril de 1854, a Estrada de Ferro Mauá, que em seu primeiro trecho possuía 14 km e 500 metros, “compreendendo as estações de Mauá (porto do mar), Inhomirim e parada provisória de Fragozo”, que ficava na Vila de Estrela. ¹¹⁵ “Posteriormente, a linha atingiu a fazenda de Belém, atual Paracambi, recebendo as primeiras cargas de café de Mendes.” ¹¹⁶

Essa primeira experiência ferroviária começava o seu trajeto no Porto do Rio, hoje praça Mauá, de onde embarcava-se em um dos vapores que percorria a Baía de Guanabara em direção ao seu recôncavo, mais precisamente, ao porto de Estrela, na atual cidade de Magé. Junto ao porto foi construída uma estação para a locomotiva, que estava, portanto, integrada aos navios que ali aportavam. Ao embarcar no trem, passageiros e mercadorias seguiam em direção a Inhomirim, ao pé da serra de Petrópolis. ¹¹⁷

Esse trajeto remonta o Caminho Novo, ainda durante o período colonial brasileiro, que saía do Rio de Janeiro em direção a Minas Gerais. Basta lembrar que no início do século XVIII foi justamente em Inhomirim que se construiu o Caminho do Proença. O nome fazia referência ao sargento-mor Bernardo Soares de Proença que mandou seus escravos construírem o trecho entre os anos de 1722 e 1725, fazendo parte do Caminho do Ouro. Portanto, mais de 100 anos depois, o que a estrada de ferro fazia era facilitar o trânsito de pessoas e mercadorias em um pequeno trajeto que vinha de Minas Gerais pela serra, se conectando com o Porto de Estrela em direção ao Rio de Janeiro. ¹¹⁸

¹¹⁵ PAULA PESSOA, V. A. **Guia da Estrada de Ferro Central do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 568 p. Guia de estradas de ferro, 1901, p. 29 (disponível em <https://archive.org/details/guiaaestrada00brazgoog/page/n2/mode/2up>) ; COSTA, Carlos Eduardo C. *De Pé Calçado: Família, Trabalho e Migração na Baixada Fluminense, RJ.(1888-1940)*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, p. 53-54.

¹¹⁶ COSTA, Carlos Eduardo C. Op. Cit. 2013, p. 53-54.

¹¹⁷ PAULA PESSOA, V. A. Op. Cit.1901.

¹¹⁸ Idem.

Em 1865, os trilhos, através dos seus ramais, já alcançavam diversas cidades como a Barra do Piraí, Vassouras e Paraíba do Sul. Servindo não só para o transporte de carga, como para a produção de café do Vale do Paraíba, mas também para o de passageiros.¹¹⁹ Mas, foi somente em 29 de março de 1858 “(...) a companhia Estrada de Ferro D. Pedro II inaugurou o primeiro trecho de sua linha de extensão de 47 quilômetros e 210 metros compreendendo cinco estações: Corte, Novo Engenho, Cascadura, Maxambomba e Queimados.”¹²⁰

No Guia da Estrada de Ferro Central do Brasil de 1901, o autor faz interessantes descrições sobre a localidade de Queimados que ajuda a pensar sobre seus aspectos geográficos e sociais. Segundo Paula Pessoa, depois da estação de Queimados encontravam-se grandes pântanos marginais do rio São Pedro que se estendiam até Belém.¹²¹ Devido a região pantanosa, as febres causadas pelas epidemias, dificultaram a própria construção da estrada de ferro, pois muitos trabalhadores desistiam da empreitada, mesmo quando oferecido salários maiores do que o normal. Ainda segundo o autor, as epidemias continuavam acontecendo nos anos de 1900, período em que a obra foi escrita.¹²²

Foi justamente a fuga desses trabalhadores que tornou a imigração de chineses uma opção para solucionar o problema. Os chineses foram responsáveis por grandes aterramentos na região e também sofreram com as epidemias, alguns relatos afirmam que milhares morreram durante os trabalhos, mas é delicado oferecer números aproximados, pois necessitaria uma pesquisa mais aprofundada sobre a vinda dos chineses para o Brasil no período, elemento secundário neste trabalho, apenas utilizo para contextualizar a narrativa da família Pereira Belém.¹²³

Segundo o IBGE a presença dos trabalhadores chineses e o seu ritual funerário de queimar os mortos, seria uma das diversas hipóteses para a origem do nome Queimados. Durante as epidemias de malária, muito comuns na região, era o que faziam com os corpos dos chineses que faleciam com a doença. Outras hipóteses falam de um lazareto na região onde também os seus corpos eram queimados. Ainda há uma história sobre a passagem de D. Pedro II na região para a

¹¹⁹ COSTA, Carlos Eduardo C. Op. Cit. 2013, p. 53-54.

¹²⁰ PAULA PESSOA, V. A. Op. Cit., 1901, p. 147.

¹²¹ PAULA PESSOA, V. A. Op. Cit., 1901, p.151.

¹²² Idem, p.151.

¹²³ Idem, p. 151-52.

inauguração da estrada de ferro no momento em que aconteciam as queimadas realizadas por proprietários rurais. Assim, a localidade, que antes pertencia à freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicu, ficou conhecida como “estrada dos queimados”, ou “morro dos queimados”.¹²⁴

Em 1896 aconteceram obras de melhoramento e extensão da via férrea na região, como a linha dupla até a estação de Belém e uma linha tríplice até a estação de Madureira. Entre algumas necessidades que as obras pediram, foi possível notar mais uma vez a presença de aterros e pontes para a conclusão das obras, “entre Sapopemba e Queimados as dificuldades foram maiores, salientando-se entre elas: as pontes sobre os rios Caramujo e S. Pedro e a execução de grande aterro entre os quilômetros 58 e 60.”¹²⁵

Nos anos de 1900, a Seção 1 da Estrada de Ferro D. Pedro II, da qual fazia parte a estação de Queimados, que ficava em seu quilômetro 48, teve sua primeira estação na cidade do Rio de Janeiro, a estação Central, na Praça da República, anteriormente conhecida como Campo de Santa Anna e, onde hoje, se encontra a estação Central do Brasil. O edifício da época foi descrito como um grande prédio com vasta área coberta nas plataformas para os trens que saíam em direção ao interior, ao subúrbio e para os trens de carga. O edifício possuía dois pavimentos e uma ligação com a estação marítima Gamboa que ficava na zona portuária da cidade. Essa conexão, hoje não mais existente, era a forma encontrada para que o trânsito de mercadorias pudesse seguir para os armazéns e posteriormente fossem embarcados ou desembarcados através do porto da cidade.¹²⁶

Em seu trajeto a Seção 1 passava por diversas estações do subúrbio carioca como as estações de São Cristóvão, Méier, Piedade, Madureira, Maxambomba, Queimados e Belém a sua última parada, onde havia uma estação maior que permitia que os trens ficassem estacionados. Como vimos no capítulo anterior, a chegada da estrada de ferro no século XIX modificou a Baixada Fluminense em diversos aspectos, como a própria geografia urbana da região, pois por onde os trilhos passavam havia comércio, progresso e mobilidade para outras localidades. Portanto, estar próximo a uma estação de trem era uma estratégia de sobrevivência, que ampliava a possibilidade

¹²⁴ Site do IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/queimados/historico> ; <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riodejaneiro/queimados.pdf> (Acessado em 25.05.2020).

¹²⁵ PAULA PESSOA, V. A. Op, Cit.,1901, p. 302.

¹²⁶ Idem. p. 351.

de atuação desses indivíduos na vida econômica e social. Isso pode explicar a família Pereira Belém ter inicialmente se fixado em Queimados.

Não há qualquer documento que entre nesta questão, que possa evidenciar o que teria os levado para Queimados, mas é possível supor que a escolha se vincule a esta hipótese, mediante a outras pesquisas que trabalharam quantitativamente e concluíram que processos migratórios foram influenciados na região da Baixada Fluminense por causa da chegada dos trilhos da Estrada de Ferro D. Pedro II. As histórias de Itaguaí e Nova Iguaçu são influenciadas por este evento que causou, por exemplo, o deslocamento da sede administrativa da hoje localidade conhecida como Iguaçu Velho, para a atual Nova Iguaçu.¹²⁷ Mas, antes de continuarmos com a trajetória da família Pereira Belém, é importante o leitor compreender brevemente a história de Nova Iguaçu.

3.3 A Vila de Iguassú ou Iguaçu Velho.

A história da ocupação da região da Baixada Fluminense remonta o período inicial da colonização, mas as freguesias que dariam início a Nova Iguaçu foram fundadas no século XVII, sendo a mais antiga Nossa Senhora do Pilar de Iguassú em 1637. Dez anos depois, outra freguesia foi fundada, São João Baptista de Trairaponga, rebatizada posteriormente para São João Baptista de Merity. Em 1657 foi fundada a terceira freguesia com o nome de Santo Antônio de Jacutinga. Em 1719 um antigo povoado conhecido como Nossa Senhora do Caminho Velho, vê fundada a paróquia de Nossa Senhora da Piedade do Iguassú. E, somente em 1750 é criada a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicu, a partir de terras que foram desmembradas da freguesia de Santo Antônio de Jacutinga.¹²⁸

A freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicu ficava “Ao sul com a Serra de Madureira e a oeste com o Rio Guandu.”¹²⁹ Lembro ao leitor que essa freguesia ficava ao lado da freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, freguesia da qual João Pereira Belém partiu

¹²⁷ COSTA, Carlos Eduardo C. Op. Cit. 2013; RODRIGUES, Adrianno. **De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, 2006.

¹²⁸ SILVEIRA, Jorge Luiz Rocha da. **Transformações na estrutura fundiária do município de Nova Iguaçu durante a crise do escravismo fluminense.** Niterói. RJ. Universidade Federal Fluminense. Dissertação de Mestrado, 1998. p. 61, 62.

¹²⁹ Idem. p.63.

com sua família em direção a Queimados. A freguesia de Marapicu também é citada como de origem do pai de João, Pedro Gomes de Moraes. Mas, apesar de uma proximidade física e provavelmente, de uma rede parental, não foi a escolhida para a migração da família.

É possível supor que a proximidade geográfica entre as duas freguesias, fez com que elas enfrentassem problemas parecidos e possam ter sido afetadas da mesma forma em relação ao processo de assoreamento dos rios e o alagamento de suas terras, aumentando as epidemias de febre palustre relatadas para o período. A freguesia de Marapicu teve boa parte de suas terras transformadas no Morgado em 1772, permanecendo assim até 1835 com a sua extinção. Na segunda metade do século XVIII essas freguesias produziam a cana de açúcar como principal atividade das grandes propriedades monocultoras, mas outras propriedades menores eram responsáveis por uma produção que deveria encontrar escoamento no mercado interno de alimentos.¹³⁰

Nova Iguaçu surge como um local de passagem de tropeiros que vinham de Minas Gerais e ali encontrava a possibilidade de seguir com seus produtos de barco até o Rio de Janeiro. Segundo relato de viajantes, era ali que uma série de mercadorias eram embarcadas e seguiam pelos rios da Baixada até a cidade do Rio. E era ali também que se fazia a venda de sal e outras mercadorias para os fazendeiros da região.

Há vinte anos passados esse lugar era insignificante e não contava com mais de 30 casas. Aos poucos, porém, os fazendeiros do interior foram se convencendo de que para a farinha de mandioca, o toucinho e o algodão; daí ser mais econômico mandar as mercadorias por via marítima que por terra. Por outro lado, os negociantes estabeleciam aí depósitos de sal, produtos manufaturados, fazendas e vinhos para mais facilmente servirem aos lavradores.¹³¹

O município de Iguassú foi criado em 15 de janeiro de 1833, tendo a instalação de sua câmara de vereadores ocorrido em 29 de julho do mesmo ano. “Assim a povoação de Iguassu - que já contava com a Sede (Matriz) da Freguesia de N. Senhora da Piedade, contaria com outra Sede: do Município de Iguassú.”¹³² Localizado no Recôncavo da Baía de Guanabara, o antigo município

¹³⁰ Idem. p. 67

¹³¹ KIDDER, Daniel P. **Reminiscência de Viagem e Permanência na Província do Sul do Brasil**. Paris: 1863, 2 Volumes. p. 177 In SILVEIRA, Jorge Luiz Rocha da. **Transformações na estrutura fundiária do município de Nova Iguaçu durante a crise do escravismo fluminense**. Niterói. RJ. Universidade Federal Fluminense. Dissertação de Mestrado, 1998.

¹³² BARROS, Ney Alberto Gonçalves de (Coord.). **Memória da Câmara Municipal de Nova Iguaçu**. Nova Iguaçu: Jornal Hoje, 2000. p.8.

de Iguassú, compreendia as freguesias de Nossa Senhora de Piedade de Iguassú, Santo Antônio de Jacutinga, Nossa Senhora do Pillar, Nossa Senhora da Conceição de Marapicú, São João de Merity e Ribeirão da Lage.¹³³

Já na segunda metade do século XIX, como vimos neste capítulo, com a chegada da estrada de ferro, uma mudança do eixo econômico e social acontece em Iguassú, deslocando-se para as proximidades da estação de trem. Foi assim que a localidade de Maxambomba se destacou em detrimento da Vila de Iguassu velho. Em 29 de março de 1858 com a inauguração da estrada de ferro que passava pela região, inaugurou-se uma estação no povoado de Maxambomba, com isso a freguesia de Jacutinga foi perdendo a sua importância. Por isso, foi transferida a Assembleia Provincial para a nova localidade em 29 de novembro de 1862, quatro anos após a chegada da estrada de ferro. Mas, somente em 1891, finalmente há uma mudança administrativa, com a sede do município sendo transferida para Maxambomba, que foi elevada a vila em maio do mesmo ano e, em seguida, à cidade no mês de junho, durante o período republicano, sob o governo de Francisco Portela.¹³⁴

Em 1919 o município possuía administrativamente as seguintes sedes para os seus distritos, outrora chamados de freguesias: 1 Nova Iguaçu, 2 Marapicu, 3 Cava (Estação José Bulhões), 4 Arraial da Pavuna (São João de Meriti), 5 Santa Branca, 6 Xerém (Estação João Pinto) e São Matheus (Estação Engenheiro Neiva), esta última localidade passou a se chamar Nilópolis por lei estadual em 1921. É interessante notar que parte dos distritos que compõem a divisão administrativa de Nova Iguaçu, no início do século XX, está ligada às estações da estrada de ferro que por suas terras passava.¹³⁵

Na edição comemorativa do primeiro centenário do município completados em 15 de janeiro de 1933, José Mattoso Maia Forte, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) ficou responsável pela publicação do livro *Memória da Fundação de Iguaçu - comemorativa do Primeiro Centenário da Fundação da Vila em 15 de Janeiro de 1833* que trazia

¹³³ Idem. p. 9.

¹³⁴ FORTE, José Mattoso Maia. Memórias da Fundação de Iguaçu, comemorativa do primeiro centenário da fundação da villa em 15 de janeiro de 1833. **Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Commercio/Rodrigues & Cia**, 1933. P. 16,17.

¹³⁵ FORTE, José Mattoso Maia. Op. Cit. p. 17,18; <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nilopolis/historico> (Acessado em 25.05.2020)

a lista de distritos que faziam parte de Nova Iguaçu, com suas respectivas povoações. Na tabela a seguir, podemos perceber como os distritos, suas povoações, tinham uma estreita ligação com a passagem da estrada de ferro por suas terras. Se antes, a passagem dos tropeiros, fez surgir a antiga Vila de Iguassu, agora eram os trilhos que faziam surgir novos núcleos populacionais.¹³⁶

Tabela 1 - Distritos de Nova Iguaçu, 1933

Distrito e sede	Povoações
Primeiro distrito - Sede Nova Iguaçu	Cidade de Nova Iguassú; Mesquita, Morro Agudo, na E. F. Central do Brasil; Andrade Araujo, Prata, Ambahi, Santa Rita, Ahiva, Amaral e Carlos Sampaio. _na Linha Auxiliar; Belfort Roxo, Heliopolis, Itaipú, na E. F. Rio d'Ouro.
Segundo distrito - Queimados	Queimados e Austin, na E. F. Central do Brasil, Marapicú, servida por estrada de rodagem.
Terceiro Distrito - José Bulhões.	José Bulhões, Retiro, S. Bernardino, Iguassú, Barreira, Tinguá, Paineiras, Rio d'Ouro, Santo Antonio e S. Pedro, na E. F. Rio d'Ouro.
Quarto distrito - São João de Meriti	S. João de Meriti, Berford, S. Matheus, Thomazinho, Itinga, Rocha Sobrinho, na Linha Auxiliar; Villa Rosaly, Coqueiros, Coelho da Rocha, na E. F. Rio d'Ouro.
Quinto distrito - Bomfim	Palmeiras, antiga sede, servida por estrada de rodagem; Bomfim e Santa Branca, na Linha Auxiliar.
Sexto Distrito - Xerem (Estação de João Pinto)	Pilar, antiga sede, á margem da estrada Rio-Petrópolis; Actura e Rosario, na "Leopoldina Railway"; Xerem, na

¹³⁶ FORTE, José Mattoso Maia. Op. Cit. p. 94, 95

	E. F. Rio d'Ouro
Sétimo Distrito - Nilópolis	Nilopolis, na E. F. Central do Brasil
Oitavo Distrito - Caxias	Caxias e Sarapuí, na "Leopoldina Railway".
Nono Distrito - Estrella	Estrella, na "Leopoldna Railway ".

Fonte: FORTE, José Mattoso Maia. **Memórias da Fundação de Iguaçu, comemorativa do primeiro centenário da fundação da villa em 15 de janeiro de 1833**. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Commercio/Rodrigues & Cia, 1933.

Podemos notar que a referência feita pelo o autor em 1933 para a localização das povoações está ligada a relação que elas tinham com a estrada de ferro e seus ramais. Mas, outros elementos são importantes para pensarmos o município, principalmente na segunda metade do século XIX, período de grandes mudanças vindas de origens diferentes. Não foram só os trilhos da malha ferroviária que modificaram os cenários da Baixada Fluminense, outros fatores contribuíram para o que ficou conhecido como período de crise na região.

3.4 Nova Iguaçu no final do século XIX - Outros aspectos.

No primeiro capítulo vimos diversos fatores que levaram o município de Itaguaí a decadência econômica no final do século XIX. Há exageros nesses relatos da crise, como analisei no final da minha pesquisa de mestrado.¹³⁷ Mas, ao mesmo tempo, não é possível negar que ela tenha existido. A crise aconteceu, em maior ou menor grau, em toda a Baixada Fluminense devido ao final da escravidão, as epidemias constantes e mais intensas, a chegada da estrada de ferro, como já vimos aqui.

Por outro lado, também vimos neste capítulo que fazendeiros e lavradores menores foram afetados de formas diferentes daquelas que afetaram os grandes proprietários. Estes últimos, quando analisados durante o período da chamada crise, acabaram lançando o discurso de decadência para toda a Baixada Fluminense. Mas, esqueceram-se dos menores proprietários que

¹³⁷ Ver OLIVEIRA, Max. Op.cit. 2015.

produziam gêneros alimentícios para o mercado interno e que, aparentemente, foram menos atingidos ou tiveram maior possibilidade de converter as suas plantações para produção de gêneros mais demandados pelo mercado interno naquele momento.¹³⁸

Portanto, o momento de difícil transição não foi exclusividade de Itaguaí, mas foi um momento enfrentado também em Nova Iguaçu. O historiador Jorge Luís Rocha da Silveira, em sua dissertação, ao citar um jurista do início do século XX, nos trás uma interessante descrição do que teria sido a antiga sede da cidade de Nova Iguaçu durante o período de crise. Na descrição ele afirma que “era um fantasma de Vila, abandonada, cuja escassa população vivia presa no Impaludismo. Restringia-se sua existência a vida artificial que lhe dava o oficialismo. (...) A noite mergulhavam no sono agitado pelos excessos da impiedosa malária.”¹³⁹

Na descrição anterior, o elemento predominante de abandono da antiga sede de Iguaçu está relacionado às epidemias, as mesmas que aconteciam em Itaguaí naquele período. Por mais que outros elementos não façam parte da narrativa, é bom lembrar que as epidemias se intensificaram quando os rios da região foram abandonados e entraram em um processo de assoreamento, o que fazia com que suas águas extrapolassem as suas margens e ficassem represadas. O abandono dos rios como forma de transporte do que era produzido na região e o que vinha do Vale do Paraíba está relacionado à chegada da estrada de ferro, como relatado no início deste capítulo. Na sequência, Silveira completa citando outra passagem em que diz: “a vila se despovoou, os canais

¹³⁸ Sobre esta questão João Fragoso vai dizer que a elite dos barões do café teve muita dificuldade em aceitar a crise do café, perdendo tempo em negar a situação, esquecendo que mudar sua fonte econômica, adaptando-se à nova realidade, poderia ser uma solução. Partindo dessa observação, comparo em minha dissertação, aqui já citada (ver nota 43), que os fazendeiros e lavradores de Itaguaí, muito menores que os grandes proprietários de Paraíba do Sul, foram mais eficazes em realizar a conversão de suas produções em momentos de crise, migrando para outra produção, mais estável naquele momento. Ainda assim, é importante pensar em outro argumento: essas pequenas propriedades em Itaguaí, e provavelmente em Nova Iguaçu, ao contrário das analisadas por João Fragoso, não poderiam ser consideradas como “fazendas de café”, porque elas mudavam a sua produção de tempos em tempos. Ver FRAGOSO, João Luís Ribeiro. **Barões do café e sistema agrário escravista: Paraíba do Sul/Rio de Janeiro (1830-1888)**. 71etras, 2013.

¹³⁹ OTÁVIO, Rodrigo. **Coração Aberto: Livro de saudades**. 2 ed. SP: ed. Civilização Brasileira, p.183 A citação é da edição de 1934, mas o livro foi lançado em 1928 *Apud*. SILVEIRA, Jorge Luís da Rocha. **Transformações na Estrutura Fundiária do município de Nova Iguaçu durante a crise do escravismo fluminense (1850/1890)**. 1998. 243 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 1998. p. 33

desde cedo então abandonados se entulhavam de vegetação e lodo, as águas cresceram, cobriram todos os campos, tornando-os imprestáveis...”¹⁴⁰

Mais uma vez, é importante pontuar neste trabalho que muitas dessas análises que compreendiam a Baixada Fluminense como uma região amplamente afetada pela crise que se estabeleceu na segunda metade do século XIX, levaram em consideração os grandes proprietários. Mas, quando observamos também os pequenos e médios que produziam para o mercado interno, verifica-se que havia matizes, pormenores, que não sustentam as imagens de cidades abandonadas.

Feita esta sumária contextualização da história de Nova Iguaçu, podemos voltar à trajetória da Família Pereira Belém, compreendendo melhor qual era o cenário que a rodeava, o que significava para esta família estar naquele município, quais foram as possibilidades de vida que tiveram e o que os poucos documentos encontrados nos contam, nos deixam pistas sobre eles. A partir de agora, tento reconstruir esses anos iniciais de vida da família em Nova Iguaçu através de alguns documentos como notícias de jornais, registros de batismo e casamento, entre outros. Por ser uma família de poucas posses, ou nenhuma, é muito difícil conseguir rastrear suas trajetórias. As camadas menos abastadas da sociedade, normalmente produzem uma quantidade reduzida de documentos que chegaram até os dias de hoje, ou, ao menos, até agora, as metodologias empregadas, mesmo as de História Social, encontram dificuldades em resolver esse problema, apesar de já ter ampliado o repertório de fontes utilizadas.¹⁴¹

Reiteramos que não foram encontrados documentos que especifiquem a data para o deslocamento da família, ou seja, não sabemos quando eles deixam a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal em Itaguaí, quando chegam em Queimados e, por último, quando se fixam definitivamente na região onde hoje se encontra o centro da cidade de Nova Iguaçu. Mas, como discutido no capítulo anterior, muito provavelmente se deu no final do século XIX a saída de Itaguaí. Também é provável que a ida para o centro de Nova Iguaçu tenha se dado entre os últimos anos do XIX e início do século XX.

¹⁴⁰ FORTE, J. M. M. **Memória da Fundação de Iguaçu**. RJ: Ed. Jornal do Comércio, 1933, p.65 *Apud*. SILVEIRA, Jorge Luís da Rocha. **Transformações na Estrutura Fundiária do município de Nova Iguaçu durante a crise do escravismo fluminense (1850/1890)**. 1998. 243 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 1998. p. 33

¹⁴¹ VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Campus, 1997.

3.5 A cor dos Pereira Belém.

É muito natural em uma pesquisa longa, característica de uma tese, ocorrerem mudanças em sua própria trajetória. A pesquisa iniciada ganha novos contornos, muda de direção, por razões diversas. As fontes ditam muito os rumos de uma pesquisa, o que se encontra nelas, as perguntas que são feitas a elas, e por aí vai. Mas, uma das mudanças mais significativas desta pesquisa que se iniciou há cerca de sete anos atrás, visto que ela é, sim, uma continuidade da pesquisa iniciada no mestrado. Foi o contato feito por um neto de Enéas Pereira Belém, um dos filhos de João Pereira Belém e Theodora Maria da Conceição, nascido, ao que tudo indica, em Nova Iguaçu.

Já era noite quando recebi um e-mail de alguém que buscava mais informações sobre o seu avô materno, “Meu avô era negro e já imaginava que meus antepassados haviam sido escravos. Relatos orais de minhas tias e de uma prima mencionavam uma localidade chamada Bananal, que eu supunha ser em São Paulo, e um quilombo em Austin, Nova Iguaçu.”¹⁴² Esse foi um ponto de virada nesta pesquisa, porque até aquele momento, tudo que eu tinha sobre a família Pereira Belém e, não era pouco, dava conta de uma família branca proprietária de terras e com forte envolvimento na política local em Itaguaí. Mas, nada falava em qualquer Pereira Belém não branco.

A família Pereira Belém só aparece em minha dissertação no último capítulo e para dar suporte ao argumento usado em relação a outra família que buscávamos, a Soares da Silva. Naquela ocasião tratei das relações estabelecidas por essas duas famílias no momento de crise em Itaguaí. Analisei três gerações em que essas famílias mantinham uma relação muito próxima, com casamentos consecutivos entre primos. Usei como fonte principal para a análise uma série de inventários que encontrei das duas famílias entre o início da primeira metade do século XIX e início do século XX nas freguesias de Bananal e São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages, em Itaguaí.

143

Mas, naquele e-mail José me dizia que seu avô era um homem negro, portanto havia uma ramificação dos Pereira Belém que eu ainda não tinha rastreado e isso ia ao encontro do que já estava tentando realizar no doutorado que era analisar trajetórias de famílias negras que viveram

¹⁴² Trecho retirado do e-mail enviado por José Araújo em 10.11.2017

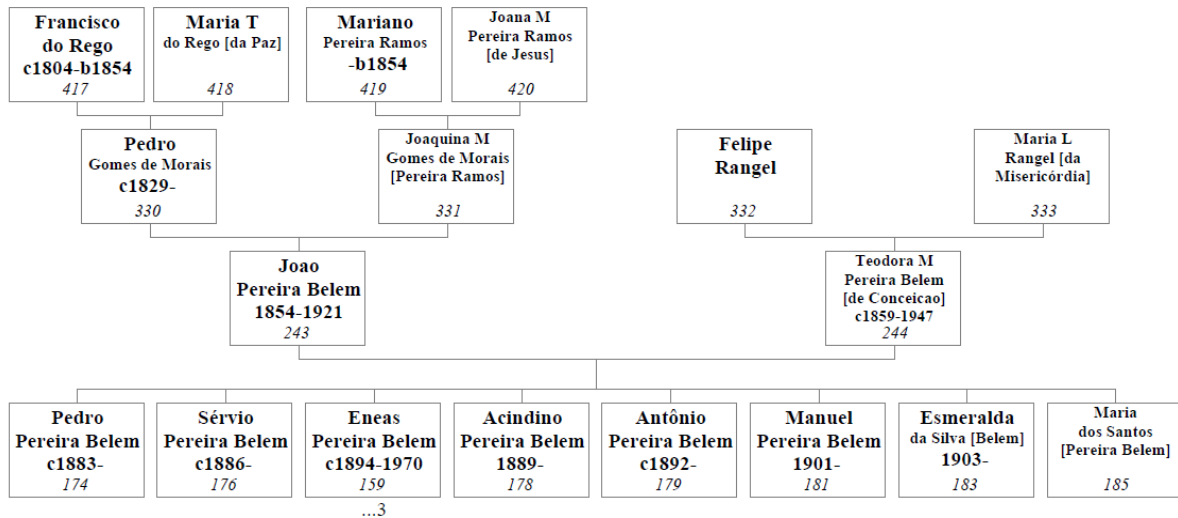
¹⁴³ Ver último capítulo de OLIVEIRA, Max Fabiano Rodrigues de. Op. Cit. 2015.

em Itaguaí entre a segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, partindo da análise de inventários *post mortem* e registros paroquiais e civis de nascimento, casamento e óbito. Mas, essa análise acabou sendo interrompida. Eram os Pereira Belém que melhor correspondiam ao que buscávamos na tese.

3.6 Fragmentos de uma família negra.

E até aqui, o que foi possível de ser apurado sobre a trajetória de João Pereira Belém, pai de Enéas Pereira Belém, o avô mencionado por José em seu e-mail? Segundo a sua certidão de nascimento, ele nasceu no dia 16 de maio de 1854, na freguesia do Bananal, em Itaguaí.¹⁴⁴ Sobre a data de sua morte, conseguimos encontrar a partir da citação em outro documento, o registro de casamento de sua filha, Esmeralda Belém. Naquele documento de 05 de janeiro de 1927, está descrito que João Pereira Belém faleceu em 23 de outubro de 1921.¹⁴⁵ Abaixo segue uma árvore genealógica da família Pereira Belém, tendo as figuras de João Pereira Belém e Theodora Maria da Conceição como elementos centrais da estrutura.

Figura 6 - Árvore da Família Pereira Belém



Fonte: José Araújo, bisneto de João Pereira Belém.

¹⁴⁴ **Family Search.** Registros Paroquiais da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, 1854.

¹⁴⁵ **Family Search.** Registros Civis de Casamento do Município de Nova Iguaçu, 1927.

Acima vemos os filhos gerados a partir da união entre João e Theodora Maria da Conceição. O casal só oficializou a sua união na década de 1900, já no período do pós-abolição, portanto, não é possível saber quando a relação se inicia. Mas, sabemos que o primeiro filho nasceu em 1883, quando João tinha vinte e nove anos e Teodora vinte e três.

3.7 Liberdade em tempos de escravidão

Nada se sabe sobre a infância de João Pereira Belém na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal. Qual vida teria uma criança negra, livre, na segunda metade do século XIX em Itaguaí? O que significava para um homem e para uma mulher negra ser livre na segunda metade do século XIX na freguesia do Bananal de Itaguaí? Dificilmente uma resposta precisa pode ser dada. Muitas variantes teriam que ser pensadas sobre esses significados, essas relações. Como diversas combinações intrapessoais, sociais, econômicas, políticas, locais agiriam concomitantemente sobre essas vidas?

Não quero a partir deste ponto, por um processo de imaginação controlada, ou seja, a partir do que outras pesquisas descobriram sobre os significados da liberdade em tempos da escravidão, tornar as próximas páginas um relato tomado como um algo único dessas experiências que deveriam e, provavelmente, eram múltiplas, diversas. Mas, o objetivo é pensar em elementos que, de alguma forma, perpassavam essas vidas.

O historiador Sidney Chalhoub afirma que uma das características da escravidão brasileira era a possibilidade de o escravizado conseguir sua alforria em taxas superiores do que em outras sociedades. Não que isso significasse ser fácil conseguir a liberdade, ao contrário, era bastante difícil, e ainda estava sob uma condição instável que o autor chama de “precariedade estrutural da liberdade”. Essa condição volúvel tinha diversos significados, desde restrições aos direitos políticos, liberdades condicionadas, até mesmo a possibilidade de revogação de alforrias e a prática de escravização ilegal de pessoas negras livres.¹⁴⁶

¹⁴⁶ CHALHOUB, Sidney. Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX). *História Social*, n. 19, p. 33-62, 2010.

Portanto, mesmo não conseguindo fazer uma conexão direta entre João e os seus pais, com a escravidão, não é difícil supor que para uma família negra, a vida em liberdade na segunda metade do século XIX, possuía diversas barreiras e inseguranças postas por uma sociedade que, mesmo na iminência do fim do cativo, continuava fortemente amparada em práticas que colocavam o negro em uma situação de constante sobressalto.

Rebecca Scott e Jean Hébrard analisam três gerações de uma mesma família que em situações adversas era obrigada a migrar para outras localidades. E, constantemente, por se tratar de uma família negra, vivendo em sociedades escravistas, precisava provar a sua condição de livre. Demonstrando que a precariedade que residia na liberdade de negros e negras no Brasil do século XIX, acompanhou também outras famílias em diversas sociedades entre os séculos XVII e XVIII, em diferentes partes do globo. O que havia em comum entre essas sociedades? Eram locais em que a população negra era escravizada. Para fugir das constantes tentativas de reescravização, o que faziam era apresentar os papéis que comprovavam tal condição, a de livre.¹⁴⁷

3.8 A população de Itaguaí na segunda metade do século XIX

O relatório da Província do Rio de Janeiro de 1854, ano em que João nasceu, informa que em Itaguaí ocorreram oito crimes e que estatisticamente a cidade contava um destes a cada 2000 habitantes, portanto, podemos supor que a cidade devia ter um número aproximado de 16 mil moradores, divididos pelas três freguesias que faziam parte do município. No Almanak Laemmert a população do município só vai começar a aparecer em 1863 e dá conta de uma “população aproximada de 25.000 almas”.¹⁴⁸

Já no Censo de 1872, a população total do município é de quase 14 mil habitantes, divididos entres as três freguesias, vamos considerar esses números, como os mais próximos da realidade do que os citados anteriormente. Os dados apresentados são desmembrados pelas três freguesias, demonstrando que havia um equilíbrio entre a divisão de moradores, sem considerar as dimensões

¹⁴⁷ SCOTT, Rebecca J.; HÉBRARD, Jean M. **Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era da emancipação**. Campinas: Unicamp, 2014.

¹⁴⁸ Informações sobre o *Almanak Laemmert* podem ser acessadas em: <http://ddsnext.crl.edu> (Utilizo um acervo pessoal extraído deste site em 2013. Revisitei o site em 09.06.2020 e verifiquei que as informações continuam disponíveis). Para acessar especificamente a informação citada nesta nota, basta acessar o *Almanak Laemmert* de 1863 e ir para a p.1030 que corresponde a Seção Províncias, p.314.

territoriais que alteravam a densidade demográfica. A freguesia São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages tinha o menor número de habitantes, foi calculado em 4.115. No outro extremo estava a freguesia da Vila de São Francisco com 5.599 moradores.

A população livre era majoritária na freguesia da Vila de São Francisco Xavier, somavam 3.534 do total de 5.599, e correspondiam a 63% da população. Desse total, 2.103 foram classificados como brancos, portanto, entre os livres, 59% era considerada branca, os pardos somaram 881 e correspondia a quase 25%. Por último, a população classificada como preta, somava 457, ou seja, quase 13% dos livres.¹⁴⁹ Evidentemente, quando olhamos para as classificações de cor aqui, precisamos ter em mente que essa categorização não correspondia, necessariamente, ao tom de pele do sujeito.

Em muitos casos, a diferença entre pardo e preto e, mesmo branco, residia em questões de ordem social e econômica, e não estava ligada à cor da pele. É possível perceber sujeitos que iniciam suas vidas registrados como pretos e ao longo de sua trajetória, uma possível ascensão social também faz com que sua cor mude para pardo. Ao mesmo tempo também é possível observar casos em que sujeitos antes considerados pardos, aparecem em registros como brancos. O processo de embranquecimento de pretos e pardos era muito comum e verificado por diversas pesquisas.¹⁵⁰

O cenário não se mostra muito diferente nas outras freguesias que faziam parte de Itaguaí no período. Na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, onde nasceu João Pereira Belém, o mesmo Censo de 1872 informava que entre os 4.115 moradores, 66% eram livres. Entre esses, quase 52% era branco, 32% pardo e quase 16% preto. Se somarmos as categorias pardo e preto, chegamos ao valor de 48%. Portanto, quase metade da população livre era considerada preta ou parte, um grupo expressivo daquela população.

Logo, ser considerado preto ou pardo, na condição de livre, em Itaguaí, na segunda metade do século XIX, não era uma excepcionalidade para o pequeno João e sua família, provavelmente também formada por outros cidadãos que traziam na cor da sua pele as marcas da escravidão ainda legalmente vigente. Theodora, futura esposa de João, também, provavelmente considerada preta

¹⁴⁹ OLIVEIRA, Max. Op. Cit. 2015, p. 31.

¹⁵⁰ DOMINGUES, Petrônio José. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. Editora Senac São Paulo, 2019.

ou parda, trazia o mesmo traço, herdado de sua família, como vimos no capítulo anterior. Tanto João quanto Theodora carregavam suas origens africanas pela árvore genealógica de suas respectivas mães.

Consciente ou não, a união dos dois trazia na cor de suas peles, independente da tonalidade, elementos que os unia naquela sociedade escravocrata. A cor era um elemento que os ligava e também os dava sentido de pertencimento diante dos desafios que enfrentaram e que sabiam serem os mesmos desafios que os seus filhos enfrentariam ao longo das suas vidas. A hipótese que aqui acredito ser plausível é que casamentos entre pessoas consideradas pretas ou pardas podia dar a esses sujeitos um lastro de empatia, de cumplicidade, só possível entre aqueles que, mesmo não tendo vivido o elemento da servidão em suas vidas, em seus cotidianos, eram capazes de compreender intimamente o que aquilo podia significar para quem sofria.

A cor de suas peles, provavelmente, os dava uma capacidade de compreensão de nuances, medos, indignação, que em cidadãos considerados brancos, seria necessário, um esforço maior para alcançar a dimensão do que aquilo poderia significar em suas vidas brancas. Em contraponto, para qualquer lugar que olhassem, João e Theodora podiam ver suas vidas livres espelhadas no outro, iguais a eles, mas em uma condição diferente, da qual eles poderiam em algum momento retornar, ou experimentar pela primeira vez.

Evidentemente, estou trabalhando aqui com uma hipótese que acredito ser possível, mas não excludente de outras realidades, ou de como cada sujeito, no seu íntimo, enfrenta a sua própria vida e aquilo que o cerca. O que estou dizendo, mais claramente, é possível que brancos pudessem alcançar um grau de compreensão profunda com a condição da população negra e que negros conseguissem ignorar o canal afetivo que os ligaria ao mundo de sofrimento ao seu redor, vivido por outros, aparentemente iguais a eles, mesmo quando esses não o viviam na própria pele os males da escravidão. Mas, a probabilidade invertida, me parece mais razoável. A multiplicidade do sujeito e a resposta que cada um dá a realidade ao seu redor é diversa. Mas escolho interpretar o casal João e Teodora por esse caminho.

Neste sentido, a família se torna elemento central e, mesmo, como ela se constituía. Já que partimos da premissa que as condições sociais, o lugar social que ocupavam também os unia na

possibilidade de matrimônios. Sônia M. de Souza ao analisar a população camponesa de Juiz de fora (1870-1920), percebe uma tendência à endogamia geográfica nos casamentos.¹⁵¹

3.9 Migrações sazonais e campesinato negro.

Outro ponto que é importante esmiuçar aqui se trata do rastreamento das possíveis migrações vivenciadas pelo casal no final do século XIX entre Itaguaí e Nova Iguaçu. Isso porque, ao que tudo indica, o casal não simplesmente migrou para a localidade de Austin e lá ficou até a sua migração definitiva para o centro da atual cidade de Nova Iguaçu. Eles seguiram um fluxo de idas e vindas de migrações internas entre Itaguaí e Nova Iguaçu.

Para compreender melhor o que me levou a conclusão explícita no parágrafo anterior, cito a análise dos registros de nascimento dos filhos do casal, realizados nas duas localidades de maneira quase intercalada. A análise desses registros de nascimento também permitiu outras conclusões, que contribuem sobremaneira para compreender as suas vivências que posteriormente serão tratadas neste trabalho. Mas, vamos à questão da migração e o método que aqui foi empregado. Sem saber o ano em que o casal decidiu deixar a freguesia do Bananal de Itaguaí, já que a história de suas vidas tem uma grande lacuna que só é suprimida em 1900, ano em que o casal decidiu oficializar a sua união - entrarei nesta questão em breve.

Para presumir um período aproximado da migração que o casal faz internamente na região da Baixada Fluminense, utilizei como referência a localidade em que os seus filhos foram registrados, pois esses documentos dariam pistas importantes para isso. O problema é que não há uma regularidade na localidade de registro, ao contrário, o que se verificou foi um movimento intercalado entre as duas localidades. Alguns filhos foram registrados em Itaguaí e outros em Nova Iguaçu. É possível compreender um pouco da vida que levava essa família a partir da análise dos seus registros, a seguir, podemos verificar um pouco dessa história a partir de um dos filhos do casal.

¹⁵¹ Souza, Sonia Maria de (2003). **Terra, família e solidariedade...: estratégias de sobrevivência camponesa no período de transição – Juiz de Fora (1870-1920)**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói. *Apud* FRANCISCO, Raquel Pereira. **Laços da senzala, arranjos da flor de milho: relações familiares e de parentesco entre a população escrava e liberta–Juiz de Fora (1870-1900)**. 2007. Tese de Doutorado. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: Niterói. p.187

Pedro Pereira Belém, o segundo filho do casal João e Theodora, nasceu em 1884, é possível concluir esta data através das idades atribuídas a ele em seus registros de casamento e óbito, já que não foi encontrado a sua certidão de nascimento para confirmar mais informações, como a própria localidade de nascimento. Pedro se casou com Albina Maria da Costa, em 1912, aos vinte oito anos de idade e ela com dezenove anos de idade. Nenhum dos dois sabiam ler ou escrever e não assinaram a certidão de casamento.¹⁵²

Sabe-se que Pedro faleceu aos 52 anos, em cinco de abril de 1936 em Austin, registro feito por Leocádio Cortês Real. Neste documento algumas informações são muito importantes para compreensão desses sujeitos: a primeira delas é a confirmação de sua cor, ele foi registrado como sendo pardo. Essa informação é relevante porque não temos documentos que possam confirmar a cor dos seus pais, João e Theodora, portanto saber qual a cor que os filhos foram registrados, ratifica a compreensão de se tratar de uma família negra.

A segunda informação dá conta de sua profissão, ele foi registrado como lavrador, o que nos trás uma referência ao mundo rural em que a família estava inserida. O termo lavrador sugere que Pedro Pereira Belém não era um homem de posses e que seus contratos de trabalho no campo versavam sobre diversas possibilidades de trabalho, como a parceria com proprietários de terras de Nova Iguaçu e localidades próximas. Não foram encontrados documentos que deem conta da família como proprietária de terras que poderiam utilizar para plantações de diversos gêneros para à venda no mercado local.

Além da condição de lavrador, uma categoria genérica, que nos sugere o local social econômico do casal, o fato de os dois não saberem ler nem escrever, somado a cor dos noivos, pois também encontramos a certidão de óbito de sua esposa, Albina, já em 1972, em que é categorizada como uma mulher parda de 82 anos. Todos esses detalhes nos fazem refletir sobre o meio em que estavam inseridos e podem nos dar uma visão, não somente do casal Pedro e Albina, mas nos apresentam uma visão que pode ser estendida para a família Pereira Belém.

¹⁵²Family Search: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-6QD1-4J?i=168&wc=9GY2-Y4M%3A113333301%2C11926500~&cc=1582573> (Acessado em 25.05.2020)

Não temos qualquer documento que possa confirmar se João e Theodora, pais de Pedro Pereira Belém, sabiam ler ou escrever. Acredito que podemos concluir que não sabiam, já que ao menos, até agora, um dos seus filhos não sabia. Logo, o analfabetismo de uma criança pode, em um cenário hipotético, ser herdado dos seus pais. Dificilmente pais alfabetizados permitiriam que um de seus filhos não fosse capaz sequer de assinar seu próprio nome.

Por último, Albina Maria da Costa é registrada como doméstica e pode-se concluir que era uma classificação genérica para se referir a mulheres que trabalhavam em suas casas como donas de casa, mas também poderia significar que trabalhavam como empregadas domésticas. É difícil determinar em que condição Albina se encaixava. O que chama atenção para esse registro é que Albina aparece como ainda casada com Pedro Pereira Belém e não como viúva, mesmo ele tendo falecido trinta e oito anos antes dela. Não se sabe mais nada dela, se casou novamente, o porquê ainda constar como casada no seu registro de falecimento, se realmente legalmente esta condição ainda a representava, ou se foi apenas uma classificação por costume, descuido do escrivão.

Todos esses detalhes colocam a família Pereira Belém no ramo iniciado por João Pereira Belém, uma família que, apesar de não apresentar rastros visíveis de ter vivenciado a escravidão em suas vidas, eram pobres, lavradores negros que viviam na Baixada Fluminense e que, muito provavelmente, precisariam sazonalmente migrar entre as localidades daquela região, de acordo com o tempo das plantações e o tempo das colheitas. Esse campesinato experimentado por esta família entre o final do século XIX e início do século XX é um traço que permite uma compreensão melhor da vida que levavam.

É difícil pensar na unidade familiar dos Pereira Belém quando não se têm documentos que demonstrem atividades ligadas à produção de alimentos, documentos que pudessem dar conta se a família possuía um pedaço de terra em que exercesse alguma atividade de subsistência e também de venda do possível excedente. Portanto, a partir de outras pesquisas que se debruçaram sobre campesinato, campesinato negro, durante a escravidão e no pós-abolição, sobre migrações de famílias negras, pode-se chegar a algumas hipóteses do que seria a vida desta família em relação a essas questões.

A possibilidade de acesso a terra para os libertos e seus descendentes era pequena, mas não impossível de ser realizada. Portanto, havia negros de famílias escravizadas durante a escravidão

que no período do pós-abolição conseguiram a propriedade da terra. A maioria deles acabava acessando a terra de modo parcial, ou seja, trabalhando em terras de outros em diversas formas de contratos de trabalho. Muitos, apenas firmados *de boca*, mas sem qualquer tipo de comprovação legal. As parcerias aconteciam estabelecidas em acordos que faziam o trabalhador sem terra realizar as atividades em terras que não eram suas em troca parte daquela produção, já que uma parte devia ficar com o proprietário das terras. Alguns acordos definiam que o proprietário das terras receberia parte do que era produzido, não somente em gênero, mas sim, em dinheiro da venda do que ali fora produzido.

Essa falta de terras próprias fazia esse contingente de trabalhadores camponeses realizar pequenas ou grandes migrações em busca de fazendas em que estivesse sendo realizados trabalhos de limpeza, plantação ou colheita. Podia-se inclusive trabalhar por empreitada, recebendo um valor previamente acordado entre as partes ao final da atividade. São múltiplas e variadas as formas que se intercambiavam em suas organizações. Provavelmente, João Pereira Belém não era proprietário de terras, o que devia o colocar nesse lugar de um trabalhador camponês que empregava sua força de trabalho em terras que não eram suas. E, essas diversas relações, acordos de trabalhos, provavelmente foram experimentados por ele e sua família. Logo, quando olhamos para os registros das crianças, podemos supor que a migração pode ter acontecido de forma não linear entre as localidades de Bananal de Itaguaí e Austin em Nova Iguaçu.

Assim, de acordo com o período do ano, se era tempo de colheita, plantação ou limpeza, o nascimento e registro do filho em uma ou outra localidade relatada, deveria coincidir com a localidade em que a família estivesse vivendo e trabalhando. Note que a migração é interna, ou seja, ela ocorre dentro do que se convencionou como Baixada Fluminense. Muito provavelmente, esse fluxo percebido através da análise dos documentos deixados pelos Pereira Belém pode ser aplicado em outras famílias que viviam essa mesma realidade. Assim, esse fluxo contínuo, esse processo de mobilidade intra-regional, deveria acontecer em determinadas épocas do ano. Desconheço pesquisas que se debruçam sobre essa questão na Baixada Fluminense que possam nos ajudar a compreender mais detalhadamente este processo.

3.10 A Vida em Nova Iguaçu.

Sobre João em sua maturidade, sabemos que foi funcionário da E. F. Central do Brasil, pois ele aparece citado em uma reunião do Conselho de funcionários. A transcrição da ata foi publicada no jornal do Commercio de 27 de novembro de 1909. Nela ficamos sabendo que a reunião teve início às sete horas da noite e estava sob a presidência do senhor Alfredo Pereira de Oliveira e achando se presente os demais membros da diretoria e conselho foi aberta a sessão, e que depois de alguns protocolos e leitura de questões anteriores, às 9:45 dava-se início aos temas do dia. “O presidente usando da palavra agradeceu a sua escolha para o elevado cargo que desempenha e diz que espera confiado nos seus companheiros de diretoria.”¹⁵³

Entre algumas questões que trataram no dia, pediam para que “os companheiros de Estrada”, como se referiam aos funcionários da E. F. Central do Brasil, se filiassem, devido a benefícios que estes podiam ter de acordo com as “vantagens que o estatuto conferem.” (sic). Além de questões relacionadas às pensões de viúvas de falecidos membros. Estavam preocupados com o estado em que se encontrava a “Caixa” e pretendiam fiscalizar com maior rigor os benefícios concedidos. Destaco um dos temas discutidos naquela reunião: o trágico acidente que havia ocorrido.

“A curva existente no quilômetro 328, na linha do Centro, foi ontem theatro de um desastre lamentável sob todos os pontos de vista pelas consequências de que se revestiu, bem lamentáveis, aliás, como vão ver os leitores.

Em serviço de inspeção dos trabalhos que estão sendo feitos para o serviço de transformação allí, viajara o Engenheiro residente na machina do trem do lastro, quando repentinamente violento choque foi produzido pelo encontro da aludida locomotiva em um trolley (sic), que, segundo dizem as comunicações prestadas à administração, trafegava sem correio de alarme.

O que ocorreu depois do choque, que não pôde sequer ser atenuado, taes as condições do terreno onde segue o carro, não é difícil calcular.

O trolley ficou quase despedaçado e os seus passageiros, honestos homens de trabalho, que não vêm sacrifícios no cumprimento do dever”¹⁵⁴

O engenheiro envolvido no acidente relatou que “Seguia eu na machina do lastro quando ao passar por uma curva, quilômetro 328, deu-se o encontro da machina com o trolley, que vinha

¹⁵³ BNDigital. *Jornal do comércio*, 1909.

¹⁵⁴ BNDigital. Transcrição do *Jornal do Comércio*, 1909.

sem correio de alarme, o no qual viajava o mestre de linha e a turma”, ficamos sabendo que que o acidente resultou na morte mestre de linha Caldeira, do feitor e de mais dois trabalhadores.¹⁵⁵

Esses relatos são interessantes para compreendermos em quais espaços transitava João Pereira Belém, o que fazia parte do seu cotidiano e, assim, tentarmos nos aproximar cada vez mais de sua vida e de como eram suas vivências. Na ata consta que uma solicitação realizada por ele ao Conselho havia sido atendida, mas não há detalhes que possam esclarecer o que ele havia solicitado. O fato de João Pereira Belém estar ligado a E. F. Central do Brasil nos apresenta a sua vivência no mundo do trabalho de um homem negro no pós-abolição na Baixada Fluminense que extrapola a relação de campesinato, logo, pensamos em sujeitos que se apresentavam múltiplos, em facetas que dialogavam com o mundo rural e o mundo urbano que se constituía.

É importante saber que não só João Pereira Belém teve ligação com a E. F. Central do Brasil, mas pelo menos dois de seus filhos também trabalharam lá, como é o caso de Manoel Pereira Belém. Portanto, podemos supor que o trabalho na ferrovia era uma possibilidade de emprego para os descendentes de escravizados no pós-abolição que viviam na Baixada Fluminense no início do século XX. Isso pode nos ajudar a compreender melhor de que forma homens pretos atuaram em questões ligadas ao trabalho e as lutas trabalhistas no século XX. É um fato importante João estar presente em uma reunião que discutia questões que envolviam as condições dos trabalhadores da E. F. Central do Brasil.

Inicialmente, parece uma passagem da vida de João Pereira Belém sem muita importância, afinal, é bastante comum imaginar que o funcionário de uma empresa compareça em uma reunião que discutirá questões ligadas ao seu trabalho. Mas, algo que nos parece tão obvio, trivial, não faz tanto tempo, desmonta todo um pensamento racista desenvolvido pela branquitude acadêmica nacional que afirmou durante boa parte do século XX a desumanização e dificuldade de intergeração do negro na sociedade branca como algo verossímil. Seria uma inaptidão advinda do tempo do cativo, algo que hoje, nos parece absurda, fez sentido até bem pouco tempo atrás.¹⁵⁶

Ainda sobre esse argumento que desumanizava os negros, a família era outro elemento que se julgava incapaz de se realizar de maneira efetiva na vida desses sujeitos, vistas muitas vezes

¹⁵⁵ Idem.

¹⁵⁶ FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**, vol. 2. Globo livros, 2013.

como promiscuas e sem afeto. Mais um argumento racista que já teve respaldo científico e que aqui, quando se olha para a família de João e Theodora, o que se percebe é a sua centralidade na vida desses sujeitos.¹⁵⁷

3.11 Meu irmão Manoel e a sua família.¹⁵⁸

Manoel Pereira Belém, foi outro filho de João e Theodora que tivemos acesso através de alguns documentos encontrados. Decidi destacar ele antes do encerramento deste capítulo, pois acredito que Manoel pode nos ajudar a pensar em algumas questões sobre a sociedade racializada em que viviam e as possibilidades de acesso a uma vida melhor.

Lembro que João Pereira Belém, pai de Manoel Pereira Belém, ao nascer em 1854 dava início a um ramo dos Pereira Belém de origem negra. Assim, o ramo dos Pereira Belém brancos continuou a sua trajetória de forma paralela e lá também havia nascido um Manoel Pereira Belém, mas esse era branco e não negro.

Dito isto, é difícil começar a falar de Manoel Pereira Belém, filho de João, sem lembrarmos do Manoel Pereira Belém, filho da figura de destaque que foi Pedro Cypriano Pereira Belém em Itaguaí na metade do século XIX. Aquele Manoel Pereira Belém, o branco, carregava não só o sobrenome influente dos Pereira Belém, mas era filho direto e herdeiro principal de Pedro Cypriano Pereira Belém. Aquele Manoel deu sequência ao que o seu importante pai havia deixado, um legado amplo, de propriedades, casas de vivendas, animais e seres humanos escravizados.

Se Manoel Pereira Belém, filho de Pedro Cypriano Pereira Belém, seguiu os passos do seu pai e herdou parte dos bens e influências que ele havia deixado de legado. O Manoel Pereira Belém de cá, o negro, filho de João Pereira Belém, também seguiu os passos do seu pai, mas dele nada herdou, além de um emprego na E. F. Central do Brasil. Ele é citado na certidão de casamento de sua irmã, Esmeralda, como funcionário público. Manoel também aparece citado no jornal Correio

¹⁵⁷ DA SILVEIRA, Renato. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*, n. 23, 2000.

¹⁵⁸ Novamente tomo como referência a figura de Enéas Pereira Belém, sendo Manoel pereira Belém.

da Manhã ¹⁵⁹ de 26 de janeiro de 1930 solicitando uma transferência de localidade como funcionário da E. F. Central do Brasil.

A publicação não detalha maiores informações sobre a solicitação, apenas informa que o seu pedido havia sido deferido. Em 1934 ele aparece novamente em uma publicação sobre os despachos da diretoria da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 30 de janeiro do mesmo ano. Nela, Manoel Pereira Belém pede sua readmissão como extranumerário. A resposta ao seu pedido é bastante sucinta, diz apenas “aguarde oportunidade”. ¹⁶⁰

Saber a cor dos Pereira Belém no início do século XX é um elemento que nos possibilita pensar, refletir sobre a ausência da cor em diversos trabalhos que analisaram o mundo do trabalho no período. Álvaro Pereira do Nascimento questiona a ausência da cor nas análises dos trabalhadores durante a Primeira República, ou até os anos de 1950. O autor afirma que a cor é silenciada pois é priorizada a perspectiva eurocêntrica de análise do operariado. ¹⁶¹ Assim, os pesquisadores brasileiros esquecem que o Brasil tem uma especificidade que foi a escravidão que teve seu término em maio de 1888. É como se os libertos simplesmente desaparecessem. Onde eles estão? Nascimento acredita que eles compõem a massa de trabalhadores, mas estão diluídos, na medida em que a cor não é explicitada. ¹⁶²

Alguns autores afirmam que é difícil encontrar este dado. Nascimento argumenta que é um problema de metodologia, que além de ser eurocêntrica, não dialoga com outras áreas da pesquisa Histórica, como o pós-abolição. Ele afirma ainda que se os pesquisadores da classe trabalhadora dialogassem com as fontes normalmente utilizadas pelos historiadores da escravidão e pós-abolição, poderiam compreender melhor como chegar nas cores dos trabalhadores, se apropriando de metodologias específicas e vise e versa. ¹⁶³

Mas, aqui podemos citar dois homens negros trabalhando na E. F. Central do Brasil nas primeiras décadas do século XX. Mas, só sabemos a cor deles através da análise de uma

¹⁵⁹ BNDigital. *Correio da Manhã*, 1930.

¹⁶⁰ Idem, ano 1934, edição 12018

¹⁶¹ NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e “paradigma da ausência”: contribuições à história social do trabalho no Brasil. *Revista Estudos Históricos*, v. 29, n. 59, p. 607-626, 2016.

¹⁶² NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e “paradigma da ausência”: contribuições à história social do trabalho no Brasil. *Revista Estudos Históricos*, v. 29, n. 59, p. 607-626, 2016.

¹⁶³ Idem, p. 607-626.

documentação que extrapola a documentação da E. F. Central do Brasil, já que quando se referi ao seu quadro de funcionários, a empresa não explicita a cor de qualquer um deles. Portanto, em uma análise do quadro de funcionários, João e Manoel, pai e filho negros, estariam diluídos no meio dos outros sem cor, considerados brancos. Quantos outros como João e Manoel também trabalharam na E.F. Central do Brasil? Seria uma alternativa de emprego para a população negra no período do pós-abolição? Não sabemos, mas pode fazer algum sentido essa pergunta se pensarmos na quantidade de negros e negras que viviam na Baixada Fluminense naquele período.

3.12 O sobrenome Pereira Belém.

Retomando a questão do uso do nome Pereira Belém no pequeno João por seus pais que, como vimos, ocultam seus sobrenomes em detrimento de outro, talvez mais relevante e que pudesse conferir à criança alguns privilégios. Talvez o uso desse sobrenome no início da segunda metade do século XIX, ainda durante o tempo da escravidão, fizesse algum sentido e possibilitasse que o menino não sofresse algum revés.

Mas, João, ao passar o mesmo sobrenome para os seus filhos, provavelmente o significado de outrora tivesse perdido parte do seu valor. Ao menos, a escravidão havia chegado ao fim e no início do século XX, vemos através de Manoel, filho de João, que o máximo que ele conseguiu foi trabalhar na mesma empresa em que o pai trabalhava.

Até mesmo se olharmos a vida de João, esquecendo a escravidão, parece que o sobrenome não conferiria uma oportunidade de vida melhor para ele. João, como sabemos, vai trabalhar na ferrovia, o que acontece também com dois de seus filhos. Podemos supor que a E. F. Central do Brasil empregava um grande contingente vindo da população pobre e entre eles muitos descendentes de escravizados? Uma questão a ser investigada.

Na sequência temos uma fotografia de Manoel Pereira Belém ao lado de Maria das Dores Pereira Belém, sua esposa e suas filhas Leda e Leia. E ainda está na mesma foto Nadyr, filha de Maria Pereira Belém, apelidada carinhosamente de Xindonga, nome de uma etnia sul angolana.¹⁶⁴

¹⁶⁴ SERRANO, Carlos. **Angola. Nascimento de uma nação: um estudo sobre a construção da identidade nacional.** Luanda: Kilombelombe, 2008, p. 376

Figura 7 - Família de Manoel Pereira Belém



Foto: Na ordem, da direita: Nadyr (Xindonga), filha de Maria Pereira Belém (irmã de Enéas), Manoel Pereira Belém (irmão de Enéas), Maria das Dores Barboza e suas filhas Leda, mãe de Simone, e Lea.

3.13 Conclusão

Neste capítulo tentei apresentar o cenário em que a família Pereira Belém se inseriu ao deixar Bananal de Itaguaí e migrar para o município de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense. Por isso, optei por intercalar entre a apresentação do que era Nova Iguaçu, desde a sua formação até o início do século XX, período em que a família viveu naquela localidade e refletir como a chegada da via férrea impactou a região como um todo.

Procurei realizar também uma comparação entre as duas localidades e tentar entender o que poderia ter motivado a migração da família. A possibilidade de terem vivido o que a historiografia chamada de campesinato negro pode ser concluída através da análise de alguns documentos que demonstra a migração realizada pela família e a sua realização com a terra.

Uma reflexão importante foi a análise do que significaria para João e Theodora serem livres ainda no tempo do cativeiro, através do diálogo com outras vivências de pessoas negras em regiões diferentes do globo que davam conta de uma instabilidade e provisoriedade nessa vida em

liberdade. Outro ponto relevante foi, através da análise do Censo de 1872, perceber que boa parte da população vivendo livre em Itaguaí ainda na segunda metade do século XIX era de mulheres e homens considerados pretos e pardos. Portanto, a condição de livre vivenciado por João e Theodora não se constituía uma excepcionalidade e, sim, um padrão.

Ainda foi possível analisar o padrão de vida social e econômico vivenciado por essa família através dos registros de nascimento, casamento e óbito de alguns dos filhos do casal, demonstrando que se tratava de uma família pobre que vive a passagem entre o mundo rural e o mundo urbano realizando atividades destinadas às camadas mais baixas da sociedade. A cor, a situação de lavrador, operário, o analfabetismo, são elementos que ajudam a compreender as suas trajetórias em uma sociedade classista e racializada.

Por último, tentei compreender que tipo de funcionalidade o apadrinhamento de João se efetivou na vida do menino e como a passagem do sobrenome para os seus filhos interferiu ou não em suas vidas e na possibilidade de ascensão social. Para isso, utilizei também a trajetória do homônimo branco de Pedro Pereira Belém com o intuito de refletir sobre as trajetórias de dois homens separados pela cor e status social, mas que carregavam o mesmo nome e viviam na mesma região, a Baixada Fluminense.

No próximo capítulo a tese seguirá o caminho, ou retomará a trajetória de Enéas Pereira Belém, visto que foi através da análise de sua vida que chegamos aos sujeitos até agora analisados. Começamos com Enéas Pereira Belém em seu último dia de vida em 1970, compreendemos a trajetória de vida dos seus pais, ainda na segunda metade do século XIX, agora chegaremos ao tempo de sua juventude, as suas relações de solidariedade e sociabilidade, construídas em uma jovem Nova Iguaçu. Como o menino conseguiu se destacar como uma personalidade importante na sociedade Iguaçuana? A sua vivência no mundo do futebol e do carnaval também será levada em consideração para compreendermos as suas experiências.

4 CAPÍTULO III - Trabalho e estabilização em Nova Iguaçu no Pós-Abolição.

“O suburbano quando chega atrasado
O patrão mal-humorado
Diz que mora logo ali

Mas é porque não anda nesse trem lotado
Com o peito amargurado
Baldeando por aí

Imagine quem vem lá de Japerí
Imagine quem vem lá de Japerí.”

(G.R.E.S. Em Cima da Hora, 1984).¹⁶⁵

4.1 Introdução

Depois da migração que partiu da freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, pertencente a Itaguaí, em direção à Nova Iguaçu, passando por Queimados e Austin, a família Pereira Belém se estabilizou, enfim, na região central da cidade de Nova Iguaçu. É difícil precisar as datas em que esses eventos aconteceram, o momento exato que a família passou por essas localidades. O que temos são alguns documentos que, ao serem produzidos, demonstram a localidade em que a família estava naquele momento.

O objetivo deste capítulo é refletir sobre a vida da família em Nova Iguaçu, compreender quem foram os seus membros, quais foram as suas experiências no que a historiografia chama de mundos do trabalho enquanto uma família preta e pobre, fora de um ambiente letrado, moradora da Baixada Fluminense, na primeira metade do século XX. Quais foram os espaços que acessaram na sociedade Iguacuana e as suas redes de sociabilidade?¹⁶⁶

¹⁶⁵ 33 DESTINO Dom Pedro II, **Grêmio Recreativo Escola de Samba Em Cima da Hora**. Intérprete: Cesar do Valle. Compositores: Guará e Jorginho das Rosas. *In*: Sambas de Enredo, Rio de Janeiro, 1984. Para ouvir a música, acesse o link: (https://www.youtube.com/watch?v=kwPThKEe0WA&ab_channel=PedroMendes).

¹⁶⁶ WEIMER, Rodrigo de Azevedo. **Família e trabalho no litoral norte do Rio Grande do Sul no pós-Abolição** (1890-1930). Porto Alegre, 2016.

Será observado também o recorte de gênero com o intuito de perceber as diferenças de atuação nos mundos do trabalho. Quais foram os postos que ocuparam e a vida no ambiente doméstico. Sabemos que dentro do ambiente familiar, por exemplo, os homens e as mulheres,¹⁶⁷ por uma estrutura patriarcal, ocupavam espaços distintos. As projeções que eram feitas sob esses sujeitos operam de maneira específica, muitas vezes, conduzindo cada um deles a ambientes em que os corpos se movimentaram generificados.¹⁶⁸

Com o objetivo de olhar ao redor, contextualizar, alguns outros sujeitos serão colocados em perspectiva, para que seja traçado uma comparação de trajetórias já estudadas por outros pesquisadores.¹⁶⁹ Para isso, a metodologia usada parte de documentos, como registros de casamento, óbito, nascimento, notícias de jornais, que demonstram as atividades que desempenharam, tendo o nome do sujeito como o fio condutor.¹⁷⁰

Na última parte do capítulo retomaremos ainda a trajetória de Enéas Pereira Belém como figura central que guiará a análise até o final da tese. Acompanharemos a ascensão social que Enéas

¹⁶⁷ PEÇANHA, Natália B. Precisa-se de uma criada estrangeira ou nacional para todo o serviço de casa": Cotidiano e agências de servidoras/es domésticas/os no mundo do trabalho carioca (1880-1930). **Rio de Janeiro: PPGHR/UFRRJ-IM**, 2018; DE PAULA PEREIRA, Bergman. De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição. **Anais do Encontro da ANPUH**, 2011.

¹⁶⁸ ARAUJO, Ariella Silva. A mulher negra no pós-abolição. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 5, n. 9, p. 22-36, 2013.

¹⁶⁹ Pessoa, Valdirene Nunes de Santana. **Entre as pessoas mais gradas do município: a trajetória do Capitão Gaspar José Soares, um político negro no pós-abolição da Baixada Fluminense (1864-1955)**, 2018, p. 138. Dissertação em História. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018; Silva, Vladoir de Paula. As mãos negras que escreveram um jornal: o caso de Silvino de Azeredo a partir do jornal Correio da Lavoura (Nova Iguaçu, 1917-1939). 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; NASCIMENTO, Álvaro Pereira de. Caminhos de negros: vida, trabalho e desenvolvimento urbano no pós-abolição (Nova Iguaçu, 1880-1980). **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH**, v. 26, p. 17-22, 2011; _____ TRAJETÓRIAS DE DUAS FAMÍLIAS NEGRAS NO PÓS ABOLIÇÃO. (NOVA IGUAÇU, SÉCULO XX). 2013; OLIVEIRA, Franciele Rocha de et al. Dos Laços entre José e Innocência: Trajetórias de uma família negra entre a escravidão e a liberdade no Rio Grande do Sul. 2017; SOUZA, Edinélia Maria Oliveira. **O pós-abolição na Bahia: hierarquias, lealdades e tensões sociais em trajetórias de negros e mestiços de Nazaré das Farinhas e Santo Antonio de Jesus-1888/1930**. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro; PENNINGROTH, Dylan C. The claims of kinfolk: African American property and community in the nineteenth century South. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003; GUTMAN, Herbert George. **The Black family in slavery and freedom, 1750-1925**. Vintage, 1977.

¹⁷⁰ GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. p. 169-178.

consegue na cidade, o que significava para ele a proximidade com a família dona do Correio da Lavoura e, também, analisaremos sua atuação na vida social da cidade através dos jornais locais que ele aparece.

Uma das fontes utilizadas para esta análise, será o inventário *post mortem* do casal que pude encontrar antes da pandemia¹⁷¹ nos arquivos do Museu do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em São Cristóvão.¹⁷² No inventário foram anexados diversos outros documentos, como certidões de casamento, nascimento e óbito dos filhos do casal que trazem importantes informações sobre a vida desses sujeitos, o que veremos a seguir.

Mas, antes trarei algumas questões que compreendo serem profícuas para contextualizar essas vivências, a partir do conceito de territorialidade, inicialmente partindo do que significava essa localidade chamada de Baixada Fluminense, e, mesmo, a própria cidade de Nova Iguaçu, é o que veremos a seguir.

4.2 A Baixada Fluminense e suas territorialidades

Já avisei ao leitor que neste capítulo falarei da família Pereira Belém já estabilizada em Nova Iguaçu. Ou seja, se no primeiro capítulo analisamos a família ainda em Bananal e todos os aspectos que os levaram a migrar, no segundo capítulo apresentei a cidade de Nova Iguaçu em suas dimensões histórica, geográfica, econômica, política, as mudanças ao longo do tempo e apresentei também parte da família Pereira Belém ainda sob o núcleo do casal Teodora e João Pereira Belém.

Agora nesse terceiro capítulo, vamos compreender a família do casal Durvalina e Enéas Pereira Belém, um dos filhos de João e Teodora. Mas, o olhar que lançaremos para a cidade de Nova Iguaçu será outro, a conexão que farei, o atravessamento que me interessa entre a vida desses sujeitos e o local em que viveram, avança para uma dimensão mais simbólica do que concreta, como foi realizado no capítulo anterior.

¹⁷¹ Mesmo antes da pandemia da COVID-19, o acervo se tornou de difícil acesso, com e-mails nunca respondidos, algo que não acontecia antes de 2019. Com a dificuldade de acesso, provavelmente mais informações sobre a família possam surgir deste arquivo, somando ao fato de que parte do acervo não está catalogado.

¹⁷² MTJRJ - Departamento de Gestão de Acervos Arquivísticos (DEGEA) – Inventário *post mortem* Durvalina e Enéas Pereira Belém, 1971.

Por isso, antes de me debruçar sobre a trajetória de vida da família nuclear de Durvalina e Enéas Pereira Belém, acredito que seja importante refletir brevemente sobre os espaços em que eles transitavam, mais precisamente uma reflexão sobre que espaço é esse conhecido como Baixada Fluminense. Que territorialidades ela despertava em seus moradores, quais territorialidades construíram simbolicamente a Baixada Fluminense daquelas primeiras décadas do século XX? É possível pensar ainda mais específico e projetar a noção de territorialidade negra através da família de Enéas Pereira Belém, são só em sua família nuclear, mas pensar em uma territorialidade negra através de laços de solidariedade e espaços de sociabilidade?

O que estou querendo dizer quando uso o termo territorialidade? Entendo o termo territorialidade como um espaço que vai além do geográfico, além dos aspectos físicos de uma determinada localidade. Compreendo territorialidade como uma junção de impressões, partilhamento de vivências, experiências, símbolos compartilhados, territorialidade é aquilo que une um determinado grupo de pessoas que compartilham muito mais do que o espaço geográfico.

173

Isso significa que o conceito de territorialidade é potente para compreendermos o que significava morar na Baixada Fluminense naquele período e como isso vai se alterando ao longo do tempo. Pensar territorialidade nos ajuda a compreender a família Pereira Belém, como algo que liga, que conecta as pessoas, que conecta os membros dessa família. Territorialidade fala do sujeito e de sua compreensão daquilo que lhe é importante, daquilo que lhe dá significado, que lhe traz uma noção de pertencimento, de fazer parte de algo, de um lugar, que lhe traz orgulho do seu próprio lugar.

O termo território encontra diversas interpretações, podendo ser compreendida em sua relação com a noção de poder, sendo esta, de acordo com Marcelo Lopes de Souza, a sua primeira aproximação e que outras dimensões e desdobramentos fazem parte das análises sobre território.

¹⁷⁴ O autor afirma que a sua perspectiva de território “é um espaço definido e delimitado pelas relações de poder.” ¹⁷⁵ Souza ainda contextualiza o significado de poder, analisando o argumento de Hannah Arendt sobre o significado de poder, ampliando para uma compreensão que vai além

¹⁷³ RIBEIRO, ANA PAULA ALVES [et al.] (org.) **Memórias, territórios, identidades: diálogos entre gerações na região da grande Madureira**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

¹⁷⁴ SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2013. p.78

¹⁷⁵ Idem.

da ideia de poder como um lugar de dominação e violência, ao contrário.¹⁷⁶ Para além da relação com o poder, que extrapola o poder institucionalizado, mas se apresenta de diversas formas, as dimensões política, social e cultural também que atuam de diversas formas e concomitantemente.

Outro ponto importante é observar que a noção de território não compreende somente uma fronteira geográfica fixa, por mais que esta seja relevante, a fronteira pode ser móvel e influir simbolicamente na compreensão dada por aqueles indivíduos que vivenciaram o território. Portanto, a possibilidade de pensar territórios e territorialidade é muito ampla, mas me interessa aqui pensar no simbólico, no cultural, sem perder de vista as questões ligadas ao poder, a política, a economia e, mesmo, as questões geográficas que atravessam aquilo que se entende como lugar de pertencimento.

Estendo esta leitura, citando a utilização da expressão “O meu lugar”, cunhada da música de Arlindo Cruz, ao se referir ao bairro de Madureira, como “(...) um lugar identificado com todos, podendo servir como trilha de pertencimento àqueles que escrevem sobre o subúrbio.”¹⁷⁷ Assim, podemos compreender que territorialidade também constrói através de identidades compartilhadas. Assim, o universo em que Enéas Pereira Belém vivenciava no cenário público da cidade de Nova Iguaçu, enquanto homem público, possuía uma série de elementos que produziam uma identidade local, essa identidade não era, necessariamente homogênea, mas sim um ambiente de identidades múltiplas em suas igualmente múltiplas territorialidades.

Apesar dessa pluralidade de territórios possíveis, dentro de uma cidade em profunda transformação, havia elementos, por outro lado, que produziam uma identidade coletiva maior: ser de Nova Iguaçu. A compreensão de fazer parte daquela localidade, daquele espaço social, daquelas vivências cotidianas. A própria relação com a estrada de ferro, com o trem, o trânsito diário, produzia uma noção de territorialidade. Algumas matérias que utilizo no capítulo seguinte, abordaram justamente a dinâmica com a estrada de Ferro, como a chegada dos trens elétricos que reduziram o tempo de viagem entre o Rio de Janeiro e Nova Iguaçu para 40 minutos.¹⁷⁸

¹⁷⁶ SOUZA, Marcelo Lopes de. Op. Cit. 2013, p. 79-81

¹⁷⁷ RIBEIRO, ANA PAULA ALVES [et al.] Op.Cit, 2019.

¹⁷⁸ Ver. Capítulo 4.

O termo “território” pode ser compreendido de várias formas, já que possui muitos significados, dependendo da abordagem do campo de pesquisa que o utiliza. Portanto, “território” pode compreender diversas dimensões. Entre elas, podemos citar:

1) política – referida às relações espaço-poder em geral, ou jurídico-política, relativas igualmente a todas as relações de espaço-poder institucionalizadas (nesse caso, corresponde a um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder); 2) cultural – por vezes culturalista ou simbólico cultural, em que o território é entendido como produto da apropriação, valoração simbólica e subjetiva de um grupo em relação ao seu espaço vivido; 3) econômica – muitas vezes economicista, o território constitui-se como fonte de recursos ou forças produtivas, sendo incorporado no conflito de classes e na relação capital- -trabalho –, a mais antiga, que aborda as relações entre sociedade e natureza e o comportamento “natural” do homem em relação ao seu meio físico.

O que interessa, portanto, a partir da citação acima é pensar, principalmente a noção de território e territorialidade a partir do item dois, o cultural, como sua dimensão simbólica. Compreendo que essas divisões não são estanques, mas sim entrelaçadas, já que os campos da política e da economia atravessam e influenciam também a concepção daquilo que é cultural.¹⁷⁹

Compreendido a o conceito múltiplo de território, aqui destacado em sua faceta cultural, como um espaço compartilhado que produz a noção de pertencimento, na medida em que esses sujeitos se sentem parte de algo maior, se sentem parte de uma cidade, de uma sociedade, ou de uma comunidade local, um bairro, um grupo específico, o seu grupo, o meu grupo, “O meu lugar.” Indivíduos com vivências compartilhadas em suas diversas dimensões, como nos espaços públicos, no próprio clube Filho de Iguazu, produziram muitas identidades.

Quais os territórios, quais identidades podemos observar nas vivências da família Pereira Belém enquanto família e sujeitos singulares que participaram da vida econômica, social e política de Nova Iguaçu? Nas próximas páginas, utilizo o inventário do casal Durvalina e Enéas Pereira Belém para apresentar um pouco mais desse núcleo familiar.

4.3 Rua Roberto Silveira, nº483: O Inventário de Durvalina e Enéas

¹⁷⁹ RODRIGUES, Cristiano, [et al.] (org.) **Territorialidades: dimensões de gênero, desenvolvimento e empoderamento das mulheres**. EDUFBA, 2018. p.23, 24.

Através do inventário *post mortem* do casal, será possível apresentar ao leitor esta composição familiar que tem como elementos centrais Durvalina e Enéas. Este tipo de fonte, apesar de tratar de um levantamento dos bens do inventariado, ou seja, o falecido, ou de um casal, como é o caso desse inventário, pode nos falar também de todos àqueles que orbitavam a vida dos inventariados, como filhos, netos, genros, amigos, pessoas que tinham negócios em aberto, como dívidas a serem pagas ou dívidas a serem recebidas, etc. Começando pelo início, apresento abaixo a transcrição inicial do inventário de Durvalina e Enéas.

Neusa Pereira Belém, brasileira, solteira, funcionária pública, residente na rua Roberto Silveira, nº 483, nesta cidade, vem por seu advogado infra-assinado, requerer a abertura do inventário pelo falecimento de seus pais Durvalina Pereira Belém e Enéas Pereira Belém, falecidos respectivamente em 16 de julho de 1969 e 24 de junho de 1970, conforme comprovam as inclusas certidões de óbito, deixando filhos e bens a inventariar e nenhuma disposição de última vontade, querendo seja autorizada a firmar compromisso de inventariante e prosseguir nos demais termos do processo.¹⁸⁰

Muitos detalhes nos são apresentados somente neste trecho que faz parte da abertura do Inventário. Ficamos sabendo que a solicitação para a abertura do processo do casal foi realizada em 5 de agosto de 1971, por Neusa Pereira Belém, uma das filhas do casal, que se apresenta como funcionária pública, fazendo, portanto, parte de um grupo bem específico da sociedade. Farei uma análise mais a frente sobre os filhos do casal e as suas profissões. Mas, lembro que Enéas também era funcionário público, assim, o funcionalismo público, era um caminho natural para os seus filhos, mesmo que isso possa não ter se concretizado para todos, por razões diversas.

Seguir os pais em suas profissões, em seu campo de atuação, é algo bastante comum ao longo da história das sociedades. É muito natural que o filho de um marceneiro, se tornasse também um marceneiro, ou que o filho de um advogado, também se tornasse advogado. Portanto, Enéas como um funcionário Público, muito provavelmente, estimulou que seus filhos, intuitivamente ou objetivamente, seguissem o caminho do funcionalismo público. Podemos também compreender essa passagem de geração como algo que esteve atrelado a uma espécie de herança simbólica que geralmente é transferida de pais para os filhos.¹⁸¹

Um outro elemento que é preciso levar em consideração é que o Brasil na primeira metade do século XX, principalmente no período que compreende o governo Getúlio Vargas, passa por

¹⁸⁰ MTJRJ - Inventário de Durvalina e Enéas Pereira Belém. p. 3

¹⁸¹ LEVI, Giovanni; IMATERIAL, A. Herança. trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. **Rio de Janeiro, Civilização Brasileira**, 2000.

um processo de urbanização, de industrialização, onde a ideia que se construía de futuro estava na cidade e não no campo.¹⁸² Por isso, podemos supor que entre o mundo rural vivido por João Pereira Belém, ainda na segunda metade do século XIX, na freguesia do Bananal em Itaguaí, para o mundo em processo de urbanização, do início do século XX, universo vivido por Enéas Pereira Belém em sua juventude, uma mudança muito grande aconteceu.¹⁸³ Não apenas no sistema de trabalho que saiu da escravidão e se tornou assalariado, dado, evidentemente, às continuidades e rompimentos que, simultaneamente, coexistiam. A questão entre campo e cidade são bastante relevantes para uma mudança no perfil do trabalho.

Ainda assim, é importante lembrar que João Pereira Belém, ao menos, no período em que esteve em Nova Iguaçu, ou parte desse tempo, já que temos apenas fragmentos de sua história, aquilo que pudemos ter acesso, não trabalhou na lavoura, mas sim, vendia a sua mão de obra para a ferrovia, como vimos no primeiro capítulo.¹⁸⁴ Ou seja, muito provavelmente, João não possuía terras para plantar por conta própria aquilo que quisesse produzir ao lado de sua família. Poderia conseguir, se assim desejasse, no campo hipotético, através de acordos que o permitissem trabalhar em terras alheias, em diversas formas de contrato de trabalho, como, por exemplo, a parceria, em que ele poderia trabalhar, ter acesso a um pedaço de terra, mesmo não sendo sua, pagando essa permissão de uso da terra de outrem, com parte daquilo que era produzido, ou daquilo que era vendido.¹⁸⁵

Mas, temos a comprovação de que a ferrovia, por alguma razão foi a forma que ele escolheu, evidentemente, dentro de uma cartela limitada de opções impostas pela vida, para ganhar o seu

¹⁸² RODRIGUES, Adrianno. **De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo**. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ.

¹⁸³ Brito, Ana Carolina Silva. MODERNIDADE E RURALIDADES NA TERRA DOS LARANJAIS: NOVA IGUAÇU E ESTRUTURA URBANA NO TEMPO DA CITRICULTURA 1920/1940. IN: **“Baixada para os de baixo: aspectos do planejamento urbano na região metropolitana do Rio de Janeiro 1930/2000**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016. PINA – Programa Integrado de Pesquisa e Cooperação Técnica na Baixada Fluminense, 2016; AGUIAR, Lucas Santos. QUANDO AS REGRAS SÃO TRANSGREDIDAS: TRABALHADORES, OUTROS SUJEITOS E A “LEGALIDADE URBANA” DA CIDADE DE NAZARETH (1890-1920). Dissertação em História, UNEB, 2014. CASSOLI, Marileide Lázara. **A Construção da Liberdade**. Paco Editorial, 2017.

¹⁸⁴ LICO, Tamires Sacardo. A precariedade do trabalho das construções das ferrovias. **AEDOS**, v. 7, n. 17, p. 271-286, 2015.

¹⁸⁵ DE AZEVEDO WEIMER, Rodrigo. **Felisberta e sua gente: consciência histórica e racialização em uma família negra no pós-emancipação rio-grandense**. Editora FGV, 2015.

sustento e de sua família. Se por preferência, se por uma escolha própria, diante do cenário do período, se por falta de opção, ou qualquer outra variante, o fato é que lá, ele estava trabalhando na ferrovia. O que pode ter sido um exemplo a seguir para Enéas Pereira Belém, talvez aconselhado por seu pai sobre as vantagens de seguir sua vida como funcionário público, afastando-se do trabalho na citricultura das laranjas que fazia Nova Iguaçu ganhar notoriedade nas primeiras décadas do século XX.

Um breve esclarecimento: aqui não é negado o argumento utilizado para analisar a trajetória de João Pereira Belém, ligada a um campesinato, o que justificaria a sua ida para Nova Iguaçu. O que se afirma agora é que estando na cidade, ele trabalha, por um tempo que não se sabe ao certo, na ferrovia. Portanto, ao menos nesse momento de sua vida, a sua força de trabalho não estava empregada na lavoura.

Mas, voltando à nota de solicitação de abertura do inventário, Neusa, funcionária pública, ao solicitar a abertura do inventário, informa que a sua mãe, Durvalina Pereira Belém havia falecido um ano antes do seu pai, exatamente no dia 16 de junho de 1969. Enéas, como sabemos, faleceu um ano depois, portanto, um homem viúvo, depois de ter vivido por quase 60 anos ao lado de Durvalina. A residência de Neusa, na rua Roberto Silveira, nº483, é exatamente o endereço em que ficava a casa dos seus pais. Portanto, suponho que Neusa foi a filha que acompanhou o casal em seus últimos momentos de vida. Não a única, como veremos a seguir. Uma filha que ao morar com os pais, devia ter o papel de cuidar deles. Não sabemos se Neusa volta para a casa dos pais já no fim da vida deles, ou se ela nunca deixou a casa em que, provavelmente, nasceu.

O endereço dado por Neusa fica em uma região muito central de Nova Iguaçu, no qual hoje se avizinham a Via Light e o TopShopping Nova Iguaçu. O trecho da rua em que moravam tornou-se comercial, estando no local exato onde a casa ficava, uma revendedora de motocicletas e um curso de Inglês. O endereço fica muito próximo da antiga sede do Filhos de Iguaçu, clube esportivo em que Enéas atuou intensamente, sendo um de seus prováveis fundadores. No último capítulo apresento imagens desses locais que ajudam o leitor a compreender melhor geograficamente a região e perceber como se deu o desenvolvimento urbano.

Por último, a nota afirma a inclusão de certidões de óbitos, o que nos traz mais informações sobre o casal, além de outras certidões, como as de casamento dos filhos, os herdeiros daquilo que seria inventariado. Essa é uma das partes ricas de ser analisada do inventário, ao longo de suas

páginas uma série grande de vários documentos nos permite conhecer um pouco mais sobre os sujeitos que estavam ligados ao processo, o parentesco, informações pessoais de cada um deles, entre outras informações. Nos permitindo ter um panorama, mesmo que superficial, em fragmentos, de quem eram esses sujeitos e um pouco sobre as suas vidas, é o que acompanharemos nas próximas páginas.

Observado o cenário de baixa produção de inventários *post mortem* por famílias pobres, mais comum em indivíduos abastados, com grande conjunto de bens. Foi bastante enriquecedor para esta pesquisa que o casal Durvalina e Enéas tivessem este documento produzido para a partilha dos bens aos herdeiros e, posteriormente, arquivado no Arquivo do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. No caso de Enéas e Durvalina, estamos falando de um patrimônio bem pequeno. Digo, por alguma razão, porque a possibilidade dessas negociações serem informais, evitando a burocracia cartorial, é muito grande.

Durvalina e Enéas foram casados por exatos 57 anos. O casamento foi registrado no Registro Civil da Primeira Circunscrição da Comarca de Nova Iguaçu aos seis de abril de 1912, ele com 22 anos e ela com 17 anos, segundo a certidão de casamento do casal, anexada ao inventário.¹⁸⁶ A certidão de casamento também nos traz o nome dos pais de Enéas Pereira Belém, já analisados nos capítulos anteriores e o nome dos pais de Durvalina Pereira Belém.

Na sequência temos, imediatamente após certidão de casamento do casal, na página seguinte, a certidão de óbito de Enéas Pereira Belém. É estranho ver a vida se resumir a algumas folhas velhas, que podem pular de um, geralmente, feliz momento, de início de vida, à flor da idade e, repentinamente, o fim, como um corte seco, sem cerimônia, apenas. E reflito sobre o papel do historiador, na capacidade necessária de fazer as conexões, de completar aquilo que não tem certidão, aquilo que não passou pelos cartórios, imaginando, dentro de parâmetros metodológicos, teóricos, o que não se deu registro.

Do jovem Enéas com seus 22 anos, no dia do seu matrimônio, agora vejo Enéas, um senhor de 81 anos, funcionário público aposentado, viúvo. Como não imaginar o tempo em que viveu solitário, ao lado de sua filha Neusa, na casa da rua Roberto Silveira, nº 483, com todas as suas lembranças, das glórias às mágoas, aquelas que permanecem por toda vida e que ele um homem

¹⁸⁶ MTJRJ - Inventário de Durvalina e Enéas Pereira Belém. p. 3

negro, destacado na sociedade Iguçuana, talvez, trouxesse dentro de si.¹⁸⁷ Ao contrário do que dissera o seu neto, o sr. Belém, sobre Enéas ser um homem tão retinto que chegava a ser azul, na sua certidão, Enéas está descrito como “Pardo”. Teria a sua cor se modificado à medida em que ele ascendia socialmente? Uma hipótese plausível nos idos de 1970? Ou apenas um engano da memória que se constrói também a partir de elementos culturais?¹⁸⁸

Apesar de se tratar dos anos 1970, Enéas é um homem nascido em 1889, portanto, a designação “pardo” tinha significado ligados ainda ao mundo escravocrata e a compreensão entre o que significava ser preto, negro e pardo. Como essas nomenclaturas estavam ligadas a condição social, sendo afetadas também por uma estrutura de classe e educação, mais do que pela cor da pele do sujeito. Desta forma, “(...) perpassa uma questão de identidade e compreende uma série de influências externas (...)”.¹⁸⁹

4.4 Filho de peixe, peixinho é? Os espaços de trabalho em três gerações.

O casal Durvalina e Enéas gerou onze filhos ao longo do seu casamento, foram oito mulheres e 3 homens. Uma família grande que tanto marcou as memórias do sr. Belém, neto de Enéas, que se lembra com carinho dos domingos em que se reuniam na Roberto Silveira, nº 483, para um momento de congregação familiar naqueles almoços em que a família se reunia.

Pensar a vida dos filhos do casal Durvalina e Enéas é pensar também que compreensão temos da relação entre trabalho e população negra no início do século XX. Vamos recapitular que Enéas Pereira Belém nasceu em 1889 e o seu primeiro filho nasceu em 1913, portanto um período em que durante muito tempo, não se enxergava a população negra inserida no mercado de trabalho. No início do século XX a possibilidade de trabalho para mulheres e homens lidos na sociedade como pretos e pardos podia ser pequena, interferida pelo racismo presente em seus cotidianos. Por isso a importância de refletir sobre quais espaços foram possíveis de ser acessados por essas pessoas em um momento tão recente de término da escravidão.¹⁹⁰

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Entrevista e Inventário *post mortem* de Durvalina e Enéas Pereira Belém..

¹⁸⁹ OLIVEIRA, Ângela Pereira. A atuação de profissionais negros no mercado de trabalho de Pelotas—um estudo a partir das Cartelas profissionais (1933 a 1942). **AEDOS**, v. 7, n. 17, p. 169-189, 2015.

¹⁹⁰ Idem.

Podemos iniciar essa discussão citando Álvaro Pereira do Pensamento em seu já famoso artigo sobre o que ele chama de “paradigma da ausência”, quando em seus estudos, o historiador se debruçou sobre a classe trabalhadora no início do século XX com uma simples e importante pergunta “A classe trabalhadora tem cor?” Em outras palavras: as pesquisas dedicadas ao Mundos do Trabalho, que tanto se debruçaram sobre a classe operária, estão observando o elemento “cor” como um recorte possível para suas análises sobre os trabalhadores do início do século XX?

Álvaro questiona a produção historiográfica dedicada a esse campo conhecido como “Mundos do Trabalho” em que se é feita diversas análises sobre a classe trabalhadora no início do século XX no Brasil, mas sem observar a cor dessa mesma classe trabalhadora. Essa ausência de cor nessas pesquisas, dá a impressão para quem lê esses trabalhos, de que a classe trabalhadora brasileira é branca em sua maioria, ou exclusivamente, já que qualquer sujeito negro naquele ambiente, acaba tendo sua cor diluída.¹⁹¹

Esse é um problema de origem metodológica e conceitual, ao mesmo tempo, que pode refletir uma visão desatenta à população negra trabalhadora, demonstra um caráter racista, deixando aparenta a ideia de que o negro estava à margem do mercado de trabalho, à margem da própria sociedade como um todo. É neste contexto, nesta discussão, sob esse prisma que também vamos observar a família Pereira Belém e, principalmente, que locais atuaram profissionalmente.

É importante destacar que o termo “classe trabalhadora” dialoga com o sentido Thompsoniano, ou seja, está ancorado no conceito de experiência do historiador inglês E. P. Thompson. Apesar de citá-lo, como forma de corroborar o meu argumento, não utilizo nesta obra o conceito de classe como arcabouço teórico. Minha opção não se deve a uma negação ou divergência com o que elaborava Thompson em seus escritos, mas se justifica apenas por uma escolha teórica e metodológica. Aqui estou observando os indivíduos, uma família e não os atribuindo o sentido de classe que podem adquirir, quando observados coletivamente.¹⁹²

¹⁹¹ NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e o "paradigma da ausência": contribuições à História Social do Trabalho no Brasil. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 29, n. 59, p. 607-626, 2016.

¹⁹² THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998; UNIOR, Melo; DE CAMPOS, João Alfredo Costa. O Conceito de Experiência Histórica em Edward Thompson. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH–São Paulo, Julho de**, 2011.

Outros autores também observam a experiência da população negra através do conceito de experiência de Thompson para compreender os seus significados coletivos. Por exemplo, Leonardo Ângelo em seu artigo intitulado *A Classe Trabalhadora Tem Cor* analisa a presença de trabalhadores negros atuando na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, sinaliza para a necessidade de os estudos sobre a classe trabalhadora terem um recorte de raça. No artigo específico, Silva avança para uma articulação com o projeto desenvolvimentista do governo Vargas.¹⁹³

Aqui será feito um estudo de uma família apenas, mas através dela, pode-se criar conexões com o contexto social e econômico maior. É preciso olhar também os Pereira Belém como uma das diversas possibilidades de existir da população negra em suas inúmeras especificidades e individualidades. Nesse sentido, destacando a família que se inicia com João e Teodora. Uma família negra, pobre, livre na segunda metade do século XIX, vivendo na Baixada Fluminense, aparentemente sem terras. Até aqui nenhum documento que comprovasse a posse de terras foi encontrado, demonstrando que possivelmente a relação que João Pereira Belém mantinha com seu trabalho na segunda metade do século XIX, fosse uma relação de campesinato negro, como analisado anteriormente, que em alguma medida deve ter passado para alguns de seus filhos, os primeiros, no momento inicial de suas juventudes.

Mas, na ausência de contratos de trabalho que demonstrem essas relações provisórias vividas, muito provavelmente, por João Pereira Belém, o que foi possível verificar é a sua presença no quadro de funcionários da Estrada de Ferro Central do Brasil ainda no final do XIX e início do século XX. Portanto, minha hipótese é que ele passa por um processo de adaptação entre o mundo rural e o mundo que se urbanizava. Mas aqui, sem fontes, nos cabe a imaginação controlada mais uma vez, refletindo sobre possíveis espaços e vivências desses sujeitos. Portanto, João pode ter trabalhado em terras de outrem em um determinado momento de sua vida, o que justificaria o batizado de seus filhos variar entre uma freguesia e outra da região.

Mas, é possível também que João já trabalhasse na EFCB na segunda metade do século XIX, trabalho que será passado para pelo menos dois de seus filhos. É preciso deixar claro que

¹⁹³ SILVA, Leonardo Ângelo. A classe trabalhadora tem cor: democracia racial e desenvolvimentismo em Volta Redonda (1946-1987). **Novos Rumos Sociológicos**, v. 4, n. 5, p. 36-59, 2016.

João Pereira Belém, ao contrário de alguns outros personagens pesquisados para a região, não possuía letramento, estudos em escolas de renome, não era uma família abastada ou que gozasse de prestígio social. Esse reconhecimento vai vir a partir dos seus filhos, principalmente na figura de Enéas Pereira Belém, que será analisada mais de perto na segunda metade deste capítulo.

Observando alguns dos filhos de João Pereira Belém, ou seja, irmãos de Enéas Pereira Belém começo falando de Esmeralda Belém que foi descrita em sua certidão de casamento como parda e “de serviços domésticos.” Esmeralda casou-se no verão de 1927, aos cinco dias do mês de janeiro, na cidade de Nova Iguaçu, em uma sala de audiência na rua Bernardino de Melo, número 153. Receberam o matrimônio às 12 horas, em regime comunhão de bens José Antônio da Silva e Esmeralda Belém. O documento informa que o noivo era natural do estado de Minas Gerais, com vinte e três anos de idade, nascido em 24 de abril de mil novecentos e três, solteiro, empregado da Estrada de Ferro Central do Brasil, residente em Austin.¹⁹⁴

Mais uma vez temos a E. F. Central do Brasil aparecendo como empregadora de um indivíduo pobre e morador da Baixada Fluminense, não sabemos a cor do esposo de Esmeralda. O documento informa que Antônio era natural de Minas Gerais, portanto, ele realizou um processo de migração para a Baixada Fluminense, um movimento migratório que não era isolado. A baixada recebeu muitos migrantes durante o período e muitos deles eram homens e mulheres negras em busca de oportunidades de emprego. Portanto, existe a possibilidade de Antônio ter sido também um homem negro.

O registro de casamento descrevia Esmeralda Belém como natural deste estado, com vinte e três anos de idade, nascida em vinte e três de agosto de mil novecentos e três, solteira, doméstica,¹⁹⁵ filha legítima de João Pereira Belém, falecido em vinte e três de outubro de mil novecentos e vinte e um, e de dona Teodora Maria da Conceição, brasileira, residente com a nubente em Austin, neste distrito. Portanto, após o falecimento de João Pereira Belém, sua esposa, dona Teodora Maria da Conceição, entre seus vários filhos, mora com sua filha Esmeralda. Mais um detalhe importante,

¹⁹⁴ Family Search. Registro Civil de Casamento do Município de Nova Iguaçu, 1927.

¹⁹⁵ Sobre os significados de ser doméstica no início do século XX Ver PEÇANHA, Natália Batista, **Precisa-se de uma criada estrangeira ou nacional para todo o serviço de casa”: cotidiano, agências e resistências de servidoras/es domésticas/os no mundo do trabalho carioca (1880-1930)** / Tese de doutorado, UFRRJ, 2018.

a citação da localidade de Austin, provável local de moradia da família, talvez a localidade em que cresceram os filhos de João e Teodora até a família mudar-se para Nova Iguaçu.

O documento informa que Esmeralda era do “serviço doméstico” novamente a utilização de um termo bastante dúbio que se refere à ocupação de uma mulher parda no início do século XX. Esmeralda poderia trabalhar no serviço doméstico como informa o documento ou ele apenas estava se referindo a uma mulher que tinha a sua ocupação no lar, como filha ou esposa, e não uma ocupação ligada a um mercado de trabalho? Se compreendermos que Esmeralda era sim uma trabalhadora do serviço doméstico, poderíamos argumentar que ela como uma mulher parda e pobre, com o pai falecido, vivendo com sua mãe, a possibilidade é muito grande. Alguns documentos apresentavam o termo “do lar”, por exemplo, para dizer que a mulher trabalhava em casa, como vemos, inclusive em algumas certidões de casamento anexadas ao inventário de Durvalina e Enéas, mas o termo “serviço doméstico” parece ser mais alusivo a um mercado de trabalho.

Por essa linha de interpretação, ser doméstica no início do século XX significava que ela fazia parte de um grupo social considerado invisível nas relações sociais, para boa parte da sociedade. E, que sua condição econômica e social estava num dos patamares mais inferiores em uma sociedade hierarquizada. Trabalho este realizado por mulheres pobres, em sua maioria negras. Com o avanço do século XX cada vez mais o trabalho doméstico é realizado por mulheres em diminuição da participação masculina. Isso pode ser analisado sob o prisma da abolição da escravidão realizada em 1888, somado a uma perspectiva de gênero.¹⁹⁶

Portanto, ao findar-se, ao menos, legalmente, as relações escravistas, o trabalho doméstico que era realizado entre homens e mulheres, sem grande predominância da participação feminina em relação a masculina, começa a ser exercido cada vez mais por mulheres. Podemos entender que a população masculina teve mais oportunidade de se lançar em outras formas de trabalho, enquanto a mulher encontrou maiores dificuldades para exercer outras atividades que não estavam ligadas ao ambiente doméstico em uma sociedade patriarcal.¹⁹⁷

¹⁹⁶ DE SOUZA, Flavia Fernandes. Reflexões sobre as relações entre a história do serviço doméstico e os estudos da pós-emancipação no Brasil. **história, histórias**, v. 4, n. 8, p. 131-154.

¹⁹⁷ Idem.

Como testemunha temos citado o irmão de Esmeralda, Manoel Pereira Belém, natural deste estado, com vinte e cinco anos de idade, funcionário público, casado, residente à rua Travessa Chaves número vinte e cinco, nesta cidade. E, uma última informação explícita que a “contraente” não sabia ler e escrever.¹⁹⁸

Não saber ler e escrever é um dado importante sobre a família Pereira Belém, porque podemos supor que entre os muitos irmãos, Esmeralda não deve ter sido a única que não sabia ler ou escrever. Muito provavelmente João e Teodora também não sabiam, ou se sabiam, podiam ser apenas capazes de assinar os seus nomes. Por essa mesma lógica, alguns de seus irmãos também não sabiam ler e escrever ou tinham um grau de instrução muito baixo. Nada muito incomum naquelas primeiras décadas do século XX. Mas o que quero reforçar aqui é que a baixa instrução reforça a condição pobre em que a família vivia, muito diferente, por exemplo, da família fundadora do Correio da Lavoura que mesmo não sendo uma família de grandes posses, abastada, era uma família letrada.

Ainda sobre letramento, não sabemos o grau de instrução de Enéas Pereira Belém, mas se pensarmos em sua família, na realidade em que viveu, muito provavelmente, se foi alfabetizado, ou se frequentou apenas os anos iniciais de estudo, é muito mais plausível do que tenha conseguido alcançar o ensino superior. Caso tivesse, é provável que nas dezenas e mais dezenas de notícias em que seu nome é citado, na maioria, relacionado a sua vida ligada ao clube Filhos de Iguaçu, alguma referência a sua formação teria aparecido. Segundo Costa Pinto:

Existiam, em 1940, no Distrito Federal, 356.325 pessoas que haviam concluído, até aquela data, um curso qualquer, de qualquer grau; desse total, a parcela dos brancos era de 310.852 (88,31%), a dos pardos 35.178 (9,37%) e a dos negros 9.956 (2,15%). Redistribuindo esses dados pelos diferentes graus dos cursos concluídos, verifica-se que dos 9.956 pretos que em todas as épocas anteriores a 1940, e que naquela sobreviviam, tinham certificados de cursos feitos - 88,62% haviam concluído apenas o curso primário, 7,58% o secundário e 1,09% tinham certificados de cursos superiores.¹⁹⁹

Além da baixa escolaridade geral presente na sociedade brasileira do período, a situação da população negra era ainda pior, como demonstrou Costa Pinto ao apresentar dados sobre a formação educacional do Distrito Federal para o ano de 1940. Fica nítido que a quantidade de

¹⁹⁸ Family Search - Assento de Casamento de José Antonio da Silva e Esmeralda Belém.

¹⁹⁹ PINTO, Luiz de Aguiar Costa. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança**. Brasileira, 1953. p. 159

pessoas negras, em comparação às brancas, era muito menor em relação ao grau de escolaridade, acentuando o problema quando o grau de instrução se elevava aos cursos superiores como observamos na citação acima.

Quando elencamos aqui a profissão, a condição social, a cor desses indivíduos, o grau de instrução, estamos destacando a importância desses elementos para a leitura que se faziam deles em sua sociedade racializada. Portanto, essa junção de condições sociais e econômicas faziam parte e influenciavam as suas trajetórias individuais. Desta forma, eles precisam ser compreendidos levando-se em consideração esses fatores, compreendendo dentro dessa perspectiva o que significava a possibilidade de mobilidade social.²⁰⁰

Desta forma, a relação entre a questão racial e a condição social deve ser observada como elementos que caminham juntos, ao mesmo tempo que se sobrepõe a forma como esses sujeitos são lidos pela sociedade. A historiadora Brodwyn Fischer explora a questão sobre raça e a condição social do sujeito na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1930 e 1964, concluindo que essas categorias não são concorrentes, mas sim complementares. Fischer se debruça em documentos que a ajudam a perceber a forma de tratamento que era dada aos réus no Rio de Janeiro, afirmando que a discriminação social e a discriminação racial estavam presentes no andamento dos processos.²⁰¹

Retomando a análise do inventário de Durvalina e Enéas, o primeiro filho do casal que aparece registrado foi Djalma, nascido em 8 de fevereiro de 1913, no ano seguinte ao casamento de Durvalina e Enéas. Sua profissão é registrada como Alfaiate e estabelece matrimônio com Maria Coimbra Rolim Belém. Na certidão de casamento ela aparece como profissão “doméstica”, o que nos sugere que ela trabalhava em casa, mas o termo é impreciso, como abordado anteriormente, e poderia ser referente a trabalho no serviço doméstico. Alguns documentos são mais claros e especificam com o termo “prendas domésticas”, neste caso, não deixando dúvidas que se tratava de uma mulher que trabalhava em casa.

²⁰⁰ SILVA, Leonardo Ângelo. A classe trabalhadora tem cor: democracia racial e desenvolvimentismo em Volta Redonda (1946-1987). **Novos Rumos Sociológicos**, v. 4, n. 5, p. 36-59, 2016.

²⁰¹ Fischer, Brodwyn. "Quase Pretos De Tão Pobres? Race and Social Discrimination in Rio De Janeiro's Twentieth-Century Criminal Courts." *Latin American Research Review* 39, no. 1 (2004): 31-59. Accessed February 8, 2021. <http://www.jstor.org/stable/1555382>.

Figura 8 - Djalma e Rubens Pereira Belém



Foto: Os irmãos Djalma e Rubens Pereira Belém, sem data.²⁰²

Djalma aparece citado em uma notícia veiculada no Jornal Tribuna Popular de 1945, uma nota assinada pela Comissão Municipal de Nova Iguaçu, em apoio à candidatura de Yêddo Fiuza, à presidência da república pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB).²⁰³ O jornal se debruça sobre uma narrativa que aproxima o candidato dos trabalhadores, dos operários e defendia “em sua campanha as liberdades democráticas e uma maior distribuição de renda”, mas acabou derrotado pelo Partido Social Democrático e o Partido Trabalhista Brasileiro, na candidatura do general Eurico Dutra.²⁰⁴

No mesmo manifesto em que Djalma é citado, o seu irmão Rubens Pereira Belém, nascido em 1918, portanto, cinco anos mais novo, também assina a nota de apoio ao Yêddo Fiuza. Não encontrei nenhum documento que pudesse ligar Djalma Pereira Belém e o seu irmão, Rubens Pereira Belém, ao Partido Comunista Brasileiro. Mas segundo José Araújo, em nossas trocas de e-mails, ele afirma que os filhos de Rubens confirmam que ele era filiado ao partido comunista e em um episódio relatado por um dos seus familiares, com medo, durante o período da ditadura militar, queimou diversos papéis e livros.

Rubens também é citado como membro de uma das delegações que foram para Curitiba no ano de 1953 para o Congresso Nacional de Servidores Públicos, promovido pela Associação dos

²⁰² Acervo pessoal de José Araújo, um dos netos de Enéas Pereira Belém, gentilmente cedida.

²⁰³ BNDigital. *Tribuna Popular* (RJ) - Ano 1945\Edição 00160 (1). Acessado em 02/02/2021

²⁰⁴ Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. *Apud* CPDOC – Dossiês. Acessado em 02/02/2021. Disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/iedo_fiuza

Servidores Públicos do Paraná, em colaboração com a União Nacional dos Servidores Públicos. Rubens Pereira Belém, representava a Universidade Rural, pelo Laboratório de Produção Mineral, ligado ao Ministério da Agricultura.²⁰⁵ Rubens também foi tesoureiro da União Metropolitana de Servidores Públicos, de acordo com matéria publicada no jornal *Imprensa Popular* também em 1953.²⁰⁶

Djalma faleceu em 1967 com 54 anos, deixando um filho, em sua certidão de óbito é registrado a cor “parda”.²⁰⁷ Em 1971, Maria Coimbra Rolim Belém, já viúva, é listada como uma das herdeiras no inventário dos bens do casal Durvalina e Enéas, por ter sido casada com Djalma, mas na ocasião do inventário, Maria Belém aparece como funcionária pública, diferentemente de quando ela se casou como sendo “doméstica”. É possível que o casamento com Djalma, tenha aberto a possibilidade dela se tornar funcionária pública, já que era comum entre os membros da família Pereira Belém essa inserção no funcionalismo público.

Podemos compreender que a inserção dos Pereira Belém em cargos ligados à administração pública abre a perspectiva de manutenção econômica da própria família, configurando, assim, uma estratégia familiar. Ao mesmo tempo em que a figura de Enéas conferia aos membros mais novos da família, uma legitimidade para acessar esses espaços. Sendo essa legitimação conferida aos seus filhos e outros parentes, um legado deixado ainda em vida por Enéas. Essas estratégias familiares não se configuram somente dentro da unidade familiar, mas se expandem para redes de sociabilidades. Por isso, a importância de observar a relação próxima que Enéas tinha com Silvino Azeredo, dono do Correio da Lavoura, família influente na cidade, abordarei a questão no próximo capítulo.

Essas relações entre parentes consanguíneos ou fictícios, essas sociabilidades serviam também na primeira metade do século XX na Baixada Fluminense como uma forma de fugir das incertezas produzidas naquela sociedade específica. A ajuda mútua desses sujeitos, a influência daqueles que já tinham alcançado certo patamar social se fazia presente nessas relações. Podemos ampliar essa compreensão e falar em um associativismo negro, na medida que essas pessoas,

²⁰⁵ BNDigital. *Imprensa Popular* (RJ). Ano 1953\Edição 01634 (1). Acessado em 02/02/2021. Disponível em <http://memoria.bn.br/>

²⁰⁶ BNDigital. *Imprensa Popular* (RJ). Ano 1953\Edição 01650 (1). Acessado em 02/02/2021. Disponível em <http://memoria.bn.br/>

²⁰⁷ MTJRJ – Inventário *post mortem* de Durvalina e Enéas Pereira Belém, 1971.

mesmo não estando sob a bandeira de um clube, de uma associação que explicitamente congregasse sociabilidades, ela estava lá, atuando, mesmo que de forma simbólica.²⁰⁸

O próprio Rubens, além de ser funcionário público, era muito atuante politicamente, atuando, como vimos em associações de classe e representando seus colegas em eventos que discutiam as condições de trabalho e reivindicavam melhorias, como a sua participação no congresso nacional de servidores públicos realizado em Curitiba. Não encontramos qualquer relação de Enéas Pereira Belém com o PCB, mas podemos supor que a entrada dos seus filhos para o funcionalismo público pode ter sido o gatilho que despertou uma maior consciência de classe e o engajamento no PCB, não se sabe em que medida, de Djalma e Rubens.

O terceiro filho homem do casal foi Wilson Pereira Belém, nascido em 16 de janeiro de 1924. Em sua certidão de casamento com Maria Rabello Souza, sua profissão é descrita como “comerciário”, no ano de 1947. Mas, no final do testamento, durante a partilha, ele é descrito como funcionário público, em 1971. Durante a entrevista com o sr. Belém, ele contou um pouco sobre o seu pai e no que ele trabalhava.

Meu pai era sarara também. Não era preto não. Meu pai também era uma pessoa muito boa. Boa de coração. (...) Meu pai era mecânico. Mecânico na época em que as pessoas vinham, isso aí eu lembro porque, vinha em casa e passava uma semana em uma fazenda. Porque ele consertava motores a diesel de retro, patrol, de caminhão. Que não tinha, o pessoal não sabia, era muito raro ter uma pessoa que pegava um motor a diesel e sabia fazer. Meu pai tinha a quarta série primária e ele lia coisas que eu não lia. Então a coisa é de uma maneira que ele ficava uma semana. Ele trabalhava na prefeitura. Mas mesmo assim o pessoal da prefeitura ainda dava pra ele ir. Porque sabia que quando ele voltasse ele arruma tudo que tinha na prefeitura.²⁰⁹

Através das lembranças do sr. Belém, conseguimos saber detalhes sobre a vida de Wilson Pereira Belém com bastantes detalhes. O sr. Belém não cita o seu pai como comerciário, profissão descrita em sua certidão de casamento. Provavelmente, as suas memórias dão conta de um momento da vida do seu pai em que ele já está trabalhando na prefeitura, como ele pontua. E, ficamos sabendo também que ele era mecânico, portanto, era a área em que atuava na prefeitura de Nova Iguaçu. Quando Wilsomar afirma que o pai dele passava uma semana em uma fazenda e voltava pra casa, podemos supor que durante esse período ele permanecia na propriedade fazendo

²⁰⁸ Sobre associativismo e protagonismo negro: DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia**. Edições Sesc SP, 2019.

²⁰⁹ Trecho extraído da entrevista concedida por Wilsomar Pereira Belém, filho de Wilson Pereira Belém em dezembro de 2019.

manutenção dos caminhões que eram utilizados na colheita, provavelmente, da laranja. As rodovias eram uma das formas de escoar a produção local.

O segundo ponto que podemos destacar é a sua escolaridade, Wilsomar informa que o seu pai tinha apenas a quarta série, mas possuía uma grande habilidade no trabalho. Portanto, era uma família com baixa escolaridade, ou quase nenhuma, como abordado anteriormente. Não era uma família abastada, uma família letrada, ao contrário, era como a maioria das dos brasileiros que quando muito sabiam assinar o seu nome. O dado da escolaridade é importante, porque quando olhamos para a família Pereira Belém, ela estava em um local social muito distinto, por exemplo, da família proprietária do jornal Correio da Lavoura. Silvino Azeredo, o seu fundador, era um homem letrado que havia estudado nas melhores escolas, assim como foi com os seus filhos. E também a figura de Gaspar José Soares, político, empresário e atuante indivíduo negro no município de Nova Iguaçu no período do pós-abolição.

Valdirene Nunes de Santana Pessoa ao investigar o papel de Gaspar José Soares enquanto empreendedor político local, buscando mapear suas redes de relações e observar como se articulou socialmente e qual a importância dessa articulação no seu processo de mobilidade social, política e econômica. A autora também faz algumas observações sobre as figuras de Gaspar Soares e Silvino Azeredo:

“Gaspar José Soares e Silvino Hyppolito de Azeredo foram importantes figuras que alçaram proeminente posição social em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, nas primeiras décadas do século XX, mas que se posicionaram de forma alheia às diferenças de cor entre os indivíduos constituintes da população Iguaçuana à época. Ambos escolheram dissimular sua origem étnica e deixar na obscuridade qualquer menção que os aproximasse de um engajamento racial. Em relação ao nosso pesquisado, se não fosse pelas fotografias e alguns poucos documentos que os ligasse a sua “cor”, provavelmente a importante mobilidade conquistada por negros no pós-abolição, ficaria apagada da história da região. Mesmo que estes no decorrer de suas trajetórias, fossem militantes engajados nas causas da população negra, ou não.”²¹⁰

No trecho transcrito acima, a autora compreende que tanto Gaspar Soares quanto Silvino Azeredo foram figuras importantes em Nova Iguaçu e que alcançaram proeminente posição social. Neste aspecto, compreendo que Enéas Pereira Belém também foi uma figura importante em Nova Iguaçu, alcançando também um lugar proeminente. Pontuo que diferente de Gaspar Soares e de

²¹⁰ Pessoa, Valdirene Nunes de Santana. **Entre as pessoas mais gradas do município: a trajetória do Capitão Gaspar José Soares, um político negro no pós-abolição da Baixada Fluminense (1864-1955)**, 2018, p. 138. Dissertação em História. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018, p. 92

Silvino Azeredo, em suas biografias, se diferenciam de Enéas, por terem acessado espaços privilegiados que Enéas não alcançou, provavelmente, por vir de uma família muito pobre. Isso se reflete, por exemplo, no grau de instrução, já que tanto Gaspar Soares quanto Silvino Azeredo tinham curso superior.

Sobre como essas duas figuras se posicionaram em relação às questões raciais, Pessoa entende que se colocaram à margem dessas discussões. Posso, em um primeiro momento, fazer o mesmo tipo de observação para Enéas Pereira Belém. De maneira objetiva, também não há qualquer tipo de documento que me traga informações sobre algum tipo de atuação dele relacionado a questões raciais, ou mesmo, ao analisar o clube Filhos de Iguazu, é difícil objetivamente fazer uma análise que confirme o clube como um espaço de associativismo negro.

Ainda assim, gostaria de pontuar que a inexistência de comprovação dessas atuações em associações, clubes, espaços de associativismo negro, ou mesmo, em sua vida pública, atuando individualmente, não significa, necessariamente, que suas ações não possam ter sido realizadas de tal forma que hoje não consigamos observar diretamente. Por exemplo, quando observamos o jornal Correio da Lavoura, em seus editoriais, é possível ver um discurso preocupado com a condição da população negra. Exploro esse tema no próximo capítulo, quando analiso mais a fundo a relação entre o clube Filhos de Iguazu e o Correio da Lavoura.

No caso de Enéas Pereira Belém, acredito que ele em uma posição de destaque em um dos dois mais importantes clubes do período, o Filhos de Iguazu, seria uma figura de representatividade para outros membros negros e, principalmente, para os jogadores que participavam do clube e tiveram durante muito tempo ele como a figura mais importante do departamento de esportes do clube. Não raro a presença de jogadores negros era constante e significativa no clube entre os anos de 1930 e 1940.

Para finalizar este argumento, acredito que a luta, muitas vezes, em uma sociedade racista, pode acontecer pelo simples fato daquela figura ocupar espaços que nas primeiras décadas do século XX eram ocupados majoritariamente por pessoas brancas. É claro que trabalho no campo também daquilo que é subentendido. Na medida que sim, a alienação de um certo posicionamento em prol da questão podia existir. Mas, por outro lado, não é possível bater o martelo e afirmar algo de forma absoluta, é preciso ver que nas entrelinhas muito podia acontecer. Se Silvino Azeredo não atuava abertamente, o seu jornal estava lá atuando pontualmente sobre essas questões. Se Enéas

Pereira Belém não aparece em documentos ligados a uma luta em favor da população negra, a sua figura de destaque devia produzir algum significado não só para os seus familiares, como observei na fala do seu nego ao se referir com muito orgulho do que Enéas representou, mas também o que ele deve ter representado para a rede de sociabilidades da qual fazia parte em Nova Iguaçu.

Continuando a análise da trajetória da família Pereira Belém, destacando a questão relacionada à educação, a falta de acesso ou o pouco acesso a ela. Este é um dado que atravessa pelo menos três gerações da desta família, quando partimos das figuras de Teodora e João, que deram início a esse ramo da família, segundo para os seus filhos, entre eles o Enéas, que não sabemos o seu grau de escolaridade e continua, provavelmente, pois não possuo esses dados, em parte dos seus filhos a baixa escolaridade, como no caso evidenciado por Wilsomar quando afirmar que o seu pai possuía a quarta série.

A ampliação do ensino público no Brasil, essa democratização só acontece em grande escala durante o governo militar, com a ampliação do sistema de ensino, construindo diversas escolas e mudando o formato do que na época era chamado de segundo grau. Não entrarei aqui no debate sobre a baixa qualidade do ensino. Esse ponto apenas ilustro pra dizer que ter a quarta série, para grande parte da população daquele período, era o máximo que se cumpria nos estudos.

Concluo esse raciocínio afirmando que, por essa lógica, é muito provável que os outros membros da família Pereira Belém tenham o mesmo grau de instrução, ou aproximado. Não tenho qualquer relato ou documento que informe a entrada em alguma universidade das gerações aqui estudadas, pois é sabido que nas gerações atuais o ensino superior é mais frequente. É importante fazer pelo menos três recortes aqui, um de gênero, outro de classe e o racial, principal neste trabalho. Portanto, o nível de escolaridade encontra essas dimensões que dificultavam a sua realização. Desta forma, uma das mulheres da família Pereira Belém teria muito mais dificuldade de acessar um ensino de qualidade, por ser mulher, por ser negra e por ser pobre. Ainda poderíamos acrescentar também a questão geográfica, pois a Baixada Fluminense devia possuir menores chances de estudo do que o Rio de Janeiro.²¹¹

A primeira filha mulher do casal Durvalina e Enéas nasceu no ano seguinte ao do primeiro filho, Djalma. Lourdes nasceu em 1914 e no inventário, ao assinar a procuração para que o

²¹¹ DIAS, Amália. **Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)**. Quartet Editora, 2014.

advogado, comum a todos os filhos, cuidasse do caso, Lourdes afirmou ser funcionária pública, casada com Oscar Figueiredo, de profissão ignorada, como está em sua certidão de casamento e residente na rua Roberto Silveira, nº 483. Portanto, na casa não vivia somente Durvalina, Enéas e Neuza, que era solteira, a sua irmã Lourdes vivia com o seu marido no mesmo endereço.²¹² Assim, mais um dos filhos do casal se apresenta como funcionário público. Não se sabe qual atividade Lourdes exercia na prefeitura da cidade de Nova Iguaçu, mas o importante é perceber como a família se coloca de forma muito intensa como funcionários da prefeitura de Nova Iguaçu, por seguirem, provavelmente, os passos do pai, Enéas Pereira Belém. As irmãs Ruth e Neuza também são citadas no inventário como funcionárias públicas. Não se sabe em que áreas atuavam, o que faziam na prefeitura. Até aqui, pelo menos seis dos onze filhos do casal eram funcionários públicos.

Figura 9 - As irmãs Ruth, Lourdes e Neuza Pereira Belém



Diferentemente dos seus irmãos, Nilza, Genny, Zilah, Haidde e Iolanda Pereira Belém não eram funcionárias públicas e são citadas nos documentos, referente às suas profissões, como “domésticas”, “prendas domésticas”, “serviços domésticos”, ou “do lar”. O termo “doméstica” é um pouco confuso, porque quando colocado como profissão pode também significar que a pessoa trabalha na casa de alguém, como empregada. O termo “do lar” torna explícita a relação de um casal em que a esposa trabalhava em casa, sendo ela “do lar”, não exercendo uma profissão externa. A terceira forma em que o termo aparece é como “serviços domésticos”, também não deixa claro a condição a quem se refere. E, por último, ainda apareceu a forma “prendas domésticas” e, nesta forma, o termo pode conotar de maneira mais objetiva que se trata de alguém, no caso uma mulher

²¹² MTJRJ – Inventário *post mortem* de Durvalina e Enéas Pereira Belém, 1971.

casada, que trabalha como dona de casa. Por isso, nesses casos, é importante compreender a vida do sujeito de forma global, ou reunir o máximo de informações que deem conta do contexto em que essa personagem está inserida, contribuindo para a compreensão dessas nuances.

Figura 10 - As irmãs Genny, Zilah e Aydée Pereira Belém



Desta forma, partimos para compreender o contexto em que a família Pereira Belém estava inserida. Primeiro, considerarei a trajetória de vida de Enéas Pereira Belém, como homem público, muito bem relacionado na cidade, com uma condição de acesso à cidade, aos seus espaços, muito maior do que a maioria das pessoas, principalmente as pessoas negras, como ele, mas sem o destaque que ele conseguiu em Nova Iguaçu. Por essa perspectiva, a probabilidade de uma de suas filhas ter sido uma trabalhadora doméstica se torna pequena. Some-se isso ao fato dos outros irmãos e irmãs trabalharem como funcionários públicos, ou seja, tanto o seu pai, quanto alguns de seus irmãos possuíam um capital relacional que poderia ajudar na inserção dessas mulheres no mercado de trabalho sem ser como empregada doméstica, um trabalho muito associado às mulheres pobres e principalmente as mulheres negras, num estrutura de relação, muitas vezes, próxima à escravidão. Desta forma, são vários os elementos que me levam a acreditar que elas não tinham uma profissão externa às suas vidas domésticas. Por último, todas as cinco irmãs citadas como domésticas e suas variações, são casadas, no momento da abertura do inventário. Como esposas, sem uma atividade externa, a referência ao lar se torna uma condição que representa a generificação²¹³ de seus corpos.

²¹³ O termo se refere a discursos que tomam a anatomia como o espaço primeiro a designar locais sociais, comportamentos, atitudes, gestualidades que generificam e hierarquizam os corpos e os sujeitos. Essas relações aparecem mais explícitas no ambiente dos esportes e também escolar; Ver: GOELLNER, Silvana V. O esporte e a cultura fitness como espaços de generificação dos corpos. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. 2007; REIS, Cristina d'Ávila. **Currículo Escolar e Gênero: a**

Por último, apesar de a família nuclear de Durvalina e Enéas ter sido majoritariamente composta por mulheres, oito de onze, ninguém tinha qualquer ligação com a citricultura. Era uma experiência de vida familiar que se desdobrava profissionalmente no serviço público e não nas lavouras de laranja. E, mesmo quando olhamos uma geração antes, ou seja, quando olhamos para Enéas e os seus vários irmãos, também não os vemos trabalhando na citricultura, apesar de ser de uma família pobre e negra, o seu caminho não esteve ligado à lavoura. Olhar de forma micro as vivências dos membros da família Pereira Belém, é ampliar a gama de compreensão das possibilidades de experiências de vida de sujeitos que viveram na cidade de Nova Iguaçu. É possível perceber que essas trajetórias, individuais ou coletivas, não estavam exclusivamente no trabalho da lavoura dedicada ao plantio das tão importantes laranjas para o município. Nova Iguaçu possuía outras possibilidades de existências, ligadas a outros setores do Mundos do Trabalho, como funcionários públicos do centro da cidade, num território que se urbanizava, em um território que se alterava, ao mesmo tempo que criava novas configurações, nossas conexões, novas territorialidades.

4.5 Um homem da sociedade - Enéas Pereira Belém e sua ascensão em Nova Iguaçu.

Enéas Pereira Belém, negro, filho João Pereira Belém e Teodora Maria Pereira Belém, nasceu em 20 de abril de 1889, provavelmente também na cidade de Nova Iguaçu. Essa estimativa é possível ser feita a partir da sua certidão de óbito de 1970.²¹⁴ Casou-se com Dorvalina Pereira Guimarães em Nova Iguaçu, em 6 de abril de 1912, aos 22 anos, apenas no civil. Enéas Pereira Belém foi dono de uma Loja de Secos e Molhados em Nova Iguaçu, comprado de Antônio Ramos em julho de 1930,²¹⁵ funcionário público também participava ativamente da vida cultural da cidade, como atividades ligadas ao carnaval, como bailes de carnaval que aconteciam na sede do próprio clube de futebol “Iguassuano”. Essas informações podem ser mais detalhadas através da sua

constituição generificada de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. 2011. 154 f. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

²¹⁴ MTJRJ – Inventário Post mortem. Certidão de óbito de Enéas Pereira Belém, Comarca de Nova Iguaçu, 1970.

²¹⁵ Almanak Laemmert, 1935.

certidão de óbito, e notícias encontradas em jornais da época em uma busca inicial na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Em 1932 uma notícia no jornal *Diário da Noite*, Enéas Pereira Belém aparece como um dos fundadores da “Associação Iguassuana de Esportes”, citado como parte da junta governativa no cargo de presidente. Já em 1933, Zilah, uma de suas filhas, aparece citada no Jornal *O Tico-Tico: Jornal das Crianças* de 1933.²¹⁶ Abaixo três imagens que nos ajudam a construir a imagem desta família. A primeira, uma foto do próprio João, a segunda ele aparece novamente, ao fundo, do lado esquerdo, sem chapéu, em um baile de carnaval, segundo seus descendentes, o baile acontecia na sede do clube “Iguassuano”. A última foto mostra uma de suas filhas ainda criança.

Figura 11 - Enéas Pereira Belém

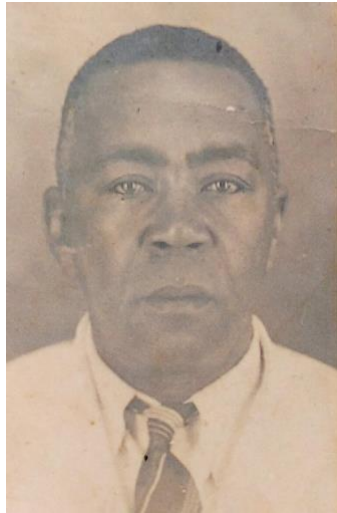


Foto: Arquivo da família, sem data.

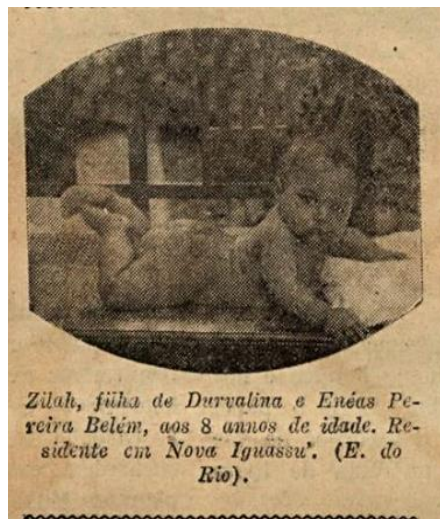
²¹⁶ Hemeroteca Digital. *O Tico-Tico : Jornal das crianças* (RJ) - Ano 1933\Edição 1458 (1)

Figura 12 - Baile de carnaval no Filhos de Iguaçu



Fonte: Arquivo da família. Sem data.

Figura 13 - Zilah, Filha de Enéas Pereira Belém



Zilah, filha de Durvalina e Enéas Pereira Belém, aos 8 annos de idade. Residente em Nova Iguaçu. (E. do Rio).

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Não foi possível encontrar o documento de nascimento de Enéas Pereira Belém, mas em sua certidão de óbito de 29 de junho de 1970, informa que ele faleceu com 81 anos de idade. Isso significa que, estando sua idade correta, Enéas nasceu provavelmente em 1889 ainda Bananal de Itaguaí. Nada sabemos sobre sua infância, não há qualquer documento que possa nos dar pistas sobre como teria sido a sua vida na Baixada Fluminense. Por isso, recorro a sua composição familiar. Enéas vivia em uma família grande, com vários irmãos e os documentos sobre os locais exatos onde a família morou não foram encontrados.

Em sua entrevista, Wilsomar Pereira Belém, neto de Enéas, especulou que a casa de Enéas por ser muito grande, talvez fosse a casa em que viviam João e Teodora. Mas, não podemos afirmar com certeza essa hipótese. Por vir de uma família pobre, não temos informações sobre em que escolas estudaram, se todos sabiam mesmo ler e escrever. Vimos anteriormente que não. Portanto, diferente das histórias da família Azeredo do Correio da Lavoura ou do político e capitão José Gaspar, outros dois homens negros que se destacaram no cenário social de Nova Iguaçu e que tiveram as suas vidas ligadas à escolas de excelência, no caso de Enéas, nada sabemos sobre a sua juventude e os lugares que frequentou.

Sua ligação estava mais próxima de uma classe social de funcionários públicos, ao menos alguns deles. O pai de Enéas, foi trabalhador da Via Férrea Central do Brasil, pois conseguimos encontrá-lo participando de uma reunião da empresa, como vimos no capítulo 2 desta tese e, alguns filhos também, parecem ter seguido o mesmo caminho. Sobre Enéas, não encontrei qualquer documento que o ligasse ao trabalho na estrada de ferro, mas sim à prefeitura de Nilópolis. Isso foi possível porque em algumas edições do jornal Correio da Lavoura, ele foi citado recebendo promoção do cargo que executava.

Em uma portaria municipal da Prefeitura Municipal de Nilópolis de 1 de junho de 1948, publicada no dia 13 do mesmo mês, informava a transferência de alguns funcionários devido à promoção de Enéas, que havia deixado vago o cargo que ocupava como fiscal de obras. A portaria não diz qual promoção Enéas havia recebido, não ficamos sabendo para qual cargo ele estava migrando com aquela publicação no Correio da Lavoura. Mas, essa notícia nos informa que Enéas no ano de 1948 era funcionário público da prefeitura de Nilópolis, nos dando pistas da sua trajetória profissional.²¹⁷

Para receber aquela promoção em 1948, provavelmente Enéas devia estar trabalhando há alguns anos como fiscal de obras em Nilópolis e, talvez, tenha vindo de outro cargo, anterior ao de fiscal de obras. Em 1948 Enéas possuía 59 anos, portanto, devia ter uma trajetória longa de trabalho, mas não sabíamos quantos anos dessa trajetória foi na prefeitura de Nilópolis ou que tipo de outras atividades ele desempenhou ao longo de sua vida.

²¹⁷ CEDIM – UFRRJ: Correio da Lavoura_1630_Junho de 1948 Disponível em: Acessado em 14/01/2021

E foi justamente o que conseguimos confirmar em uma edição do Correio da Lavoura de 30 de maio de 1948.²¹⁸ A portaria da Prefeitura de Nilópolis de 18 de maio daquele ano, informava: “Resolve promover, por antiguidade, de acordo com o art. 55 do Decreto lei n. 624, de 18 de outubro de 1942, o Fiscal de Obras, do Quadro II, Enéas Pereira Belém, da classe “K” para a classe “L”, vaga em virtude da promoção de Hidelberto Freire de Carvalho.”²¹⁹ Portanto, fica claro que a promoção é por tempo de serviço, mas que só se torna possível pela promoção de outro funcionário, gerando um efeito cascata. Não sabemos o que significa as categorias citadas, se era uma categorização apenas como forma de organização da mão de obra empregada nas atividades ou se tinha alguma relação hierárquica.

Ao mesmo tempo em que exercia diversas atividades no clube Filhos de Iguazu, Enéas continuava como funcionário público. Sem acesso aos documentos originais do clube, como estatuto e contabilidade, não é possível saber se suas atividades eram remuneradas. Sabemos que o clube realizava bailes e utilizava a sua sede para diversos eventos que deviam gerar algum dividendo e que há inclusão de sócios contribuintes era constante. Mas não sabemos o valor dessas contribuições, nem ao menos quantos sócios contribuía financeiramente para o clube e quantos sócios não eram contribuintes e quais critérios os diferenciavam. O próximo capítulo será dedicado à vida de Enéas Pereira Belém no clube Filhos de Iguazu. Portanto, desenvolverei lá essas discussões.

As atividades de Enéas também estavam ligadas às festas que aconteciam no município de Nova Iguazu. A festa de Santo Antônio, uma das mais importantes da cidade, afinal o santo casamenteiro também é padroeiro da cidade, era realizada com o auxílio de uma comissão de festejos que a organizava anualmente. Na edição do CL do dia 16 de junho de 1946, portanto alguns dias após os festejos em homenagem ao santo católico, o jornal trazia algumas páginas dedicadas ao evento, que nos dá dimensão de sua importância, através de um roteiro de atividades que aconteceriam naquele domingo em que o jornal estava sendo publicado com a presença da

²¹⁸ CEDIM – UFRRJ: Correio da Lavoura_1628_Maio de 1948. Disponível em: [CL - ANO XXXII - Nº 1628- mai. 1948](#) . Acessado em: dez de 2020.

²¹⁹ Idem.

comunidade na igreja matriz, cortejo pela cidade e participação de duas bandas de música, ornamentação especial e a presença da polícia militar.²²⁰

Enéas Pereira Belém aparece citado entre uma lista com mais de vinte nomes que elencava a próxima comissão de festejos em homenagem ao santo padroeiro que deveria ocorrer nas comemorações de 1947. É possível perceber o quanto Enéas era um homem que estava presente de maneira intensa na vida pública de Nova Iguaçu, nos anos de 1940. Suas atividades no clube Filhos de Iguaçu eram muito intensas, como podemos observar nas matérias que citam seu nome e, apesar disso, Enéas ainda encontrava tempo para atuar na organização da festa em homenagem à Santo Antônio, padroeiro da cidade.

Esse excesso de exposição na vida pública da cidade, o tornava homem conhecido, em destaque nos jornais também, através do que acontecia em sua vida particular. É o que podemos observar em uma nota publicada em 3 de março de 1946 na coluna “Vida Social” e que descreve o casamento de uma das filhas do casal Enéas e Durvalina Pereira Belém.²²¹

4.6 Vô Toné

O olhar, as lembranças, o afeto, a saudade, tudo isso se torna modulares da realidade. Por tanto, sabemos dos limites, das restrições da utilização da história oral. Mas, ao mesmo tempo é possível ancorar tais relatos em fontes que podem confirmar ou retificar detalhes mais burocráticos da história, como datas, fatos específicos, personagens, etc. Estarei atento a essas questões. Mas, destaco que, aqui, me interessa o simbólico. O que representou a figura de Enéas no seio de sua família. Evidentemente, em uma entrevista é natural que o entrevistado selecione aquilo que quer ou gostaria que ficássemos sabendo sobre a história de sua família e do seu avô. Mas olhemos para os pormenores, para os detalhes que, mesmo selecionados, podem ser fios que nos permitem chegar a algumas conclusões sobre a vida familiar de uma família negra em Nova Iguaçu.

²²⁰ CEDIM – UFRRJ: Correio da Lavoura_1526_Junho de 1946. Disponível em: Acessado em 15/01/2021.

²²¹ CEDIM – UFRRJ: Correio da Lavoura_1511_Março de 1946. Disponível em: Acessado em 15/01/2021.

O senhor Belém, como é comumente chamado, no momento da entrevista tinha 68 anos e, começa nos dando a primeira informação que não encontraríamos em nenhuma página dos vários jornais que citaram o seu avô ao longo de sua vida pública. Ele nos diz qu:

O meu avô Enéas, a gente nem chamava de Enéas, era Toné, era o apelido dele. Ele tinha vários, eu digo vários amores porque ele tinha filhos, esposa e os netos. Mas tinha um amor principal que era um clube chamado Filhos de Iguassu. E ele dava vida a essa entidade que depois se tornou o América Futebol Clube.²²²

Essa foi a primeira fala durante a entrevista, a única informação que Wilsomar tinha era que falaríamos sobre a história de sua família e do seu avô, mas não sabia sobre o que falaríamos, que temas abordaríamos. Portanto, a exposição imediata do clube Filhos de Iguaçú demonstra a importância que a relação com o mundo dos esportes, a vida inserida no cotidiano do clube, possuía na vida de Enéas, como dito por seu neto, o seu principal amor.

Segundo Wilsomar, o América Futebol Clube comprou a sede do FI depois da morte do seu avô, que segundo ele, não permitiria que isso acontecesse. Relatarei essa passagem mais a frente. Mas, por agora, vamos seguir conforme o relato do Sr. Belém se deu. Na sequência é confirmada uma das funções, talvez a principal, ou a que mais lhe dava prazer, a de técnico de futebol de campo, exercida por Enéas no FI.²²³

Não foi encontrada qualquer documentação que possa atestar quando o clube foi fundado, quantas pessoas estariam envolvidas na fundação do mesmo e a importância de Enéas Pereira Belém. Ou mesmo se Enéas tivesse ligação com outros clubes, o que também é uma possibilidade, já que ele foi um dos fundadores da Associação Iguassuana de Esporte. Ao ser perguntando de o avô teria fundado o clube sozinho, o senhor Belém responde que:

Tinham as pessoas. Mas, as pessoas eu não lembro. Porque ele tomava conta do esporte. O esporte era com ele. Isso aí ninguém se metia com esporte. Era com ele. Isso ele fazia questão de tomar conta mesmo e ser o técnico. Isso aí ele queria.²²⁴

Essa resposta nos remete a outro elemento importante de ser observado na composição do Clube Filhos de Iguaçú, a diversidade de atuação do clube. Pois, em um primeiro momento, quando observamos os certames de disputa de futebol em Nova Iguaçú, visto que eram divididos em mais de uma classe, a leitura inicial permite a compreensão de que o Filhos de Iguaçú fosse

²²² Trecho da entrevista concedida por Wilsomar Pereira Belém - Neto de Enéas Pereira Belém, filho de Djalma Pereira Belém, em 19.12.2019

²²³ Idem.

²²⁴ Idem.

essencialmente um clube de futebol, mas na verdade, analisando as notícias que saíam no Correio da Lavoura na década de 1940, observa-se que esse era apenas uma de suas atuações. Essa impressão se dá pelo destaque dado ao futebol na seção de esporte do Correio da Lavoura.

Portanto, ao dizer que o avô tomava conta do esporte, deixa claro que o clube atuava em outras áreas, como um clube que usava a sua sede social para eventos diversos como os bailes de carnaval em que Enéas também circulava e organizava. Eventos dedicado às crianças, filhos dos associados, organização para eleição de uma rainha da primavera, muito comum no período, entre outros.

4.7 Conclusão

Na conclusão deste capítulo é preciso destacar que a trajetória da família Pereira Belém se afasta do que se imagina para a vivência de uma família que viveu na cidade de Nova Iguaçu no período em que a ligação com a terra e especialmente com a citricultura era muito forte. Assim, era muito provável se esperar que algum membro da família, ou vários deles, tivessem alguma ligação com a agricultura ligada ao plantio da laranja, o que não se confirma. Ao contrário, a família Pereira Belém nos apresenta uma outra possibilidade de trajetória, ligada ao funcionalismo público, a administração pública local.

Após a migração da família para o centro da cidade, o que descobrimos é uma rede interna familiar que promove o acesso de outros membros ao trabalho na prefeitura da cidade. Essa rede não se limitava apenas a uma ajuda dentro da própria estrutura familiar, mas dependia de elementos externos para funcionar. Assim, a rede familiar dos Pereira Belém, muito provavelmente se apoiava em outras pessoas, ou mesmo outras famílias, para alcançar a sua estabilização no Mundos do Trabalho.

A possibilidade desta rede agregar outros indivíduos negros, outras famílias negras, é grande. Outras famílias com uma trajetória parecida com a dos Pereira Belém. Como já vimos aqui, a migração para Nova Iguaçu foi grande no período. O que quero dizer com isso é que analisar a trajetória dessa família nos abre a perspectiva de projetar essa realidade, essas vivências para outras famílias que também viveram em Nova Iguaçu e compartilhavam dos mesmos anseios dos Pereira Belém.

A trajetória dessa família nos sugere, portanto, ser a trajetória de outras famílias negras que viveram na cidade de Nova Iguaçu nas primeiras décadas do século XX, em busca de estabilidade social, econômica, e que encontraram no funcionalismo público um caminho possível de vida. Fora das plantações, da agricultura, da citricultura que dominava o período quando pensamos em desenvolvimento econômico da cidade.

Por último, fica claro que a vida urbana, no centro da cidade, a escolha pelo trabalho na administração pública atravessa as gerações analisadas aqui e se expande progressivamente, confirmando ser uma escolha acertada e repetida no tempo. O uso da figura de Enéas como elemento central nesta rede fica claro quando se observa a quantidade de outros membros que seguem o mesmo caminho, após ele se estabilizar neste tipo de trabalho. Quando olhamos para o avançar do século XX, podemos perceber que a população mais pobre procurou no serviço público a possibilidade de estabilização que não conseguia encontrar em outras formas de trabalho, pela falta de terras para plantar.

5 CAPÍTULO IV – Os Filhos de *Iguassú*:²²⁵ Entre o futebol, os bailes, as domingueiras e a sociedade Iguaçuana.

“Era uma pessoa escura, não escura não, ele era azulão. (...) Se não o mais decente. Não é porque é o meu avô. Eu era criança ainda. Ele só era chateado porque eu não jogava no Filhos de Iguaçu, eu jogava no Iguaçu.”²²⁶

Este quarto capítulo se justifica por ser o Filhos de Iguassú o elemento fundamental de projeção de Eneas Pereira Belém na vida pública em Nova Iguaçu. Isso não significa que antes do clube, Enéas não tivesse algum destaque, mas o FI foi fundamental para a sua estabilização. Ao longo deste capítulo, o leitor perceberá também que a família Pereira Belém também se insere nas relações estabelecidas com o clube.

5.1 A representatividade de Enéas Pereira Belém.

Este trabalho não tem como objetivo dar conta de toda uma história de vida, isso seria impossível em qualquer trabalho, por mais fartas que fossem as fontes disponíveis. É sempre um processo de seleção e de construção da narrativa que se quer contar, que se julga importante de ser revelada para aqueles que deste trabalho tomem conhecimento. Aqui também não faço uma análise biográfica da figura de Enéas Pereira Belém ou de qualquer outro membro de sua família. Contar a história dos Pereira Belém, é narrar a história de uma família negra que viveu na Baixada Fluminense no recorte temporal que vai da segunda metade do século XIX até o ano de 1970.

²²⁵ Decidi manter no título a grafia original do Clube Filhos de Iguassu. Quando o clube foi fundado estava de acordo com a mesma grafia utilizada no nome da cidade de Nova Iguaçu, que só posteriormente foi alterada para o “ç”.

²²⁶ Trecho da entrevista concedida por Wilsomar Pereira Belém - Neto de Enéas Pereira Belém, filho de Djalma Pereira Belém, em 19.12.2019

Não há uma análise linear ou mesmo de todos os anos, décadas, vividas pelo membro dessas famílias, mas sim um estudo que pinça momentos importantes, relevantes, dados que nos ajudam a compreender essa trajetória, inserida em um contexto social racializado. A importância de contar essa história é contribuir para a ampliação dos debates que refazem as trajetórias de homens e mulheres negras no pós-abolição, demonstrando a pluralidade de suas vivências que ultrapassam os estereótipos de anomia e incapacidade de inserção em uma sociedade onde a população branca estava em lugar privilegiado.

Esses debates, de forma alguma, podem ser compreendidos como um atenuador de todas as dificuldades que a população negra viveu no período do pós-abolição. Mas, sim como uma forma de destacar a sua capacidade de atuação diante de uma sociedade que tentava a excluir. Portanto, é uma forma de destacar seus protagonismos, suas vitórias, suas redes de sociabilidade que articulavam solidariedades, ajudas mútuas, congregavam suas experiências em espaços de lazer cultural e esportivo. Os eventos aqui analisados são postos à luz daquilo que é macro, que é estrutural, que influencia as ações no universo micro, de forma silenciosa.

Não teremos todas as repostas sobre a vida da família Pereira Belém, nem ao menos faremos todas as perguntas, por falta de fôlego acadêmico, por falta mesmo de saber quais perguntas podem ser feitas, àquelas que ainda nem cogitamos fazer, por puro desconhecimento e que ficarão para a historiografia que está por vir. Olhemos a trajetória dos Pereira Belém, através das figuras de João Pereira Belém e Enéas Pereira Belém como uma história que se apresenta em pequenos e grandes fragmentos narrativos que foram selecionados pois acredito terem o potencial de contar essas histórias sob a ótica, perspectiva de uma sociedade pós-emancipação.

Dito isto, neste capítulo apresentaremos a figura de Enéas Pereira Belém através do que dele, foi possível encontrar nas páginas do Jornal Correio da Lavoura entre os anos de 1940 e 1950 em relação a sua vida muito atuante no Clube Filhos de Iguaçu. Portanto, neste recorte buscaremos compreender uma década de atividades do FI, o contexto em que o clube se inseriu no cenário desportivo de NI, o seu funcionamento interno através da análise das atas de suas reuniões regularmente publicadas no CL. Compreender o contexto em que outros clubes estavam inseridos, a dinâmica dessas relações também pauta este capítulo. Com isso, acredito que seja possível compreender o contexto de vida de Enéas como homem público do esporte local, além das

constantes incursões na cultura de bailes dançantes, de carnaval e outros eventos realizados na sede social do clube.

Essa foi uma das décadas em que o jornal CL tinha uma seção sobre esporte e com alta regularidade apareciam diversas notas sobre o Filhos de Iguassú, clube que segundo um dos netos de Enéas teria sido fundado por ele.²²⁷ Não temos essa confirmação documentada ou maiores informações sobre a fundação do clube. Neste recorte, o clube já está estabilizado, se apresentando como um dos mais importantes daquele período.²²⁸ Além do Correio da Lavoura, usaremos outros jornais em que Enéas aparece citado, em sua maioria relacionada a sua participação no Filhos de Iguaçú, ou sobre a sua vida pessoal, além de uma entrevista realizada com um dos seus netos, Wilsomar Pereira Belém, que também servirá de base para este capítulo como principais fontes.

O objetivo deste capítulo é investigar como Enéas vindo de uma família negra e pobre conseguiu acessar espaços que naquele período eram negados a maior parte da população negra no Brasil e também em outras sociedades pós-emancipação.²²⁹ Refletindo sobre os significados da sua inserção nesses espaços sociais em Nova Iguaçu na primeira metade do século XX. Não só Enéas, mas outros membros também fizeram parte desses espaços, provavelmente, a partir da figura de Enéas, como vemos em uma publicação do Correio da Lavoura de 1947 em que Wilson Pereira Belém, filho de Enéas, é citado no Resumo das Resoluções da última reunião do clube Filhos de Iguaçú. A nota informava “tomar conhecimento do ofício Wilson Pereira Belém”, mas não especifica sobre o que se tratava tal documento.²³⁰

Dentre esses espaços, a sua relação com o futebol e com o carnaval me parece ser relevante na medida em que há hoje uma competente bibliografia, principalmente produzida no sul do país,²³¹ que se dedica a compreender a presença da população afrodescendente, justamente nesses mesmos espaços em que Enéas participou na Baixada Fluminense. Esse fato não deve ser encarado como

²²⁷ Idem.

²²⁸ Acessamos o jornal CL graças ao Centro de Documentação e Imagem – CEDIM, que está sediado em Nova Iguaçu, no Instituto Multidisciplinar - IM da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. O seu repositório, entre diversas fontes digitalizadas, disponibiliza online algumas décadas da história do jornal Correio da Lavoura em suas edições semanais.

²²⁹ NEPOMUCENO, Eric Brasil. **Carnavais Atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição**. Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). 2016.

²³⁰ CEDIM – UFRRJ. Correio da Lavoura_1570_Abril de 1947.

²³¹ MENDONÇA, Joseli; MAMIGONIAN, Beatriz; TEIXEIRA, Luana. **Pós-abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Saggá, 2020.

uma coincidência, mas sim, um dado de conexão entre essas realidade, ou seja, a população negra, mesmo vivendo em regiões diferentes do país, compartilhou experiências que a racializava, ao mesmo tempo em que buscava espaços que pudesse expressar suas individualidades, suas coletividades, suas necessidades mais íntimas, resistindo à dificuldade de acessar outros espaço que dela era negado.

Com isso, é importante observar que esses espaços, que superficialmente ligamos a sentimentos de alegria, festa, diversão, também podem ser lidos como espaços de associativismo, de solidariedade, sociabilidade, identidade e territorialidade da população negra na primeira metade do século XX no Brasil.²³² É com essas referências que nas próximas páginas começaremos a acompanhar especificamente a história de Enéas, de sua família, o mesmo Enéas que abriu esta tese, a conclui.

É importante pensar a figura de Enéas Pereira Belém inserido em espaços sociais dos quais ele, enquanto homem negro, em uma sociedade racializada, conseguiu acessar. Pensar que espaços eram esses, é também pensar em territorialidade, identidade, associativismo, sociabilidades e outros termos utilizados por uma historiografia que conecta essas experiências por uma perspectiva que coloca esses sujeitos como protagonistas de suas próprias histórias e, como poderia ser de outra forma?²³³

Como imaginar o protagonista de uma história contada no cinema, na televisão ou no teatro relegado a um papel secundário? Não seria protagonista, mas sim o coadjuvante de uma história maior, aquela contada por uma branquitude que ainda insiste em não ver os afrodescendentes em um lugar de igualdade na sociedade brasileira do século XXI. Mas, infelizmente, foi assim durante muito tempo, e em alguma medida, assim é colocada a população negra em textos que resvalam em um racismo estrutural arraigado em uma sociedade que viveu por mais de trezentos e cinquenta anos a escravidão negra transatlântica.

²³² Barbosa, Alessandra Tavares de Souza Peçanha. **A escola de samba tira o negro do local de informalidade: Agências e associativismos negros a partir da trajetória de Mano Eloy (1930-1940)**, Tese de Doutorado em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

²³³ Entre outros: DOMINGUES, Petrônio. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. **Anos 90**, v. 16, n. 30, p. 215-250, 2009; DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia**. Edições Sesc SP, 2019; SILVA, Lucia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. Historicizando o associativismo negro: contribuições e caminhos da historiografia. **Mundos do Trabalho**, v. 11, p. 1-15, 2019.

Desta forma, neste capítulo Enéas Pereira Belém é o homem público, aquele que aparecia de forma muito recorrente nas páginas dos jornais da época, mais especificamente, o Correio da Lavoura. A dificuldade de se pesquisar a vida de Enéas Pereira Belém e de sua família se dá porque essa história só ganhou atenção após um dos netos interessar-se pelo legado do seu avô Enéas. Apesar da importância que teve para Nova Iguaçu, Enéas teve sua história submersa no tempo. Apesar do destaque social, não era um homem das letras, não vinha de família importante, não era um jornalista. Enéas foi um homem simples que, muito provavelmente, jamais teria a sua história contada nos termos que nesta tese se apresenta. O que quero dizer é que Enéas, ao contrário de outras personalidades de Nova Iguaçu, como veremos neste capítulo, que ganharam destaque em trabalhos recentes, ele estava em um patamar social que dificulta a sua observação. Assim, Enéas Pereira Belém não era um político reconhecido, Enéas não era dono de um jornal reconhecido. Enéas foi um provável trabalhador da ferrovia que em algum momento da sua vida, se tornou funcionário público.

Mas, qual o lugar social de um homem negro desportivo e carnavalesco? Seria possível esbarrar na história de Enéas Pereira Belém sem o contato inicial de um dos seus netos? É muito difícil ter uma resposta objetiva, apenas é possível trabalhar no campo das suposições, dentro daquilo que poderíamos chamar de possível. Me parece que o lugar que Enéas ocupou na sociedade Iguaçuana não favorecia uma análise à priori de sua vida, de suas experiências. Portanto, a figura de Enéas estará pontuando todo o capítulo, quando conectado à história do clube do seu coração e, que, muito provavelmente, foi um dos fundadores.

O Filhos de Iguaçu tem sua rotina administrativa, a relação com seus membros, suas decisões, atividades culturais, departamento feminino, resoluções de atas produzidas em suas reuniões apresentadas como informativo no jornal Correio da Lavoura ao longo, principalmente, das décadas de 1930 e 1940. Não só o Filhos de Iguaçu, mas outros clubes também tinham sua rotina descrita na seção de esporte daquele semanário.

Observaremos o FI, a partir da leitura e análise do que deliberava em suas atas de reunião. Nelas, por exemplo, fica explícito que eles atuavam em diversas áreas, como, desportivas, musical, dançante, carnavalesca. Assim, quando vemos o Filho de Iguaçu participando dos torneios de futebol organizados pela Liga Independente de Desportos (LID) de Nova Iguaçu, não significava que o clube era exclusivamente de futebol, apesar de as notícias sugerirem que o futebol era sua

atividade mais proeminente. O clube atuava no plano dos festejos, dos bailes dançantes, das domingueiras, das matinês e bailes que durante todo ano e, especialmente no carnaval, entravam pela madrugada. Portanto, o FI se apresenta como um importante espaço de congregação, de sociabilidade da sociedade Iguaçuana nas décadas de 1930 e 1940, a partir da análise de diversos jornais e, principalmente, do Jornal Correio da Lavoura (CL), pois é nele que os chamados Resumos das Resoluções eram publicadas regularmente.

Neste capítulo, será analisado o clube Filhos de Iguazu (FI) em sua dimensão com o poder público, com a sociedade Iguaçuana, buscando compreender a importância da figura de Enéas neste contexto, como um homem negro e, também, a relação que o clube com as festas, o carnaval, sem esquecer, em um universo tão masculino, qual o papel as mulheres desempenharam ao longo de sua história. Agora, sigamos acompanhando a história do FI através dos jornais da época. A metodologia foi simples, partindo do nome do clube como elemento de busca na Biblioteca Nacional online, foram feitas diversas buscas combinando tempo e espaço em que as publicações que o citavam poderiam ter ocorrido.

O resultado foi um mosaico de notícias de diversas ordens, diversos anos, com diversas histórias contadas, principalmente a história do seu time de futebol, os campeonatos que participou, os que foi campeão e, quando possível, algumas notícias que tratavam de sua rotina na cidade, os seus eventos públicos, as suas domingueiras, os bailes, os festivais que faziam para comemorar o aniversário do clube, o departamento feminino e, claro, a figura de Enéas pontuando repetidas vezes, com a sua história entrelaçada com a própria história do clube, os cargos que ocupou, como presidente do clube, tesoureiro, diretor do departamento desportivo, entre outros. Logo, o nome de Enéas também foi um dos fios condutores para a busca da própria história do clube, além da sua, evidentemente.

5.2 A história do Filhos de Iguazu através dos jornais (1930-1940).

Sem acesso a documentos oficiais do clube, como o seu estatuto, esta pesquisa voltou-se para os jornais da época que poderiam contar um pouco da história do que podemos seguramente afirmar ter sido um dos clubes mais importantes de Nova Iguaçu, principalmente nas décadas de 1930 e 1940. Conseguimos encontrar várias centenas de notícias sobre o Filhos de Iguazu em diversos jornais que circulavam no Rio de Janeiro, além do Correio da Lavoura, jornal fundado em

1917 na própria cidade de Nova Iguaçu e que analisaremos a relação com o FI e o Enéas Pereira Belém em uma seção exclusiva.

A maioria dessas notícias cobriam as incontáveis participações do FI em diversos festivais, como eram chamadas pequenas disputas promovidas por muitos clubes naquela época. As notícias acompanhavam os jogos, divulgavam as datas em que aconteceriam as partidas, informando os interessados em assistir. Na sequência, após a partida ser realizada, as notícias eram sobre como havia sido a partida, o time que se saiu vencedor, quem foram os destaques, quem fez gol, a situação dos times em relação ao torneio, enfim, tudo aquilo que os torcedores que acompanhavam a trajetória do seu time do coração queriam saber.

Mas, algumas notícias também nos trouxeram informações sobre a história do FI, em várias dimensões que iam além dos relatos de como foram as partidas e essas foram as notícias que eu busquei ao longo da extensa e cansativa pesquisa no acervo online da Biblioteca Nacional. Não que as notícias sobre as “provas”, como muitas vezes se referiam às partidas, não fossem também foco de interesse. Afinal, o relatos dessas partidas também conta a história de sucesso do FI, suas vitórias, como a emblemática conquistada em 1933, ano de comemoração do centenário da cidade de Nova Iguaçu, sendo este o mais importante campeonato do FI, justamente pela coincidência com o centenário da cidade, afinal, foi muito disputado pelos clubes aquele campeonato daquele certame, já que se sagrar campeão no centenário da cidade seria um feito que entraria pra história do clube que conseguisse e o FI se saiu melhor na empreitada.

Abaixo uma rara foto do time que jogou no clube em 1933 e se sagrou campeão daquele simbólico certame. Observamos na legenda que a vitória foi justamente contra o Clube que o deu origem, o Iguaçu. Os dois eram considerados grandes times na época. A foto em preto e branca, não apresenta grande qualidade, mas é possível ver que o clube possuía uma grande quantidade de jogadores negros.²³⁴

²³⁴ Jornal *Diário da Noite*, Ano 1933\Edição 00845 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 23/01/2021.

Figura 14 - Filhos de Iguaçu, 1933



Fonte: Diário da Noite, 1933.

No ano seguinte a esta vitória emblemática, o Filhos de Iguaçu, a sua nova sede seria inaugurada,²³⁵ o local ficaria muito famoso por seus diversos eventos como os bailes e concursos para rainhas da primavera.²³⁶ A vitória foi comemorada com feijoada e baile a fantasia.²³⁷

Figura 15 - Concurso rainha da primavera Filhos de Iguaçu, 1934



Fonte: Revista *Vida Doméstica*, 1934.

²³⁵ BNDigital. Jornal *Diário da Noite* (RJ), Ano 1934\Edição 01951 (1). Acessado em 23/01/2021.

²³⁶ BNDigital. Revista *Vida Doméstica* (RJ), Ano 1934\Edição 00200 (1). Acessado em 23/01/2021.

²³⁷ Jornal *Diário da Noite*, Ano 1933\Edição 00863 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 23/01/2021.

Essas poucas notícias, quando comparadas em relação às demais centenas de notícias sobre o clube, nos esclareceram muitas dúvidas sobre a história do FI como, o ano de fundação do clube, como ele surgiu, seus primeiros passos, seus espaços físicos, a sua importância na cidade e outros detalhes que julguei relevantes. Baseado na leitura e análise dessas notícias que radiografaram a vida do FI entre os anos de 1930 e 1940 que me dedico nas próximas páginas. Acredito que, como dito por seu neto, o sr. Belém, em entrevista, o FI era o maior amor do seu avô, a sua maior expressão afetiva, pública, social, que o projetou no cenário da sociedade Iguazuana daquela primeira metade do século XX, o que justifica um capítulo dedicado a esta relação e também a busca em trazer à tona a história desse clube, até agora não contada.

Uma das primeiras questões que eu tive aqui com os meus botões foi o porquê do nome Filhos de Iguazu. Imediatamente, e não poderia ser mais óbvio, supus que Filhos de Iguazu fosse uma clara referência a cidade de Nova Iguazu que naqueles dourados anos gozava de grande admiração por sua situação de prosperidade promovida, principalmente, pela sua citricultura com uma produção de dimensões nacionais e internacionais. Pronto, esta seria a minha hipótese, que julgava, por esses pormenores relacionados a situação do município, a mais plausível.

Mas durante as leituras das notícias, e pra isso que se faz uma pesquisa, descobri que não era nada do que minha hipótese inicial presumia. O nome Filhos de Iguazu não se relacionava a cidade e o orgulho que esbanjavam em seus áureos tempos, mas sim, uma referência a outro time, o Iguazu. Isso porque o FI nasce de uma cisão do Iguazu, tornando-se assim os Filhos dele, do Iguazu, o outro time, aquele mais antigo, fundado ainda na década de 1910, como podemos ver no trecho retirado de uma notícia publicada no jornal *A Noite* de 10 de outubro de 1934.

Fundado em 1912 até 22 chamou-se Iguassú F. C. Passando, depois, por grandes melhoramentos, mudaram-lhe C. S. Iguassú, o nome para que tem sido coberto de glórias pelos seus defensores. Possuindo campo próprio e com dimensões máximas, ainda sobra espaço para, dentro em breve, ser completado com “rink” de basket e outros ramos de sport. Sua sede onde se *realizam* seguidamente festas sociais, acolhem as melhores famílias de Iguassú. Os Filhos de Iguasú F. C. nasceram de uma *seisão*, sendo, por isso, filhos, realmente, do veterano S. C. Iguasú.²³⁸

Esse trecho nos traz informações importantes não só para conhecermos o clube que deu origem ao Filhos de Iguazu, mas para, através de sua descrição, compreender, por aproximação, como era a estrutura do FI. O clube Iguazu F. C., segundo a matéria, possuía um campo próprio,

²³⁸ BNDigital. Jornal *A Noite*, Ano 1934\Edição 08218 (1). Acessado em 20/01/2021. Obs.: Optei por manter a grafia em que as palavras foram publicadas no jornal.

com dimensões máximas, provavelmente se fez uma referência às dimensões oficiais, assim também como veremos com o FI. É citado também a utilização do espaço para outras práticas esportivas, como também acredito que aconteciam com o FI, apesar de não ter encontrado nada explícito sobre a questão, mas não acredito que o clube funcionava exclusivamente para a prática do futebol apenas. Por último a nota no jornal fala sobre a utilização da sede para a realização “seguidamente de festas sociais”, como também podemos observar no funcionamento da sede do FI.

Portanto, tomando o Iguassu F. C. como referência e ponto de apoio para compararmos a estrutura física e de funcionamento entre esses dois clubes que se ligam em suas origens, podemos encontrar alguns elementos que demonstram que seguiam estruturas muito parecidas. O que, muito provavelmente, era um formato seguido por outros clubes que existiam em Nova Iguaçu no período. É importante destacar que o Iguaçu F. C. e o Filhos de Iguaçu eram considerados grandes destaques na cidade, portanto, deviam também, ser os maiores, os mais representativos nas décadas de 30 e 40 do século XX.

Em diversas matérias, ao se referir à cidade de Nova Iguaçu nos anos de 1930, o termo próspera aparece com frequência, uma referência clara à situação econômica favorável ainda dos tempos da citricultura. Em uma matéria publicada no jornal *A Noite*, também de 1934, essa referência aparece quando é dito que o Iguaçu era um clube da “próspera localidade de do Estado do Rio de Janeiro”. A nota ainda faz outra referência importante quando se atribui o progresso do clube, devido à presença de grupos importantes na estrutura social de NI, porque no clube “se reúnem os lavradores, os exportadores, comerciantes e todos os elementos da cidade.”²³⁹

Portanto, temos uma referência sobre quais os grupos sociais atuavam nesses clubes, não apenas como simples sócios, mas principalmente como sócios pagadores, aqueles que mensalmente contribuía para o clube, além de outras formas de investimentos que como dizia a nota, contribuía para o progresso do clube. No final, quando a nota, reproduzindo a fala de um tesoureiro do clube, de forma genérica, afirma que todos os elementos da cidade participavam do clube, nos sugere uma relação menos elitizada em relação à população de uma maneira geral. Se estamos tomando inicialmente o clube Iguaçu como a principal referência para o surgimento do Filhos de Iguassu, é muito possível que essa relação com diversos setores da sociedade, dos mais influentes e abastados,

²³⁹ BNDigital. Jornal *A Noite* (RJ), Ano 1934\Edição 08224 (1). Acessado em 20/01/2021.

até os mais simples, tenha se tornado uma forma de administração que o FI incorporou em suas práticas cotidianas e institucionais.

Não há notícias que deem conta do surgimento do clube na época em que ele foi fundado, provavelmente, um evento que não repercutiu, o que é plausível. O Filhos de Iguazu começou a aparecer nos jornais na medida em que se projeta no mundo esportivo. Por isso, apenas cinco anos após o seu surgimento, encontramos uma matéria publicada pelo jornal *Diário da Noite* em uma terça-feira dia 06 de junho de 1933, relatando o festival promovido pelo clube no domingo anterior referente ao seu quinto aniversário e como o clube escolheu para comemorar a data.

Realizou-se domingo último um atraente festival sportivo promovido pelo “Filhos de Iguassú F. C.”, que se assim comemorou entre justificados júbilos o dia do seu 5º aniversário.

No campo da prestigiosa organização do sport de Iguassú, tiveram início os festejos com uma estrondosa de foguetes, seguindo-se as corridas athleticas de moças e rapazes.

Participaram das provas, bem como das partidas de football, clubes modestos, porém, dos mais expressivos como representantes do cavalheirismo e da boa vontade a favor do sport.

Prosseguindo o programa do festival, o forte conjunto do “Filhos de Iguassú” enfrentou o não menos brioso do “11 de Junho F. C.” resultando após um jogo movimentadíssimo, a vitória do primeiro pelo score de 5x2.

Coube, assim, ao “Filho de Iguassú” uma rica taça offerecida ao vencedor pelo sr. Manoel Reis, chefe político do município.

Durante as comemorações assistidas por centenas de pessoas fez-se ouvir uma banda de música.²⁴⁰

A nota informa que o clube realizou um atraente festival esportivo naquele domingo para comemorar os cinco anos do clube, portanto, o FI foi fundado em junho de 1928, quando o Iguazu, clube que o deu origem, já possuía 16 anos de fundação. Não encontrei qualquer referência sobre a motivação por esta cisão entre que originou o FI, se foi alguma desavença, alguma questão ligada mesmo a disputas internas pela liderança do clube, uma insatisfação pelos caminhos trilhados pelo Iguazu ou, simplesmente, o desejo de alguns de seus membros de fundar um novo clube e trilhar seu próprio caminho esportivo.

Esse é um ponto cego na história do clube, pois pensar em sua fundação, na escolha do próprio nome, Filhos de Iguazu, nos leva a questionar quem foram esses “filhos” que decidiram criar o nome clube e suas motivações. Portanto, não podemos afirmar quem foram eles, quantos foram os dissidentes que embarcaram na empreitada de começar um novo clube.

²⁴⁰ BNDigital. Jornal *Diário da Noite* (RJ), Ano 1933\Edição 00950 (1). Acessado em 20/01/2021.

Consequentemente, não há comprovação documental que possa corroborar com a fala do sr. Belém, neto de Enéas, de que ele teria sido um dos fundadores do FI. Portanto, esta hipótese fica sustentada por uma oralidade presente em sua família e também o cruzamento com algumas notícias que colocam Enéas em alguns momentos da história do clube como presidente, ainda bem nos primeiros anos, o que pode sugerir essa participação na fundação do FI.

Saber quem foram seus fundadores nos ajudaria a pensar que visão o clube traria em sua origem e se questões estavam presentes, mesmo que implicitamente, como por exemplo, quantos desses fundadores eram homens negros além de Enéas? Não sabemos. Pensar essas questões nos ajudam a compreender se podemos empregar no Filhos de Iguazu uma perspectiva ligada ao associativismo negro, uma forma de realizar uma leitura sobre a história do clube e dos seus membros. Não apenas os seus fundadores, mas também passando por outros elementos balizadores de sua estrutura administrativa e também quem eram os seus sócios.

Sabemos que o clube tinha um estatuto, mas infelizmente, até o momento em que essa pesquisa se encerra, cumprindo o prazo de defesa, mesmo depois de algumas prorrogações, nada foi encontrado desse documento, que poderia trazer à luz importantes informações, diretrizes que foram escolhidas como parâmetros para o que o clube e seus membros entendiam como boa forma de conduzir suas ações. Poderíamos observar mais sobre o que pensaram, qual visão tinham sobre o que era administrar o clube, o papel de seus elementos, suas obrigações, suas relações de ajuda, em suma, suas visões de mundo.

Por outro lado, quando observamos a questão, buscando neste estatuto elementos que pudessem sugerir questões raciais observadas, pensadas e estruturadas por um grupo de pessoas negras, que decidiram cindir com o Iguazu e fundar seu próprio clube. A ideia é pensar se essas questões poderiam aparecer no estatuto, como uma opção por sócios negros, ou atletas negros, ações que valorizassem a cultura negra em Nova Iguaçu, Fernanda Oliveira, em artigo recentemente publicado, nos informa que não era comum que esse tipo de questão viesse expressa em documentos oficiais dos clubes que ela pesquisou para as cidades de fronteira Brasil-Uruguai nas décadas 1920-1950, dentro do período do recorte que utilizamos neste capítulo da tese.²⁴¹

²⁴¹ Oliveira, Fernanda. Clubes negros ao sul do Sul: a mobilização recreativa nas cidades de fronteira Brasil-Uruguai no pós-Abolição (décadas 1920-1950) In: MENDONÇA, Joseli, Beatriz MAMIGONIAN, and Luana TEIXEIRA. **Pós-abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Saggá. 2020.

É difícil estabelecer o Filhos de Iguazu como um espaço em que podemos analisar a partir de uma perspectiva de raça compartilhada nos termos em que Fernanda Oliveira consegue abordar para os clubes em sua pesquisa, ou mesmo como esses espaços podiam ser espaços em que a cidadania podia mesmo ser forjada. Ao observar as fotos que consegui encontrar nos jornais da época, em nenhuma é possível ver uma formação com os membros que compunham a parte administrativa do Filhos de Iguazu, para que pudéssemos ter uma observação objetiva sobre a cor desses sujeitos. As fotos apresentam mais a formação dos times e alguns dos membros da diretoria.

Por essa compreensão podemos supor que o clube enquanto espaço desportivo, principalmente, dedicado ao futebol, pode ser compreendido como um espaço em que a cidadania dos jogadores, muitos deles negros, pudesse ser forjada, principalmente naquela sociedade em que a racialização estava presente cotidianamente em suas vidas. Enéas foi um dos responsáveis pela parte esportiva do clube, exercendo inclusive a função de técnico daqueles jogadores que estavam associados ao Filhos de Iguazu. Por mais que não consigamos ter objetivamente dados que deem conta de um associativismo negro atuando no Filhos de Iguazu, podemos supor que a figura de Enéas como um dos fundadores, passando pelos cargos de presidente do clube, técnico do time, diretor da área de esporte, pudesse ser um elemento de representatividade para os jogadores negros que atuavam no clube. E, conseqüentemente, atraísse outras pessoas negras para atuarem no clube de diversas formas, como verificamos a presença de membros de sua própria família. Aqui, como em outras partes desta pesquisa, utilizamos *critical fabulation* para preencher aquilo que não podemos comprovar, mas que, no cruzamento de fontes e estudo de outras pesquisas, nos sugere como possibilidade plausível para a trajetória de Enéas e o Filhos de Iguazu.²⁴²

Desta forma, mesmo não sendo possível comprovar que o Filhos de Iguazu tenha sido um clube um clube organizado exclusivamente por afro descendentes, como uma condição para práticas associativas, pois não há documentação, ao menos até agora encontrada, que dê conta de nos apresentar quem foram os seus fundadores. Por outros caminhos, como sugere Saidiya Hartman, preenchamos esses silêncios com *critical fabulation*. É importante também, observar que, o silêncio das fontes, quando falamos da população negra, não é um acaso.²⁴³

²⁴² Ver pag. 38 deste trabalho e nota de rodapé nº100.

²⁴³ Idem.

Portanto, podemos supor que podiam ser todos negros, mas podiam também ser compostos por homens negros e brancos. Digo homens, porque a presença feminina, uma outra questão que abordarei neste capítulo, é nula em cargos administrativos do clube, local exclusivo de homens em toda a documentação encontrada, mas isso é para daqui a pouco. Assim, reforço aqui a figura de Enéas Pereira Belém, como elemento central para nossa compreensão, que insere o Filhos de Iguazu compreendido como um espaço associativo, mesmo com a presença de elementos brancos em seus quadros administrativos e, provavelmente, no que se refere aos seus sócios.

É preciso reforçar a presença constante de Enéas Pereira Belém na vida social de Nova Iguaçu em diversas circunstâncias, portanto, como homem negro a sua presença se destacava como fundador do Filhos de Iguazu, como seu presidente, durante um período que não foi possível precisar e esse destaque se expandia para a vida social da cidade. Portanto, mesmo que supomos que outros membros fundadores pudessem ser brancos, isso não diminui a dimensão que teve a presença de Enéas na frente do clube, ao contrário, destaca ainda mais sua atuação e o coloca em um papel fundamental representativo para negros e negras que se interessassem em se associar ao clube como sócios ou mesmo participando de seu quadro administrativo.

Um outro elemento que não podemos perder de vista é o tempo, ou seja, o período em que tanto o Iguazu em 1912, como o Filhos de Iguazu estão surgindo, este último em 1928, está dentro do que a historiografia entende como pós-abolição. E nessas primeiras décadas do século XX em diversas partes do Brasil estão surgindo associações e clubes de diversas atividades que tem em sua formação, uma necessidade da população negra de encontrar um espaço de atuação que em outros locais lhes era negado pelo racismo. Por isso, temos os diversos clubes e associações estudados por uma historiografia dedicada ao Sul do país e outras regiões como São Paulo.²⁴⁴ O Rio de Janeiro apesar de alguma demora também está no foco dessas pesquisas, dialogar com a pesquisa do Petrônio Domingues.²⁴⁵ E não podemos deixar de citar o surgimento das próprias escolas de samba como espaços associativos da população negra.²⁴⁶

²⁴⁴ Ver DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia*. Edições Sesc SP, 2019.

²⁴⁵ DOMINGUES, Petrônio. *Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930)*. *Revista Brasileira de História*, v. 34, n. 67, p. 251-281, 2014.

²⁴⁶ Tavares, A. (2020). *Mano Eloy e a Deixa Malhar: escolas de samba, associativismo e resistência negra organizada no pós-abolição*. *Acervo*, 33(3), 198-21

Abaixo uma foto que mostra três jogadores em destaque para o jogo que foi realizado em Paquetá em 1933. Segundo a matéria, para o jogo, o Filhos de Iguazu foi com uma “numerosa caravana” de sócios e torcedores para a ilha de Paquetá. Enéas é citado nesta matéria como o chefe da embaixada, como era chamado o grupo de representantes e jogadores do clube.²⁴⁷ Mas no mesmo ano de 1933, em outra notícia sobre os jogos do FI, dessa vez uma partida que seria jogada em Teresópolis, Enéas aparece como presidente do clube e chefe da embaixada.²⁴⁸

Figura 16 - Filhos de Iguazu em Paquetá



Fonte: Diário da Noite, 1933.

Sabemos que para a compreensão de associativismo, as pesquisas compreendem que aquele espaço foi ocupado pela população negra motivada pelo racismo, encontrando nesses espaços um lugar associativismo, de solidariedade, de ajuda mútua. “No Sul, o racismo certamente esteve no cerne da motivação dos negros para se organizarem em torno de clubes, sociedades de apoio mútuo e outras formas de sociabilidade orientadas por vieses raciais.”²⁴⁹ Acredito que o Filhos de Iguazu pudesse produzir esse significado em muitos dos seus membros, mesmo não podendo confirmar

²⁴⁷ BNDigital. *Jornal Diário da Noite* (RJ), Ano 1933\Edição 01020. Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 20/01/2021.

²⁴⁸ BNDigital. *Jornal dos Esportes* (RJ), Ano 1933\Edição 00626 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 20/01/2021.

²⁴⁹ MENDONÇA, Joseli, MAMIGONIAN Beatriz, e TEIXEIRA Luana. **Pós-abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Saggá. 2020. p.15

que o clube possuía uma compreensão ou atuação direta contra o racismo em suas práticas. Abaixo, uma das raras fotos em que aparece o time reunido em 1935 em virtude da realização do jogo com o time do Regimento Naval da Liga de Sports da Marinha ²⁵⁰

Figura 17 - Time do Filhos de Iguaçu em 1935



Fonte: Jornal A Noite, 1935.

Fernanda Oliveira chama a atenção de que ao olhar os documentos sobre os clubes, eles não tinham em seus estatutos referências ou qualquer tipo de questão ligada à cor dos seus sócios, por exemplo. Não argumento aqui que o Filhos de Iguaçu tenha sido criado “como projetos coletivos de existência, por meio dos quais, ao longo dos anos, se configuraram em espaços de lutas políticas” ²⁵¹ Mas que ele serviu de espaço de solidariedade, de ajuda mútua, um espaço de existência e resistência. A luta não precisa ser necessariamente um ato explícito de contraposição ao *status quo*. Às vezes, a simples presença em determinados espaços já é um ato que conota reafirmação de sujeitos, muitas vezes, marginalizados. Portanto, mesmo não podendo comprovar que o FI tenha surgido como um projeto coletivo que trazia em seu bojo a necessidade de afirmação por parte da população negra em Nova Iguaçu, ele ao longo do tempo, se transformou em um espaço possível para que sócios e atletas negros tivessem um local de afirmação de sua identidade.

²⁵⁰ BNDigital. Jornal A Noite, Ano 1935\Edição 08387 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 21/01/2021.

²⁵¹ Oliveira, Fernanda. In: MENDONÇA, Joseli, *at all*. Op. Cit. 2020.

Estendo esta compreensão, portanto, para pensar a ascensão social e a presença proeminente de Enéas Pereira Belém conseguiu, se projetando como figura de destaque na sociedade Iguazuana do período, para os outros homens e mulheres negras que estavam vinculados ao clube e compreendo também que a figura de Enéas, em destaque, era um elemento representativo para esses sujeitos. Fora isso, pensar uma ação articulada, consciente das questões que racializavam àquela sociedade, extrapola dados objetivos e ficam no campo das interpretações e leituras possíveis em perspectiva com outras fontes e pesquisas que chegaram às conclusões que corroboram minha análise.

Quando observamos as escolas de samba no Rio de Janeiro, que surgem também no final dos anos de 1920, assim como o FI, elas se apresentam como um espaço de resistência e criação de seus próprios territórios de congregação carnavalesca.²⁵² Inicialmente, apenas como uma forma de criar seu próprio local de divertimento, na medida que a cidade era negada àqueles sujeitos, no início do século XX, no Rio de Janeiro. Essa negação não se apresentava, necessariamente, como um ato concreto de impedimento, mas se expressava também de forma velada, na sensação de desajuste, de deslocamento, de não ser bem-vindo, produzido por olhares brancos sob corpos negros que não deviam, segundo a ótica racista, conviver nos mesmos espaços em que os brancos aproveitavam os festejos de momo. É nesse ínterim que se coloca também essas questões, naquilo que está subentendido, implícito.

As escolas de samba do Rio de Janeiro são bons exemplos de que, não necessariamente, esses sujeitos através de seus coletivos associativos, como os clubes dançantes, os desportivos ou carnavalescos, se posicionavam abertamente sobre a questão do negro na sociedade da época. As escolas de samba estavam buscando reconhecimento do poder público como forma de legitimação de suas atividades através da ampliação de sua rede social. Portanto, elas surgem como resistência, mas atuavam para ganharem legitimidade através da criação de boas relações com o poder público e, conseqüentemente, garantir a sua própria existência. Na medida que se quando rejeitadas, tivessem optado por uma atitude reativa, poderiam ter sido liquidadas e se transformado em algo marginalizado, muito diferente dos espaços que ao longo do século XX conquistaram.

²⁵² Tavares, A. (2020). Mano Eloy e a Deixa Malhar: escolas de samba, associativismo e resistência negra organizada no pós-abolição. *Acervo*, 33(3), 198-219.

Isso, por mais críticas que recebam, não pode ser encarado simplesmente como assimilação da própria sociedade racista que as discriminavam, ao contrário. Essa política de boa vizinhança foi a estratégia possível que permitiu gradativamente que as escolas de samba no Rio de Janeiro, pouco a pouco ocupassem o protagonismo da festa.²⁵³ Quando recebem o seu primeiro patrocínio da prefeitura, em seu segundo ano de desfile, as escolas vistas como uma forma de atrair turistas para o Rio de Janeiro, começavam a sua trajetória de ascensão. E, mesmo durante o governo de Getúlio Vargas que buscou nas escolas de samba e no próprio samba a construção de um elemento nacionalista que pudesse produzir uma identidade nacional, elas optaram por dialogar com o que o poder público podia contribuir para a festa e perpetuar seu legado reafirmado na chancela do governo federal.²⁵⁴

Esse jogo de ceder, pedir, conseguir, associando-se às instituições, é algo que em alguma medida, o Filhos de Iguazu também fez ao longo da sua trajetória, o que garantiu, ao menos, duas décadas de grande destaque em Nova Iguaçu. O clube estava próximo não só dos seus sócios mais simples, dos seus atletas, mas ele se aproximou das figuras políticas de destaque, dos empresários, agricultores locais, como forma de legitimação de suas atividades, assim como fez as escolas de samba no Rio de Janeiro, mas talvez, sem o estigma que o samba carregava. Como assim também fez o próprio Correio da Lavoura, que durante algum tempo se tornou o veículo de comunicação da prefeitura de Nova Iguaçu com seus membros transitando nos nobres salões da sociedade Iguaçuana.

Em suma, todos esses exemplos, de um jornal criado por uma família negra intelectualizada nos moldes formais do como o termo intelectual é lido, as escolas de samba que trazem um outro intelectual negro, esses da rua, das artes, daquilo que é intuitivo e não do academicismo dos famosos colégios que a elite estudava, e o Filhos de Iguazu na figura de Enéas, vindo de uma família não letrada, muito pobre, sem ter estudado em uma escola famosa, sem esse letramento formal, em todos os casos, a necessidade de acordos, de chancelas vindas de fora, a necessidade de legitimação foi um ponto que atravessou as histórias do Correio da Lavoura, das escolas de samba e do Filhos de Iguazu.

²⁵³ LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da história social do samba**. Editora José Olympio, 2015. p. 125,126;

²⁵⁴ GUARAL, Guilherme. **O Estado Novo da Portela: História**. Paco Editorial, 2012.

A necessidade desse ajustamento com a sociedade, promovendo suas inserções no cenário público, longe de ser uma fragilidade, demonstra grande habilidade e capacidade de negociação com o que estava ao redor, sem perder o intuito de produzir espaços em que a população negra pudesse ser protagonista, sendo, desta forma, como podemos observar hoje, como o respectivo e confortável distanciamento temporal, bem sucedidos nesses projetos de legitimação.

Falando mais especificamente sobre o Filhos de Iguazu, podemos analisar algumas passagens que demonstram bem como o clube, muito rapidamente, conseguiu se inserir em espaços de poder, dialogando com políticos da cidade e conseguindo feitos que precisam ser destacados aqui. Isso, de nenhuma forma, invalida a importância que o clube realmente teve para a cidade de Nova Iguaçu em sua rotina diária com a promoção de eventos políticos realizados em sua sede, os eventos esportivos, os festejos dos seus bailes, mas também, o clube se torna uma forma de divulgação da cidade para fora dos seus limites geográficos. Portanto, há uma troca, uma compressão de ambas as partes, poder público e o clube que o bom relacionamento seria bom para ambos.

O Filhos de Iguazu estava integrado com a vida da cidade de uma maneira muito intensa, discursos de políticos, evento em homenagem às autoridades locais e da capital, visita de ministro por causa do início das viagens com os trens elétricos, debates religiosos, eventos esportivos, culturais, dançantes, carnavalescos. Portanto, em muitos momentos da vida social o clube estava presente, inclusive, foi transformado em um espaço de utilidade pública pelo prefeito, o que o deu isenção de impostos, como vemos em uma edição do jornal Correio da Manhã do dia 3 de janeiro de 1935, ou seja, quase sete anos após a fundação do clube, determinava por decreto do prefeito a nova condição.

Considerando que o Filhos de Iguassú Football Club é uma entidade juridicamente organizada.

Considerando que o mesmo tem cumprido fielmente a sua nobre finalidade, quer no terreno esportivo, quer no terreno social

Considerando que o referido clube tem concorrido efficientemente para o desenvolvimento físico e social dos habitantes desta cidade, quiçá do município, decreta:

Artigo 1º - Fica reconhecido de utilidade pública o “Filhos de Iguassú Football Club

Artigo 1º - Fica, o referido Clube, isento de quaisquer impostos ou taxas municipais existentes e dos que venham a existir.²⁵⁵

O ato datado de 26 de dezembro de 1934 e publicado nos primeiros dias de janeiro do ano seguinte, demonstra a proximidade que o clube tinha com a administração pública local que ao tornar o clube como utilidade pública, o isentava do pagamento dos impostos. Por isso, além do simbolismo que trazia o termo “utilidade pública”, conferindo ao Filhos de Iguazu um status de importante para a cidade de Nova Iguaçu e para os seus moradores, havia também um benefício fiscal que ajudaria bastante as finanças do clube. Condição, inclusive, confirmada pelo interventor federal em 1944, através de sua assinatura.²⁵⁶ A opção por estar próxima com o poder público, em harmonia, trazia vantagens fundamentais para a boa manutenção do clube no que se refere ao prestígio conquistado, mas também para questões práticas, burocráticas presentes na rotina dos clubes locais.

No mesmo ano de 1935, em um matéria, agora do jornal A Noite, temos um relato que nos apresenta mais informações sobre a estrutura do clube no período, ele nos informa que “o Filhos de Iguassú é um dos clubes organizados, pois tem ótima praça de esportes com magníficas instalações e grande número de sócios.”²⁵⁷ Além das qualidades descritas em relação às suas instalações e o grande número de sócios, o Filhos de Iguassu também foi o clube que recebeu a maior cota naquele ano, referente ao término do período de eliminatórias do Torneio Aberto de 1935. Assim, a Federação Fluminense de Football informava que o FI estava recebendo 2:840\$844, seguido do F. C. Iguaçu com 1:893\$896. Não tenho informações exatamente para os critérios dessa divisão, se era em relação ao lucro dado por cada partida, a presença se público, a colocação na tabela, o fato é que 1935 foi um ano próspero para o clube.²⁵⁸

Em 1938 o clube chegou a ter um jornal como o seu órgão oficial de divulgação, foi o jornal O Radical que anunciava em sua edição de 1 de dezembro de 1938 que “em reunião extraordinária, realizada em 28-11-1938, foi deliberado muito acertadamente, eleger o brilhante matutino jornal a

²⁵⁵ BNDigital. Jornal *Correio da Manhã* (RJ), Ano 1935\Edição 12305 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021.

²⁵⁶ BNDigital. Jornal *Correio da Manhã* (RJ), Ano 1944\Edição 15237 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021

²⁵⁷ BNDigital. Jornal *A Noite* (RJ), Ano 1935\Edição 08422 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021.

²⁵⁸ BNDigital. Jornal *Correio da Manhã* (RJ), Ano 1935\Edição 12456 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021.

que v. s. pertence, para o órgão oficial dos “Filhos de Iguassú F. C.” A nota enviada pelo FI para o jornal aproveitava para convidar que membros do jornal visitassem o clube e também informava o próximo jogo que aconteceria com a coirmã A. A. Escola de Samba.²⁵⁹

Já em 1940 o clube cedeu suas instalações para a realização de diversos eventos. Um deles aconteceu com a presença do interventor fluminense na “tradicional” reunião dos citricultores, para falar da crise. Na ocasião foi solicitada presença de Amaral Peixoto, interventor na época, para que pudesse ajudar com os problemas da escoação da safra de laranja. O evento contou ainda com a presença do prefeito que abriu os trabalhos durante a reunião, seguido por uma fala do interventor federal.²⁶⁰ No ano anterior, quando o FI realizou um festival no mês de junho, já tradicional na cidade, e em referência direta ao mês de aniversário, o clube aproveitou para homenagear justamente Amaral Peixoto. No festival que durou todo o dia 04 de junho daquele ano, o evento estava dividido em três partes: artística, esportiva e social. A parte esportiva foram realizadas com algumas partidas de futebol. Já a parte artística “contará a irradiação do programma “Calouros em Desfile” de Ary Barroso, directamente da séde social do “Filhos de Iguassú F. C.” E as 22h estava programado um baile, outro tipo de evento que acontecia recorrente na sede do clube.²⁶¹ Em outra edição do *Jornal do Commercio* é detalhado que o próprio Amaral Peixoto participou da homenagem em companhia da sua comitiva.²⁶²

E isso permitia muitas outras atividades para o clube. Por exemplo, anualmente, desde 1942, realizavam a Corrida da Primavera, e aproveitavam o evento para em cada edição homenagear uma personalidade de destaque como vemos em uma matéria publicada pelo jornal *A Noite* de 1943. “Pela segunda vez, será realizado no próximo domingo, o circuito ciclístico denominado “Corrida da Primavera. E o seu promotor, o Filhos de Iguassú F. C. que o faz em homenagem ao prefeito de Nova Iguaçu, engenheiro Bento Santos de Almeida.”²⁶³

²⁵⁹ BNDigital. *Jornal O Radical* (RJ), Ano 1938\Edição 02034 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021.

²⁶⁰ BNDigital. *Jornal Correio da Manhã* (RJ), Ano 1940\Edição 13974 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021.

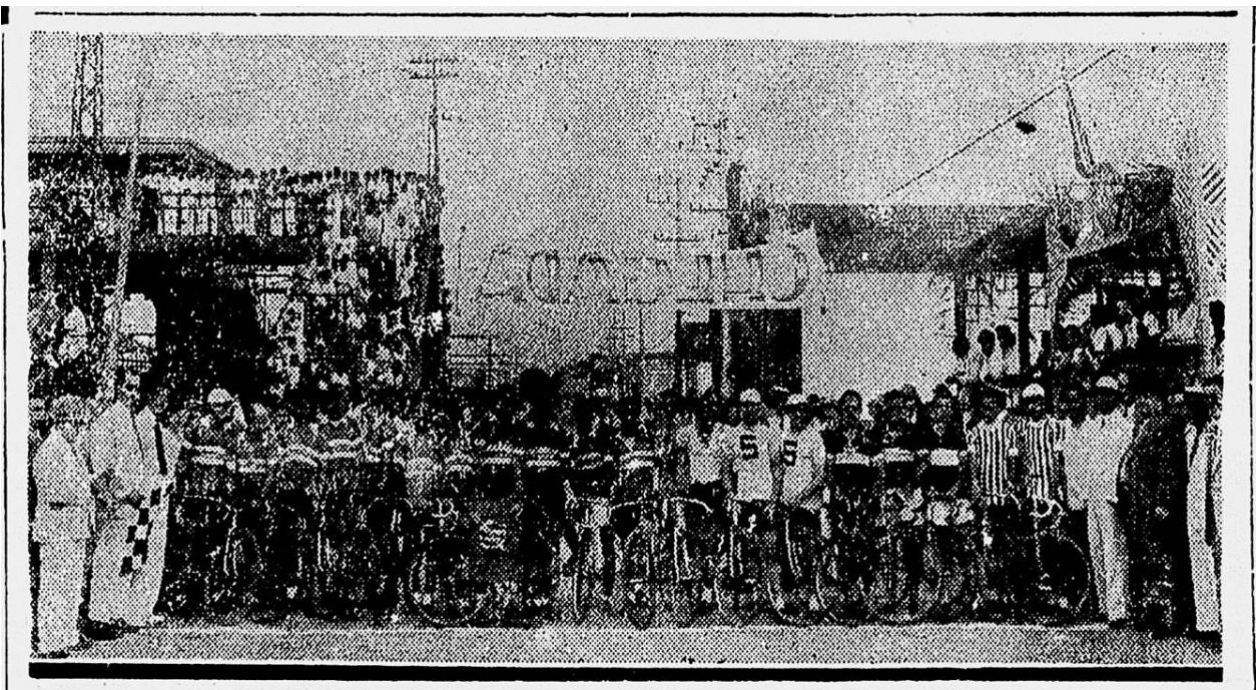
²⁶¹ BNDigital. *Jornal Jornal do Commercio* (RJ), Ano 1939\Edição 00201 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021.

²⁶² BNDigital. *Jornal Jornal do Commercio* (RJ), Ano 1939\Edição 00207 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021.

²⁶³ BNDigital. *Jornal A Noite* (RJ), Ano 1943\Edição 11317 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021.

O jornal *O Radical*, aquele que se tornou órgão oficial do clube, publicou maiores detalhes, incluindo até o itinerário da corrida. O evento “contou com ciclistas de vários clubes (juvenis e infantis)” com patrocínio do FI. As provas tiveram início em frente à sede do clube. Na mesma matéria ainda é citado que na noite anterior havia sido realizado um baile para a coroação da rainha da primavera daquele ano. Na foto que podemos ver abaixo, uma grande quantidade de pessoas posou para foto, inclusive, lotando a passarela no canto esquerdo alto. Uma grande quantidade de ciclistas é possível observar no centro da imagem, devidamente uniformizados, com as camisas dos seus clubes. Ainda vemos possíveis dirigentes do clube e outras personalidades, autoridades da cidade em primeiro plano na foto.²⁶⁴ No canto direito da foto, logo abaixo de um palanque montado, provavelmente para o evento, vemos dois homens vestindo o uniforme listrado do Filhos de Iguazu, provavelmente dois de seus atletas e, outros dois homens do lado deles, um bem vestido, de terno claro, podendo ser alguém ligado também ao clube. Como patrocinador do evento, acredito que no palanque ou próximo dele possa estar algumas figuras que pertenciam ao FI. O homem com a bandeira de largada pode ser ligado ao clube ou alguma autoridade local.

Figura 18 - Corrida da Primavera, 1943



Fonte: *Jornal O Radical*, 1943.

²⁶⁴ BNDigital. *Jornal O Radical* (RJ), Ano 1943\Edição 14024 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021.

Desde 1933, ano bastante simbólico para o Filhos de Iguazu, pois na ocasião havia se tornado campeão no torneio de futebol, justamente no centenário da cidade, o clube foi em um crescente, cada vez mais atuante na cidade e ampliando sua influência, além de suas instalações. No mesmo ano em que a Corrida da Primavera da foto foi realizada, o clube anunciou que em breve seu novo estádio, “graças aos esforços e dedicação do seu presidente Narciso Ramalhedas, espera inaugurar a sua magnífica praça de esportes.” É importante lembrar que em 1943 com o reconhecimento do interventor do clube como utilidade pública, a relação dele com o estado também mudava e não somente com a cidade de Nova Iguazu, o que ajudou a construção do estádio, como afirma a matéria do *Diário da Noite*.²⁶⁵

Quatro anos depois daquela reunião entre os citricultores e Amaral Peixoto na sede do Filhos de Iguazu em solicitação de ajuda para o escoamento da produção. Uma nova reunião acontece em 1944, com o agravamento da crise da laranja, mantendo o Filhos de Iguazu inserido no debate público sobre a cidade de Nova Iguazu, com sua sede como palco de importantes discussões para a cidade.

Homens que durante muitos anos viveram do cultivo da terra auferindo lucros compensadores, os produtores de laranjas de Nova Iguassú estão hoje reduzidos a uma situação deveras digna de pena. Nós os surpreendemos, domingo último, reunidos na sede dos Filhos de Iguassú, Futebol clube, onde foi realizada a assembleia geral de instalação da Associação Profissional Industria da Imunização e tratamento de Frutas, entidade fundada (adotemos deles mesmos) “para ver se a gente arruma alguma coisa, porque estamos muito mal. Muito mal mesmo.

Antes de iniciada a sessão da assembleia geral, convocada para a eleição de conselhos e órgãos fiscais, pois que a diretoria já estava constituída, cientes de nossa presença, os lavradores, a maioria dos quais mal vestida (apesar de ser domingo, dia do terno da missa), pés no chão, sem paletó e gravata, expuseram a sua situação ou melhor, para usar a expressão ainda por eles usada, “as nossas misérias”.²⁶⁶

Nova Iguazu foi a maior exportadora de laranjas, conhecida como a “cidade perfume”, pelos cheiros dos laranjais, com seu auge entre os anos de 1920 e 1940.²⁶⁷ Portanto, a economia da cidade, o seu tempo áureo, a próspera cidade, termos muito utilizados pelos jornais dos anos de 1920 e 1930 fazia uma referência direta a citricultura produzida por agricultores que neste

²⁶⁵ BNDigital *Jornal Diário da Noite* (RJ), Ano 1943\Edição 03856 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021.

²⁶⁶ *Jornal O Jornal da Manhã*, Ano 1944\Edição 07496 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 22/01/2021.

²⁶⁷ SILVA, Lucia. Entre Laranja e Gente: notas preliminares sobre urbanização na baixada fluminense. *Anais do XVII ENANPUR*, 2017.

momento, 1944, ano em que a reunião acontece na sede do Filhos de Iguaçu, se encontravam em uma situação muito difícil. Mas, ainda mantinham sua importância na cidade. Dentre outras reclamações, a forma como as laranjas eram transportadas, dificultava a produção pelo aumento do preço, problema que vinha antes mesmo do período da guerra, segundo os próprios lavradores.

Finalizando esta parte do capítulo, é importante observarmos como o próprio futebol, independente do clube, era um espaço que inspirava nos jovens jogadores a possibilidade de ascensão social, uma vitrine de visibilidade, mas também um local de segurança, de aceitação, de acesso à espaços que, normalmente, aqueles sujeitos não acessariam normalmente. O esporte é uma arma poderosa de integração à sociedade, uma saída para vidas pobres e negras, que permanecem à margem e, o futebol, no Brasil, é o maior esporte de apelo popular e alvo dos sonhos mais genuínos por meninas e meninos das classes mais pobres.

5.3 A história do Correio da Lavoura e o seu engajamento nas questões raciais.

Antes de analisarmos a presença do FI nas páginas do Correio da Lavoura, é importante falarmos um pouco deste que é considerado o jornal mais antigo da Nova Iguaçu, fundado em 1917, por Silvino Hipólito de Azeredo no contexto da citricultura no município. Azeredo era um homem negro, intelectual que estudou nas melhores escolas do país, estudando, inclusive, com José do Patrocínio.²⁶⁸ É esse Silvino, homem das letras, consciente da condição do homem negro no Brasil, que funda o Correio da Lavoura em 1917 e que trazia em sua linha editorial uma preocupação com a condição da população negra e pobre no Brasil. Mesmo após a sua morte em 1939, esta linha editorial continuava presente no jornal, o que podemos observar a seguir.

No dia 26 de março de 1944 o jornal Correio da Lavoura publicava uma edição especial de aniversário e nela trazia um editorial chamado “Vinte sete anos de lutas” uma referência clara aos vinte sete anos de atividade do jornal, desde a sua primeira edição em 22 de março de 1917. O editorial afirmava que o jornal era “o prosseguimento da grandiosa obra do nosso querido Chefe Silvino de Azeredo, inesquecível Companheiro e dedicado Amigo, cuja a memória

²⁶⁸ Silva, Vadir de Paula. As mãos negras que escreveram um jornal: o caso de Silvino de Azeredo a partir do jornal Correio da Lavoura (Nova Iguaçu, 1917-1939). 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. p. 4,11

reverenciamos...”²⁶⁹ Na nota o jornal se considerava “um elemento de cultura indispensável ao progresso deste município...”²⁷⁰

O autor do editorial daquele 26 de março de uma edição especial de aniversário, Silvino Silveira, era presença constante nas edições do Correio da Lavoura. Robson Belém de Azeredo em entrevista concedia a Vladir, para o seu trabalho de monografia, conta que Silvino era um fiel amigo do seu avô e que todos que estavam a frente do jornal eram negros.²⁷¹ Silvino Silveira em seu texto apresenta algumas características importantes para pensarmos o contexto radicalizado. Segundo o editorial, apesar da idade avançada, quando o jornal é fundado, Silvino Azeredo venceu:

Venceu desmentindo os seus cabelos brancos, venceu dando um belo exemplo de tenacidade aos moços de hoje, venceu fechando a boca daqueles que falam em sub-raças (ilegível) da intolerância, em jecas-tatus ancorados e mimados pela verminose, como se fosse a nossa raça!

Venceu mostrando que os nossos lavradores podem e devem ter órgãos seus, porque não são analfabetos nem inimigos do progresso.

Batalhador que sempre fui, tendo como arma a pena sempre pronta a investir em defesa do direito, vi-me de repente desarmado, tolhido, em respeito a uma lei que regula a liberdade do pensamento e mede o ardor de quem defende a massa anônima!”²⁷²

O primeiro ponto que destaco no trecho acima transcrito, se refere à explícita referência ao racismo, quando Silvino Silveira afirma que Silvino Azeredo “venceu fechando a boca daqueles que falam em sub-raças...”²⁷³ A frase possibilita compreender a dimensão que a questão racial podia ganhar nas páginas do Correio da lavoura, não somente em textos como este editorial, mas também na forma como algumas notícias podiam ser abordadas.

Outro ponto importante é observar que um jornal fundado por uma família negra, deve ter desenvolvido uma rede de relações locais não somente com famílias brancas abastadas, mas também com famílias negras que viviam em Nova Iguaçu e devem ter encontrado no CL um espaço de diálogo e algum tipo de representatividade. Em outras palavras, a presença constante de pessoas negras citadas no CL pode significar um olhar atento a esta população, não somente, pois a presença desta mesma população também significa que faziam parte do cenário político, econômico e social de Nova Iguaçu.

²⁶⁹ Correio da Lavoura, N.1410 de 25 de março de 1944 p.1

²⁷⁰ Idem.

²⁷¹ Silva, Vladir de Paula, Op, Cit, 2019, p. 34

²⁷² Correio da Lavoura, N.1410 de 25 de março de 1944 p.1

²⁷³ Idem.

Por isso a presença constante de Enéas nas páginas do C L pode ser encarada por sua presença atuante no cenário esportivo da cidade, mas também uma atenção maior que podia ganhar como homem negro e amigo da família Azeredo Coutinho. Ambos, Silvino Azeredo, fundador do CL e Enéas Pereira Belém viveram em uma Nova Iguaçu racializada que refletia a sociedade brasileira em seu contexto maior. Enéas não só aparecia com frequência nas páginas do CL por sua atividade no FI, mas também em informações que davam conta da sua vida social em outras esferas. Como afirma Vladir Silva, o C.L era um espaço de resistência, de uma frente negra,²⁷⁴ essa frente se estendia na ajuda de outros homens negros que figuravam na sociedade Iguaçuana.

Em uma recente matéria publicada na coluna Nossa Memória do CL, podemos confirmar a proximidade que Enéas Pereira Belém e Silvino de Azeredo possuíam. A coluna de 2019 reproduzia uma foto tirada em 17 de junho de 1926, segundo o texto, “Ao completar 67 anos, Silvino de Azeredo reuniu em sua casa, na Rua Capitão Chaves, nº 14, um grupo expressivo de pessoas amigas da Família Azeredo”. Essas pessoas, segundo o jornal, também representavam “algumas das principais famílias da sociedade Iguaçuana da época.” Na descrição dos presentes na foto, o primeiro nome é o de Enéas Pereira Belém, surpreendentemente identificado como “Toné Pereira Belém”, o nome que só temos referência através de sua família, mas que não aparece em nenhum outro lugar. Isso nos sugere um alto grau de intimidade entre os presentes, uma informalidade que não poderia ser vista em outra circunstância da vida pública de Enéas, somente no aniversário de um amigo, Silvino de Azeredo.²⁷⁵ Abaixo segue a foto com a respectiva descrição:

²⁷⁴ Silva, Vladir de Paula, Op, Cit, 2019, p. 34

²⁷⁵ Correio da Lavoura. Coluna Nossa História. “Os 67 anos de Silvino de Azeredo”, 2019. Acessado em 26/01/2021. Disponível em: <https://www.correiodalavoura.com/2019/03/nossa-memoria.html>

Figura 19 - Aniversário de Silvino de Azeredo, 1926



“No grupo então formado, em frente à residência do fundador do Correio da Lavoura, vemos, entre os que puderam ser identificados: Toné Pereira Belém, Sebastião Cardozo (pai do Dr. Délio, recentemente falecido), Astolfo Salles Teixeira, Jovelino Barbosa, Amadeu Varela, Abílio Salles Teixeira, Nabor Giammattey, Athaíde Pimenta de Moraes, Sila Filizola, Silvino de Azeredo Filho, João Eleutério de Barros, Cristolino Chaves, Avelino Martins de Azeredo, Esther de Azeredo, Humberto Varela, Turuna Cardoso, Gastão Costa, Armênio Costa, Roberto Cabral, Eugênia de Azeredo, Anita Varela, entre outros.”²⁷⁶

Apesar de ser uma família negra, proprietária de um jornal que, eventualmente, se posicionava diante daquela sociedade racista, como veremos em breve, a ascensão social embranqueceu, ao menos, de acordo com esta foto, as redes de relações das quais dispunham. Dados os descontos por ser uma foto em preto em branco, que muitas vezes deixava os sujeitos com a cor mais clara do o normal, é possível observar que a quantidade de brancos é bem grande. O que não parece ser algo de se estranhar, na medida em que a família avançou para espaços predominantemente branco.

Isso também nos faz pensar na própria história de Enéas Pereira Belém em perspectiva com o Filhos de Iguaçu, porque apesar de o clube ser identificado com as pessoas mais pobres, o seu time com uma composição bastante diversificada, quando observamos as fotos de solenidades, os

²⁷⁶ Idem.

brancos se tornam maioria, provavelmente, ocupando cargos importantes no clube. Na medida que o clube crescia e se inseria na sociedade Iguazuana, com uma estratégia bem parecida do Correio da Lavoura, de proximidade muito grande com o poder público, o clube talvez tenha embranquecido. Digo talvez, porque não consegui saber os nomes dos seus fundadores, apenas algumas fotos que indicam o perfil dos seus sócios e dirigentes. Enquanto uma foto tirada em pleno baile de carnaval nos apresenta uma grande quantidade de associados negros, na diretoria, os brancos são maioria. Mas, deixo claro que a pesquisa não se debruçou em uma investigação sobre quem foram todos os seus dirigentes, membros, associados, que daria uma outra pesquisa de doutorado.

Mas, voltando ao CL. O jornal era uma espécie de plataforma que a população negra encontrava espaço de diálogo e reverberação de seus feitos, suas vidas, suas histórias. Um lugar onde suas conquistas podiam ser narradas. Ainda assim, temos que lembrar que Silvino Silveira, também era um homem negro, intelectual, que já havia trabalhado por muitos anos, como afirma em seu edital, ao lado do amigo Silvino Azeredo, assim, a dimensão do racismo, a luta contra aqueles que ele chama de jecas-tatus, era algo presente em sua vida cotidianamente e, por conseguinte, um ponto importante para ser incluído na homenagem feita ao amigo e fundador do CL.

Por último, quando Silvino afirma usar a sua pena como arma, se sentindo desarmado e vendo-se “repente desarmado, tolhido, em respeito a uma lei que regula a liberdade do pensamento e mede o ardor de quem defende a massa anônima!”,²⁷⁷ muito provavelmente, o autor, fazia uma referência aos anos do Estado Novo de Getúlio Vargas havia chegado ao fim três anos antes, em 1945 e que por vários anos, desde 1937 possuía um forte aparato de censura promovida pelo DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda do governo ditatorial de Vargas.²⁷⁸

Na mesma edição especial de aniversário do CL, o jornal também demonstrava sua importância para o debate político ao entrevistar prefeito da cidade, colocando em perspectiva como havia sido o seu primeiro ano de governo. A entrevista foi manchete de capa e trazia uma foto em que aparecia lado a lado o dr. Bento Santos de Almeida, prefeito de NI e Luiz Azeredo,

²⁷⁷ Correio da Lavoura, N.1410 de 25 de março de 1944 p.1.

²⁷⁸ D'ARAUJO, Maria Celina. **O Estado novo**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2000.

filho de Silvino Azeredo e “diretor-secretário” do CL.²⁷⁹ A foto tirada, ao colocar o jornalista e diretor-secretário Luiz Azeredo, lado a lado com o prefeito, pode nos sugerir que a família Azeredo, dona do jornal, era importante e tinha destaque no cenário social de NI.

Figura 20 - Entrevista do Prefeito Bento Santos de Almeida ao jornal Correio da Lavoura



Fonte: Correio da lavoura, 25/03/1948.

É importante informar ao leitor que o Correio da Lavoura chegou a ser o órgão oficial da prefeitura de Nova Iguaçu, como informa a nota abaixo transcrita. O texto em parte aqui reproduzido foi publicado na colina Nossa História do Correio da Lavoura em sua versão online. A nota faz uma retrospectiva do jornal, articulando seus ideais de imprensa pequena a favor da sociedade Iguaçuana e, principalmente, daqueles dedicados à terra, o que eram da lavoura. Mesmo se considerando com um jornal do que chama de “imprensa pequena”, o CL conseguiu um destaque grande na cidade possível de ser comprovadas através de inúmeras matérias do próprio semanário, ratificando o argumento de que o jornal criou um espaço de diálogo muito próximo com aqueles que estavam no poder, se tornando, portanto, o órgão oficial desses mesmos espaços de poder.²⁸⁰

É bom ainda que se diga que o CL, como órgão oficial da Prefeitura durante mais de 30 anos, nas décadas de 40, 50 e 60 foi o veículo da Municipalidade, o que o fez ser o único arquivo disponível, daquele período, dos atos oficiais (leis, decretos, avisos, portarias,

²⁷⁹ Idem

²⁸⁰ Correio da Lavoura. Coluna Nossa História. “CORREIO DA LAVOURA - UMA TRAJETÓRIA MARCADA PELA PERSEVERANÇA” 2019. Acessado em 26/01/2021. Disponível em: <https://www.correiodalavoura.com/2019/07/correio-da-lavoura-uma-trajetoria.html>

balanços) da Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. Da mesma forma foi o CL, durante igual período, o veículo do Poder Judiciário, na veiculação de todos os editais expedidos para publicação pelos Cartórios da Comarca de Nova Iguaçu.²⁸¹

Trago mais um exemplo, entre muitos outros que poderiam ser apresentados sobre a importância que as questões raciais tinham no Correio da Lavoura, mesmo, muitas vezes, não sendo abertamente, já que a sua consolidação necessitava do estabelecimento de boas relações políticas. No dia 9 de maio de 1948, um domingo, que a edição número 1.625²⁸² trazia como primeira matéria em sua capa um editorial sobre o 13 de maio, escrito por Aylton Azeredo da Silveira, Engenheiro de formação e mais um homem negro que atuava no CL.²⁸³

Não farei aqui uma análise do discurso construído por Aylton Silveira ao longo do seu texto à luz do período em que foi escrito. Me atenho a chamar a atenção aos nomes presentes na capa do CL. Diretor-Gerente Avelino Azeredo, Fundador, Silvino de Azeredo, Diretor-Secretário Luiz de Azeredo e Aylton Azeredo da Silveira, todos homens negros, somado ao conteúdo do editorial que tratava justamente sobre o 13 de maio de 1888, dia da abolição da escravidão no Brasil, o último país das Américas a libertar a população negra escravizada, um número aproximado de 700 mil homens e mulheres se tornavam livres, mas a maior parte dos negros no Brasil já estavam livres em processos diversos como a compra de alforrias.²⁸⁴

O conteúdo do editorial, representa não somente a fala e as ideias de Aylton Silveira, mas também as vozes e naquilo que acreditavam os outros nomes citados na capa do jornal. Logo no início o autor do texto informa que na semana que se inicia será comemorada a libertação da população negra escravizada e que com o distanciamento do tempo, aquilo que era a “instituição vigente, a ordem constituída, se nos afigura como monstruosa exploração do homem na pessoa do seu próprio semelhante”²⁸⁵

²⁸¹ Idem.

²⁸² Correio da Lavoura, N.1625 de 9 de maio de 1948 p.1. Disponível através do link: CL - ANO XXXII - Nº 1625 - mai. 1948 Acessado em: dez de 2020. Obs: O site em que está o repositório está tendo problemas técnicos ao longo do mês de janeiro de 2021 e até a entrega deste trabalho o site estava fora do ar ou com erro em seu banco de dados.

²⁸³ Silva, Monalisa Tatiana de Freitas. **O homem de cor no jornal Correio da Lavoura 1950/1959.** Trabalho de conclusão de curso em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, 2013. p. 27-28

²⁸⁴ RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004.

²⁸⁵ Correio da Lavoura, N.1625 de 9 de maio de 1948 p.1. Disponível através do link: CL - ANO XXXII - Nº 1625 - mai. 1948 Acessado em: dez de 2020.

Em outra parte do texto, Aylton Silveira ao contrapor os que argumentavam que a escravidão existia nas civilizações da antiguidade, o autor pontua que diferentemente dessas civilizações, a escravidão no Brasil não resultava do trabalho compulsório da mão de obra de prisioneiros de guerra, “como era de praxe em outros tempos. Para aqui vieram, como para os Estados Unidos, conduzidos sob as maiores torturas e privações, após terem sido criminosamente arrancados a ferro e fogo de seus lares e torrões africanos.”²⁸⁶ Demonstrando grande compreensão da dimensão e significado do que foi a escravidão ao longo da história das civilizações, Aylton Silveira ainda enaltece a ciência, como um espaço de progresso civilizatório que deve ser buscado e afirma que apesar das vantagens do progresso às custas do atraso e de tanto sofrimento, “temos o dever de lutar para que as soluções se tornem humanamente mais racionais”²⁸⁷ Ele conclui na segunda parte do texto que não coube na primeira página que “vivemos sob nova organização social na marcha imutável da natureza para os melhores dias do futuro. Não chegamos ao fim. Vamos, apenas, andando para frente.”²⁸⁸

Figura 21 - 13 de maio no Correio da Lavoura



Fonte: Correio da Lavoura, N.1625 de 9 de maio de 1948 p.1

²⁸⁶ Idem.

²⁸⁷ Idem.

²⁸⁸ Idem. p.2

Enéas Pereira Belém não era um homem das letras, não tinha a caneta, a pena, em suas mãos como uma arma, portanto, sem deixar textos, daquilo que acreditava, da sua visão em relação a sociedade em que vivia, como compreendia a sua situação como homem negro, o que entendia sobre as questões ligadas ao fim da escravidão que ainda naqueles idos anos 1940, tema cotidianamente vivenciada pela população negra através da racialização promovida pelos brancos, não sabemos exatamente o que ele pensava. Mas, é posso supor que ao ser próximo da família dona do Correio da Lavoura, aquilo que discutiam, as ideias que acreditavam, deve ter, de alguma forma, feito Enéas refletir sobre a sua própria condição.

Destacar que Enéas não era um homem das letras, considerado um intelectual com formação nas melhores escolas da época, como Silvino Azeredo, é um dado bastante importante para colocá-lo em perspectiva com outros sujeitos que foram estudados por historiadores debruçados sobre a história da cidade de Nova Iguaçu em suas diversas dimensões, como a própria presença do Correio da Lavoura, um jornal fundado por uma família negra, como também a dimensão política no que se refere a presença de sujeitos negros no espaço de poder políticos legislativo.²⁸⁹

O Capitão Gaspar José Soares foi um político que atuou em Nova Iguaçu no pós-abolição, contemporâneo de Enéas Pereira Belém, mas de uma geração anterior. Gaspar Soares nasceu em 1864, aproximadamente oito anos depois de João Pereira Belém, pai de Enéas. Político, empresário com destaque no cenário político e econômico na cidade, consegue sua ascensão social demonstrando grande capacidade de articulação social e manutenção de suas redes de relações.²⁹⁰

5.4 Filhos de Iguaçu nas páginas do Correio da Lavoura e outros jornais (1940-50).

Um registro importante que conseguimos encontrar sobre a história do FI foi a publicação das atas de reuniões do Correio da Lavoura ao longo da década de 1940. Esse tipo de informação revela facetas do clube que não são possíveis de serem observadas nos outros jornais analisados

²⁸⁹ Silva, Vladir de Paula. Op, Cit. 2019.

²⁹⁰ Pessoa, Valdirene Nunes de Santana. **Entre as pessoas mais gradas do município: a trajetória do Capitão Gaspar José Soares, um político negro no pós-abolição da Baixada Fluminense (1864-1955)**, 2018, p. 138. Dissertação em História. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

anteriormente e, que de uma forma geral, estava radiografando a história do clube através dos seus feitos, dos seus jogos, suas vitórias, seus bailes, todos os eventos em que o time estava envolvido e o integrava à sociedade Iguaçua de uma forma tão intensa como vimos no início deste capítulo. Agora é um pouco diferente, porque conseguimos olhar de dentro para fora, ou seja, não observamos o clube e tentamos compreender aquilo que se falava dele, ao contrário, neste momento é possível observar o que o clube dizia, o que ele falava sobre a sua rotina com seus sócios, seus atletas e com a própria comunidade que fazia parte de suas atividades, tornando muito rica essa observação.

Como já sinalizado por mim ao leitor, não encontrei o estatuto do clube, que poderia revelar nuances impossíveis de serem encontradas em outros locais. Acredito que essas atas, regularmente publicadas, são uma forma de acessar o estatuto indiretamente, pois aquilo que ali era deliberado, estaria, muito provavelmente, em acordo com o que o estatuto versava. Algumas atas, inclusive, citam suas decisões embasadas em determinados artigos do estatuto do clube, mesmo não conhecendo o texto do estatuto e, mais especificamente, o texto do artigo. Mas, conhecendo o seu resultado, é possível supor o que ele versava e a medida proposta para tal situação. Para além do estatuto, nessas atas conseguimos observar como o clube administrava seu funcionamento ao longo da década de 1940, portanto, esse recorte pega um momento de auge do clube, com sua nova sede já inaugurada em 1934 e o seu novo “parque esportivo” a ser inaugurado em 1944.

De toda a documentação digitalizada pelo CEDIM da UFRRJ e aqui usada nesta seção, compreendendo que a digitalização do CL não está completa, mas provavelmente, em progresso. A década de maior presença da seção esportiva e, conseqüentemente, também de maior presença do Filhos de Iguaçú nas páginas do CL foi a década de 1940. Não apenas o FI²⁹¹ aparecia naquela seção, mas foi possível encontrar outros clubes também de Nova Iguaçú que tinham atividades muito parecidas com o FI e disputavam com o mesmo o certame dedicado ao futebol.

Nas próximas páginas vamos analisar o que essa seção esportiva nos apresenta e como é possível, através dela, fazer uma leitura do que foi o FI e a sua inserção no cenário esportivo e social da cidade de Nova Iguaçú na década de 1940 em que o Brasil e o mundo passaram pela Segunda Guerra Mundial. É importante destacar que as matérias aqui apresentadas não seguirão,

²⁹¹ Forma abreviada para Filhos de Iguassu.

necessariamente, uma ordem cronológica. Em alguns momentos uma ordem temática definirá mais a abordagem utilizada.

Com frequência, o jornal CL publicava as atas das reuniões que ocorriam no FI, o que nos possibilita compreender parte da dinâmica cotidiana do clube, suas questões burocráticas e também sobre a sua estrutura e funcionamento. Por exemplo, em janeiro de 1941 o jornal divulgava as resoluções do dia 21 de janeiro que tratavam de diversas questões. Por exemplo, “realizar uma domingueira no dia 26 do corrente (hoje)”.²⁹² As domingueiras aconteciam com frequência, podendo ser observadas em diversas outras edições do CL, inclusive sendo diferenciada no formato “matineé”, um horário mais cedo para as crianças, provavelmente filhos dos associados, o que nos traz um caráter comunitário do clube, um espaço de lazer destinado à família dos associados.

A nota informa também que o salão do clube seria cedido “à Ala dos Esfarrapados, para a realização de um baile à fantasia no dia 8 de fevereiro próximo”²⁹³ Não foi possível especificar o que seria a chamada Ala dos Esfarrapados, se era um grupo carnavalesco, observado a data em que o baile aconteceria, muito próximo ao carnaval de 1941, que teve a sua terça-feira no dia 25 de fevereiro. Portanto, cerca de duas semanas depois da data em que o salão estaria cedido.

É importante frisar que o FI era um clube bastante atuante durante o carnaval, por isso, apesar de não ser possível saber que tipo de relação o clube mantinha com a Ala dos Esfarrapados, pode-se imaginar que ao ceder o espaço, havia uma relação de proximidade entre os responsáveis do FI e dos Esfarrapados. E, também, que havia uma afinidade de propósito, os festejos de Momo.

A nota também não deixa claro em que condições o salão estaria cedido. O termo “cedido” nos sugere que não haveria a cobrança de um valor para a utilização do espaço, mas também não especifica as condições para a cessão do salão. É possível que ao ceder o espaço, o FI estaria responsável pela venda de bebidas e comidas durante o baile, o que se tornaria uma fonte de renda para o clube.

O ano de 1944 foi o ano em que o FI aparece muitas vezes citado na seção de esportes do CL. Na edição de 18 de abril daquele ano, o jornal divulgava sob o título “RESUMO DAS

²⁹² Fonte: CL - ANO XXIV - Nº 1245 - jan. 1941 disponível em:
<http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/1950> (consultado 02.01.2020)

²⁹³ Idem.

RESOLUÇÕES DO DIA 18.IV.1944”²⁹⁴ os itens que haviam sido debatidos e acordados na última reunião realizada no clube. Entre elas estava a aceitação de alguns sócios contribuintes, ou seja, sócios que pagariam um valor para estar ligado ao clube e usufruir das atividades promovidas pelo mesmo. Não foi possível identificar quem seriam esses sócios inseridos na sociedade Iguaçuana da década de 1940.²⁹⁵

Conhecer o perfil desses associados seria importante para traçarmos o perfil de frequentadores do próprio FI, observando em que estrato social estavam inseridos. Refletindo sobre isso, algumas questões são importantes de serem colocadas. A primeira sobre o que poderia significar a presença de Enéas como um dos fundadores do clube. Seria Enéas Pereira Belém o único homem negro presente no momento de sua fundação? Ao ser fundado, o Filhos de Iguaçu trazia em sua atuação as questões raciais, mesmo que implicitamente como referências para a sua atuação em determinados aspectos? Enéas inserido naquele contexto, teria alguma atuação nesse sentido, ou seja, ele pensaria em algumas ações do próprio clube relacionados a cor dos que ali frequentavam?

Observando a cor como um elemento aglutinador, mote de aproximações, compartilhamento de experiências, vivências, afetos, o FI poderia ter sido um desses espaços de associativismo negro na primeira metade do século XX em Nova Iguaçu? Há, como é possível perceber até aqui, muito mais perguntas do que respostas. É provável que muitos desses questionamentos continuem sem resposta ao final deste trabalho, o que não se torna, necessariamente, um problema. Vejamos a seguir.

Sobre a fundação do FI, ficamos sabendo pelos jornais o ano em que teria acontecido, mas absolutamente nada, um silêncio sobre os seus fundadores que como sabemos eram originalmente do clube Iguaçu. Durante a entrevista de Wilsomar, um dos netos de Enéas, afirma que seu avô

²⁹⁴ Fonte: CL - ANO XXVIII - Nº 1414 - abr. 1944 disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4300> (consultado 03.01.2020)

²⁹⁵ Os nomes dos respectivos associados foram pesquisados nas páginas do CL, mas sem resultados retornados pelo seu sistema de busca online. Isso não significa que eles não possam estar lá. É importante frisar que, em muitas edições do CL, o sistema de busca não está funcionando adequadamente. Muitas edições em que o FI aparece foram encontradas olhando edição por edição. E ao encontrar tais edições, decidi testar o mecanismo de busca do repositório online do CEDIM e o sistema não voltou com nenhum resultado. Por essa lógica, é possível que esses sujeitos possam estar citados em alguma das milhares de edições do semanário, mas não sendo possível, por falta de tempo hábil, ler todas as edições. São eles: João Gomes da Silva, Newton Pereira da Silva, João Pereira Gualberto, Edgard d’Almeida e Gilberto Travassos.

teria sido um dos fundadores. Sobre Enéas ter fundado algo, encontramos, como visto no prólogo deste trabalho, uma notícia saída no jornal *Diário da Noite* de 19/07/1932 afirmando que depois de “intermináveis”²⁹⁶ preparativos foi fundada, em Nova Iguaçu, a *Associação Iguassuana de Esportes*.²⁹⁷ Na mesma nota o jornal informa que a nova associação já contava com 5 clubes filiados. Mas é interessante notar que a notícia não entra em detalhes sobre quem eram os fundadores da nova associação esportiva e nem o que eles faziam. Me parece plausível que Enéas Pereira Belém como um dos fundadores do Filhos de Iguaçu, um clube em ascensão, pudesse receber uma linha que o vinculasse ao clube, o que, por alguma razão, não ocorreu.²⁹⁸

Em 1932 Enéas também aparece citado em uma outra notícia, desta vez relacionada ao FI que a convite do Paty F. C seguiu para àquela cidade jogar duas partidas amistosas. O grupo de pessoas que foi para os jogos era chamada de “embaixada” do clube. Entre eles, Enéas Pereira Belém é citado como “Eneás P. Belém”, vice-presidente. O presidente citado foi o Capitão Gaspar José Soares. A embaixada ainda contava com um secretário, diretor de esportes, tesoureiro, além dos jogadores.²⁹⁹

Portanto, oito anos antes do recorte que fizemos para analisar a atuação do FI através das páginas do CL, Enéas já aparece com uma pessoa atuante no mundo dos esportes em Nova Iguaçu. Enéas já por volta dos seus 40 anos, na ocasião. Como um dos fundadores desta associação esportiva. Apesar da não vinculação do seu nome ao Filhos de Iguaçu, podemos supor que participar da fundação de um do clube esportivo que atuava na cidade não parece ser uma hipótese distante da realidade.

Já em 1944 Enéas Pereira Belém, volta a ser tesoureiro do clube, “Tendo terminado o prazo de licença que lhe foi concedido, reassume o cargo de 1º Tesoureiro o sr. Enéas Pereira Belém.”³⁰⁰ Assim, fica evidente que ao longo dessas duas décadas, Enéas transitou em diversos cargos do clube, conhecendo muito bem a sua administração e sua interação com a sociedade Iguacuana. Para se ter uma ideia, em 1947, em mais um Resumo das Resoluções Enéas é designado para representar

²⁹⁶ Ver nota 6 (pag. 3)

²⁹⁷ Mantive aqui a grafia original com dois esses.

²⁹⁸ Idem.

²⁹⁹ BNDigital. *Jornal dos Sports* (RJ), Ano 1932\Edição 00519 (1). Acessado em 26/01/2021.

³⁰⁰ CL - ANO XXVIII - Nº 1427 - jul. 1944. Acessado em 26/01/2021. Disponível em <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4287>

o presidente do clube em uma assembleia na *Liga Iguassuana de Desportos*.³⁰¹ Em 1947 o clube estava sob a gestão de Narciso Ramalhedas, um “veterano desportista” que assina os documentos de escritura para a compra do terreno em 1947 onde foi construído o parque esportivo do clube, ficando pronto no ano seguinte, 1948. Na ocasião, Enéas aparece como Diretor de Esportes.³⁰² O mesmo espaço seria, posteriormente, comprado pelo América F. C. nos anos de 1970.

Mas, agora voltando a nota do dia 18 de abril de 1941, que trazia a publicação da ata referente a última reunião do clube em sua sede, vejamos agora o item “c”, pois esse solicitava que fosse enviado ao presidente Getúlio Vargas “um telegrama de felicitações pelo seu aniversário”,³⁰³ demonstrando a preocupação que o clube tinha de estar em contato com o poder público, uma forma de legitimação de suas atividades e reconhecimento enquanto espaço desportivo de Nova Iguaçu, como observamos anteriormente.

As ações registradas nessas espécies de atas públicas eram muito variadas e nos ajudam a pensar as dimensões de atuação do clube em relação a cidade, o espaço público, como o telegrama de felicitação enviado para o presidente Getúlio Vargas, mas também uma dimensão interna, sobre o funcionamento do clube, como institucionalmente lidava com as questões internas, como se relacionava com os seus membros. Assim, o item “d” informava “não aceitar a demissão do sócio Humberto Soma”. No item “f” solicitava “exonerar a pedido do cargo de auxiliar de Diretor Geral de Esporte o sr. Eduardo Elias e nomear o sr. Moacir da Costa Sousa para o citado cargo”. E, por último, o item “g” solicitava “fazer realizar no próximo dia 23 do corrente (hoje) uma Domingueira.”³⁰⁴

Apenas em uma das centenas de notas publicadas no CL podemos observar um pouco da dinâmica interna de funcionamento do clube, seus atos internos administrativos, seus eventos sociais, a relação com seus sócios, desde aqueles que trabalhavam na administração, como aqueles que eram aceitos e solicitavam desligamento das atividades no clube FI. A nota termina sendo assinada por Adalberto Coelho da Silva, na ocasião da publicação, como primeiro secretário. Friso na ocasião da publicação pois era um cargo rotativo, não foi possível determinar com qual

³⁰¹ Correio da Lavoura_1568_Abril de 1947.

³⁰² BNDigital. *A Manhã*, Ano 1947\Edição 01782 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 26/01/2021.

³⁰³ CEDIM – UFRRJ - CL - ANO XXVIII - Nº 1414 - abr. 1944. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4300> (consultado 03.01.2020)

³⁰⁴ Idem.

frequência, mas acredito que a escolha era anual e por eleição de boa parte dos cargos como veremos mais à frente. As notas publicadas no CL, com bastante regularidade, alternava o nome dos secretários que as assinavam, entre o primeiro e segundo secretário.³⁰⁵

Uma nota publicada dois anos depois da que acima analisamos, ou seja, em 13 de janeiro de 1946, pode nos ajudar em algumas das questões colocadas sobre a rotatividade e como eram escolhidos os sócios que atuariam nesses cargos administrativos do clube. A nota recebeu o título “Novo conselho para o Filhos de Iguassú”³⁰⁶ A nota segue com a seguinte descrição:

Com a presença de inúmeros associados, realizou-se no dia 3 do corrente na sede do alvirubro, a assembleia ordinária afim de eleger o Conselho Deliberativo e a Comissão de Contas para o Biênio de 1946/47. Os trabalhos foram dirigidos sob a presidência do dr. Paulo Fróes Machado: São os seguintes membros efetivos do Conselho Deliberativo: Dr. Getúlio Barbosa de Moura, dr. Paulo Fróes Machado, Severo dos Santos, Russani Elias José, Alvaro Viana, Eurico Cortês, Eduardo Elias, Enéas Pereira Belém, Gumercindo Ferandes Bouças, Juvenal Pereira dos Santos, Antonio Nunes, Antonio Cardoso, Alberto Nogueira, Rubens Pereira Belém, Joaquim Alexandrino, Francisco Fentanes, Delfin Pereira, Aluizio Chambareli, Djalma Oliveira Junqueira e Luiz Carvalho. SUPLENTEs – Osvaldo Cardoso, Alvaro Robless Quintana, Manoel Lopes, dr. Luiz Guimães e Italo Torino. COMISSÃO DE CONTAS – José Moreira Neto, Iever de Mattos e Gulhermando de Carvalho. A posse do conselho deliberativo e da comissão de contas será no próximo dia 15, terça-feira, reunindo-se imediatamente o conselho para eleger nova diretoria.³⁰⁷

Com a nota acima transcrita na íntegra, ficamos sabendo que o chamado Conselho Deliberativo era eleito a cada dois anos, assim como a Comissão de Contas. Portanto era uma gestão bienal que se iniciava logo no início do ano. O conselho deliberativo tinha entre outras funções, a de eleger a nova diretoria que atuaria, muito provavelmente, por igual período de dois anos. Não fica claro como se daria a eleição dessa nova diretoria, se havia uma disputa, ou se o termo eleger, significava apenas, dar posse a figuras já previamente escolhidas.

No caso do conselho deliberativo e da comissão de contas, os nomes já estavam dados, apenas ocorreria uma oficialização dos sujeitos aos seus respectivos cargos, eleger, portanto, como diz a nota, nos sugere tomar posse daquilo já definido. Mas no caso da diretoria, os nomes não são citados, dando a entender que seriam definidos em uma eleição interna, em que apenas o conselho deliberativo definiria os nomes, não havendo uma eleição interna em que os sócios pudessem participar de um processo de votação.

³⁰⁵ Idem.

³⁰⁶ CEDIM – UFRRJ - CL - ANO XXIX - Nº 1504 - jan. 1946. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2389>

³⁰⁷ Idem.

O que mais podemos extrair dessas atas que podem nos ajudar a compreender a dinâmica, a rotina, a burocracia, em suma, as atividades administrativas internas e as atividades públicas sociais? No CL do dia 3 de fevereiro de 1946, portanto, algumas semanas após a nota sobre as eleições do conselho deliberativo, da comissão de contas e da diretoria, uma outra nota nos traz mais um “resumo das resoluções” de uma reunião ocorrida em 29 de janeiro de 1946 contendo mais detalhes sobre a atuação do clube em diversas esferas.³⁰⁸

Há um pedido para que seja aprovada a ata da reunião anterior, um ofício encaminhado pelo Rubens Pereira Belém, irmão de Enéas Pereira Belém, Ao “C.D.”, provavelmente abreviação para Conselho Deliberativo, demonstrando que não apenas o Enéas, mas seus irmãos também participavam da vida administrativa do clube. A nota não especifica sobre o que se trata o encaminhamento do ofício.³⁰⁹

É pedido providências para que seja realizada uma revisão nas matrículas dos atletas cadastrados no clube, há a inclusão de sócios contribuintes, uma solicitação para o atleta Valdir de Faria Pereira “comparecer na próxima reunião, em 5 do corrente, às 21 horas, a fim de prestar esclarecimentos à Diretoria” e também solicita que outro sócio compareça a “Secretaria do clube, afim de tratar de assunto do seu interesse”³¹⁰

A relação muito próxima com a administração pública continuava nos anos de 1940, como também o era na década anterior, quando clube se tornou utilidade pública para o município. Em 1945 o clube realizava em homenagem ao prefeito Getúlio de Moura “um banquete de 200 talheres que lhe foi oferecido na sede do alvi-rubro” em comemoração ao seu aniversário e também em referência à candidatura do mesmo para deputado federal. Participaram do evento os prefeitos de Itaguaí, Caxias, além de outras autoridades ligadas às forças de segurança.³¹¹ Não podemos esquecer que a segunda Corrida da Primavera,³¹² dois anos antes, tinha como homenageado outro prefeito da cidade, Bento Santos de Almeida, aquele mesmo que aparece na foto com o diretor-

³⁰⁸ CEDIM – UFRRJ - CL - ANO XXIX - Nº 1507 - fev. 1946. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2382>

³⁰⁹ Idem.

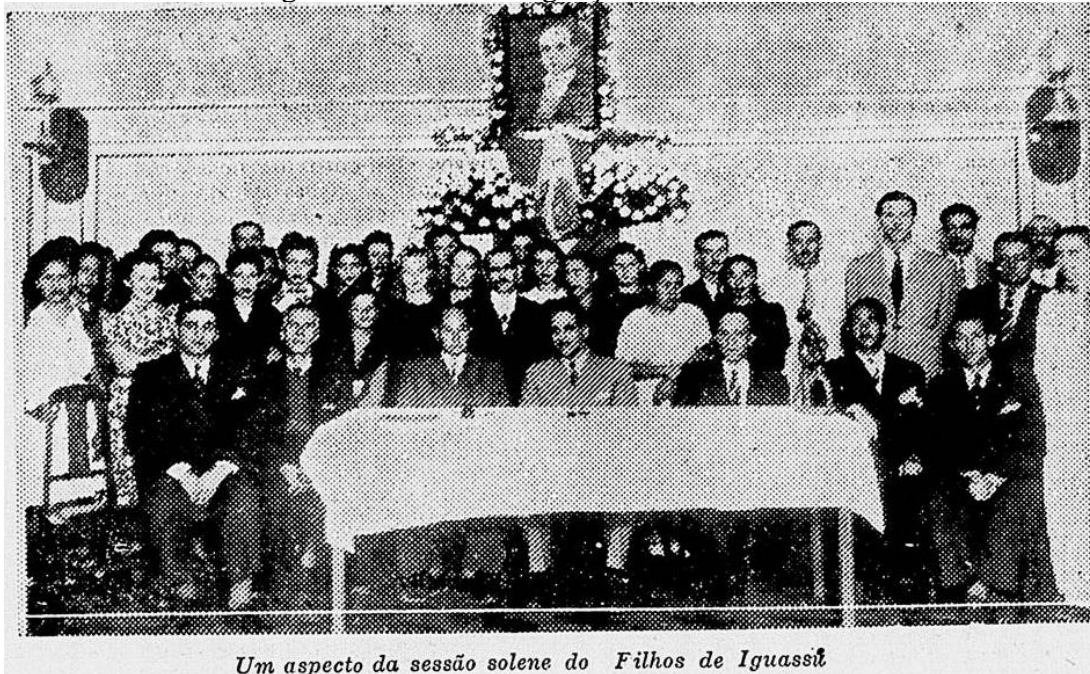
³¹⁰ Idem.

³¹¹ CEDIM – UFRRJ - CL Correio da Lavoura_1474_Junho de 1945

³¹² BNDigital. Jornal *A Manhã*, Ano 1943\Edição 00668 (1). Acessado em 23/01/2021.

secretário do Correio da Lavoura, Luiz Azeredo.³¹³ O mesmo Getúlio de Moura,³¹⁴ o importante político da cidade, em 1950 era Presidente do Conselho Deliberativo do clube e recebia um baile em sua homenagem por ter conseguido cinquenta mil cruzeiros junto ao governo federal para melhoramentos no clube.³¹⁵

Figura 22 - Filhos de Iguacu em sessão solene



Um aspecto da sessão solene do Filhos de Iguassú

Fonte: Gazeta de Notícias, 1942.³¹⁶

Nesta foto publicada pelo Gazeta de Notícias, não foi possível identificar quem seriam as pessoas que aparecem na foto, se fazem parte do clube, se são convidados para o evento, já que como diz a legenda colocada pelo jornal, se trataria de um ocasião solene, e foi possível verificar a proximidade que o clube tinha figuras públicas importantes, como políticos da época. Existe a possibilidade de um embranquecimento do clube ao longo de sua história, neste intercâmbio com figuras políticas importantes que orbitavam o Filhos de Iguacu. Mas, ao fim desta tese, sem fôlego

³¹³ Ver pag. 24

³¹⁴ Fundação Getúlio Vargas. CPDOC: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-barbosa-de-moura> Acessado em: 23/01/2021

³¹⁵ CL - ANO XXXIV - Nº 1745 - ago. 1950. Disponível em <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4505>

³¹⁶ BNDigital. *Gazeta de Notícias*, Ano 1942\Edição 00095 (1). Acessado em 23/01/2021.

para maiores investigações e diante do tempo limitado deste trabalho. Se torna um caminho investigativo a seguir.

O clube demonstrava que tinha uma relação de cuidado com os seus membros, é o que demonstra uma das atas de novembro de 1950,³¹⁷ com a nomeação de dois diretores para visitar um membro enfermo, entre eles aparece o nome de Enéas. A nota informa que o membro enfermo se chamava Luiz Soma, mas não encontramos mais nada sobre ele. É importante destacar que neste mesmo ano de 1950, o Resumo das Resoluções, item “c” solicitava “nomear para o cargo de Diretor Geral de Esportes o sr. Enéas Pereira Belém”, o que justifica ele ser um dos que foram visitar um o associado enfermo do clube. O que também demonstra uma proximidade com os membros do clube, mesmo antes da nomeação para o cargo em questão. Ainda no mesmo Resumo das Resoluções o nome de Enéas aparece como um dos “membros da comissão organizadora dos próximos festejos da primavera, ficando designada a data de 25 do corrente, às 20 horas, na sede social, para a sua primeira reunião.”³¹⁸

Em uma outra ata publicada, trazia registrado um voto de pesar pelo falecimento do pai de um dos associados, novamente demonstrando que havia uma proximidade com quem frequentava o clube.³¹⁹ Mais uma vez, agora em virtude do falecimento de um conselheiro do clube, portanto, desta vez, alguém mais próximo ainda da rotina do clube, foi nomeada uma comissão para representar o clube durante o funeral, o envio de uma coroa de flores, o pavilhão hasteado durante oito dias em luto e a suspensão da próxima reunião.³²⁰

A ata do dia 22/08/1950 pedia para “tomar conhecimento e providenciar sobre o ofício n.58/50 dos Serviços Auxiliares de Educação Pública.”³²¹ Não é possível saber do que se trata esta parte da ata, mas pode ser algum tipo de serviço de educação para os sócios do clube, que demonstra uma preocupação com a formação educacional dos seus sócios, muito provavelmente, no que se

³¹⁷ CL - ANO XXXIV - Nº 1757 - nov. 1950. Disponível em <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4552>

³¹⁸ CL - ANO XXXIV - Nº 1740 - jul. 1950. Acessado em 26.01.2021. Disponível em <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4501>

³¹⁹ CL - ANO XXXIV - Nº 1754 - out. 1950. Acessado em 26.01.2021. Disponível em <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4549>

³²⁰ CL - ANO XXXIV - Nº 1749 - set. 1950 Acessado em 26.01.2021. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4544>

³²¹ CL - ANO XXXIV - Nº 1745 - ago. 1950. Acessado em 26.01.2021 Disponível em <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4505>

refere à alfabetização. Mas, infelizmente, nada mais foi encontrado sobre este ponto, o que poderia trazer à tona um importante elemento de união entre os associados e o clube.

Por último, podemos observar a utilização do estatuto como parâmetro para algumas decisões tomadas pelo clube. Na ata do dia 25 de julho de 1950 o clube decidia pela eliminação de alguns sócios por terem cometido infrações, que não são explicitadas, mas são referentes aos artigos 17 e 18 do inciso 20 “letra a dos Estatutos.”³²² Mais duas atas eliminam outros sócios também utilizando o artigo 19, alterando apenas o inciso e a letra, mas sem acesso ao estatuto do clube, não sabemos do que se trata. Uma hipótese é a cobrança de mensalidades atrasadas que há em algumas notas, como um comunicado geral e avisando que o associado pode ser excluído do clube, caso não fosse regularizada a situação em três meses.

No Resumo das Resoluções de 28 de fevereiro de 1950, a nota, diferente dos anos anteriores, ao invés de colocar o nome dos associados, colocou o número de matrícula dos associados, o que nos permite ter uma noção do tamanho do clube também pelo número de associados. É claro que não há como saber a quantidade exata, nem tampouco se todos os números estavam sendo utilizados, já que número de matrículas anteriores, ao não serem mais usadas, podiam ou não ser utilizadas por novos associados. Mas, podemos afirmar que o clube possuía centenas de associados contribuintes. No item “b” pedia para que fosse concedida licença de três meses para os associados de número 29, 546 e 622.³²³

É possível compreender que o clube mantinha uma administração bastante atuante e bem estruturada. Havia uma preocupação com o controle de matrícula dos atletas cadastrados, inclusão de sócios contribuintes, o que nos sugerem que poderiam haver também sócios que não eram contribuintes com clube. Há também a solicitação de prestação de esclarecimentos que devem ser prestados por um dos atletas do clube, não é possível saber exatamente do que se trata, mas nos sugere um clube que estava atento às ações do seu quadro de atletas e também dos seus sócios, pois em outro item, como vimos, um dos sócios é chamado para comparecer a secretaria do clube por questões que seriam do seu interesse. A expressão é muito utilizada quando há cobrança de dívidas

³²² CL - ANO XXXIV - Nº 1741 - jul. 1950. Acessado em 26.01.2021 Disponível em <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4502>

³²³ CL - ANO XXXIII - Nº 1720 - mar. 1950. Acessado em 26/01/2021. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4472>

em nome do mencionado. Essa pode ser a razão para que o sócio seja chamado à secretaria, mas não é possível afirmar.

Outro ponto que chama a atenção é o horário da reunião, às 21h. Um horário tarde para reuniões que podiam ser demoradas, dependendo do que ali fosse ser discutido. Esse horário pode sugerir que os sujeitos envolvidos no clube, tivessem outras atividades remuneradas durante o dia e, por isso, não fosse possível comparecer em um horário mais cedo, ou mesmo, no meio do dia. Pensando na realidade de sujeitos não abastados, o trabalho regular remunerado, fosse a principal fonte de renda e o clube se colocava como um espaço de atuação política, social, cultura, lazer, mas que não possuía caixa para pagamento de salários a todos os seus membros. As rendas conseguidas com os eventos na sede social como os bailes, as domingueiras, a seção do espaço para outros eventos, garantisse um caixa que seria utilizado para questões administrativas, manutenção do patrimônio físico do clube, como reparos e obras de ampliação.

Como já afirmado aqui, a atuação do clube não se restringia ao mundo futebolístico, por mais que, ao menos nas páginas do CL, essa tenha sido a sua atividade de maior destaque, podemos observar outros eventos esportivos em que o FI atuava. Na edição do CL datada de 13 de janeiro de 1946,³²⁴ uma nota foi publicada sob o título “Ciclismo”, referindo-se à 4º Corrida da Primavera. A nota informa que “o clube Filhos de Iguassú fará realizar hoje mais uma competição ciclista que se denominará 4º Corrida da Primavera, em homenagem ao desportista Carlos Martins da Rocha, presidente do F.M.R.”³²⁵ Ainda a nota informava que “a sexta e a última prova de ciclistas de 1º categoria” seriam dedicadas ao Carlos Martins da Rocha.

Pesquisando quem poderia ser Carlos Martins da Rocha, o ilustre convidado a quem o evento se propunha a homenagear, foi constatado se tratar de uma famosa personalidade do Botafogo de Futebol e Regatas.³²⁶ Nascido em 1894, por acaso, ano de fundação do Botafogo, Carlito Rocha, como era conhecido,³²⁷ se torna presidente Federação Metropolitana de Remo em 1943 e nela, ao que tudo indica, se mantinha no ano de 1946, quando o evento promovido pelo FI

³²⁴ CEDIM – UFRRJ - CL - ANO XXIX - Nº 1504 - jan. 1946. Disponível em:

<http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2389>

³²⁵ Idem.

³²⁶ CASÉ, Rafael. **Somos todos Carlito**. Gryphus Editora, 2018.

³²⁷ CARLITO Rocha: um “craque” em todas as circunstâncias. **Blog Mundo Botafogo**, Rio de Janeiro, 19 de ago. de 2017. Disponível em: <http://mundobotafogo.blogspot.com/2017/08/carlito-rocha-um-craque-em-todas-as.html> Acesso em: 08 de jan. de 2021.

é realizado. Dois anos depois, em 1948, Carlito se tornou presidente do Botafogo, na célebre campanha vitoriosa daquele mesmo ano, tendo o cachorro Biriba como mascote.³²⁸

Nesta nota de 13 de janeiro de 1946 novamente podemos observar as ramificações sociais promovidas pelo FI em suas atividades desportivas. Podemos lembrar o telegrama de felicitações enviado para o presidente Getúlio Vargas, e ainda veremos o clube no mesmo ano de 1946 ceder seu salão para festejos em homenagem a um deputado federal. Portanto, homenagear uma célebre personalidade do mundo do esporte, daquele período, era uma forma de promoção e legitimação do evento ciclístico realizado na cidade de Nova Iguaçu e também promoção e legitimação da atuação do próprio clube, enquanto instituição inserida no contexto social de Nova Iguaçu. Portanto, o FI, apesar nada ter conseguido encontrar de materiais produzidos sobre a sua história, provavelmente sendo esta tese, o primeiro, o clube demonstra ter sido não somente mais um dos diversos clubes desportivos em Nova Iguaçu daquele período, mas o FI era um clube com grande destaque no cenário esportivo da cidade, com importantes conexões.

Infelizmente, ou não, é impossível puxar todos os fios dessas ramificações, são centenas de nomes citados, relacionados à história do clube, somente ao longo desta década de 1940, utilizada como amostragem da história do FI. Desta forma, provavelmente, outras figuras importantes mesmo aqui citadas, não serão sequer observadas em suas dimensões particulares, mas se apresentarão apenas como mais um dos muitos citados. São nomes que aparecem, desde de os novos sócios contribuintes, os diversos nomes de seu quadro administrativo, que pelo grande número, demonstra a dimensão que o clube tinha no período. Mas, também as dezenas outros nomes citados em suas várias festas, domingueiras, seus muitos bailes de carnaval e demais festejos que a sede social do clube pudesse comportar, como uma “festa joanina” realizada em sua sede na noite do dia 24 de junho de 1934. Segundo matéria publicada no jornal *A Noite* “A magnifica sede do sympatico Filhos de Iguassú, nessa noite, transformar-se-á em authentico arrabalde em festa.”

329

Falando de sua sede, especificando se tratar de sua sede social, já que a sede para treinamento ficava em espaço diferente. Acredito ser um bom momento para apresentar um pouco

³²⁸ CLUBE de Regatas Botafogo. **Site Botafogo**, Rio de Janeiro, sem data. Disponível em: <https://www.botafogo.com.br/historia.php> Acesso em: 04 de jan. de 2021

³²⁹ BNDigital. *A Noite* (RJ), Ano 1934|Edição 08108 (1). Acessado em 26/01/2021.

da geografia espacial de Nova Iguaçu em relação a esses espaços. Não apresentarei mapas da época, mas sim, o mapa atual. E utilizarei o relato de Wilsomar Pereira Belém, ou o sr. Belém como é chamado, para observar em que local a sede social do FI e a tão falada casa de Enéas, a mesma em que todos os domingos a grande família se reunia, ficava.

Figura 23 - Local onde ficava a casa da família Pereira Belém



Fonte: Google Street View – out. 2019.

Acima temos o local exato em que ficava a casa de Enéas Pereira Belém no centro de Nova Iguaçu, “a Honda de motos”³³⁰ segundo o sr. Belém, um de seus netos e, informação confirmada por José Araújo em conversa informal.

³³⁰ Trecho da entrevista Sr. Belém.

Figura 24 - Local onde ficava a casa da família Pereira Belém 2



Fonte: Google Street View – out. 2019.

Uma outra perspectiva do local onde a família Pereira Belém viveu no centro de Nova Iguaçu. A rua segue em direção a Via Light. Atualmente a região é de comércio e o local onde a casa ficava está quase em frente o TopShopping Nova Iguaçu.

Figura 25 - Local onde ficava a casa da família Pereira Belém, vista de cima



Fonte: Google Maps – 2020.

A imagem do alto apenas ilustra o provável espaço antigamente ocupado pela casa e terreno da família, que segundo sr. Belém chegava até a outra rua que era em um morro. O espaço dentro do retângulo amarelo, não reflete precisamente as dimensões do antigo terreno, apenas para ilustrar o que seria a profundidade do terreno, mas não sabemos a sua largura de forma precisa. O retângulo

menor, na parte inferior da imagem, serve apenas para demonstrar em que ponto de visualização está a próxima imagem no formato *Street View*, na mesma esquina em que está o retângulo menor.

Figura 26 - Local onde ficava a casa da família Pereira Belém, fundos

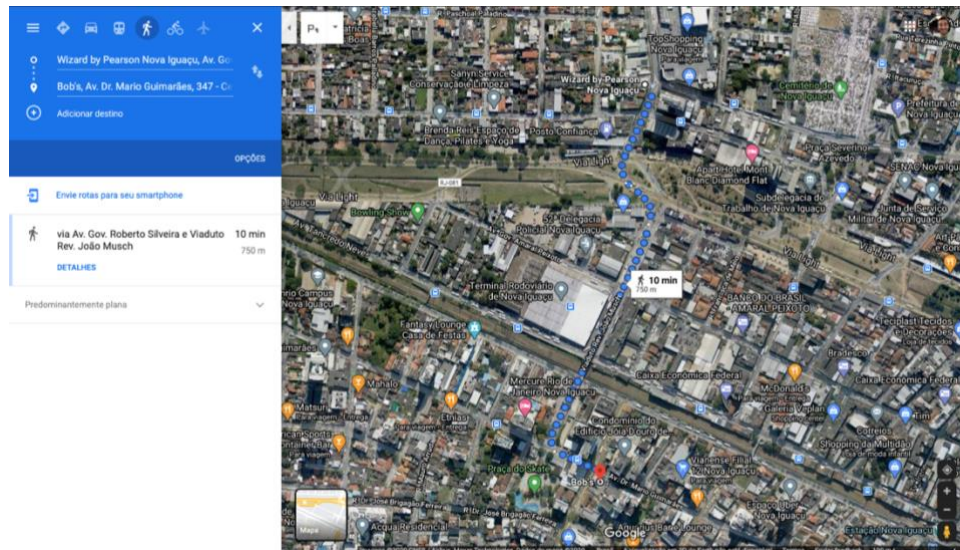


Fonte: Google Street View – out. 2019.

Na imagem é possível observar a rua que ficava nos fundos do terreno da família Belém e a elevação citada pelo sr. Belém ainda é possível de ser observada. No lado esquerdo da imagem a rua segue em direção a frente da antiga casa.

A imagem acima foi retirada do *Google Maps*, na função *Street View* de outubro de 2019. A ferramenta digital tem registro do local desde janeiro de 2014. No total o *Street View* do Google disponibiliza um histórico de oito registros do ponto que aparece na imagem acima, sendo uma interessante ferramenta para utilizarmos na área da história, permitindo acompanhar através de imagens a mudança no cenário urbano, como alterações em fachadas de prédios, o surgimento de novas construções, mudanças no tipo de comércio de uma determinada localidade. Apesar de não haver critérios claros que determinem o momento de cada registro, há uma média de 1,33% por ano do local. Tendo como extremos o ano de 2019 com três registros e o ano de 2018 sem nenhum registro.

Figura 27 - Distância entre a casa de Enéas e a sede social do Filhos de Iguaçú



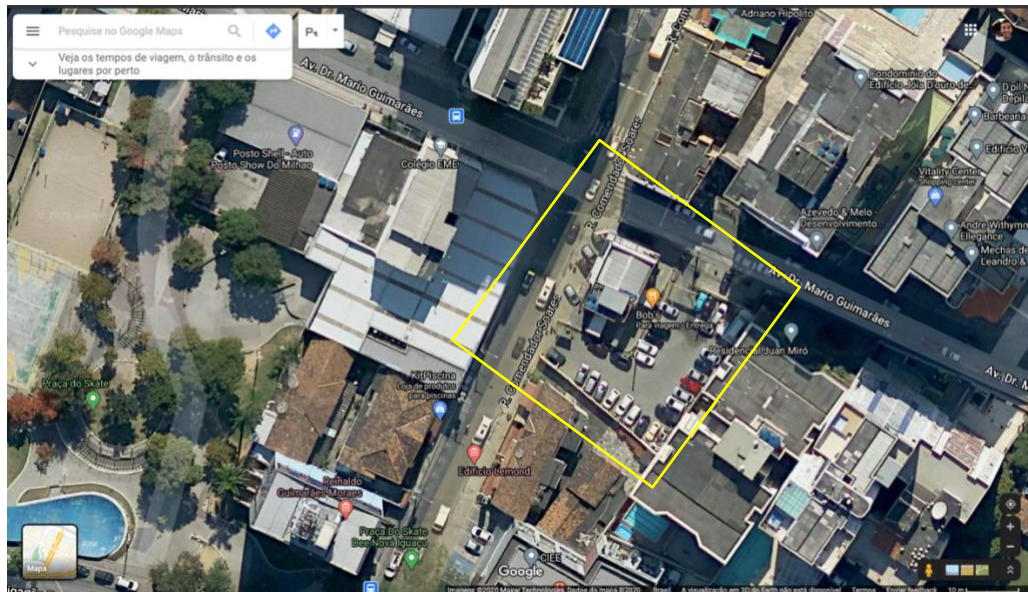
Fonte: Google Maps – 2020.

A imagem acima tem o objetivo de demonstrar o provável caminho feito por Enéas Pereira Belém, entre a sua casa e a sede social do clube Filhos de Iguaçú. Caso seguisse esse trajeto andando, Enéas levaria aproximadamente 10 minutos e caminharia cerca de 750 metros da sua casa até o clube. O objetivo de trazer esta imagem é para ajudar o leitor a compreender geograficamente a rotina entre os dois pontos frequentados por Enéas.

É claro que o trajeto é apenas hipotético, Enéas poderia ter um caminho preferido, podia passar antes em alguma banca e comprar o seu jornal ou tomar o café em alguma padaria da região, conversar com amigos, viver a sua realidade de figura conhecida na região. É importante ter em mente também que esta imagem é de 2020, portanto o cenário que Enéas vivia nos anos de 1940 era outro, uma Nova Iguaçu bem menor do que a atual.

A próxima imagem mostra de forma aproximada o ponto “b” do trajeto de Enéas, ou seja, o local em que, segundo o sr. Belém ficava a sede social do clube FI. Note que atualmente no antigo terreno funciona uma rede de lanchonetes, situado na esquina e ao seu redor, o terreno vazio é ocupado por um estacionamento, utilizado pelo Bob’s.

Figura 28 - Local em que ficava a sede social do Filhos de Iguazu



Fonte: Google Maps – 2020.

Na próxima imagem, vemos através do *Street View* do Google, no centro da imagem, a esquina do local em que ficava a sede social do clube Filhos de Iguazu, segundo a entrevista do sr. Belém e confirmado através das notícias que foram encontradas nos jornais da época.

Figura 29 - Google Street View do local em que ficava a sede social do Filhos de Iguazu



Fonte: Google Street View – out. 2019.

5.5 Bailes dançantes, domingueiras e o carnaval: Os festejos do Filhos de Iguçu.

Os bailes daqueles anos de 1930 eram baseados em batalhas de confete e bandas que tocavam Jazz, como podemos ver nos jornais sobre a festa em Nova Iguçu. O clube definia uma comissão todo ano que ficaria responsável pela organização dos eventos do clube e Enéas Pereira Belém aparece entre os responsáveis. Em 1935 a ala Frente Única afiliada do Filhos de Iguçu preparou uma “imponente batalha de confetti” e “durante a batalha será realizado um baile rigorosamente à fantasia.”³³¹ Dois anos antes, 1933, o carnaval do centenário da cidade, no mesmo ano em que o FI foi campeão, o carnaval foi bastante animado, considerado histórico para a cidade.

Um dos fatores que consolidou este julgamento junto à opinião pública foi a instalação de um monumental coreto na esquina da Av. Marechal Floriano Peixoto com a Av. Nilo Peçanha. Foi de tal importância este coreto, que para cuidar das despesas da banda que nele se apresentou durante os quatro dias de Carnaval constituiu-se uma comissão (...)

Naquele ano do centenário, segundo o registro do Correio da Lavoura, vários blocos desfilaram pela cidade, animando as batalhas de confete. Nos clubes, destacando-se o Esporte Clube Iguçu e a Associação Atlética Filhos de Iguçu, os bailes reuniram, à tarde e à noite, durante quatro dias, todas as famílias da sociedade Iguçuana, com uma alegria e efusão que deram o tom à folia centenária da Terra dos Laranjais.³³²

Os bailes realizados na sede do FI eram eventos muito reconhecidos no cenário carnavalesco de Nova Iguçu, não inúmeras matérias que falam da importância do evento para a cidade. Os bailes, se apresentam como uma tradição, realizada também por outros clubes de destaque na cidade como o Iguçu. O jornal *A Manhã* de 1942 publica uma matéria com o título “O carnaval no município de Nova Iguassú” que deixa claro a importância dos clubes para a festa, com destaque para dois deles como veremos a seguir. A nota dizia que “Nova Iguassú está se animando para o carnaval próximo. Nos dois principais clubes, o veterano Esporte Clube Iguassú e Filhos de Iguassú, já se tem realizado, animados bailes, domingueiras carnavalescas com matinées infantis.”³³³ O jornal também informava que as decorações dos clubes estavam em segredo, o que deixava os componentes de cada clube muito animados.

A nota ainda nos informa que a prefeitura já tinha autorizado “a instalação de dois coretos e a respectiva iluminação alegórica das duas principais ruas: Marechal Floreano e Bernardino Melo,

³³¹ BNDigital. *Diário da Noite* (RJ), Ano 1935\Edição 02259 (1). Acessado em 24/01/2021.

³³² CEDIM - *Correio da Lavoura*, Ano 2019, Coluna Nossa Memória. Acessado em 24/01/2021.

Disponível em: https://www.correiodalavoura.com/2019/02/nossa-memoria_27.html

³³³ BNDigital. *Jornal A Manhã*, Ano 1942\Edição 00155 (1). Acessado em 24/01/2021.

frente à estação.”³³⁴ A programação contava com concurso de melhor fantasia, melhor bloco infantil com alegoria e bloco ou rancho. Enéas Pereira Belém, sempre esteve muito envolvido com as festividades do carnaval e no ano de 1938 ele foi um dos responsáveis justamente pela instalação do “coreto artístico”.³³⁵

Em 1943, mais uma vez o FI aparece como um dos principais bailes daquele carnaval. Em matéria divulgada sob o título “Filhos de Iguassú – Os grandes bailes carnavalescos” o jornal *Gazeta de Notícias* informava que “o prestigioso Grêmio de Nova Iguassú” estava em grandes atividades devido “aos folguedos de Momo”, com a organização de “três grandiosos bailes carnavalescos e duas matinées.”³³⁶

Na nota publicada pelo CL no dia 3 de fevereiro de 1946, referente à reunião do dia 29 do mês anterior, era nomeada a “Comissão de Carnaval” para o carnaval daquele ano, que aconteceria na primeira semana de março. A nota informa ainda que a comissão de carnaval seria composta por sócios do clube, somando nove indivíduos, todos eles homens.³³⁷

Na mesma nota, o item “i” solicita “fazer cessão da sede à comissão pré festejos comemorativos do próximo dia 3, em homenagem ao deputado federal dr. Júlio B. de Moura.”³³⁸ Mais uma vez vemos que o clube procurava manter uma relação próxima a figuras políticas, o que deveria trazer uma imagem de legitimação política e social do clube diante da sociedade da cidade, além de alguma proteção diante de algum desafio burocrático para o clube. Para que um clube funcione com sua sede social, é preciso de autorização de funcionamento desses espaços com a administração pública local. Não temos detalhes sobre quais leis regiam e determinavam as condições desse tipo de empreendimento, mas não é difícil imaginar que não era fácil conseguir as autorizações que normalmente são pedidas e a importância de manter boas relações com o poder público em suas diversas esferas.

A nota continua e mais uma vez versa sobre os festejos carnavalescos, nos trazendo um dado importante, o valor que era cobrado para participar das comemorações. O item “m” informa

³³⁴ Idem.

³³⁵ BNDigital. *Jornal do Brasil* (RJ), Ano 1938\Edição 00034 (1). Acessado em 24/01/2021.

³³⁶ BNDigital. *Gazeta de Notícias* (RJ), Ano 1943\Edição 00055 (1). Acessado em 24/01/2021

³³⁷ CEDIM – UFRRJ - CL - ANO XXIX - Nº 1507 - fev. 1946. Disponível em:

<http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2382>

³³⁸ Idem.

“fixar em CrS 60,000 (sessenta cruzeiros) o preço para os ingressos do Carnaval, devendo os sócios procurarem os mesmos na secretaria”³³⁹ A nota não esclarece se o ingresso estava à venda também para não sócios.

Mas a sede do clube era usada para diversos eventos como domingueiras dançantes, bailes de aleluia, bailes de caipira, entre outros que aconteciam ao longo do ano. Mas, um dos destaques, sem dúvida foi a transmissão do programa que Ary Barroso tinha na rádio Tupi, chamado Calouros em Desfile, segundo o jornal *Diário da Noite* de 3 de junho de 1939 o programa foi “irradiado da sede do clube Filhos de Iguassú”.³⁴⁰ Como vimos, o evento estava ligado às comemorações ao aniversário do clube que acontecia sempre no mês de junho.

O programa consistia em um teste de calouros que eram “candidatos ao estrelato radiophônico”³⁴¹ “Assim, com o “microphone gigante” instalado na vizinha localidade fluminense, mais uma vez estará em todos os receptores do paiz “Calouros em Desfile.” O curioso é que os calouros fariam primeiro um ensaio pela manhã nos estúdios da rádio no Santo Cristo e depois seguiriam em “carro especial do trem electrico, rumo à Nova Iguassú”.³⁴²

5.6 As filhas de Iguazu: a presença do Departamento Feminino.

Um ponto que chama a atenção é a ausência completa de mulheres nos quadros administrativos do clube, em cargos de liderança, tanto no conselho administrativo, como na comissão de contas. É preciso pontuar também que essa ausência se apresenta muito mais como um padrão do que como uma excepcionalidade, visto que o Brasil das décadas de 1930 e 1940, o lugar social da mulher estava vinculado à vida doméstica e não à vida pública. Feito esta observação, não foi possível verificar na íntegra os componentes da diretoria do clube, mas é possível presumir que lá as mulheres, ao menos, oficialmente, não encontravam alguma representação.

³³⁹ Idem.

³⁴⁰ BNDigital. *Diário da Noite* (RJ), Ano 1939\Edição 03662 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 24/01/2021.

³⁴¹ Idem.

³⁴² Idem.

É importante lembrar que os anos de 1930 foram anos de avanço para as mulheres no que se refere ao direito ao voto em 1932 e, um projeto de modernização que avançou pelos anos de 1940.³⁴³ Portanto, há uma maior inserção da mulher na vida pública. É importante frisar que o departamento feminino do Filhos de Iguazu não era uma excepcionalidade, ao contrário, ele estava de acordo com o período. Com isso, outros clubes também possuíam um departamento feminino, como pude verificar em publicações da época.

O próprio jornal *Correio da Lavoura* de 29 de julho de 1945 publicou um texto intitulado “A nova era, as mulheres e as suas tarefas”³⁴⁴ em que o autor de forma indireta, pois não há qualquer menção à situação política no país, fala de uma nova era que estaria para começar. Recapitulando. Em fevereiro daquele ano, a Lei Constitucional n.9 “conhecida como Ato Adicional, estabelece eleições para presidente da República, da Câmara dos Deputados e do Senado Federal e as Assembleias Legislativas.”³⁴⁵ Logo, o período ditatorial conhecido como o Estado Novo de Getúlio Vargas estava chegando ao fim e “Para coroamento dos esforços dos que se debateram pelos mais sadios princípios humanos, os Paladinos da Democracia se reúnem e trocam ideias, consolidando a vitória de tais princípios.”³⁴⁶ Portanto, a referência à democracia não está aí por acaso, mas uma referência direta ao processo político pelo qual o Brasil passava. É interessante observar no texto como o autor avança para uma leitura sobre qual seria o papel das mulheres nessa nova era.

Sendo também muito grande as suas responsabilidades, elas não podem cruzar os braços diante o movimento renovador que se observa.

Quem se organizem em associações apropriadas, debatam assuntos de interesse coletivo, examinem as questões sociais, os problemas administrativos, etc...e terão prestados ótimos serviços à Pátria.

Nova Iguassu precisa de um movimento nesse sentido. Se as mulheres aqui residentes não mais permanecerem alheias ao grandes problemas que nos preocupam, muito teremos a lucrar.

E para o gáudio daqueles que defendem o mérito da mulher, enaltecendo-lhe a competência de revolver, em igualdade de condições com o homem, as nossas mais sérias

³⁴³ ALMEIDA, Marlaine Lopes. **O Club Sportivo Feminino e as formas de sociabilidade para as mulheres da elite em Aracaju (1919-1926)**. 2018.

³⁴⁴ CL - ANO XXIX - Nº 1480 - jul. 1945. Acessado em 25/01/2021. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2336>

³⁴⁵ D'ARAUJO, Maria Celina. **O Estado novo**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2000. p. 67

³⁴⁶ CL - ANO XXIX - Nº 1480 - jul. 1945. Acessado em 25/01/2021. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2336>

questões, poder-se-á afirmar em futuro bem próximo, o seu valioso trabalho, cuja influência terá sido decisiva quando a humanidade estiver vivendo a verdadeira vida.³⁴⁷

O autor é um homem, acho que preciso destacar este detalhe nada extraordinário naqueles idos anos de 1940. Assim, um homem dizer o que mulheres deveriam ou não fazer era rotineiro e fazia parte da estrutura social. O distanciamento histórico, como já coloquei antes, nos deixa numa confortável posição analítica, que outros, além de nós, farão o mesmo com nossos escritos em um “futuro bem próximo”, como disse o autor da citação acima. Portanto, não quero aqui, anacronicamente, criticar os limites de compreensão dos sujeitos que se colocam nesta nota publicada no Correio da Lavoura. Apenas faço observações de quem pode estar no agradável lugar de pesquisador do passado quando põe em xeque as reflexões produzidas no passado. Mas, voltando ao que é dito por ele, Gilberto Santos, as mulheres teriam grande responsabilidade e não poderiam cruzar os seus braços diante da “nova era” que se apresentava. A leitora de hoje, imediatamente pensará, mas quem é ele para dizer o que uma mulher deve ou não fazer? Sinais dos tempos, o nosso, precisamente. E, que não é o mesmo do que analisamos aqui. Portanto, sigamos, mas cientes que a análise coloca os fatos do passado, sob a mesma luz do passado, mas em perspectiva com as questões do presente.

E, qual papel seria esse, o das mulheres, segundo ele? Primeiro um papel que extrapola o ambiente doméstico, sobre esse aspecto, podemos afirmar um pensamento progressista para o período, na medida em que naquele momento as mulheres avançavam na vida pública de diversas formas, como no ambiente político, deixando para trás a exclusividade do ambiente do lar como única forma de vivência. É claro que esses processos não são estanques ou se dão de maneira única, eles são concomitantes. Assim, essas realidades, das mulheres que viviam apenas para o ambiente da casa, da família, é atravessado por àquelas que se colocam no ambiente público, tornando múltipla a forma como a sociedade vive suas questões sociais. É sintomático do período como ele, mesmo de maneira avançada em suas reflexões, procura definir que espaços e, como as mulheres deveriam atuar, citando as associações, como um modelo de ação. E, ainda, define que assuntos elas deveriam tratar, àqueles relacionados ao coletivo, às questões sociais e administrativas, prestando assim “ótimos serviço” à pátria. Em nenhum momento é suposto que essas reuniões poderiam ser para que as próprias mulheres pensassem o seu lugar no mundo, como uma forma de

³⁴⁷ Idem.

luta por seus direitos à igualdade de gênero, frente ao sistema patriarcal que a sociedade estava inserida.

O autor ainda afirma que Nova Iguaçu precisa de um movimento nos termos que ele citou e que as mulheres ainda permaneciam alheiras aos grandes problemas que “nos preocupam”. É um pedido para que elas possam participar das discussões coletivas, como afirma no início do texto. Mas, podemos concluir que as mulheres, muitas delas, provavelmente, desde as primeiras décadas do século XX, já lutavam e buscavam por mais espaços na vida pública. O que não significava, naquele momento uma luta coletiva, mas uma luta por seus direitos, que de alguma forma, é sim uma luta de impacto coletivo.

As notas sobre o Departamento Feminino do Filhos de Iguaçu são constantes e, como já pontuado aqui, não era uma exclusividade do clube, na medida que pude observar o termo Departamento Feminino sendo utilizado por outros clubes, mas que não avancei nessas investigações, por não ser o foco principal deste trabalho.

Não encontrei nenhuma mulher da família Pereira Belém nas listas de nomes de integrantes do departamento feminino do Filhos de Iguaçu. D, Durvalina Pereira Belém, esposa de Enéas não é citada nenhuma vez. O que poderia ser algo bastante plausível, já que ele havia sido presidente do clube e passado por diversos cargos de destaque no clube, além de ser uma figura de destaque na cidade. Não sei a cor dessas mulheres, as que integravam o departamento feminino do FI, mas acho que não seria improvável pensar que fossem mulheres brancas, pelo menos em sua maioria. Durvalina não era uma mulher negra, mas o fato de ser casada com Enéas Pereira Belém, apesar de todo os prestígios, ela era uma mulher que fazia parte de uma família negra, os seus filhos eram filhos de um homem negro e, portanto, não brancos.

Assim, apesar da representatividade de Enéas dentro do clube que provavelmente foi um dos fundadores, o acesso às pessoas negras ficava mais condicionada ao setor esportivo do clube, o que podemos observar quando olhamos as fotos dos jogadores. As poucas fotos que temos da sede social, a presença de indivíduos negros é bem pequena. Assim, a divisão entre a sede social e a sede esportiva podia também gerar uma divisão racial. Os salões do FI sempre citados como luxuosos, impecáveis, presente tão firmemente no cenário social, devia ser mais acessado por brancos do que por afrodescendentes. O que não significa exclusividade, ou uma falta de acesso. Ao contrário, em fotos dos bailes de carnaval, a presença negra é muito grande. Daí fica uma dúvida

que coloco agora. Essa presença grande de negros nos bailes de carnaval do FI se dava por ser uma data festiva, de carnaval, onde essas divisões raciais não amenizadas, ou isso denota uma ligação maior do clube com as classes mais populares, além do simbolismo de Enéas ter sido uma figura importante do FI, que junto com o Iguaçu eram os dois clubes mais importantes da cidade?

Portanto, a presença negra se limitava em determinados tipos de eventos, como na composição do departamento feminino? Sem saber a cor dessas mulheres, o que demandaria uma busca longa em registros de nascimento, casamento e óbito, fica difícil termos fechado uma leitura sobre a questão, mas sendo valiosa a reflexão. Pois, sabemos que os clubes eram, muitas vezes, espaços de segregação social. É o que Fernanda Oliveira apresenta em sua pesquisa, Petrônio Domingues, entre outros autores do livro *Pós-Abolição no Sul do Brasil*.³⁴⁸

Leonardo Ângelo Silva ao analisar a classe trabalhadora da CSN nos anos de 1940, portanto, no mesmo período em que analisamos o FI, afirma que a racialização estava presente não somente no cotidiano daqueles funcionários, durante o seu expediente de trabalho, mas avançava para outros espaços, como os de lazer, mais precisamente os clubes. Leonardo Ângelo conta história de Jouvacy, homem negro, que ao ir se apresentar no Clube Náutico de Volta Redonda, recebe a orientação de que havia sido expulso e que não precisaria mais voltar. Ao tentar se informar, descobre que havia uma ordem para não deixar mais pessoas negras entrarem no clube. Os trabalhadores ao terem o acesso negado ao Clube Náutico, decidem então criar o Clube Palmares, “um clube só para gente preta.”³⁴⁹

O exemplo do Clube Náutico em Volta Redonda nos ajuda a pensar a questão em Nova Iguaçu para o mesmo período e compreender onde estava o FI nesse cenário. Não seria um clube a negar, ao menos abertamente, a presença de pessoas negras. O que vemos em algumas fotos do departamento esportivo, mas também em fotos dos membros da área administrativa e diretoria. Mas, podemos observar que quanto mais aumentava o espaço de poder, esse grupo se tornava cada vez mais branco. Por isso, a presença de negros era muito mais presente na configuração do próprio time e nos bailes de carnaval, mas se tornava bem menor quando olhamos para quem estava na

³⁴⁸ MENDONÇA, Joseli; MAMIGONIAN, Beatriz; TEIXEIRA, Luana. **Pós-abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Sagga, 2020.

³⁴⁹ SILVA, Leonardo Ângelo. A classe trabalhadora tem cor: democracia racial e desenvolvimentismo em Volta Redonda (1946-1987). **Novos Rumos Sociológicos**, v. 4, n. 5, p. 36-59, 2016. p.38

frente dos setores que compunham o clube. O que também acontece com a presença feminina no clube.

Há um departamento feminino, que não sabemos concretamente a sua função, em que áreas atuavam. Em uma foto em que encontramos o departamento feminino, mas de outro clube. Mas mulheres aparecem na foto, por uma leitura subjetiva, muito bem arrumadas, são mulheres brancas, nos dando a impressão que a presença feminina desses departamentos femininos em eventos públicos nos sugere a tentativa de passar uma imagem acolhedora do clube, ligado ao feminino, de mãe, de alguém que cuida, uma imagem simpática do clube.

Portanto, não encontramos nenhuma mulher nos quadros da diretoria do clube. O fato é que apesar das mulheres não serem nomeadas para esses quadros, o clube possuía como foi possível verificar em algumas notas o “D. F.”, ou departamento feminino. Não está claro todos os campos de atuação deste departamento, em que áreas sua presença se fazia, o quantitativo de mulheres que dele participavam ou mesmo quem eram essas mulheres, como elas entravam para fazer parte desse departamento, entre outras questões.

Dado a sociedade da época, podemos presumir que essas mulheres deveriam ser esposas, mães de outros sócios, irmãs, tias, etc. Não é possível delimitar critérios para a inclusão dessas mulheres nesse departamento, se havia mesmo alguma restrição ou se bastava o querer como determinante para participar desse quadro do FI. Por exemplo, na nota do dia 3 de fevereiro de 1946, o item “h”, é solicitado “incluir no quadro do D.F. as srs. e stas. Olinda Iotti Sigoli Alegria, Maria Queioz do Saxe e Olivia Sigoli Alegria.”³⁵⁰ Nada mais é possível saber sobre essas mulheres.

O departamento feminino parece que era um departamento ativo no clube, em uma das atas publicadas no CL o item “l” pedia pra “incluir ao D. Feminino as propostas das seguintes sras e stas:” A nota enumera uma lista com 15 membros pertencentes ao departamento, não é possível saber se seriam todas as representantes ou apenas as que encaminharam uma proposta que agora tinha sido aceita e a ata solicitava a sua inclusão. Infelizmente não é possível saber do que se tratava a proposta.³⁵¹

³⁵⁰ CEDIM – UFRRJ - CL - ANO XXIX - Nº 1507 - fev. 1946. Acessado em 24/01/2021. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2382>

³⁵¹ CEDIM – UFRRJ – CL - ANO XXIX - Nº 1490 - out. 1945. Acessado em 24/01/2021. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2416>

No mesmo Resumo das Resoluções do dia 2 de outubro de 1945, o clube solicita 90 dias de licença de algumas sócias, o texto não informa a razão para o afastamento, apenas sabemos que foi uma solicitação das próprias.³⁵² As razões poderiam ser de toda ordem, desde dificuldades em pagar o clube, como viagens, problemas familiares, não sendo possível criar uma linha de análise para esta questão. Outros dados que nos faltam é o quantitativo de mulheres que participavam do clube, não somente as que estavam no departamento feminino, como vimos acima, mas também as que estavam associadas, como as que solicitaram afastamento de 90 dias. Nos ajudaria muito pensar a participação feminina quantitativamente.

Alguns resumos referentes às resoluções publicadas no CL, vários deles, solicitavam a inclusão de mulheres para o departamento feminino. Como as resoluções do dia 24 de julho de 1945 que solicitava a inclusão de mais três integrantes.³⁵³ Mas o que não fica claro é o fato de, em algumas publicações, as novas integrantes estarem separadas por classe. Nem o que isso podia significar. Era uma separação que partia de qual premissa? Era apenas uma divisão que facilitava a organização do departamento feminino? Como se a Classe A, tratasse de determinadas questões e a Classe B de outras? Essa separação podia ter uma conotação social determinada pelas próprias classes sociais das integrantes? Não sabemos. Mas, no Resumo de Resoluções do dia 30 de maio de 1950 há uma solicitação para “transferir da classe “B” para a classe “A”, do Departamento Feminino, a sra Madalena Maria Lessa Pinho.³⁵⁴

Mas, uma notícia nos ajudou a compreender a função do departamento feminino no FI ao menos uma de suas prováveis atuações. No jornal *O Imparcial*³⁵⁵ de 8 de dezembro de 1940 nos informa sobre um dos jogos do Filhos de Iguazu contra o Olaria. A nota diz que “O S. C. Olaria, filiado à liga de Iguassú em seu campo, receberá hoje, a equipe feminina do Filhos de Iguassú, baptizando assim esta turma que hora se inicia no violento sport.”³⁵⁶

Foi assim que pela primeira vez foi verificada a presença de um time feminino para o FI no final de 1940. Uma nota pequena, discreta, mas muito significativa. A nota ainda deixa claro que

³⁵² Idem.

³⁵³ CL - ANO XXIX - Nº 1480 - jul. 1945. Acessado em 24/01/2021 Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2336>

³⁵⁴ CL - ANO XXXIV - Nº 1733 - jun. 1950. Acessado em 25/01/2021. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4494>

³⁵⁵ *O Imparcial* (RJ), Ano 1940\Edição A01701 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 25/01/2021.

³⁵⁶ Idem.

o jogo seria um batizado para a turma que estaria se iniciando no que chamam de esporte violento. Dessa forma, muito provavelmente, o departamento feminino do clube devia estar responsável também de cuidar das questões relacionadas ao time de futebol feminino do clube. Infelizmente não encontramos nada relacionado a quem seriam essas mulheres que jogaram essa partida, seus nomes não são citados, nem encontramos uma outra notícia que desse conta de como o jogo havia sido, como normalmente encontramos para os jogos masculinos.

O jornal *A Batalha* de 25 de janeiro de 1940, há exatos oitenta e um anos, nos apresenta mais detalhes sobre a questão.³⁵⁷ Com o título “Evas no gramado...” o jornal narrava um jogo que teria sido realizado no gramado do Filhos de Iguaçú, com dois times femininos de futebol, mas nenhum deles era do FI, o jogo apenas se deu em seu campo. A partida foi entre O Combinado Brasileiro e o Bento Ribeiro Futebol Clube, terminando empatado em 1x1. Vale aqui o registro de parte do texto que segue logo abaixo e abre com a seguinte pergunta: “Eva estará decidida a tomar também, conta dos nossos gramados?”³⁵⁸

Há bem poucos dias surgiu no noticiário dos nossos jornaes a apresentação de um team de football formado por senhoritas.

Isto entretanto, não constituiu motivo de alarde, quando se sabe que a mulher avança, hoje, por pontos até então temidos pelo próprio homem. O peor é que, ao contrário de pejejas contornadas por lances de ternura e carinho como se devera esperar, o encontro resultou num grande sururu...³⁵⁹

Se Eva estaria mesmo decidida a tomar os gramados, como afirmava a notícia, parecia que isso não causava alarde nos pelos jogadores e público masculino, segundo o autor do texto. Diferente de outras áreas em que a inserção da mulher seria temida pelos homens. O fato é que o autor do texto analisa a partida colocando a figura da mulher no que sempre lhe era esperada. A mulher expressa na figura materna, acolhedora, esperando que essa imagem se refletisse nos campos em “lances de ternura e carinho como se devera esperar”, mas, ao contrário, o jogo teria terminado em um “grande sururu...”³⁶⁰

O trecho em que o texto diz “como se devera esperar” nos remete a imagem do Departamento Feminino, com a imagem de mulheres bem vestidas, arrumadas, bem-comportadas,

³⁵⁷ BNDigital. *A Batalha* (RJ), Ano 1940\Edição 04129 (1). Fonte: memoria.bn.br. Acessado em 25/01/2021.

³⁵⁸ Idem.

³⁵⁹ Idem.

³⁶⁰ Idem.

passando justamente essa imagem materna de que a nota esperava ver também nas jogadoras que disputaram aquele jogo no início de 1940. Entre as jogadoras, conseguimos saber os nomes do time do Bento Ribeiro, entre elas, estavam presentes as jogadoras Ormindá, Ivette, Zizinha e Tete. Sobre os gols, a nota diz que a meia esquerda Léa foi autora do gol de empate para o Bento Ribeiro, a nota não esclarece detalhes sobre o outro time.³⁶¹

Em março de 1944, enfim uma das notas apresenta o nome de uma mulher da família Pereira Belém, Ivone, listada como integrante do Departamento Feminino. O Resumo das Resoluções solicitava que as associadas ao Departamento Feminino apresentassem os respectivos retratos para que suas situações pudessem ser regularizadas. A lista é extensa e traz algumas dezenas de nomes de mulheres que precisavam regularizar a sua situação perante o clube.³⁶² O que podemos concluir então é que todas as mulheres que se associavam ao clube eram colocadas no departamento feminino, e não uma seleção de mulheres brancas, como imaginei anteriormente. Isso significa que a diversidade dessas mulheres era muito maior do que eu imaginava, porque tinha a esposa de um dos diretores, mas também tinha a mulher de um simples associado. O que poderia acontecer, caso o FI também usasse a figura feminina como um símbolo de acolhimento e gentileza, que as mulheres selecionadas para determinados eventos, fossem mulheres brancas ligadas aos dirigentes. Isso poderia justificar a diferença entre as classes “A” e “B”, mas são apenas hipóteses.

5.7 Conclusão

Tentei neste capítulo demonstrar a importância dos Filhos de Iguazu na vida de Enéas Pereira Belém e de sua família, na medida em que não só ele, mas outros membros de sua família também participaram da vida do clube. O FI ajudou a projetar a figura de Enéas socialmente na cidade de Nova Iguaçu. A maior parte das notícias que o citam fazem referência à sua relação com o clube. Sua importância é determinada pelos cargos que ele ocupou ao longo das décadas de análise aqui recortadas.

Algumas perguntas permaneceram sem resposta até o final desta tese e que precisam de pesquisas posteriores. As duas primeiras perguntas óbvias a serem respondidas é saber qual foi o

³⁶¹ Idem.

³⁶² CL - ANO XXVIII - Nº 1410 - mar. 1944. Acessado em 25/01/2021. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4303>

motivo que teria levado a cisão que deu origem ao Filhos de Iguaçu e quem foram os seus articuladores fundadores? Não encontrei em nenhuma das notícias que consegui analisar qualquer citação ou referência feita aos seus membros fundadores. Algo curioso, porque o clube comemorava seus aniversários anualmente com eventos amplamente divulgados pelos jornais da época, mas não há qualquer referência a esses sujeitos, o que podemos entender ser um dado que chama atenção, como esses sujeitos foram apagados da história do clube.

A partir da entrevista feita com um dos seus netos, Enéas teria sido um dos fundadores e ficava responsável pela área dos esportes. A segunda colocação foi confirmada durante a pesquisa. Os outros fundadores foram homens negros assim como Enéas? Pode ter havido algum componente racial para que a cisão ocorresse?

Enéas, com seu papel de liderança, foi uma referência na vida pública esportiva da cidade e como treinador do time de futebol, também uma referência para os jogadores do Filhos de Iguaçu que, segundo, a mesma entrevista com o seu neto, os jogadores que participavam do clube era jovens de Nova Iguaçu conhecidos por Enéas, muitos deles negros. Em sua figura pública, Enéas mantinha relação próxima com Silvino Azeredo e o Correio da Lavoura, demonstrando que, possivelmente, essas famílias negras que conseguiram se estabilizar em Nova Iguaçu mantinham uma rede que pudesse sugerir ajuda mútua.

Desta forma, o Filhos de Iguaçu pode ser compreendido como espaço de lazer onde essas mesmas famílias podiam encontrar momentos de divertimento e também de associativismo. Não foi possível encontrar fotos dos seus membros, mas acredito, pela proximidade cada vez mais intensa do clube com a administração pública e com figuras importantes da sociedade Iguaçuana que era mantida boas relações públicas. Aqui não podemos esquecer que Enéas era funcionário público e que isso deve ter ajudado na conexão do clube com as vantagens de estar em diálogo com o poder público.

6 Epílogo.

Era dia de São João e todos estavam animados para os festejos em comemoração a data vinculada ao calendário católico cristão. Uma bela lua cheia, ansiosa por iluminar a todos e completar a festa. Nos idos de 1970, as festas juninas eram muito populares no estado do Rio de Janeiro e nas cidades da região metropolitana, assim como em Nova Iguaçu. As lembranças das fogueiras, o cheiro da madeira queimando e aquecendo as noites frias de junho, as batatas-doces feitas nas brasas incandescentes, as quadrilhas, as bandeirinhas, e tudo mais que a memória pode alcançar, tornaram-se as últimas lembranças de Enéas Pereira Belém. Visto que foi numa tarde fria, de uma quarta feira, 24 de junho de 1970, às 14h, em seu próprio domicílio, na cidade de Nova Iguaçu, que Enéas realizava o seu último e derradeiro ato: a morte.³⁶³

Se despedia, assim, dos seus onze filhos e netos, aos 81 anos de idade. Exatamente três dias após a final da Copa do Mundo de 1970, realizada no México. Enéas que ao longo de sua vida foi um amante dos esportes, fundou em 1932 a Associação Iguassuana de Esportes e também o clube Filhos de Iguaçu, teve como uma de suas últimas memórias, a conquista do tricampeonato da seleção brasileira, considerada a maior de todas as seleções do mundo.³⁶⁴

Se voltarmos um pouco mais veremos Enéas no dia em que acordou cedo, animado, o ano era 1932 e “após longos e intermináveis preparativos, foi finalmente fundada, em Nova Iguaçu, a Associação Iguassuana de Esportes”³⁶⁵ que já contava com 5 clubes filiados e as perspectivas eram as melhores.³⁶⁶ Acordou, tomou café com sua família, despediu-se da sua esposa, que o olhou com orgulho e, foi trabalhar no que ele mais gostava. Assim, caminhou pelas ruas, naquele mesmo trajeto que conhecemos através do *Google Maps*, entre a sua casa e a sede social do Filhos de Iguaçu no centro da cidade.³⁶⁷ Atuava como treinador e dava preferência para os jogadores da região, apesar do clube não fazer discriminação, segundo um dos seus netos. Filhos de Iguaçu, era

³⁶³ Certidão de óbito de Enéas Pereira Belém, Comarca de Nova Iguaçu, 1970.

³⁶⁴ Hemeroteca - Biblioteca Nacional. *Jornal Diário da Noite*, ano 1932, edição 00760.

³⁶⁵ Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital - *Jornal Diário da Noite*, 19.07.1932, acessado em 21.01.2020.

³⁶⁶ Idem.

³⁶⁷ Entrevista com Wilsomar Pereira Belém - Neto de Enéas Pereira Belém, filho de Djalma Pereira Belém. Data: 19.12.2019. Em seu relato, o orgulho do avô, da sua figura pessoal e também pública, foi uma constante em sua fala.

um clube de pessoas mais humildes e se tornava um clube carnavalesco durante os festejos de momo, com bailes sempre muito animados.³⁶⁸

Os trechos acima, propositalmente retirados do prólogo e colocados no início deste epílogo, nos dá a dimensão do universo que cada sujeito carrega em sua individualidade. Aquele Enéas do prólogo, o homem que deixava a vida e sua família nos idos 1970, ainda um desconhecido para o leitor, chega ao fim desta narrativa, mais íntimo, com parte de sua história remontada como um quebra cabeça de falas, documentos, certidões e notícias de jornais, hipóteses, imaginação controlada, *critical fabulation* e um pingão de esperança.

Uma tese não deveria ser somente uma pilha de páginas cheia de palavras que juntas tentam formar frases que façam algum sentido. Argumentos que corroboram ou negam outras pesquisas que vieram antes, hipóteses comprovadas, negadas, descobertas não planejadas. Uma tese deve fazer algum sentido que vai além do racional, ela deve ter um pouco de sonho, esperança e afeto. Ela deve também fazer sentido na altura do coração, ao menos pra mim, com toda licença poética.

³⁶⁸ Idem.

7 Bibliografia.

ARQUIVOS

AN - Arquivo Nacional.

MTJRJ – Museu do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.

SEGAP - Serviço de Gestão de Acervos Arquivísticos Permanentes do Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro.

Biblioteca Nacional – Hemeroteca (BNdigital)

CEDIM - Centro de Documentação e Imagem da UFRRJ.

APERJ – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Site Family Serach

JORNAIS

A Batalha (RJ), 1940-50

A Noite (RJ), Ano 1934-50

A Reforma Orgão Democrático, 1871

Correio da Lavoura, Ano (1930-50; 2019)

Correio da Manhã (RJ), Ano 1940-50

Correio Mercantil, e Instructivo, Político, Universal, 1859

Diário da Noite (RJ), 1939-50

Gazeta de Notícias (RJ), Ano 1943-50

Imprensa Popular (RJ). Ano 1930-53

Jornal do Brasil (RJ), Ano 1938-5-

Jornal do Commercio (RJ), Ano 1939-50

Jornal dos Sports, Ano 1932-50

O Imparcial (RJ), 1940-50

O Radical (RJ), Ano 1943-50

Tribuna Popular (RJ) - Ano 1940-5-

REVISTAS

Revista *Vida Doméstica* (RJ), Ano 1934-50

Revista de Engenharia – 1884

MÚSICAS

33 DESTINO Dom Pedro II, **Grêmio Recreativo Escola de Samba Em Cima da Hora**. Intérprete: Cesar do Valle. Compositores: Guará e Jorginho das Rosas. *In: Sambas de Enredo*, Rio de Janeiro, 1984.

NOITES de Junho. Intérprete: Herivelto Martins, Dalva de Oliveira e Diversos. Compositor: João de Barro/Alberto Ribeiro. *In. 78 RPM*, 1939, faixa 2 (2:49)

BIBLIOGRAFIA CITADA

AGUIAR, Lucas Santos. **QUANDO AS REGRAS SÃO TRANSGREDIDAS: TRABALHADORES, OUTROS SUJEITOS E A “LEGALIDADE URBANA” DA CIDADE DE NAZARETH (1890-1920)**. Dissertação em História, UNEB, 2014.

ALMEIDA, Marlaine Lopes. **O Club Sportivo Feminino e as formas de sociabilidade para as mulheres da elite em Aracaju (1919-1926)**. 2018.

ALONSO, Denilda. **Alguns aspectos geográficos do município de Itaguaí. 1960**

ARAUJO, Ariella Silva. A mulher negra no pós-abolição. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 5, n. 9, p. 22-36, 2013.

Bandeira, Manuel. “Trem de Ferro”, *in Estrela da manhã. Antología Poética 7* (2012)

Barbosa, Alessandra Tavares de Souza Peçanha. **A escola de samba tira o negro do local de informalidade: Agências e associativismos negros a partir da trajetória de Mano Eloy (1930-1940)**, Tese de Doutorado em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

BARROS, Ney Alberto Gonçalves de (Coord.). **Memória da Câmara Municipal de Nova Iguaçu**. Nova Iguaçu: Jornal Hoje, 2000

Brito, Ana Carolina Silva. MODERNIDADE E RURALIDADES NA TERRA DOS LARANJAIS: NOVA IGUAÇU E ESTRUTURA URBANA NO TEMPO DA CITRICULTURA 1920/1940. *IN: “Baixada para os de baixo: aspectos do planejamento urbano na região metropolitana do Rio de Janeiro 1930/2000*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2016. PINA – Programa Integrado de Pesquisa e Cooperação Técnica na Baixada Fluminense, 2016.

CASSOLI, Marileide Lázara. **A Construção da Liberdade**. Paco Editorial, 2017.

CHALHOUB, Sidney. Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX). **História Social**, n. 19, p. 33-62, 2010.

COSTA, Carlos Eduardo C. **De Pé Calçado: Família, Trabalho e Migração na Baixada Fluminense, RJ.(1888-1940)**. 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____. Revisitando 'Família e Transição': família, terra e mobilidade social no pós-abolição: Rio de Janeiro (1888-1940). **Revista Brasileira de História**, v. 35, n. 69, p. 35-58, 2015.

_____. **Campesinato negro no Pós-Abolição: migração, estabilização e os registros civis de nascimento. Vale do Paraíba e Baixada Fluminense, RJ. (1888-1940)** Dissertação de Mestrado, Niterói. UFF. 2008.

CARLITO Rocha: um “craque” em todas as circunstâncias. **Blog Mundo Botafogo**, Rio de Janeiro, 19 de ago. de 2017.

CASÉ, Rafael. **Somos todos Carlito**. Gryphus Editora, 2018.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de. Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista–Brasil século XIX. **Rio de Janeiro: Arquivo Nacional**, 1995.

_____. **Ao Sul da História: lavradores pobres na crise do trabalho escravo**. 2 ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV; Faperj, 2009.

DA SILVEIRA, Renato. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. **Afro-Ásia**, n. 23, 2000.

DAVIS, Natalie Zemon. **O Retorno de Martin Guerre**; trad." Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra (1987).

DE AZEVEDO WEIMER, Rodrigo. **Felisberta e sua gente: consciência histórica e racialização em uma família negra no pós-emancipação rio-grandense**. Editora FGV, 2015.

DE PAULA PEREIRA, Bergman. De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o " lugar" das mulheres negras no pós-abolição. **Anais do Encontro da ANPUH**, 2011.

DE SOUZA, Flavia Fernandes. Reflexões sobre as relações entre a história do serviço doméstico e os estudos da pós-emancipação no Brasil. **História, histórias**, v. 4, n. 8, p. 131-154.

D'ARAUJO, Maria Celina. **O Estado novo**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2000.

DIAS, Amália. **Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)**. Quartet Editora, 2014.

Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. *Apud* CPDOC – Dossiês.

DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia**. Edições Sesc SP, 2019.

_____. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). **Revista Brasileira de História**, v. 34, n. 67, p. 251-281, 2014.

_____. Fios de Ariadne: o protagonismo negro no pós-abolição. **Anos 90**, v. 16, n. 30, p. 215-250, 2009.

_____. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. Editora Senac São Paulo, 2019.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes, vol. 2**. Globo livros, 2013.

Fischer, Brodwyn. "Quase Pretos De Tão Pobres? Race and Social Discrimination in Rio De Janeiro's Twentieth-Century Criminal Courts." **Latin American Research Review**, no. 1 (2004): 31-59.

_____. FISCHER, Brodwyn M. **A poverty of rights: Citizenship and inequality in twentieth-century Rio de Janeiro**. Stanford University Press, 2008.

FLORENTINO, Manolo. **A paz das senzalas**. SciELO-Editora UNESP, 2017.

FORTE, J. M. M. **Memória da Fundação de Iguçu**. RJ: Ed. Jornal do Comércio, 1933, p.65 *Apud*. SILVEIRA, Jorge Luís da Rocha. **Transformações na Estrutura Fundiária do município de Nova Iguçu durante a crise do escravismo fluminense (1850/1890)**. 1998. 243 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 1998.

FRAGOSO, João Luis Ribeiro. **Barões do café e sistema agrário escravista: Paraíba do Sul/Rio de Janeiro (1830-1888)**. 71etras, 2013.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GOELLNER, Silvana V. O esporte e a cultura fitness como espaços de generificação dos corpos. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. 2007.

GÓES, Hildebrando de Araujo. **Baixada de Sepetiba**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

GUARAL, Guilherme. **O Estado Novo da Portela: História**. Paco Editorial, 2012.

GUTMAN, Herbert George. **The Black family in slavery and freedom, 1750-1925**. Vintage, 1977.

HARTMAN, Saidiya. **Wayward lives, beautiful experiments: Intimate histories of riotous Black girls, troublesome women, and queer radicals.** WW Norton & Company, 2019.

KIDDER, Daniel P. **Reminiscência de Viagem e Permanência na Província do Sul do Brasil.** Paris: 1863, 2 Volumes. p. 177 *In* SILVEIRA, Jorge Luiz Rocha da. **Transformações na estrutura fundiária do município de Nova Iguaçu durante a crise do escravismo fluminense.** Niterói. RJ. Universidade Federal Fluminense. Dissertação de Mestrado, 1998.

IBGE. **Sinopse estatística do município de Itaguaí,** Rio de Janeiro. 1948.

LEVI, Giovanni; IMATERIAL, **A Herança trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

LICO, Tamires Sacardo. A precariedade do trabalho das construções das ferrovias. **AEDOS**, v. 7, n. 17, p. 271-286, 2015.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da história social do samba.** Editora José Olympio, 2015.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição.** Editora Ufrj, 1994.

MACHADO, Rubens da Mota. **A terra e seus muitos domínios: senhores, lavradores e escravos nas redes pelo usufruto da terra (Vila Iguaçu, 1840 – 1880) –** Rio de Janeiro: UFRJ/IH, 2013.

MENDONÇA, Joseli; MAMIGONIAN, Beatriz; TEIXEIRA, Luana. **Pós-abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras.** Salvador: Sagga, 2020.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e o "paradigma da ausência": contribuições à História Social do Trabalho no Brasil. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 29, n. 59, p. 607-626, 2016.

_____. NASCIMENTO, Álvaro Pereira de. Caminhos de negros: vida, trabalho e desenvolvimento urbano no pós-abolição (Nova Iguaçu, 1880-1980). **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA–ANPUH**, v. 26, p. 17-22, 2011.

_____. **TRAJETÓRIAS DE DUAS FAMÍLIAS NEGRAS NO PÓS ABOLIÇÃO.** (NOVA IGUAÇU, SÉCULO XX). 2013;

NEPOMUCENO, Eric Brasil. **Carnavais Atlânticos: cidadania e cultura negra no pós-abolição.** Rio de Janeiro e Port-of-Spain, Trinidad (1838-1920). 2016.

OLIVEIRA, Franciele Rocha de et al. **Dos Laços entre José e Innocência: Trajetórias de uma família negra entre a escravidão e a liberdade no Rio Grande do Sul.** 2017

Oliveira, Fernanda. Clubes negros ao sul do Sul: a mobilização recreativa nas cidades de fronteira Brasil-Uruguaí no pós-Abolição (décadas 1920-1950) *In*: MENDONÇA, Joseli, Beatriz

MAMIGONIAN, and Luana TEIXEIRA. **Pós-abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Saggá. 2020.

OLIVEIRA, Ângela Pereira. A atuação de profissionais negros no mercado de trabalho de Pelotas—um estudo a partir das Carteiras profissionais (1933 a 1942). *AEDOS*, v. 7, n. 17, p. 169-189, 2015.

OLIVEIRA, Max Fabiano Rodrigues de et al. **Do café à policultura: Fazendeiros, lavradores foreiros e as transformações na estrutura fundiária de São Francisco Xavier de Itaguaí.(1850-1900)**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Dissertação em História. PPHR, 2015.

OTÁVIO, Rodrigo. **Coração Aberto: Livro de saudades**. 2 ed. SP: ed. Civilização Brasileira, 1934 *Apud*. SILVEIRA, Jorge Luís da Rocha. **Transformações na Estrutura Fundiária do município de Nova Iguaçu durante a crise do escravismo fluminense (1850/1890)**. 1998. 243 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 1998.

PAULA PESSOA, V. A. **Guia da Estrada de Ferro Central do Brasil. Rio de Janeiro:** Imprensa Nacional. Guia de estradas de ferro, 1901.

PALMIER, Luiz. São Gonçalo Cinquentenário. Rio de Janeiro, 1940. p. 17. *Apud*. LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O Homem e a Guanabara**. IBGE. 2º ed. 1964. p. 198.

PEDROZA, Manoela. **Engenhocas da Moral: redes de parentela, transmissão de terras e direitos de propriedade na freguesia de Campo Grande (Rio de Janeiro/século XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

PEÇANHA, Natália Batista, **Precisa-se de uma criada estrangeira ou nacional para todo o serviço de casa”: cotidiano, agências e resistências de servidoras/es domésticas/os no mundo do trabalho carioca (1880- 1930)** / Tese de doutorado, UFRRJ, 2018.

PENNINGROTH, Dylan C. **The claims of kinfolk: African American property and community in the nineteenth century South**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003.

PEREIRA, Waldick. **Cana, café & laranja: história econômica de Nova Iguaçu**. Fundação Getulio Vargas/SEEC, 1977.

Pessoa, Valdirene Nunes de Santana. **Entre as pessoas mais gradas do município: a trajetória do Capitão Gaspar José Soares, um político negro no pós-abolição da Baixada Fluminense (1864-1955)**, 2018, p. 138. Dissertação em História. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2018.

PINTO, Luiz de Aguiar Costa. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança**. Brasileira, 1953.

REIS, Cristina d'Ávila. **Currículo Escolar e Gênero: a constituição generificada de corpos e posições de sujeito meninos-alunos**. 2011. 154 f. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO, ANA PAULA ALVES [et al.] (org.) **Memórias, territórios, identidades: diálogos entre gerações na região da grande Madureira**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RIOS, Ana Maria Lugão. **Família e transição: famílias negras em Paraíba do Sul, 1870-1920**. Dissertação de mestrado. História. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1990.

RIOS, Ana Lugão, CASTRO, Hebe Maria Mattos de. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Editora Record, 2005.

RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004.

RODRIGUES, Adrianno. **De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): economia e território em processo**. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ.

RODRIGUES, Cristiano, [et al.] (org.) **Territorialidades: dimensões de gênero, desenvolvimento e empoderamento das mulheres**. EDUFBA, 2018.

ROSENTHAL, Paul-André. Construir o macro' pelo micro': Fredrik Barth e a microstoria'. Apud REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SCOTT, Rebecca J.; HÉBRARD, Jean M. **Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era da emancipação**. Campinas: Unicamp, 2014.

SLENES, R.W. **Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava-Brasil, sudeste, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SERRANO, Carlos. **Angola. Nascimento de uma nação: um estudo sobre a construção da identidade nacional**. Luanda: Kilombelombe, 2008

SILVA, Lucia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. Historicizando o associativismo negro: contribuições e caminhos da historiografia. **Mundos do Trabalho**, v. 11, p. 1-15, 2019.

SILVA, Leonardo Ângelo. A classe trabalhadora tem cor: democracia racial e desenvolvimentismo em Volta Redonda (1946-1987). **Novos Rumos Sociológicos**, v. 4, n. 5, p. 36-59, 2016.

SILVA, Lucia. Entre Laranja e Gente: notas preliminares sobre urbanização na baixada fluminense. **Anais do XVII ENANPUR**, 2017.

Silva, Monalisa Tatiana de Freitas. **O homem de cor no jornal Correio da Lavoura 1950/1959**. Trabalho de conclusão de curso em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Multidisciplinar, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, 2013.

Silva, Vladir de Paula. **As mãos negras que escreveram um jornal: o caso de Silvino de Azeredo a partir do jornal Correio da Lavoura (Nova Iguaçu, 1917-1939)**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

SILVEIRA, Jorge Luiz Rocha da. **Transformações na estrutura fundiária do município de Nova Iguaçu durante a crise do escravismo fluminense**. Niterói. RJ. Universidade Federal Fluminense. Dissertação de Mestrado, 1998.

SOUZA, Edinelia Maria Oliveira. **O pós-abolição na Bahia: hierarquias, lealdades e tensões sociais em trajetórias de negros e mestiços de Nazaré das Farinhas e Santo Antonio de Jesus–1888/1930**. 2012. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2013.

Souza, Sonia Maria de (2003). **Terra, família e solidariedade...: estratégias de sobrevivência camponesa no período de transição – Juiz de Fora (1870-1920)**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói. *Apud* FRANCISCO, Raquel Pereira. **Laços da senzala, arranjos da flor de milho: relações familiares e de parentesco entre a população escrava e liberta–Juiz de Fora (1870-1900)**. 2007. Tese de Doutorado. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: Niterói.

Tavares, A. (2020). Mano Eloy e a Deixa Malhar: escolas de samba, associativismo e resistência negra organizada no pós-abolição. **Acervo**, 33(3), 198-219.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

UNIOR, Melo; DE CAMPOS, João Alfredo Costa. O Conceito de Experiência Histórica em Edward Thompson. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH–São Paulo, Julho de**, 2011.

WEIMER, R. de A. **A gente da Felisberta**. Niterói. 2013. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) UFF.

_____. **Família e trabalho no litoral norte do Rio Grande do Sul no pós-Abolição (1890-1930)**. Porto Alegre, 2016.

VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Campus, 1997.